

SERIAL KILLER

Louco ou Cruel?

Ilana Casoy



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

CONTRA CAPA

SERIAL KILLER: Louco ou Cruel?

Cabeça de Matador – “O impulso criminoso, o desejo de matar, os homicídios múltiplos, o caçador e o caçado, a vítima e o algoz... No caso da pesquisa de Ilana Casoy, temos casos específicos, nomes, histórias, atos, autor, quem foi?, relação das vítimas, época dos crimes, *modus operandi* e a psicótica assinatura pessoal na cena do crime, marca registrada de cada um. Assusta saber que *serial killer* existe em profusão na sociedade... Como não existem monstros, é um desfile incessante de parte da raça humana. Ilana Casoy montou essa passarela com precisão de cirurgia para nos apresentar a coletânea intrigante... a autora que experimentou a clausura para produzir este trabalho mergulha na cabeça dos matadores... Seja bem-vinda ao mundo dos que se dedicam à palavra escrita...”

Percival Souza

ORELHAS DO LIVRO

Primeira coletânea sobre *serial killers* elaborada por uma escritora brasileira aborda com maestria e sem julgo a mente, a investigação e o perfil de frios e perversos assassinos e suas vítimas. Saber que *Psicose* de Hitchcock foi baseado na vida de Ed Gein, que Theodore Bundy era o charmoso advogado que assassinava hediondamente mulheres, que o pai de Jeffrey Dahmer quis doar o cérebro de seu filho, pois acreditava na possibilidade de haver alguma explicação física ou genética para justificar seu canibalismo e John Wayne Gacy, que foi tesoureiro do Partido Democrata, tinha como paixão seviciar, torturar e matar rapazes... Com certeza você enveredará num mundo absolutamente desconhecido, misterioso e desconcertante.

Ilana Casoy, formada em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas, dedicou os últimos dois anos a pesquisar *serial killers*. Sua primeira obra inclui aspectos gerais e psicológicos dos mais famosos *serial killers*, passando pelo perfil criminal, pela instigação do FBI... e aborda quinze casos internacionais dentre dezenas de pesquisados. Com a preciosa ajuda da Justiça e da Polícia Brasileira, seu próximo livros já está em andamento.

Prefácio

Cabeça de Matador

O impulso criminoso, o desejo de matar, os homicídios múltiplos, o caçador e o caçado, a vítima e o algoz...

Entender esse cenário montado com sangue, que pode ter aspectos que escapam, na natural (e social) discrepância entre *autos* e *atos*, encontra neste trabalho de Ilana Casoy um *vadem mecum* para os estudiosos e interessados em procurar descobrir até que ponto a mente humana é capaz de chegar. Ao que parece, não há limites. Nos jargões forenses, falava-se em biotipologia criminal; hoje se refere mais às perícias criminológicas. Admita-se, a rigor, que exista um interesse dominante centrado em descobrir e provar

que alguém cometeu determinado crime. Depois, se o autor tinha ou não consciência dos atos praticados, acaba virando um duelo entre acusação e defesa, para convencer os juizes de fato, no júri popular ou no juízo singular, que devem ser admitidas circunstâncias agravantes (consciente cruel), as qualificadoras e eventualmente as atenuantes (incapaz de se autodeterminar). Quem pode exclamar, satisfeito: *touché!*? Difícil, a esgrima. Nem sempre a loucura leva ao crime. Mas o crime pode levar à loucura. A imperfeição humana talvez nos ajude a entender o poeta Cassiano Ricardo: *ou o pensar que a arte e loucura são flores diversas, num só ramo, como a lágrima é irmã gêmea do orvalho*. O terreno é movediço. Nele também se movem os semi-imputáveis. Porque o matador, consciente ou inconsciente, impassível ou cruel, é olhado sob o prisma da periculosidade. O castigo penal pode se refugiar na terapêutica compulsória. O critério do duplo binário, que por tanto tempo vigorou em nosso Direito, aplicava a medida de segurança detentiva, em caráter complementar à aplicação da pena. Podia ser símbolo de prisão perpétua. Podia ser motivo de orgulho para o defensor: o réu não foi condenado, apenas internado até cessar a periculosidade...

Neste jogo, em que podemos recorrer a Cesare Lombroso ou a Michel Foucault, tenta-se compreender a alma humana com critério ético ou automaticamente burocrático. Sim, temos laudos burocráticos e até irresponsáveis. Como aconteceu nos anos de chumbo, o período do arbítrio institucional, quando o Manicômio Judiciário foi utilizado para deixar apodrecer desafetos do regime. Como fizeram com Aparecido Galdino Jacintho, o homem que benzia animais em Santa Fé do Sul, interior de São Paulo, inofensivo mas subversivo para o regime militar e "doente e perigoso que deve permanecer frenocomiado", segundo os psiquiatras que o examinavam e o mantiveram encarcerado no hospital-presídio

durante sete longos anos. Nessa época, dizia-se que alguém é perigoso porque quando entrou no Manicômio *era*. A ética ficava nos porões.

Não são estes os casos da pesquisa de fôlego feita por Ilana Casoy. Mas é necessário entender um pouco melhor do que acontece nos meandros da psiquiatria forense para aproveitar melhor o trabalho que ela realizou. Era moda, no passado, imaginar certos criminosos com características físicas. Segundo Lombroso, por exemplo, o criminoso nato teria um... *crânio quase sempre assimétrico, preponderante na parte superior e pequeno em relação ao desenvolvimento da face (...), de orelhas volumosas, de cabelo ordinariamente abundante mas de barba rala (...) e, com bem raras exceções, de uma fealdade chocante*. Um dos críticos dessa teoria, Gabriel Tarde, diria que Lombroso foi como o café: excitou a todos mas não nutriu a ninguém. Mas fez escola. Nina Rodrigues, que empresta seu nome para o Instituto Médico Legal de Salvador, queria porque queria demonstrar que Antonio Conselheiro, o rebelde do arraial de Canudos imortalizado por Euclides da Cunha em *Os Sertões*, seria um psicopata lombrosiano. Até escreveu a respeito. Mas quando lhe levaram a cabeça do beato, decepada em outubro de 1897, como se fosse uma perigosa ameaça à República recém-proclamada, esqueceu-se do que havia escrito, como hoje é comum, no Brasil, em certas áreas da sociologia. A cabeça do Conselheiro desapareceu entre os escombros de um incêndio que destruiu na Bahia a nossa primeira Faculdade de Medicina em 1906.

Emblemático.

Em nosso tempo, fazemos — diante de determinados autores de crimes — perguntas de ordem morfológica, funcional, neurológica, genética e biológica. Busca-se entender o criminoso na sua forma humana e psíquica — o duelo entre o *eu* pessoal e o *eu* social.

Um dos muitos aspectos importantes desse *Serial Killer — Louco ou Cruel?* que está em suas mãos é chamar a atenção para o detalhe da inexistência dos *monstros*, como sempre gosta de bradar a *vox populi*. Particularmente, o único monstro com existência legal em nosso planeta que conheço é a serpente do lago Ness, na Escócia. Mas, convenhamos, esse monstro possui licença concedida em caráter estritamente precário.

No caso da pesquisa de Ilana Casoy, temos casos específicos, nomes, histórias, atos, autos, quem foi, relação das vítimas, época dos crimes, *modus operandi* e a psicótica *assinatura pessoal* na cena do crime, a marca registrada de cada um. Assusta saber que *serial killer* existe em profusão na sociedade, e as mulheres sempre são consideradas problema para ele. De Jack, o Estripador, em plena Inglaterra vitoriana, ao Unabomber contemporâneo. Há uma variedade imensa de casos e personagens. Como não existem monstros, é um desfile incessante de parte da raça humana. Ilana Casoy montou essa passarela com precisão de cirurgiã para nos

apresentar a coletânea intrigante. De uma forma que não permite ao saber encobrir o que sabe, como diria Vieira num dos seus sermões magistrais. Ajudando a decifrar enigmas, como se estivesse diante de uma esfinge voraz, a autora que experimentou a clausura para produzir este trabalho mergulha na cabeça dos matadores e nos oferece esse compêndio criminal de interesse multidisciplinar. Valeu, pois como escreveu o apóstolo Paulo, em sua primeira epístola endereçada aos cristãos em Corinto (1.25), ... *a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens.*

Seja bem-vinda ao mundo dos que se dedicam à palavra escrita.

PERCIVAL DE SOUZA

Jornalista, Escritor, Criminólogo

Quem é um Serial Killer?

O que leva uma pessoa a praticar atos tão bizarros como assassinatos em série? A questão é genética, psíquica ou psicológica? Traumas infantis podem ter conseqüências tão horrendas? Quanto precisam pai e mãe errar para criar um monstro?

Foram estas as questões que me levaram a pesquisar, e aqui vão algumas das respostas encontradas. Espero que elas possam contribuir para a curiosidade de leigos que, como eu, tentam entender onde nasce a violência.

A teoria freudiana acredita que a agressão nasce dos conflitos internos do indivíduo.

A Escola Clássica baseia-se na idéia que pessoas cometem certos atos ou crimes utilizando-se de seu livre-arbítrio, ou seja, tomando uma decisão consciente com base de uma análise de custo-benefício. Em outras palavras, se a recompensa é maior que o risco, vale a pena corrê-lo. Se a punição for extrema, não haverá crimes.

A Escola Positivista acredita que os indivíduos não têm controle sobre suas ações; elas são determinadas por fatores além de seu controle, como fatores genéticos, classe social, meio ambiente e influência de semelhantes. Não seria a punição que diminuiria a criminalidade, e sim reformas sociais e tratamentos para recuperar o indivíduo.

Não importa a teoria, os *serial killers* não se adequam a nenhuma linha de pensamento específica. Na verdade, são um capítulo à parte no estudo do crime.

O termo *serial killer* é relativamente novo. Foi usado pela primeira vez nos anos 70 por Robert Ressler, agente aposentado do FBI¹¹ e

grande estudioso do assunto. Ele pertencia a uma unidade do FBI chamada *Behavioral Sciences Unit* — *BSU* (Unidade de Ciência Comportamental), que tinha sua base em Quântico, Virgínia.

Esta unidade deu continuidade ao trabalho do psiquiatra James Brussell, pioneiro no estudo da mente de criminosos. O BSU começou montando uma biblioteca de entrevistas gravadas com *serial killers* já condenados e presos em todos os EUA. Seus investigadores iam até as penitenciárias em diversos estados americanos, entrevistando os *serial killers* mais famosos do mundo, como Emil Kemper, Charles Mason, David Berkowitz. Tentavam entrar em suas mentes e compreender o que os impulsionava a matar.

Detalhes de todos os crimes americanos eram enviados a esta unidade, e os “caçadores de mentes” procuravam por pistas psicológicas em cada caso. Pelo que viam nas fotos das cenas dos crimes, desenvolveram a habilidade de descrever suspeitos e suas características de forma impressionante. Muito bom senso era utilizado, mas com o tempo foram criadas técnicas de análise da cena do crime, que veremos adiante com mais detalhes.

Aceitamos como definição que *serial killers* são indivíduos que cometem uma série de homicídios durante algum período de tempo,

com pelo menos alguns dias de intervalo entre eles. O espaço de tempo entre um crime e outro os diferencia dos assassinos de massa, indivíduos que matam várias pessoas em questão de horas.

O primeiro obstáculo na definição de um *serial killer* é que algumas pessoas precisam ser mortas para que ele possa ser definido assim. Alguns estudiosos acreditam que cometer dois assassinatos já faz daquele assassino, um *serial killer*. Outros afirmam que o criminoso deve ter assassinado pelo menos quatro pessoas. Mas será que a diferença entre um *serial killer* e um assassino comum é só quantitativa? Obviamente que não.

O motivo do crime, ou mais exatamente, a falta dele, é extremamente importante para a definição de um assassino como serial. As vítimas parecem ser escolhidas ao acaso e mortas sem nenhuma razão aparente. Raramente, o *serial killer* conhece sua vítima. Ela representa, na maioria dos casos, um símbolo. Na verdade, ele não procura uma gratificação no crime, apenas exercita seu poder e controle sobre outra pessoa, no caso, a vítima.

Os *serial killers* são divididos em quatro tipos:

a. VISIONÁRIO: é um indivíduo completamente insano, psicótico. Ouve vozes dentro de sua cabeça e as obedece. Pode também sofrer alucinações ou ter visões.

b. MISSIONÁRIO: socialmente não demonstra ser um psicótico, mas internamente tem a necessidade de "livrar" o mundo do que julga imoral ou indigno. Este tipo escolhe um certo grupo para matar, como prostitutas, homossexuais, etc.

c. EMOTIVOS: matam por pura diversão. Dos quatro tipos estabelecidos, é o que realmente tem prazer de matar e utiliza requintes sádicos e cruéis.

d. LIBERTINOS: são os assassinos sexuais. Matam por "tesão". Seu prazer será diretamente proporcional ao sofrimento da vítima sob tortura e a ação de torturar, mutilar e matar lhe traz prazer sexual. Canibais e necrófilos fazem parte deste grupo.

Serial killers também são divididos pelas categorias de “organizados” e “desorganizados”, geograficamente estáveis ou não.

O denominador comum entre todos os tipos é o sadismo, desordem crônica e progressiva.

Segundo o Dr. Joel Norris², existem seis fases do ciclo do *serial killer*:

1. FASE ÁUREA: onde o assassino começa a perder a compreensão da realidade;

2. FASE DA PESCA: quando o assassino procura a sua vítima ideal;

3. FASE GALANTEADORA: quando o assassino seduz ou engana sua vítima;

4. FASE DA CAPTURA: quando a vítima cai na armadilha;

5. FASE DO ASSASSINATO OU TOTEM: auge da emoção para o assassino;

6. FASE DA DEPRESSÃO: que ocorre depois do assassinato.

Quando o assassino entra em depressão, engatilha novamente o início do processo, voltando para a Fase Áurea.

Quem é a Vítima?

As vítimas do *serial killer* são escolhidas ao acaso ou por algum estereótipo que tenha significado simbólico para ele.

Diferente de outros homicídios, a ação da vítima não precipita a ação do assassino. Eles são sádicos por natureza e procuram prazeres perversos ao torturar suas presas, chegando até a "ressuscitá-las" para "brincar" um pouco mais. Têm necessidade de dominar, controlar e possuir a pessoa. Quando a vítima morre, eles são novamente abandonados à sua misteriosa fúria e ódio por si mesmos. Este círculo vicioso continua em andamento até que seja capturado ou morto.

Com raras exceções, o *serial killer* vê suas vítimas como objetos. Para humilhá-las ao máximo, torturá-las fisicamente e matá-las, não pode enxergá-las como pessoas iguais a ele mesmo e correr o risco de destruir sua fantasia. Sente-se bem ao saber que as fez sentir-se mal.

Esta é a essência do pensamento do *serial killer*: as vítimas não são suas parceiras na realização da fantasia, e sim seu objeto de fantasia. Ele tira da vítima o que quer e, quando termina, livra-se dela. Pode jogá-la no acostamento, arrumá-la em um gramado ou picá-la em mil pedaços e espalhá-los numa mata.

Existem pesquisas que revelam que o prazer sexual do criminoso tem correlação direta com a resistência da vítima, e esta aumenta o tempo da duração do crime, que varia entre 36 e 94 minutos.

Tendem a escolher vítimas mais fracas fisicamente do que eles, o que facilita seu domínio. De forma geral, as vítimas também pertencem a grupos menos beneficiados, como prostitutas, vagabundos ou caronistas, pois a demora em constatar seu desaparecimento facilita o trabalho do *serial killer*.

As *serial killer* femininas, na maioria dos casos, são “viúvas negras” ou anjos da morte: matam maridos e amantes ou velhos e doentes terminais.

O famoso *serial killer* Ted Bundy matava brutalmente colegiais com longos cabelos castanhos, meninas parecidas com sua noiva rica que rompeu o relacionamento. David Berkowitz, o “Filho de Sam”, não era tão específico: bastava ser mulher para se tornar sua vítima em potencial.

John Gacy, de forma selvagem, torturava e estrangulava garotos, o que faz muitos analistas acreditarem que eles representavam o próprio Gacy na sua inadequação aos olhos do pai dominador.

O “Estrangulador de Boston” só matava mulheres voluptuosas. Foi também chamado de “O Homem Medida”.

Conclui-se então que não existe um tipo físico preferido de vítima, a ação do *serial killer* não depende da atitude daquela e o motivo do assassino, em geral, só faz sentido para ele mesmo. Portanto, a melhor prevenção para não se tornar uma vítima é... rezar!

Aspectos Gerais e Psicológicos

Existem vários aspectos psicológicos que os *serial killers* têm em comum, tanto no que diz respeito à sua ação quanto ao seu passado.

Na infância, nenhum aspecto isolado define a criança como um *serial killer* em potencial, mas a chamada “terrível tríade” parece estar presente no histórico de todos os *serial killers*: enurese³ em idade avançada, abuso sádico de animais ou de outras crianças, destruição de propriedade e piromania⁴.

Outras características comuns na infância desses indivíduos são: devaneios diurnos, masturbação compulsiva, isolamento social, mentiras crônicas, rebeldia, pesadelos constantes, roubos, baixa

auto-estima, acessos de raiva exagerados, problemas relativos ao sono, fobias, fugas, propensão a acidentes, dores de cabeça constantes, possessividade destrutiva, problemas alimentares, convulsões e automutilações, todas elas relatadas pelos próprios *serial killers* em entrevistas com especialistas.

Apesar de não fazer parte da "terrível tríade", o isolamento familiar e/ou social é relatado pela grande maioria deles. Quando uma criança é isolada ou deixada sozinha por longos períodos de tempo e com certa frequência, a fantasia e os devaneios passam a ocupar o vazio da solidão. A masturbação compulsiva é consequência altamente previsível.

Para as pessoas normais, as fantasias podem ser usadas como fuga ou entretenimento. É temporária, e existe a compreensão por parte do indivíduo de que é completamente irreal. Para os *serial killers* a fantasia é compulsiva e complexa. Acaba se transformando no centro de seu comportamento, em vez de ser uma distração mental. O crime é a própria fantasia do criminoso, planejada e executada por ele na vida real. A vítima é apenas o elemento que reforça a fantasia.

A escalada da fantasia, ao exigir constante reforço e, para tanto, sucessão de vítimas, acaba se tornando o motivo do crime e

estabelecendo a “assinatura” do criminoso.

O comportamento fantástico do *serial killer* serve a muitos objetivos: aplaca sua necessidade de controle, dissocia a vítima tornando os acontecimentos mais reais, dá suporte à sua “personalidade para fins sociais” e é combustível para futuras fantasias.

Controle

Para o *serial killer*, a fantasia provê sua necessidade de controle da situação. Em homicídios seriais, o assassinato aumenta a sensação de controle do criminoso sobre sua vítima. Ele estabelece um comportamento que demonstra, sem sombra de dúvida, que está no controle.

Um dos meios de o *serial killer* estabelecer o controle é degradar e desvalorizar a vítima por longos períodos de tempo. Esse objetivo pode ser alcançado fazendo-a seguir um roteiro verbal, através de sexo doloroso e/ou forçado e pela tortura.

Alguns *serial killers* não se sentem no controle da situação até a vítima estar morta, então as matam mais rapidamente. Uma vez morta, começam as mutilações *post-mortem*, a desfeminização (grande estrago ou retirada dos órgãos femininos) e disposição do corpo de maneira peculiar, em geral humilhante (nua, por exemplo). Esse comportamento estabelece claramente o controle do *serial killer* sobre a vítima.

Um exemplo que pode exemplificar bem a questão de fantasia e controle é o caso de Dayton Leroy Rogers⁵.

Quando estava recém-casado com sua primeira esposa, Rogers atacou uma garota de 15 anos com uma faca. Foi imediatamente colocado em um programa de reabilitação sexual para transgressores sexuais. Ali, suas fantasias cresceram e tornaram-se cada vez mais violentas. Ele passou a usar narcóticos, álcool e a masturbar-se compulsivamente.

Durante o período de seu segundo casamento, admitiu já ter fantasias sexuais violentas de escravidão durante as relações sexuais do casal. Declarou que essas fantasias aumentavam sua excitação.

Quando fantasiar já não era suficiente, passou a pegar prostitutas tarde da noite com seu caminhão, levando-as a lugares remotos na floresta de Molalla.

Uma vez no local escolhido, ele coagia a prostituta a deixar-se amarrar e... iniciava-se um ritual de escravidão metódico e extremo. Em algum momento desse ritual, ele começava a masturbar-se com os pés da vítima. Torturava-as intermitentemente fatiando seus pés ou cortando seus mamilos.

O procedimento se estendia até as primeiras horas da manhã. De acordo com algumas vítimas sobreviventes, ele regularmente pausava o ataque e as deixava sozinhas no caminhão enquanto ia urinar do lado de fora, uma vez que consumia álcool durante toda a provação por que passavam suas vítimas.

Rogers as mantinha amarradas de forma apertada e dolorosa e as ameaçava estrangular se elas não se submetessem às suas exigências, que incluíam “falas” do texto que estava em sua imaginação. A menos que escapasse, a vítima não tinha a menor chance: seria assassinada e jogada na floresta.

Geralmente eram caçadores que encontravam os corpos das vítimas já decompostos, depois de decorrido algum tempo dos assassinatos.

Rogers procurava sua vítima ideal, levava-a para um local onde ele estaria no controle total da situação e a forçava a um papel, uma personagem dentro de sua fantasia.

Constata-se a procura de controle por parte do *serial killer* a partir da observação do local onde ele vai realizar sua fantasia, do roteiro ao qual ele submete a vítima, das armas que ele eventualmente usa ou traz consigo e do tipo de mutilação que ele

inflige à vítima. O agressor faz aquilo que acredita que o manterá no controle, alimentando e reforçando sua fantasia.

Dissociação

Para parecer uma pessoa normal e misturar-se aos outros seres humanos, o *serial killer* desenvolve uma personalidade para contato, ou seja, um fino verniz de personalidade completamente dissociado do seu comportamento violento e criminoso.

A dissociação não é anormal, todos nós temos um comportamento social mais “controlado” do que aquele que temos com nossos familiares mais íntimos.

No caso do *serial killer*, a dissociação de sua realidade e fantasia é extrema. Muitos têm esposas, filhos e empregos normais, mas são extremamente doentes. Mutilar a vítima, dirigir sua atuação como

em um teatro ou sua desumanização também ajudam o *serial killer* a dissociar-se.

O real e violento comportamento do agressor é suprimido socialmente. Pode soar como amnésia temporária ou segunda personalidade, mas não é o caso.

A fantasia capacita a dissociação. Quanto mais intrincada, maior distância é mentalmente criada entre o comportamento criminoso do *serial killer* e o verniz superficial de personalidade para contato. Sem esse verniz, *serial killers* não poderiam viver na sociedade sem ser presos instantaneamente.

O fato de controlar seu comportamento para que isso não aconteça mostra que o criminoso sabe que seu comportamento não é aceito pela sociedade, e que seu verniz social é deliberado e planejado com premeditação. É por esse motivo que a maioria deles é considerada sã e capaz de discernir entre o certo e o errado.

A dissociação que fazem dos seus crimes enquanto estão num contexto social é tão profunda que muitos *serial killers*, quando são presos, negam sua culpa e alegam inocência com convicção e, mesmo que as provas para sua condenação incluam fotografias dele mesmo com suas vítimas, objetos pessoais das vítimas encontrados em seu poder ou qualquer outra prova irrefutável, continuam negando veementemente a sua participação no crime.

Seu verniz é tão perfeito que as pessoas na prisão confiam nele e em seu comportamento, sem entender como aquela pessoa tão educada e solícita, calma e comportada, possa ter cometido crimes tão numerosos e violentos.

Jerry Brados⁶, na adolescência, adorava se vestir de mulher e raptar outras mulheres para ter relações sexuais com elas. Na vida adulta, após seu casamento, começou a utilizar-se de vários disfarces e traques para pegar suas vítimas e levá-las para sua garagem.

Uma vez ali, ele as forçava a tirar a roupa e vestir lingerie e sapatos de sua imensa coleção. A vítima era então amarrada.

Masturbava-se tirando fotografias dele mesmo e delas, usando para efeitos especiais os espelhos estrategicamente colocados no teto de sua garagem.

Quando terminava sua sessão fotográfica, Jerry estrangulava sua vítima, amarrava pesadas peças de motor em seu corpo e as jogava no rio Willamette para que afundassem no esquecimento. Depois de cinco assassinatos parecidos, Jerry foi considerado suspeito. A polícia conseguiu um mandado de busca para investigar sua casa, e mesmo Jerry, sabendo o dia com antecedência, não demonstrou nenhuma preocupação ou sumiu com alguma prova. Era como se o assunto não se referisse a ele.

Entre as provas encontradas pela polícia na garagem de Jerry Brados estavam:

— Sua coleção de fotografias das vítimas demonstrando toda sua nudez e submissão.

— Sua coleção de sapatos roubados.

— Roupas de várias vítimas.

— Sua coleção de lingerie roubada.

— Um peso para papel moldado no seio de uma das suas vítimas.

— O seio que serviu de molde para o peso no *freezer* da garagem.

— Partes do corpo removidas das vítimas, particularmente pés, guardados no *freezer*.

— Fotos de sua esposa, Ralphene Brudos, nua.

Na ausência de vítimas, esses apetrechos permitiam que ele mantivesse viva sua fantasia e planejasse seu próximo crime. Sua esposa confirmou que ele passava horas na garagem e ficava fora de si caso ela ameaçasse entrar ou violar sua privacidade.

Jerry Brados está preso na Penitenciária Estadual de Salem e nega até hoje qualquer conhecimento ou participação naqueles crimes pelos quais foi condenado.

Antes do julgamento, chegou a confessar os crimes alegando insanidade, mas como este pedido foi indeferido, jamais admitiu seus crimes depois disso, apesar das fotos, testemunhas, partes dos motores amarrados às vítimas que lhe pertenciam... enfim, todas as evidências materiais possíveis e imagináveis. Jerry Brados alega ser inocente.

Seu verniz social é tão perfeito e verossímil que ele é considerado um dos presos mais confiáveis da penitenciária, apesar de ser capaz de crueldades indescritíveis na realização de seus crimes. Prestou vários serviços e seus guardas e diretores só têm maravilhas a falar sobre ele. É tratado como um preso não perigoso, apesar de ser um *serial killer* condenado. Sua liberdade condicional é revista a cada dois anos e já está preso há 25 anos.

Seu verniz social foi tão habilmente construído e é tão sofisticado, que pode até ser colocado em liberdade a qualquer momento.

Empatia

Quando uma criança começa a provocar outra, notamos imediatamente um novo estágio em seu desenvolvimento: significa que ela já é capaz de se colocar no lugar de outra pessoa, concluir qual atitude sua vai irritá-la e então se utilizar desse raciocínio para aborrecer o outro.

Estendendo essa mesma lógica para a mente do *serial killer*, se ele precisa da vítima humilhada e amedrontada, ele necessita saber como obter esse resultado.

É um erro pressupor que o *serial killer* não sabe fazer empatia, uma vez que ele compreende exatamente o que é humilhante,

degradante ou doloroso para a vítima e planeja sua ação para obter desta o que necessita e deseja.

Segundo Brent E. Turvey, famoso psiquiatra forense, esta é uma evidência irrefutável de que o criminoso tem uma clara compreensão das conseqüências de seu comportamento e ação para a vítima; entender que ela está humilhada e sofrendo é, em parte, o porquê de ele estar se comportando dessa maneira.

Segundo John E. Douglas⁷, enquanto o maior medo das mulheres é serem atacadas quando estão sozinhas, o dos homens é serem humilhados, principalmente na frente de outras pessoas. A maioria dos criminosos violentos tem histórias de humilhação pública na sua infância, praticada em parte pelos pais ou pelos colegas da escola. Sabem exatamente como é a sensação de passar por essa tortura.

Seu comportamento não é puramente egocêntrico, seu prazer é. Sente-se bem na mesma medida em que suas vítimas sentem-se mal.

Intimidade

A intimidade é assunto de grande preocupação para todo *serial killer*. É desejada por todos eles, mas não sabem como obtê-la pelas vias normais, uma vez que são anti-sociais.

O ritual a que submete a vítima acaba sendo para ele o máximo da intimidade; sob seu controle, desnuda-a em todos os sentidos. A forçada intimidade sexual acaba sendo, para o criminoso, o máximo de proximidade que consegue em termos espirituais e emocionais.

Para o *serial killer*, a intimidade está em “dividir” com a vítima seus mais secretos desejos e sentimentos pessoais. Mas não se iluda: o agressor não é parceiro da vítima, ela é apenas o objeto de sua fantasia.

Repetição ou Reencenação

Cada crime, cada vítima, é parte da fantasia macro do criminoso. Toda esta história foi vivida inúmeras vezes antes, durante e certamente depois dele.

A repetição e reencenação servem para alimentar a fantasia, reforçando a escalada de comportamento violento, e dá prazer sexual ao *serial killer*.

É um exercício mental para o criminoso reencenar o crime depois de tê-lo cometido, e para conseguir fazê-lo, cada um deles se utiliza de métodos diferentes.

Alguns gravam e filmam seus crimes para assisti-los várias vezes depois de livrar-se do corpo e assim estimular e preparar futuros crimes. Outros ficam com *souvenirs* de suas vítimas, como roupas, sapatos e até partes do corpo. Outros ainda matam sempre no mesmo local, embaralhando na sua cabeça o momento passado com o atual.

Abuso na Infância e Outras Características

A grande maioria dos *serial killers* (cerca de 82%) sofreu abusos na infância. Esses abusos foram sexuais, físicos, emocionais ou relacionados à negligência e/ou abandono.

Não é fácil identificar um abusador de crianças. Gente de todas as raças, religiões, profissões, classes sociais, etc. está representada entre eles. Em sua maioria, são homens, entre a adolescência e a meia-idade. Algumas características já foram constatadas:

— Um terço dos abusadores é viciado em alguma substância entorpecente.

— A proporção constatada é de oito homens abusadores para apenas uma mulher.

— Os casos mais freqüentes estão entre pais, padrastos, tios, avôs, primos e irmãos.

— Meninas têm maior chance de ser molestadas por membros da família do que meninos.

— Muitos casos de incesto entre pai e filho aparecem como reação ao *stress* emocional e/ou perdas que ameaçam a masculinidade dos pais, ou como uma expressão de ódio.

— Criminosos que abusam de meninos mostram um maior risco de reincidir do que aqueles que abusam de meninas.

Podemos dividir os abusos sexuais infantis em três categorias: crianças espancadas que sofrem ferimentos principalmente na área genital, crianças que tiveram contato genital não apropriado com adulto ou sofreram tentativa de intercurso sexual e crianças que tiveram contato com a sexualidade adulta, possivelmente via pornografia. Em 75% dos casos conhecidos de abuso sexual, a criança conhecia seu abusador, em 20% o abusador é o pai natural, em 12% ele é o padrasto e em apenas 2% dos casos a abusadora é a mãe.

Os abusadores sexuais são classificados em três tipos: pedófilos (seduzem crianças com atenção e presentes), odiadores de crianças e aproveitadores de pornografia ou prostituição infantil.

É importante conhecer a diferença entre um pedófilo e um molestador de crianças. A pedofilia, desordem psicológica, consiste em uma nítida preferência sexual por pré-púberes (menores de 12 anos), mas não requer que a pessoa realmente se envolva num ato sexual de fato. O pedófilo pode manter suas fantasias em segredo, sem nunca dividi-las com ninguém. Manter-se perto de crianças a qualquer custo é sua marca registrada.

Molestadores de crianças podem ter várias motivações para seus crimes. Diferente do pedófilo, nem sempre seus motivos são de origem sexual, ou têm muito pouco a ver com desejo sexual. Além disso, chegam às vias de fato. O molestador não tem uma genuína preferência sexual por crianças, e em geral foi vítima de outros tipos de abuso em sua vida. É a continuação do processo pelo qual foi tratado, que causou nele baixa auto-estima e baixos padrões morais. Fazer sexo com crianças é apenas mais uma oportunidade de prolongar a violência que já faz parte de sua existência.

O molestador que realmente prefere crianças é obrigado a seguir um padrão de comportamento bastante distinto. Seduzir estes pequenos seres e utilizar-se de suas fraquezas emocionais requer um relacionamento construído ou já existente. Segundo o Departamento de Justiça dos EUA, em 90% dos casos de estupro ocorrido com crianças pré-púberes, a vítima conhecia seu algoz.

As características mais comuns no pedófilo são as seguintes:

— Tem fascinação ou interesse fora do normal por crianças.

— Faz freqüentes referências à "santidade" e pureza das crianças.

— Tem passatempos ou interesses em coisas que realmente pertencem ao mundo infantil, como colecionar brinquedos, aeromodelismo, etc.

— Sua casa ou quarto é decorado com temas infantis.

— Freqüentemente, o tema acaba revelando a idade preferida das crianças que molesta.

— Tem mais de 30 anos, é solteiro e tem poucos ou nenhum amigo.

— Muda de endereço com frequência acima da média.

— Tem acesso a crianças de forma sistemática e prolongada, pois logo levantaria suspeitas se não tivesse uma razão plausível para estar perto delas. Geralmente escolhe empregos em setores em que estará forçosamente lidando com crianças em bases diárias, como professores, motoristas escolares, monitores de acampamentos, fotógrafos e treinadores de esporte.

— É voluntário para atividades nas quais ficará sozinho com crianças, sem a supervisão dos pais.

— Crianças saudáveis e com ótimo relacionamento familiar não estão isentas de ser vítimas de molestadores, pois têm aspectos de sua natureza que podem trabalhar contra elas mesmas. Qualquer criança é curiosa, facilmente influenciável e manipulável, além de sempre precisar de atenção e afeto. A escolha do molestador, de modo geral, recai sobre crianças problemáticas, pois a sedução fica facilitada.

— A criança molestada acaba sofrendo da síndrome de Estocolmo⁸.

Abusos físicos, como surrar crianças ou estupro, são mais facilmente detectáveis. Quanto à negligência, a situação é completamente diferente. Surrar e estuprar deixam marcas facilmente reconhecíveis por terceiros, que podem interferir comunicando os maus-tratos à polícia.

Negligência é um conceito subjetivo e pessoal, e prová-la num tribunal é extremamente complicado.

Também não se sabe por que algumas crianças conseguem lidar melhor com certos tipos de abusos, superando-os, enquanto outras, sofrendo a mesma agressão, têm suas vidas drasticamente alteradas.

Os laços familiares na infância de um ser humano vão servir de mapa para todas as suas outras relações. Entre 3 e 9 meses de vida, a criança cria laços com seus pais, que devem preocupar-se em construí-los de forma profunda. A falta desses laços é o grande fator do desenvolvimento da psicopatia.

A conexão nos primeiros meses de vida da criança irá ajudá-la a desenvolver-se intelectualmente, desenvolver uma consciência, lidar melhor com as frustrações, ter mais autoconfiança e auto-estima e a desenvolver relacionamentos empáticos.

Cuidar do emocional da criança, para os pais, deve ter a mesma importância de uma boa nutrição. Auto-estima, maleabilidade, esperança, inteligência e capacidade de empatia são essenciais para a construção de um caráter que controla seus impulsos, administra sua raiva e resolve seus conflitos. Sem essas habilidades adquiridas, a criança não é capaz de estabelecer relacionamentos importantes.

Uma criança que não aprende a valorizar sua família e relacionar-se com ela dificilmente conseguirá se relacionar normalmente com outras pessoas.

Entre os *serial killers* estudados, esta é outra característica encontrada com facilidade: seu tenso e difícil, às vezes até inexistente, relacionamento familiar.

A crueldade com animais é geralmente considerada como comportamento sádico. Temos que ter em mente que nem todos os sádicos se tornaram assassinos, nem todos os *serial killers* mutilaram animais na infância e nem todos os que o fizeram se tornaram criminosos — apenas 36% dos *serial killers* foram cruéis com animais. Devemos também entender que ser cruel com animais não é o único indício de sadismo: esse comportamento pode ser indicado pela crueldade com outras crianças ou até com bonecas e outros objetos.

Todos os comportamentos descritos acima têm muito em comum: só se agravam com o tempo. As fantasias se tornam mais violentas e os atos sádicos, mais cruéis.

Por sua natureza psicopata, *serial killers* não sabem sentir compaixão por outras pessoas ou como se relacionar com elas. Eles aprendem a imitar as pessoas normais.

É um ato manipulativo, que aprenderam por observação e que os ajudará a trazer a sua vítima para dentro da armadilha. Em geral, são ótimos atores e têm uma aparência absolutamente normal.

Henry Lee Lucas dizia se sentir como uma estrela de cinema, fazendo a sua parte. Gacy se vestia de palhaço e fazia shows para crianças carentes, enquanto o Assassino do Zodíaco se vestia com um estranho traje de execução, mais parecido com o de um "ninja".

Quando são capturados, rapidamente assumem uma máscara de insanidade, alegando múltiplas personalidades, esquizofrenia, *black-out* constantes ou qualquer coisa que o exima de responsabilidades.

Para que um crime seja solucionado, tanto a medicina forense como a psicologia devem ser utilizadas. Quanto mais interação entre

os profissionais destas duas áreas, mais chance tem a polícia de encontrar e prender os *serial killers*.

Mitos e Crenças

Todos os Serial Killers são Homens?

Apesar da grande maioria deles serem homens, falar que não existem assassinas seriais é completamente incorreto. Os crimes femininos têm, em geral, menos publicidade que os masculinos: são menos sensacionais e têm motivações diferentes.

Segundo Douglas, ex-agente do FBI, a minoria dos *serial killers* é da raça negra. Isso se deve ao fato de que, mesmo nos lares onde sofreram com mães abusivas, são resgatados por alguma figura feminina amável, especialmente as avós. É um comportamento natural na cultura negra.

Mulheres, quando sofrem os mesmos tipos de abuso ou negligência que os homens na infância, tendem a internalizar seus sentimentos, segundo John Douglas. Elas acabam tendo comportamentos autodestrutivos, como alcoolismo, drogas, prostituição ou suicídio. Não é freqüente se tornarem agressivas ou predatórias.

Mulheres, quando *serial killers*, tendem a matar pessoas que elas conhecem, e não estranhos quaisquer. Em geral, seus alvos são crianças ou seus próprios maridos.

Todo mundo já ouviu falar da "viúva negra", a mulher que matou vários maridos ou parceiros por um longo período de tempo, com objetivos meramente financeiros.

As mulheres, de forma geral, também fazem seus crimes parecerem mortes por causas naturais, como ataques do coração, suicídios, acidentes ou "doenças", que na verdade foram causadas por envenenamento.

A assassina serial mais conhecida da atualidade é *Aileen Wuornos*, sentenciada à morte pelo homicídio de um homem e acusada de mais seis outros.

A alegação de legítima defesa é o que faz muitas assassinas seriais permanecerem fora das estatísticas, além do fato de freqüentemente matarem em dupla, o que as torna “cúmplices forçadas a matar por seu homem”, por amor.

Serial Killers *são Loucos?*

Loucos ou cruéis? Esta é uma dúvida popular e acadêmica. Racionalizar o ato como sendo resultado de uma doença mental parece tornar o crime mais lógico.

Insanidade, freqüentemente alegada em tribunais para a tentativa de absolvição do assassino, não é uma definição de saúde mental, como muitos acreditam. Seu conceito legal se refere à habilidade do indivíduo em saber se suas ações são certas ou erradas no momento em que elas estão ocorrendo.

É uma surpresa saber que apenas 5% dos *serial killers* estavam mentalmente doentes no momento de seus crimes, apesar das alegações em contrário.

Historicamente, vários cientistas têm trabalhos publicados sobre a relação entre crime e biologia. Apesar do grande número deles que estudam o assunto, não existe nenhuma evidência comprovada cientificamente que apóie a teoria do “gen criminoso”.

Um estudo sobre gêmeos que foram criados separadamente, feito pelo Dr. Yoon-Mi Hur e Thomas Bouchar⁹ em 1997 revelou uma forte ligação entre fatores genéticos e comportamentos impulsivos e pessoas que necessitam de grandes emoções.

Existem também *serial killers* que têm um cromossomo feminino extra (YXX), como Bobby Joe Long, que sofria da chamada síndrome de Klinefelter. Como consequência, Bobby Joe tinha estrógeno (hormônio feminino) em maior quantidade circulando em seu sangue, o que acarretou o crescimento de seus seios na puberdade. Além do óbvio constrangimento causado, nada comprovou que seu cromossomo extra o teria tornado um criminoso.

Um *serial killer* com um cromossomo Y a mais (masculino) também alegou tal fato em sua defesa, como se esse fator explicasse sua extrema violência. Apesar de parecer uma explicação até lógica, não existem evidências científicas que comprovem essa hipótese.

A relação entre masculinidade e crime já tentou ser explicada também através do hormônio masculino testosterona. Uma taxa alta de testosterona combinada com baixos níveis de serotonina pode causar resultados letais. Atletas e empresários de sucesso testados demonstraram ter uma taxa anormalmente alta de testosterona, mas a serotonina diminui o pico de tensão, equilibrando o indivíduo. Quando esse equilíbrio não existe, a frustração pode levar à agressividade e comportamentos sádicos, segundo o Dr. Paul Bernhardt¹⁰.

Outra explicação possível é a que criminosos violentos têm traços de alta dosagem de metais pesados no sangue, como manganês, chumbo, cádmio e cobre. O manganês, por exemplo, abaixa os níveis de serotonina e dopamina no organismo, o que contribui para um comportamento agressivo. O álcool incrementa os seus efeitos.

Tradicionalmente, o comportamento psicopata é consequência de fatores familiares ou sociológicos, mas alguns pesquisadores

encontraram diferenças cerebrais entre psicopatas e pessoas normais que não podem ser descartadas.

O Dr. Christopher Patrick¹¹, num artigo de 1995, alega que psicopatas têm menor taxa de mudanças cardíacas e de condução elétrica na pele como reação ao medo. O grupo de pesquisa deste médico fez a seguinte experiência: mostrou para um grupo de prisioneiros, psicopatas ou não, slides agradáveis, neutros e desagradáveis. No experimento, os prisioneiros psicopatas mostraram uma deficiência na sua capacidade de sentir medo, não demonstrando diferentes emoções entre os variados tipos de imagens.



Bobby Joe Long¹²
Explicações genéticas

O Dr. Robert Hare, Psicólogo da University of British Columbia, completou um estudo sobre como as ondas cerebrais monitoradas de psicopatas reagem à linguagem verbal, medindo as mudanças que ocorriam em seu cérebro quando ouviam palavras como câncer, morte, mesa ou cadeira. Para as pessoas saudáveis, as ondas cerebrais têm sua atividade modificada rapidamente, dependendo da palavra ouvida. Para os psicopatas, nenhuma atividade cerebral especial foi registrada, ou seja, todas as palavras são neutras para essas pessoas. ¹²

Outros estudos do cérebro sugerem que crianças psicopatas fazem certas conexões cerebrais mais vagarosamente que outras, mostram menos medo à punição e parecem ter a necessidade de “excitar” seu sistema nervoso, sentindo fortes emoções e necessitando de vibrações constantes.

O Dr. Dominique LaPierre¹³ sugere que o córtex pré-frontal, área do planejamento em longo prazo, julgamento e controle de impulsos, não funciona normalmente em psicopatas.

Novas pesquisas científicas, feitas pelo Dr. Adrian Raine¹⁴, em 21 homens com histórico de atos criminosos violentos, de assalto à tentativa de assassinato, mostraram um resultado no mínimo intrigante: todos apresentaram o mesmo defeito cerebral, uma reduzida porção de matéria cinzenta no lobo pré-frontal, justo atrás dos olhos.

Indivíduos que são anti-sociais, impulsivos, sem remorso e que cometem crimes violentos têm, em média, 11% menos matéria cinzenta no córtex pré-frontal do que o normal. Os estudos de Raine são os primeiros a ligar comportamento violento e anti-social com uma anormalidade anatômica específica no cérebro humano. Mas, segundo seus esclarecimentos, sua teoria diz que o “defeito” no cérebro não está inter-relacionado com o comportamento violento. A

reduzida massa cinzenta apresentada por alguns apenas aumenta a sua probabilidade de vir a ser um indivíduo violento. Seria a combinação entre os fatores biológicos e sociais que "criaria" um criminoso.

De acordo com muitos pesquisadores, defeitos cerebrais e lesões têm tido importante ligação com o comportamento violento.

Quando o hipotálamo, o lobo temporal e/ou o cérebro límbico sofrem estragos, a consequência pode ser incontroláveis agressões por parte do indivíduo.

O hipotálamo regula o sistema hormonal e as emoções. Pela proximidade física dos centros sexual e agressivo com o hipotálamo, instinto sexual e violência são conectados, no caso de criminosos sádicos. Um dos motivos da danificação do hipotálamo é a má nutrição ou lesão.

O cérebro límbico (extremidades) está associado às emoções e motivações. Quando há uma lesão nessa área, o indivíduo perde o

controle sobre suas emoções primárias, como o medo e a raiva. De acordo com J. Reid Meloy a falta de emoções do psicopata e sua observação predatória podem ser comparadas à frieza dos répteis, que não têm a parte límbica do cérebro, onde residem as memórias, emoções, socialização e instintos paternos. Em outras palavras, *serial killers* são corretamente descritos como pessoas de “sangue frio”, como os répteis.

O lobo temporal, por sua vez, é muito suscetível a ferimento, pois está localizado onde os ossos do cérebro são mais finos. Lesões sem corte, incluindo queda em chão duro, podem facilmente danificar essa área, criando lesões que causam certas formas de amnésia ou ataques epiléticos. O lobo temporal danificado pode ter como consequência um aumento de respostas agressivas por parte do indivíduo.

Um estudo feito por Pavlos Hatzitaskos¹⁵ e outros reporta que uma grande porção de prisioneiros no corredor da morte sofreu sérios ferimentos no cérebro, e aproximadamente 70% dos pacientes que têm graves ferimentos cerebrais desenvolvem tendências extremamente agressivas. Alguns desses ferimentos são acidentais, mas muitos deles aconteceram durante surras na infância. Entre os *serial killers* que sofreram ferimentos na cabeça estão: Leonard Lake, David Berkowitz, Kenneth Bianchi e John Gacy.

Serial Killers *têm Aparência Estranha?*

Infelizmente, *serial killers* não têm horríveis cicatrizes, desfigurações ou quaisquer outros sinais físicos que os diferenciem do resto de nós.

Nos livros, cinema e televisão são descritos como altos, horríveis, caras de mau. Quase nunca é assim. São pessoas comuns, que têm emprego e podem ser bastante charmosas e extremamente educadas. Todas as milhares de vítimas que caíram em suas armadilhas tinham quociente de inteligência normal, e certamente não achavam que estavam se colocando em situações de risco.

Serial Killers *têm a Mesma Motivação?*

Todos os seres humanos têm seu comportamento influenciado por causas biológicas, psicológicas e sociais. Este trio é inseparável e por esse motivo as experiências com gêmeos criados juntos e aqueles separados ao nascer são tão importantes.

Alguns *serial killers* são motivados por seu ódio às mulheres, desejo de controle, dominação, humilhação ou por vinganças reais e/ou imaginárias.

Dadas às diferenças biológicas e de desenvolvimento existentes entre os vários *serial killers* conhecidos, seria ingenuidade acreditar que eles teriam os mesmos motivos para agir deste ou daquele modo.

Serial Killers *têm Problemas com Figuras Femininas?*

Este mito é extremamente comum. Ele presume que o *serial killer* tem assuntos mal resolvidos com as figuras femininas de sua vida, como bem exemplificado no filme *Psicose*, de Hitchcock.

Existem muitos exemplos de *serial killers* que tinham graves problemas com sua mãe ou pai, mas muitas outras pessoas também têm e nem por isso saem por aí cometendo assassinatos em série. Não é motivo suficiente para explicar esse comportamento.

Serial Killers *são Abundantes em Nossa Sociedade?*

Serial killers são difíceis de definir e detectar. Em geral escolhem vítimas descartáveis, como sem-teto ou prostitutas, não chamando a atenção das autoridades para seus crimes, que podem nunca ser relacionados ou atribuídos a um só assassino.

Nos EUA se estima que existem entre 35 (número conservador dado pelo FBI) a 500 (número absurdo) *serial killers* operando no momento.

É também neste país que se encontram 75% dos *serial killers* conhecidos no mundo.

Será que os americanos geneticamente são mais propensos a matar de forma hedionda? Imagino que a diferença entre eles e o resto da humanidade é a alta tecnologia de que dispõe a polícia na obtenção de dados para solucionar os crimes e a enorme facilidade de comunicação e a troca de informações entre os policiais de todos os Estados.

Os países onde existe maior número de *serial killers* conhecidos são:

1º EUA

2º Grã-Bretanha

3º Alemanha

4º França

Mas outros países também têm seus *serial killers* notórios: recentemente, no México, um criminoso confessou ter matado mais de 100 vítimas. Na China, o chamado "Cidadão X" pode ser responsável por mais de 1.000 mortes.

Em 1999, a polícia paquistanesa caçava um homem que dizia ter assassinado 100 crianças. Na Colômbia, Pedro Alonzo Lopez matou mais de 300 pessoas.

Moses Shitole, da África do Sul, matou 38 mulheres.

Um estudo realizado na Inglaterra, em 1997, concluiu que o número de *serial killers* estava aumentando no país, e eram proporcionalmente mais freqüentes que nos EUA.

Outras estatísticas curiosas:

— 84% dos *serial killers* são caucasianos.

— 93% dos *serial killers* são homens.

— 65% das vítimas são mulheres.

— 89% das vítimas são caucasianas.

— 90% dos *serial killers* têm idade entre 18 e 39 anos.

Perfil Criminal — Arma Importante na Investigação

O perfil criminal é só uma ferramenta investigativa disponível para ajudar a solucionar um crime. Apesar da literatura nos dizer como essa ferramenta é maravilhosa, a realidade não é tão espetacular se medirmos quantas capturas foram feitas com base nela desde 1970, quando foi adotada nos EUA. Em geral, os *serial killers* são pegos por crimes menores ou pela astúcia da polícia que consegue um mandado de busca para investigação.

Muito desse mito se dá pela crença que o perfil nos leva a um criminoso específico, o que não é verdade; isso nos indica um tipo de criminoso, talvez rascunhe seu histórico psicológico, possivelmente sua aparência física, tipo de profissão, possível local de residência ou estado civil, entre outras coisas. Essas conclusões serão baseadas na cena do crime, na reconstrução do comportamento do assassino e na análise desse comportamento no

contexto do crime. Com esses dados, o número de suspeitos a serem investigados diminui sensivelmente.

O perfil criminal jamais poderá substituir o tradicional trabalho da polícia, mas sem dúvida é uma arma importantíssima na investigação criminal.

Perfil Criminal — é Ciência, não é Magia!

De acordo com os profissionais que montam os perfis criminais, não existe nada de místico em seu trabalho. É um processo lógico e racional baseado em estudos psicológicos e sociológicos.

Brent Turvey, cientista forense, desenvolveu um método conhecido como “Behavioural Evidence Analysis” (BEA)¹⁶. Baseia-se nas evidências físicas de um crime específico, e as conclusões sobre o suspeito advêm do exame da cena do crime e da análise de seu comportamento.

Esse método é fortemente baseado em ciência forense, conseqüência da formação de seu criador, e depende da análise

científica acurada das provas para a interpretação dos fatos que envolvem o caso.

Outro método é a Psicologia Investigativa, desenvolvida por um psicólogo britânico chamado David Canter, mais utilizada na Inglaterra.

A ciência forense, nos dias de hoje, é tão especializada nos EUA, que realmente ajuda muito a desvendar crimes. É assim subdividida:

Cientista forense geral: sabe um pouco sobre a maioria dos assuntos, tem um conhecimento do todo e suas possibilidades.

Cientista forense especialista: tem conhecimento sobre um assunto específico, como por exemplo um serologista. Assim como a microscopia geral estuda sangue e fluidos corporais, um especialista se aprofunda muito nesse assunto.

Cientista forense subespecialista: tem um conhecimento específico sobre uma subcategoria, como o DNA.

Os procedimentos de Laboratórios Criminais são baseados somente em ciência, e seus critérios têm que ser admitidos na Corte. Trabalha-se com fluidos corporais, testes microscópicos com fios de cabelo, fibras e material botânico.

Outros laboratórios especializam-se em armas de fogo, testando as evidências de mecanismo e resíduos de tiro.

Laboratórios que analisam documentos são especialistas em falsificações, adulterações, comparações de assinatura e tintas. Podem dizer quem fabricou aquela substância apenas verificando sua composição.

A toxicologia também faz parte da serologia, e serve para detectar a presença de drogas e venenos no corpo.

FBI — Um Passo à Frente na Investigação Criminal

Este é um retrato bastante “hollywoodiano”. Na verdade o FBI só tem jurisdição para investigar diretamente casos que ocorrem em propriedade federal ou em reservas indígenas.

O FBI é freqüentemente consultado para fazer o perfil do criminoso em casos que estão sendo investigados e que já esgotaram todas as outras possibilidades de averiguação. Nenhum policial gosta de pedir a ajuda a eles na solução de casos, porque essa atitude indica que os responsáveis fracassaram em resolver este crime.

Hoje em dia, os policiais locais estão extremamente equipados com conhecimentos nesta área e, na grande maioria, aptos a solucionar os crimes.

Em Quântico, cidadezinha perto de Washington, fica o Centro Nacional de Análise de Crimes Violentos, NCAVC¹⁷, órgão do FBI. O centro, considerado local de segurança máxima, não é aberto à visitação e fica a 20 metros sob a terra, exatamente embaixo da academia de treinamento de agentes do FBI.

A principal arma do centro é um programa de computador único no mundo até 2001, batizado de VICAP¹⁸ — Programa de Análise Investigativa Criminal. Em funcionamento desde 1985, custou milhões de dólares e levou 27 anos para ser concretizado. O VICAP funciona como um banco de dados criminal, armazenando e relacionando entre si todos os homicídios não resolvidos no país.

Quando surge um novo caso, o computador central do VICAP produz uma listagem de mais de cem assassinatos em que o criminoso teve o mesmo *modus operandi*. Em um segundo passo, o programa seleciona os dez homicídios mais parecidos com o novo. Com esta listagem em mãos, um perito faz uma profunda análise e avisa a polícia local no caso de o maníaco poder ser o mesmo.

Exemplo: em junho de 1989, a dona-de-casa Joan Heaton, 39 anos, e suas filhas Jennifer, 10, e Melissa, 8, foram encontradas mortas a facadas em sua casa, em Warwick, Rhode Island. A polícia local relacionou o crime a outro assassinato, ocorrido dois anos antes, o da dona-de-casa Rebecca Spencer, 27, que morava perto da família Heaton. O agente do FBI Gregg McCrary foi chamado para traçar o perfil do suspeito: o assassino seria jovem, negro, viveria no mesmo bairro das vítimas, com um histórico familiar de pai fraco ou ausente, influência feminina dominante e uma ficha policial de voyeurismo¹⁹.

No mesmo dia, a polícia prendeu Craig Price, 15 anos, que se encaixava em todos os aspectos levantados pelo agente. O adolescente acabou confessando os quatro crimes.

O FBI investiga por si só um crime no caso de ser sob jurisdição federal.

Em 2001, o VICAP perdeu a posição de melhor do mundo. No Canadá, a polícia também terá a ajuda de um software chamado "PowerCase". O novo sistema custou US\$ 30.000.000,00 para ser desenvolvido e o governo gastará, por ano, cerca de US\$ 6.000.000,00 para mantê-lo atualizado. Segundo os especialistas canadenses, até o FBI atualizará seu sistema com esse software.

Perfil do Criminoso

O perfil do criminoso, feito por um psicólogo, psiquiatra ou médico legista, pode ajudar bastante a polícia a encontrar e identificar o assassino. Aqui estão alguns exemplos de casos em que a ajuda desses homens forneceu pistas importantes para a investigação.

Segundo Ronald M. Holmes²⁰, perfis psicológicos só são apropriados em casos nos quais o criminoso é desconhecido e demonstra sinais de psicopatologias, ou em crimes particularmente violentos e/ou rituais. Estupradores e incendiários são considerados dois bons tipos de candidatos para se fazer um perfil criminal.

Como já dito anteriormente e, raramente um perfil criminal resolverá um crime, mas pode ajudar bastante numa investigação. Quando a polícia não tem pista nenhuma, o perfil pode sugerir uma ajuda potencial no caminho a seguir.

Em última análise, fazer o perfil da cena do crime e do criminoso tem como contribuição mínima estreitar o número de suspeitos, esboçar o motivo da ação e conectar ou não o crime a outros similares. No máximo, pode solucioná-lo.

Fazer o perfil de um criminoso é mais fácil quando o ponto de partida é o motivo do crime. No caso dos *serial killers*, este trabalho é difícil, uma vez que o motivo é sempre psicopatológico e desconhecido. A dificuldade consiste no fato de o investigador ter dificuldades em entender a lógica totalmente particular daquele *serial killer*.

Para fazer um perfil objetivo e competente, dois conceitos devem ser aceitos pelos investigadores e criminalistas antes de tentarem entender a cabeça de um *serial killer*: geralmente ele já viveu seu crime em suas fantasias inúmeras vezes antes de realizá-lo com a vítima real, e a maioria de seus comportamentos satisfaz um desejo, uma necessidade. Aceitando essas duas premissas, o investigador

pode deduzir os desejos ou necessidades de um *serial killer* a partir de seu comportamento na cena do crime.

Hoje em dia, vários seriados de televisão e filmes têm como figura central o *profiler*, o criminalista que faz o perfil psicológico de um homicida. Na maioria dos casos, acabam passando a impressão de que a experiência na profissão é que "vale", ou contam com ajuda "divina" para tirar suas conclusões. Esses personagens estão longe da verdade. Também é necessário um conhecimento profundo em psiquiatria, psicologia e ciência forense.

Jack, O Estripador

Jack, O Estripador, é o pai dos modernos *serial killers*. Ele aterrorizou as ruas de Londres no fim do século XIX, mais precisamente em 1888, quando assassinou brutalmente pelo menos sete mulheres, todas prostitutas.

Até hoje, ninguém sabe a identidade de Jack. Como seus seguidores, tinha prazer em zombar da polícia e enviar cartas aos jornais gabando-se de seus feitos.

Era canibal e arrancou os órgãos internos de quatro de suas vítimas. Chegou a mandar numa carta um pedaço do rim de uma delas, quando as autoridades duvidaram da autenticidade de suas correspondências.

Dr. Thomas Bond, médico legista que fez a autópsia em Mary Kelly (a última vítima de Jack, O Estripador), foi inicialmente chamado para avaliar o conhecimento cirúrgico do assassino. Observou que "... a ponta do lençol à direita da cabeça da vítima estava muito cortada e saturada de sangue, indicando que a face teria sido coberta com o lençol na hora do ataque". A observação feita por Bond levou ao estudo do comportamento do estripador na cena do crime, incluindo o padrão de ferimento imposto à vítima. Ele sugeriu aos investigadores para procurar um quieto e inofensivo homem, provavelmente na meia-idade e caprichosamente vestido. Bond constatou que as mutilações feitas nas mortas foram executadas pelas mesmas mãos e tinham o mesmo padrão.

Atualmente, o trabalho consiste em examinar uma série de casos para concluir se existe relação entre eles, baseados na cena do crime e nas vítimas. É o que hoje chamamos de "assinatura", ou seja, comportamentos ou ações que preenchem as necessidades psicológicas ou físicas do suspeito.

Adolf Hitler

Provavelmente, um dos casos mais conhecidos do uso de perfil criminal foi na Segunda Guerra Mundial, quando a CIA pediu ao psiquiatra Dr. Walter Langer o perfil de Adolf Hitler. Queriam saber quais suas ambições, que tipo de pessoa ele era e qual atitude podia-se esperar dele ao final da guerra. O mais notável no perfil desenvolvido foi justamente no que diz respeito a suas atitudes pós-guerra.

A possibilidade de morte natural estava fora de questão, uma vez que tinha boa saúde. Também se pensou que podia se refugiar em outro país, mas decidiram que esta hipótese estava incorreta porque ele genuinamente acreditava ser o salvador de seu próprio país. Outras possibilidades consideradas também foram rejeitadas, como assassinato, golpe militar, morte em batalha.

Langer acreditou que a saída utilizada por Hitler seria o suicídio, o que se tornou verdade no momento em que ele se matou no *bunker* onde estava escondido com Eva, sua esposa, na hora em que a vitória dos aliados estabeleceu-se. Esse tipo de perfil de líderes inimigos foi provavelmente utilizado durante outras guerras, como a do Vietnã e a do Golfo.

O Unabomber

O perfil do *Unabomber* foi iniciado quase 18 anos antes de ele ser preso, quando um pacote-bomba explodiu nas mãos de um oficial policial no campus da Northwestern University, perto de Chicago, em 1978. Depois disso, enviou 32 pacotes explosivos por todo o país. Suas vítimas eram cientistas, pessoas das indústrias de computador e políticos. Apesar de ter matado apenas três pessoas, 23 foram severamente feridas por suas cartas mortais.

O *Unabomber* construía suas bombas com precisão e tinha amor pelo que fazia, manualmente, de forma artesanal. Cada detalhe e fragmento era estudado pelas autoridades. Cada rua e vizinhança dos ataques passou pelo “pente fino” das investigações, bem como o histórico de cada vítima. Suas cartas para a mídia foram analisadas palavra por palavra. No fim dos trabalhos, quase dezoito anos depois, os investigadores sentiam que conheciam o *Unabomber* intimamente, como se fosse da família.

Em 1995, ao entrarem na cabana do bombardeador em série, localizada em lugar remoto das montanhas, deram-se conta de que era exatamente o que esperavam encontrar. Mas, neste caso, jamais teriam localizado o criminoso sem a ajuda de seus familiares. Seu irmão, ao ler o manifesto de mais de 35.000 palavras publicado nos jornais por exigência do criminoso procurado, reconheceu o estilo do documento. Enviou à polícia federal cartas escritas por ele encontradas no porão de sua mãe em troca da suspensão da pena de morte quando julgado.

Theodore J. Kacynski, professor de matemática na Universidade de Berkeley e graduado em Harvard — o *Unabomber*, conseguiu agir impune por longos 17 anos, sem que o perfil criminal levasse à sua localização.

O Estrangulador de Boston

De 14 de junho de 1962 a 4 de janeiro de 1964, uma série de ataques ocorreu em Boston, perfazendo um total de 13 assassinatos sexuais. As vítimas eram encontradas mortas em seus apartamentos, atacadas sexualmente e freqüentemente amordaçadas com artigos de seu próprio vestuário. O que era bastante característico é que o *Estrangulador de Boston* deixava suas vítimas nuas, cuidadosamente colocadas em poses provocativas com as cordas do estrangulamento amarradas com um laço, como se fosse um ornamento, em volta do pescoço. Todos os esforços em identificar o responsável foram infrutíferos.

Em abril de 1964, Dr. James Brussels, famoso psiquiatra nova-iorquino, foi chamado para juntar-se ao comitê psiquiátrico que tentava ajudar na investigação.

Enquanto outros membros do comitê atribuíam os assassinatos a dois indivíduos, baseados na diferença de idade entre as vítimas, Brussels manteve-se firme na opinião de que se tratava de uma só pessoa.

Os crimes cessaram misteriosamente em 1965.

Em novembro de 1964, um homem chamado Albert DeSalvo chamou a atenção das autoridades. Ele estava preso por outros crimes, mas confessou ao seu psiquiatra ser o *Estrangulador de Boston*. Seu perfil era tão igual ao que Brussels traçara que a polícia o identificou como tal e arquivou o caso, não despendendo mais tempo ou energia na identificação e prisão do tal estrangulador.

Em 1973, DeSalvo foi apunhalado por outro preso em sua cela, e até hoje ninguém foi acusado formalmente pelos crimes do *Estrangulador de Boston*.

Em 1999, um esquadrão policial americano que estuda somente crimes considerados "já frios", sem pistas, ainda tentou comprovar, através de testes de DNA, se DeSalvo era realmente o *Estrangulador de Boston*. As amostras de esperma encontradas nas vítimas não foram localizadas para concluir os testes. A verdadeira identidade do *serial killer* ainda é um mistério.

A Investigação do FBI

A análise da cena do crime feita pelo FBI envolve seis passos.

Matéria-Prima para o Perfil

Essa primeira fase envolve coletar e avaliar todos os materiais relacionados com um caso específico. Compõe-se de fotografias tiradas da cena do crime e da vítima, todo o histórico dela, relatório da autópsia, outros exames forenses relacionados com o caso e qualquer outra informação relevante para esboçar uma idéia do que ocorreu antes, durante e depois do crime. Este estágio servirá de base para todos os outros da investigação, e se estiver incorreto ou com poucas informações toda a análise subsequente será afetada.

Processo de Decisão Modelo

Neste estágio se organiza a informação obtida anteriormente em uma lógica e padrão coerentes. Também se estabelecem quantas vítimas estão envolvidas, para saber se se trata de um homicida, um assassino de massa, um bêbado ou um *serial killer*.

Outros fatores são determinados neste estágio, como qual o objetivo e a prioridade do crime (ganho material ou vítima), o *status* de risco da vítima (uma prostituta tem risco maior que uma dona-de-casa), e o quanto o criminoso se arriscou para cometer o ato. O tempo necessário para cometer aquele crime daquele modo é estabelecido, bem como os locais de apreensão da vítima e de sua morte.

Avaliação do Crime

É a reconstrução da seqüência de eventos, do comportamento específico da vítima e do agressor.

Esse procedimento irá ajudar o analista a entender o papel que cada indivíduo tem no crime e a estabelecer o subsequente perfil do criminoso.

Neste estágio, o investigador tem que “andar com os sapatos” do criminoso e da vítima, ou como gosta a mídia, entrar na mente do assassino. É aqui que o crime é rotulado como organizado ou não. Aqui também se determina o *modus operandi* do criminoso e a existência de uma “assinatura”.

Perfil Criminal

O perfil criminal envolve o histórico do passado, histórico médico e características comportamentais do agressor que tentam descrever a pessoa que cometeu aquele crime, facilitando a busca da polícia. No modelo do FBI, esse estágio pode envolver orientações sobre como melhor entrevistar o suspeito. Também aqui será informado aos investigadores como identificar e prender o assassino.

Um perfil pode ter apenas alguns parágrafos ou muitos, várias páginas, dependendo da quantidade de informações enviadas ao especialista. Frequentemente encontramos nos perfis criminais as seguintes informações: idade, raça, sexo, aparência geral do criminoso, seu *status* de relacionamento, tipo de ocupação e dados sobre seu emprego, educação ou vida militar.

Às vezes, são incluídas informações sobre se o criminoso vive na área onde foi cometido o crime ou se o local é familiar para ele, algumas características básicas sobre sua personalidade e objetos significantes que deve possuir, como revistas pornográficas. Também é sugerido aqui o método de aproximação que o criminoso usa para contatar sua vítima.

John Douglas “caçou”, através de perfis criminais feitos por ele, alguns dos mais notórios e sádicos criminosos de todos os tempos: “The Trailside Killer” (São Francisco), “The Atlanta Child Murderer”, “The Tylenol Poisoner”, Robert Hansen, etc. Foi o primeiro a desenvolver um perfil psicológico do Unabomber.

Entrevistou e estudou dúzias de *serial killers* e assassinos, incluindo Charles Mason, Sirhan Sirhan, Richard Speck, John Wayne Gacy e David Berkowitz, para conseguir “entrar” em suas mentes.

Chegou a emitir sua opinião sobre o perfil criminal de Francisco Assis Pereira, o “Maníaco do Parque”, *serial killer* de São Paulo.

A Investigação

Nesta etapa, o atual perfil é enviado para as agências que o requisitaram e incorporado à sua investigação. Se não há suspeitos ou novas evidências, o perfil é reavaliado.

A Prisão

Aqui se deve checar o perfil produzido com as características do suspeito. Pode ser extremamente difícil, uma vez que ele pode nunca ser preso; pode ser preso em outra jurisdição e não estar disponível para esta checagem; pode ser preso sob outra acusação ou simplesmente encerrar sua atividade criminal.

O número de casos resolvidos representa menos de 50% dos casos nos quais foram feitos perfis.

Organizados e Desorganizados

TRANSGRESSORES ORGANIZADOS	TRANSGRESSORES DESORGANIZADOS
Inteligência média para alta.	Inteligência abaixo da média.
Metódico e astuto.	É capturado mais rapidamente.
Não realizado profissionalmente.	Distúrbio psiquiátrico grave.

Educação esporádica.	Contato com instituição de saúde mental.
Socialmente competente, mas anti-social e de personalidade psicopata.	Socialmente inadequado — relaciona-se só com a família mais próxima ou nem isso.
Preferência por trabalho especializado e esporádico. Queda para profissões que o enalteçam como macho, tipo <i>barman</i> , motorista de caminhão, trabalhador em construção, policial, bombeiro ou paramédico.	Trabalhos não-especializados, que tenham pouco ou nenhum contato com o público (lavador de pratos, manutenção).
Sexualmente competente.	Sexualmente incompetente ou nunca teve experiência sexual.
Nascido em classe média-alta.	Nascido em classe baixa.

Trabalho paterno estável.	Trabalho paterno instável.
Disciplina inconsistente na infância.	Disciplina severa na infância.
Cena planejada e controlada. A cena do crime vai refletir ira controlada, na forma de cordas, correntes, mordaça ou algemas na vítima.	Cena do crime desorganizada.
As torturas impostas à vítima foram exaustivamente fantasiadas.	Nenhuma ou pouca premeditação.
Temperamento controlado durante o crime.	Temperamento ansioso durante o crime.

Movimenta-se com carro em boas condições. Viaja muito.	Em geral, não tem carro, mas tem acesso a um.
Traz sua arma e instrumentos.	Utiliza arma de oportunidade, a que tem na mão.
Leva embora sua arma e instrumentos após o crime.	Freqüentemente deixa a arma do crime no local.
A vítima é uma completa estranha, em geral mulher, com algum traço particular ou apenas uma vítima conveniente.	Vítima selecionada quase ao acaso.

<p>A vítima é torturada e tem morte dolorosa e lenta.</p>	<p>Vítima rapidamente dominada e morta — emboscada.</p>
	<p>Crimes brutais, com extrema violência e <i>overkill</i> (ferimentos maiores do que os necessários para simplesmente matar).</p>
	<p>Rosto da vítima severamente espancado, numa tentativa de desfigurar e desumanizá-la, ou uso pela vítima de máscara/venda.</p>
<p>A vítima é freqüentemente estuprada e dominada através de ameaças ou instrumentos.</p>	<p>Se a vítima foi atacada sexualmente, o ataque freqüentemente foi <i>post-mortem</i>.</p>
	<p>Mutilações no rosto, genitais e seios são comuns.</p>

<p>O corpo é levado e muitas vezes esquartejado, para dificultar a identificação pela polícia.</p>	<p>O corpo é freqüentemente deixado na cena do crime. Quando levado, é por lembrança, e não para evitar provas.</p>
<p>Uso de álcool pelo agressor.</p>	<p>Mínimo uso de álcool pelo agressor.</p>
<p><i>Stress</i> precipitador de situações.</p>	<p>Quando em <i>stress</i>, age impulsivamente.</p>
<p>Vive com parceiro ou é casado. Tem uma importante mulher nas suas relações.</p>	<p>Vive sozinho ou com os pais. Em geral, solteiro.</p>
<p>Realiza seus crimes fora de sua área de residência ou trabalho.</p>	<p>Mora ou trabalha perto da cena do crime.</p>

Segue os acontecimentos relacionados ao crime pela mídia.	Mínimo interesse nas novidades da mídia.
Em geral da mesma raça que a vítima, mas composição étnica local deve ser considerada.	Em geral da mesma raça que a vítima, mas composição étnica local deve ser considerada.
Provavelmente foi um aluno problema.	Saiu cedo da escola. Estudante marginal.
Provavelmente já foi preso por violência interpessoal, ataque sexual. Brigas de soco são comuns.	Já deve ter sido preso por voyeurismo, ladrão de fetiches, assalto, exibicionismo ou outros delitos menores.

<p>Em geral, muitas multas por estacionamento proibido.</p>	
<p>Bem apessoado.</p>	<p>Magro, provavelmente com acne ou outra marca física que contribua para a impressão de que é diferente da população em geral.</p>
<p>Tem aproximadamente a idade da vítima. A média de idade fica entre 18 e 45 anos, em geral 35.</p>	<p>Entre 16 e 39. Em geral, age entre 17 e 25.</p>
<p>Pode trocar de emprego ou deixar a cidade.</p>	<p>Mudança de comportamento significativa, como álcool ou drogas.</p>

Alguns indivíduos acham que os métodos do FBI não são confiáveis e que as polícias locais hoje têm mais conhecimentos nessas intrincadas investigações.

Freqüentemente, um transgressor organizado pode deixar uma cena de crime extremamente desorganizada. Isso levaria os analistas que usam os métodos do FBI a imaginar que ele faria parte do grupo errado, estabelecendo características errôneas a seu respeito.

Apesar disso, hoje este método ainda é o mais usado no mundo e o FBI treina investigadores de todas as partes do planeta para, utilizando-se dele, determinar o perfil de um criminoso.

Psicologia Investigativa

A Psicologia Investigativa teve início em 1985, quando David Canter foi chamado pela Scotland Yard para discutir a possibilidade de integrar a investigação técnica com conceitos psicológicos.

A diferença entre o método de David Canter e o do FBI é que, apesar de ambos serem baseados em dados estatísticos, Canter continuamente atualiza seus dados sobre a população transgressora em que baseia seu método.

Método de David Canter

Os transgressores conhecidos são estudados, as tipologias são definidas e um crime cometido por um desconhecido será comparado com este grupo. As características do novo criminoso serão definidas a partir de sua semelhança na comparação feita com o grupo de transgressores identificados.

A aplicação do trabalho de Canter é baseada em cinco aspectos de interação entre vítima e agressor, conhecidos como fatores-modelo: coerência interpessoal, importância da hora e local do crime, características criminais, carreira criminal e consciência forense.

Coerência Interpessoal

Este fator-modelo refere-se ao quanto a atividade criminal do indivíduo se inter-relaciona com a sua vida pessoal:

Um psicólogo deve estar apto a determinar alguma coisa sobre o criminoso a partir da vítima ou do modo como interagiu com ela.

Freqüentemente, a vítima representa alguém na vida ou no passado do agressor (como sua mãe ou ex-namorada), além do fato de o *serial killer*, na maioria das vezes, escolher como vítimas pessoas de sua própria raça.

Importância da Hora e Local

O local que o criminoso escolhe para matar tem sempre alguma significância para ele. Os *serial killers* têm menos probabilidade de matar ou estuprar em locais não familiares, uma vez que são crimes de controle e não se sentirá tão seguro num ambiente estranho.

Além disso, se os crimes estão localizados dentro de uma certa disposição geográfica, há grandes chances de o criminoso viver ou trabalhar nessa área.

Pode indicar também o horário de trabalho dele, uma vez que o ataque à vítima se dá em sua hora de "lazer".

Características Criminais

É a pesquisa para desenvolver subsistemas de classificação do grupo transgressor, em vez de apenas dois grupos (organizados e desorganizados), como é utilizado no FBI.

Carreira Criminal

É a avaliação que vai determinar quanto o agressor pode estar envolvido em atividades criminais no passado e de que tipo seriam elas. A forma de transgredir não muda, apesar de poder aumentar a violência dos crimes, a sofisticação na maneira de executá-los ou a riqueza de detalhes relacionados a eles. É mais provável encontrar evidências nos primeiros crimes de um *serial* do que nos últimos, por ser mais descuidado e ignorante quanto aos métodos investigativos.

Avaliação Forense

Observa-se, nesta etapa, qualquer conhecimento que o transgressor tenha sobre técnicas policiais e procedimentos de coleta de evidências. Inclui-se aqui o uso ou não de luvas, camisinha ou a remoção de qualquer objeto que possa conter fluidos corporais do agressor. Um exemplo que indica que o agressor sexual não é primário é o modo como ele limpa ou banha a vítima depois do ataque. Ele pode também exigir que ela se banhe após o estupro, ou penteie os cabelos pubianos para remover os seus próprios. Se a polícia conclui que este transgressor não é primário, começa a pesquisar entre outros conhecidos e elimina aqueles que utilizam métodos diferentes.

Canter também desenvolveu um modelo de comportamento de transgressores, conhecido como teoria circular.

Dois modelos de transgressores conhecidos como "vagabundos" e "viajantes diários" foram desenvolvidos a partir dessa teoria. Os do modelo "vagabundo" supõem que o agressor sai de casa num repente para cometer seu crime, em geral na sua vizinhança, enquanto o "viajante" supõe que o transgressor viaja uma boa distância de sua casa antes de se engajar em uma atividade criminal.

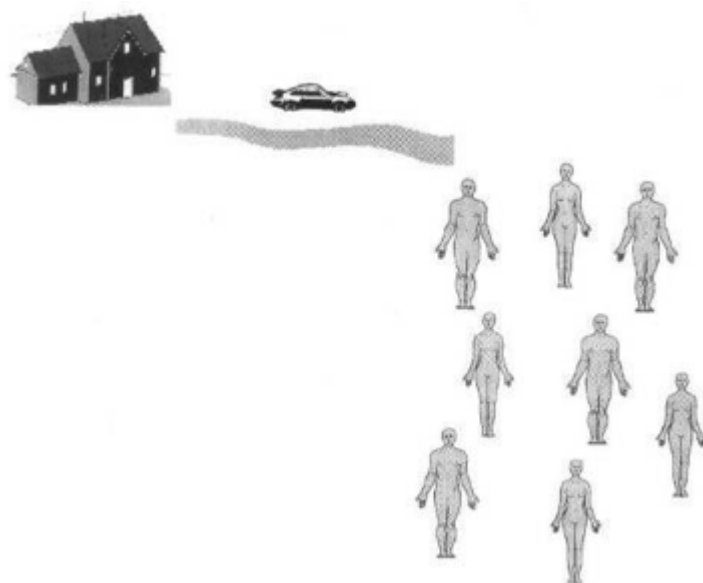
Estes gráficos são apenas ilustrativos, uma vez que é impossível saber, antes de prendê-lo, em que categoria se enquadra. Estudos feitos com transgressores conhecidos demonstram que este padrão é sempre repetido, num caso ou noutro.

Outro fato observado é que quanto maior o número de vítimas mais perto de casa o criminoso se livra do corpo, pois está cada vez mais confiante na sua não captura.

Gráfico do Campo de Ação do "Vagabundo"



Gráfico do Campo de Ação do "Viajante"



Método de Brent Turvey

Outro estudioso de perfis criminais é Brent Turvey²¹, cientista forense, que também desenvolveu seu método de análise, o “Behavioural Evidence Analysis”²², ou simplesmente *BEA*.

Baseado na premissa de que os transgressores sempre mentem sobre suas ações, muitas vezes a única coisa com a qual se pode contar na investigação é a reconstrução do comportamento do transgressor.

A maior diferença entre este método e os anteriores é que não se baseia em estatísticas.

A análise das evidências comportamentais (BEA) é dividida em quatro passos principais.

Análise Forense Questionável

A análise forense é questionável no sentido de que uma evidência pode ter várias interpretações ou significados, e o objetivo deste passo é justamente estabelecer os vários significados de uma evidência. Esta análise é feita com base em fotos/vídeos/esboços da cena do crime, relatórios de investigadores, registros das evidências, relatório de autópsia/vídeos/fotos, entrevistas com testemunhas e vizinhos, qualquer outra documentação e/ou entrevistas ou informação relevante, mapa do trajeto da vítima antes da morte e seu histórico.

Vitimologia

O segundo passo envolve uma profunda análise da vítima.

O objetivo é produzir o retrato dela de forma acurada e precisa, determinando o porquê, como, onde e quando em particular foi escolhida. Isso poderá lhe dizer muita coisa sobre o transgressor.

Uma das características da vítima que pode ajudar no perfil do assassino é a sua constituição física: se durante o estágio de reconstrução do crime nota-se que o criminoso carregou-a por alguma distância antes de dispor do corpo, teremos que concluir que ele possui alguma força muscular ou não trabalha sozinho. Da mesma forma, se o transgressor foi capaz de "levar" a vítima sem nenhum esforço, podemos concluir ou que eram conhecidos

(transgressor é socialmente adequado e capaz de fazer a vítima acompanhá-lo) ou que utilizou alguma encenação (transgressor fingendo-se de autoridade).

Características da Cena do Crime

Este passo envolve a determinação do número de fatores relevantes na localização da cena do crime, onde está localizado em relação aos outros delitos e como o transgressor se aproxima da vítima.

É sabido que a cena onde acontecem os fatos tem especial significado para o criminoso e pode fornecer pistas vitais sobre quem é ele.

Características do Transgressor

Este passo é a fase final do BEA e irá levantar o comportamento e a personalidade do transgressor.

Algumas características do agente deverão ser analisadas. São elas: constituição física, sexo, tipo de trabalho e hábitos, remorso ou culpa, tipo de veículo utilizado, histórico criminal, nível de habilidade, agressividade, localização da moradia em relação ao crime, histórico médico, estado civil e raça. Em conjunto, essas informações vão fornecer um retrato do criminoso que pode ser comparado com outros, conhecidos ou suspeitos.

Utilização do BEA

O perfil montado com o método BEA é útil em duas fases distintas.

Na primeira, fase investigativa, temos um agressor desconhecido de um crime conhecido: reduzir o número de suspeitos ajuda na ligação deste crime com outros que tenham o mesmo padrão, na avaliação do comportamento criminal para uma escalada de violência, provê investigadores com estratégias adequadas e dá uma trilha de movimentos a serem seguidos na investigação.

Na fase de julgamento, identificado o agressor de um crime conhecido, o perfil BEA ajuda a determinar o valor de uma determinada evidência para um caso em particular, auxilia o

desenvolvimento de uma estratégia de entrevista ou interrogatório, de um *insight* dentro da mente do assassino, compreendendo suas fantasias e motivos, relaciona a cena do crime com o *modus operandi* e a “assinatura” comportamental.

O BEA não utiliza dados estatísticos para criar um perfil do criminoso e depende principalmente da prática e conhecimento do analista encarregado. A qualidade do produto final também vai depender de quanta informação o analista tinha a sua disposição.

Utiliza-se da ciência forense para a reconstituição do crime; e da ciência forense, da psicologia e da psiquiatria, para interpretação do comportamento do criminoso.

De todas as técnicas existentes, a BEA é a mais recente das novas escolas de pensamento.

Caso Ilustrativo de Análise pelo Método BEA²³

O corpo de uma mulher é encontrado nu em uma remota localização na floresta, com quatro superficiais e cuidadosas incisões no peito, transversais, sobre os mamilos. A área genital da vítima foi completamente removida com um instrumento afiado. Petéquias²⁴ são evidentes nos olhos, pescoço e face acima do local padrão de estrangulamento no pescoço. Não foram encontrados sangue ou roupa na cena do crime. A vítima tinha sulcos de ligaduras em volta dos pulsos com contusões esfoladas, arranhadas, mas nenhuma ligadura foi encontrada na cena do crime. Frescas impressões de pneus foram encontradas na lama aproximadamente a 15 metros de onde estava o corpo.

CONCLUSÃO 1: o criminoso, neste delito em particular, amarrou a vítima para restringir seus movimentos enquanto ela estava viva, uma vez que se notam sinais de luta e abrasões em volta dos pulsos.

CONCLUSÃO 2: nosso criminoso removeu as ligaduras com as quais amarrou a vítima antes de dispor do corpo morto, conclusão advinda do fato de nenhuma ligadura ter sido encontrada ali.

CONCLUSÃO 3: a vítima parecia asfixiada pelo pescoço através de ligadura de material leve como um tecido, fato indicado pela marca padrão no pescoço e pelas petéquias.

CONCLUSÃO 4: o local onde foi encontrado o corpo era apenas o cenário que o criminoso armou para isso; o delito não foi cometido ali, uma vez que não foi encontrado sangue nenhum.

CONCLUSÃO 5: o criminoso tem um carro consistente com as marcas de pneu encontradas nas proximidades do corpo. Por tais sinais, pode-se ter uma idéia da marca ou do tipo do carro utilizado.

Todos esses detalhes juntos indicam a competência e a inteligência do criminoso, que parece capacitado a manter um emprego, e pressupõe-se que ele é um sádico sexual. Isso é dedutível pelo fato de ele ter um veículo, o uso de uma segunda cena para deixar o corpo, evitando deixar evidências, a remoção da genitália da vítima e os deliberados cortes nos mamilos, feitos para causar dor e não ferimentos sérios.

Análise da Cena do Crime

A maioria das cenas de crime nos conta uma história, e como todas as histórias, tem personagens, uma trama, começo, meio e fim.

Padrões de fala, de escrita, gestual verbal ou não verbal e outros modos e padrões dão forma ao comportamento humano. Essas características individuais, quando utilizadas em conjunto, fazem cada pessoa ter um modo específico de agir e reagir.

Aprender a reconhecer padrões de comportamento em cenas de crime possibilita aos investigadores descobrir muitas coisas sobre o transgressor, e também a distinguir entre agressores diferentes cometendo o mesmo tipo de crime.

Existem três possíveis manifestações do comportamento do agressor na cena do crime: *modus operandi*, personalização ou "assinatura" e organização da cena.

Modus Operandi — *M. O.*

O *modus operandi* é estabelecido observando-se que arma foi utilizada no crime, o tipo de vítima selecionada e o local escolhido.

O *M.O.* é dinâmico e maleável, na medida em que o infrator ganha experiência e confiança. Investigadores cometem graves erros dando muita importância ao *M.O.* quando conectam crimes.

Por exemplo, um ladrão novato que, num primeiro crime estilhaçaria uma janela para entrar numa casa, logo aprende que com este método o barulho é grande e o roubo, apressado. Numa próxima vez, levará instrumentos apropriados para arrombar com calma e escolher o que levar. Minimizará o barulho e maximizará o lucro. Assim, o ladrão refinou seu *M.O.*

Nathaniel Code Jr.²⁵, de Shreveport, Louisiana, foi condenado por assassinato. O júri determinou que, entre 1984 e 1987, ele matou oito pessoas em três ocasiões diferentes.

Veremos aqui que havia várias disparidades entre as três cenas do crime.

a. o agressor amordaçou a primeira vítima com uma peça de material obtida na cena do crime, mas trouxe sua própria fita adesiva para usar nas outras sete vítimas.

b. a primeira vítima foi apunhalada e retalhada pelo agressor, enquanto as outras sete, além de apunhaladas e retalhadas, também levaram tiros e mostravam sinais de estrangulamento com algum tipo de tecido.

c. as vítimas tinham idade entre 8 e 74 anos, incluindo os dois sexos, mas todas eram negras.

d. o agressor roubou dinheiro na primeira cena, mas não nas outras duas.

Considerando essas diferenças encontradas nas três cenas, poderia só um homem ser ligado a todas elas? Poderiam as características do *M.O.* e da vitimologia eliminar as conexões entre o agressor e os três crimes?

No caso de Nathaniel Code, o *M.O.* e a vitimologia não o ligariam aos três crimes, mas ele deixou sua "assinatura" em todos eles (fita adesiva).

Assinatura

O agressor serial sempre tem um importante aspecto comportamental em seus crimes: ele sempre os assina.

A “assinatura” é sempre única, como uma digital, e está ligada à necessidade do serial em cometer o crime. Eles têm necessidade de expressar suas violentas fantasias, e quando atacar, cada crime terá sua expressão pessoal ou ritual particular baseado em suas fantasias. Simplesmente matar não satisfaz a necessidade do transgressor, e ele fica compelido a proceder a um ritual completamente individual.

Um exemplo de “assinatura” é um estuprador que abusa de linguagem vulgar, ou prepara um roteiro para a vítima repetir, ou

canta certa canção.

Diferente do *M.O.*, a "assinatura" nunca muda, mas alguns aspectos dela podem se desenvolver, como *serial killers* que mutilam suas vítimas *post mortem* cada vez mais. As "assinaturas" podem não aparecer em todas as cenas de crime do mesmo criminoso, por contingências especiais como interrupções ou reação inesperada da vítima.

São consideradas "assinaturas" quando o criminoso:

- Mantém a atividade sexual em uma ordem específica.

- Usa repetidamente um específico tipo de amarração da vítima.

- Inflige a diferentes vítimas o mesmo tipo de ferimentos.

— Dispõe o corpo de certa maneira peculiar e chocante.

— Tortura e/ou mutila suas vítimas e/ou mantém alguma outra forma de comportamento ritual.

Afinal, Qual a Diferença?

Modus operandi é comportamento erudito. É o que o criminoso faz para cometer o delito, e é dinâmico, pode mudar.

“Assinatura” é o que o criminoso faz para se realizar, é produto da sua fantasia, e é estático, não muda.

Utilizando um exemplo fictício, fica mais fácil entender a diferença entre *M.O.* e “assinatura”.

Um estuprador entra numa residência e encontra marido e mulher. Manda que o marido se deite no chão de barriga para baixo, coloca uma xícara com pires sobre suas costas e diz ao marido que, se ouvir um barulho da xícara caindo ou se movendo, mata sua esposa. Em seguida, se dirige com a mulher para o quarto e a estupra.

Outro estuprador entra numa casa, só encontra a mulher. Faz com que ela utilize qualquer desculpa e traga o marido para casa. Quando ele chega, o amarra e o faz assistir ao estupro de sua esposa.

O primeiro estuprador tem um *M.O.*, e não uma "assinatura". Seu objetivo é apenas estuprar a mulher sem ser ameaçado pela outra vítima.

O segundo estuprador tem uma "assinatura". Estuprar a mulher não é suficiente; para satisfazer suas fantasias ele precisa estuprá-la na frente do marido, para humilhá-lo e dominá-lo.

Um assaltante de banco que manda as pessoas tirarem a roupa está tendo um *M.O.* inteligente, pois todos terão que se vestir antes de chamar a polícia e ninguém sairá correndo nu atrás dele. Agora, um assaltante de banco que faz o mesmo, mas fotografa as pessoas em poses eróticas, já demonstra ter uma "assinatura", porque só roubar o banco não satisfaz suas fantasias psicosssexuais.

Apesar do *M.O.* ter muita importância, ele não pode ser utilizado isoladamente para conectar crimes. Já a "assinatura", mesmo que evolua, sempre terá o mesmo tema de ritual, no primeiro ou no último crime, agora ou daqui a dez anos.

John E. Douglas (F.B.I.) acha que é mais importante encontrar a "assinatura" do que as semelhanças entre as vítimas, uma vez que o *serial killer* sempre expressará seu ódio através de um ritual, e não de um aspecto físico do agredido.

Exemplos Reais

Ronnie Shelton

Ronnie Shelton²⁶, estuproador serial de Ohio, apelidado de "The West Side Rapist"²⁷, cometeu mais de 50 estupros. Quando foi acusado e condenado por 28 deles, sua sentença foi de 1.000 anos. Sua "assinatura" foi seu algoz.²⁸



Ronnie Shelton²⁸
Acusado de mais de 50 estupros

Verbalmente, Shelton era excepcionalmente vulgar e degradante. Ainda fazia comentários do tipo "vi você com seu namorado", ou "você sabe quem eu sou". A informação de que aquele estuproador andava pelas vizinhanças aterrorizava completamente as vítimas.

O ritual de Shelton no ataque sexual era o centro de sua ação: ele estuprava as mulheres e no final retirava seu pênis para ejacular sobre seus estômagos ou seios. Freqüentemente se masturbava sobre elas ou entre seus seios, ou forçava-as a masturbá-lo manualmente. Também usava as roupas das vítimas para limpar a ejaculação, as forçava a fazer sexo oral e a engolir seu esperma. Essa combinação de atos era a "assinatura" de Shelton.

O *M.O.* de Shelton consistia em entrar na casa da vítima pela janela ou entrada do pátio que dava para bosques, ou lugares onde pudesse se esconder com facilidade. O horário de ataque era sempre tarde da noite ou de manhãzinha. Usava uma máscara de esqui, meia ou cachecol. Convencia a mulher de que não estava lá para estuprá-la e sim para roubá-la. Assim, quando tinha tudo sob controle, estuprava-a. Não havia reação, pois só percebiam a sua violência quando ele as jogava no chão ou colocava uma faca ou arma semelhante em suas gargantas. Falava para as vítimas não o olharem, cobrirem seus olhos ou "não me olhe e eu não vou machucar você ou seus filhos". A conexão de Shelton com esses 28 ataques sexuais foi feita através de seu *M.O.* e "assinatura", servindo para condená-lo.

David Vasquez

David Vasquez²⁹ foi condenado pelo assassinato de uma mulher de 34 anos, em Arlington, Virgínia. Foi violentada e morreu estrangulada. O assassino a deixou deitada com o rosto para baixo e com as mãos amarradas às costas. Ele usou somente nós em excesso, e levou a ligadura dos pulsos até o pescoço por sobre o ombro esquerdo. O corpo foi deixado exposto.

O atacante havia gastado bastante tempo na cena do crime. Fez extensas preparações para amarrar a vítima, permitindo que a controlasse com facilidade. Suas necessidades mandaram que ele a movesse por toda a casa, exercendo total dominação sobre ela. Parecia até que a havia levado ao banheiro e a obrigado a escovar os dentes.

Vasquez era limítrofe de Q.I. Acreditando que iria dificultar o processo para provar sua inocência, seus advogados o convenceram que receberia pena de morte no caso de ser levado ao tribunal. Assim, ele se declarou culpado e optou por prisão perpétua.

Três anos depois, a polícia descobriu uma mulher de 44 anos morta com o rosto virado para baixo em sua cama. Uma corda amarrava seus pulsos às costas e o fio estava apertado em volta de seu pescoço com um nó de correr atrás. A corda continuava sobre seu ombro direito e para baixo pelas costas, e dava então três voltas em cada pulso. Cientistas forenses explicaram que ela morreu estrangulada pela corda e havia sido estuprada. O assassino deixou o corpo exposto. Parecia ter gastado muito tempo na cena do crime. Este assassinato ocorreu a quatro quadras daquele de 1984. Vasquez já estava preso há três anos.

O departamento policial de Arlington, Virgínia, requisitou para o National Center for the Analysis of Violent Crime (NCAVC) uma extensa análise desses dois casos, outros estupros em série e muitos outros assassinatos ocorridos entre 1984 e 1987. Ficou provado que esta "assinatura" não era de Vasquez e sim de outro suspeito local, e Vasquez foi libertado e inocentado deste crime.

Encenação

Quando investigadores se aproximam da cena do crime, devem procurar por pistas de comportamento deixadas pelo criminoso.

Várias questões precisam ser respondidas: como se encontraram vítima e criminoso? O criminoso emboscou a vítima ou a trapaceou, como por exemplo se fingir de polícia, para capturá-la? Amarrou-a para controlá-la? Qual foi a seqüência de eventos? A vítima foi estuprada antes ou depois de morrer? As mutilações foram feitas antes ou depois da morte? O criminoso adicionou ou retirou alguma coisa da cena do crime?

Alguns detalhes encontrados nas cenas de crime são desconcertantes e contêm minúcias que aparentemente não têm

nenhum propósito para a execução do ato criminoso e que ainda obscurece mais o motivo dele. Esta confusão se dá quando o criminoso “organiza” a cena antes da chegada da polícia, alterando-a. É como se arrumasse um palco para uma apresentação teatral.

Essa encenação tem como objetivo afastar a polícia de um suspeito em particular, para proteger a família da vítima ou a própria vítima. É um criminoso que não apenas atacou uma vítima, mas que a escolheu por alguma característica particular que se relaciona com ele, ou tinha algum tipo de relacionamento ou associação com seu alvo. Em geral, quando esta pessoa for procurada pela polícia na ordem de investigação dos fatos, será extremamente cooperativa ou estará totalmente transtornada pela perda. Assim sendo, investigadores não devem jamais descartar inconsoláveis viúvas ou amigos interessadíssimos em esclarecer o crime.

O segundo motivo para a encenação é proteger a vítima ou sua família, e ocorre na maioria das vezes em estupros seguidos de morte ou acidentes auto-eróticos. A encenação, então, é feita por um membro da família que encontra o corpo, uma vez que é comum que alguns criminosos deixem suas vítimas em posições degradantes. Quem encontra o corpo pretende devolver alguma dignidade para a pessoa morta, como por exemplo um marido que cobre ou veste o corpo nu da esposa.

Estas pessoas não têm má intenção, elas apenas estão tentando prevenir o choque que pode causar aos outros familiares a posição da vítima, sua vestimenta ou falta dela, e suas condições. Também podem fazer com que um acidente auto-erótico possa ser interpretado como homicídio, até mesmo escrevendo uma carta de despedida ou, pior ainda, fazer com que se pareça com um suicídio.

Nesses casos, o investigador deve obter uma acurada descrição de como foi encontrado o corpo e determinar exatamente o que a pessoa que o encontrou alterou na cena. A vitimologia pode revelar as reais circunstâncias do assassinato e ajudar na identificação do criminoso.

Em algumas cenas de crime, os investigadores devem discernir entre uma cena realmente desorganizada ou se houve por parte do criminoso uma simulação para que aquela pareça casual e descuidada. Esse fator ajudará na montagem do perfil criminal, mas o discernimento pode ser muito difícil quando se trata de um criminoso muito astuto.

Existem alguns sinais que devem chamar a atenção dos investigadores e alertá-los de uma possível encenação. Os

criminosos que encenam as cenas freqüentemente cometem erros, uma vez que arrumam o local como eles “acham” que deveria estar, ou que seria normal estar. Eles estão sob grande *stress* e com muita pressa, portanto sendo difícil colocar tudo em uma ordem lógica. Assim, inconsistências podem aparecer e indicar aos investigadores que aquela cena provavelmente foi alterada.

Eles devem analisar todas as evidências em separado e depois no contexto total, incluindo-se aqui a atividade do criminoso, como entrou, sua interação com a vítima e como arrumou o corpo.

Vários fatores devem ser considerados, como por exemplo se o motivo aparente foi assalto, algo estranho foi levado ou deixado?

Em um caso analisado pelo NCAVC, um homem voltando para casa após o trabalho flagrou um assaltante em sua casa e foi morto por ele na sua fuga. O assaltante não levou nada, mas parecia estar desmontando um grande aparelho de som e TV. Num inventário mais acurado, a polícia percebeu que bens pequenos e de maior valor do que o aparelho de som foram deixados para trás, apesar de serem facilmente transportáveis (jóias, coleção de moedas, etc). Depois da investigação, a polícia concluiu que a esposa do morto pagou ao assaltante para assassinar seu marido neste assalto

encenado. Na verdade, ela estava tendo um caso com um dos suspeitos.

Outro ponto que merece bastante atenção é o modo de entrada no local do crime. O criminoso entrou pelo modo mais fácil? Escolheu uma entrada onde pudesse ser facilmente visto pela vizinhança ou por alguém que chamaria a polícia?

Deve também ser observado se o criminoso se colocou em alto risco cometendo o crime à luz do dia e em local movimentado.

Sinais de alerta forenses devem também ser investigados quando não se ajustam ao crime, indicando assim encenação. Ataques pessoais durante assaltos levantam suspeitas, especialmente se ganhos materiais parecem ser o motivo inicial. Esses assaltos podem incluir o uso de armas oportunas, estrangulamento manual ou por fio, rostos espancados e trauma excessivo daquele necessário para causar a morte (*overkill*). Em outras palavras, os ferimentos se adequam ao crime?

Homicídios domésticos e sexuais usualmente são encenados como se fossem ataques pessoais durante assaltos de bens.

Devemos levar em conta que o assaltante, que é “perturbado” na execução de seu plano, mata de forma limpa e rápida, uma vez que seu objetivo não é a vítima em si, mas sim o objeto do roubo. Além disso, diminui o seu tempo de permanência na cena do crime.

Já nos homicídios domésticos e sexuais, é a vítima a prioridade do criminoso; ela recebe grande atenção e demanda tempo.

Outra discrepância que merece atenção ocorre quando a história da testemunha não coincide com os fatos encontrados na autópsia. O depoimento do sobrevivente é de importância na análise dos fatos.

Um homem foi encontrado afogado numa banheira com a água ainda correndo e um ferimento na cabeça. A primeira impressão era de que o homem ia tomar banho, e ao entrar na banheira escorregou, desmaiou e se afogou. Na autópsia, alguns fatos novos

chamaram a atenção da polícia: havia vários ferimentos na cabeça e foram encontradas nas análises do sangue altas dosagens de Valium, um sedativo poderoso. Insistindo então no interrogatório da ex-esposa, descobriram que esta havia estado com o ex-marido naquela noite. Mais tarde, confessou que temperou a salada dele com aquele sedativo no jantar, e quando ele ficou desacordado ela deixou três homens previamente contratados entrarem na casa, matarem o marido e fazerem parecer com que se tratasse de um acidente.

Os investigadores freqüentemente encontram discrepâncias no caso de encenação de estupro seguido de morte. Se o criminoso for próximo à vítima, ele nunca a deixará completamente nua e exposta, coisa que raramente acontece em homicídios verdadeiramente sexuais. Além do mais, apesar da posição do corpo e da retirada de algumas roupas, a autópsia pode confirmar ou negar se alguma forma de ataque sexual aconteceu ou se a cena do crime foi montada.

Se os investigadores suspeitarem que a cena do crime foi montada, devem procurar por sinais que associem a vítima ao criminoso, ou, como é freqüente em casos de violência doméstica, o envolvimento de uma terceira pessoa, em geral aquela que encontrou o corpo. O criminoso manipula para que o corpo seja descoberto por outro familiar ou vizinho, ou para convenientemente estar acompanhado por alguém quando da descoberta da vítima morta.

Quanto mais conhecimento os investigadores tiverem sobre todos esses fatos, mais equipados estarão para fazerem as perguntas certas para obtenção da verdade, verem a história do crime em cada cena que analisarem e encontrarem o criminoso.

Exemplo Real de Encenação

Num sábado pela manhã, na pequena cidade de Northeastern, um intruso desconhecido atacou um homem e sua mulher. Tudo levava a crer que o desconhecido, colocando uma escada no lado de fora da casa, pareceu subir por ela até o terraço do segundo andar, removeu a tela da janela e entrou. Tudo isso aconteceu numa área residencial, em uma hora do dia em que os vizinhos estariam fazendo suas tarefas de fim de semana.

O marido alegou ter ouvido barulho no andar de baixo, e foi armado com um revólver para investigar. Uma luta entre a vítima e o assaltante começou, e ela foi deixada inconsciente como resultado de uma pancada na cabeça.

O assaltante então subiu as escadas e matou a esposa estrangulando-a manualmente. O corpo foi deixado com a camisola levantada até a cintura da vítima, levando a crer que a havia atacado sexualmente. A filha de 5 anos do casal dormia no quarto ao lado.

Na investigação e análise da cena do crime, os detetives perceberam que não havia marcas da escada no chão úmido ao lado da casa, mas quando tentaram subir por ela imediatamente o chão ficou marcado. Além disso, a escada estava ao contrário e muitos degraus de madeira estavam podres, tornando impossível agüentar alguém pesando mais de 25kg.

A cena do crime também levantava questões que não podiam ser respondidas com lógica: por que o criminoso escolheu entrar pelo segundo andar e não pelo primeiro, aumentando as possibilidades de ser visto pelos vizinhos? Por que assaltar numa manhã de sábado? Por que escolher uma casa em que os carros estavam estacionados na garagem, demonstrando que os ocupantes estavam dentro dela?

Dentro da casa, outras inconsistências foram observadas: se a intenção era assassinato, por que o criminoso não procurou as

vítimas assim que entrou, e sim desceu as escadas para o primeiro andar?

Também não tinha vindo equipado para matar, porque de acordo com a testemunha, o marido, nunca sacou um revólver. Além disso, a pessoa que mais ameaçava o criminoso era o marido, e este só recebeu ferimentos leves. Nessa análise, que revelou grande atividade do criminoso e nenhum motivo para o crime, a polícia concluiu que o marido encenou o homicídio para fazer parecer ser trabalho de um intruso, e não dele mesmo. Foi condenado pelo assassinato de sua esposa.

Casos da Vida Real



ED GEIN



Uma Inspiração

para Hitchcock

ED GEIN



Edward Gein (à direita)
Julgamento: insanidade?
© Associated Press

Nasceu Edward Theodore Gein em 27 de agosto de 1906, filho de Augusta e George Gein, em La Crosse, Wisconsin. Morava em uma pequena fazenda na cidade de Plainfield, no mesmo estado.

Gein viveu uma repressiva e solitária vida na propriedade rural da família. O pai, George, era alcoólatra; a mãe, Augusta, religiosa, dominadora e abusiva. O irmão, Henry, era fraco e indiferente e, desde cedo, os dois meninos foram ensinados a temer o sexo, por ser altamente pecaminoso.

A partir de 1940, sua vida mudou drasticamente com a morte do pai. Os dois irmãos herdaram a fazenda, tendo de fazer todo o trabalho, enquanto a mãe dirigia suas vidas. Ela não se casou novamente. Fazia questão de que os filhos acreditassem que mulheres iriam separar a família e trair qualquer amor para elas oferecido. Segundo Augusta Gein, esta era a natureza de qualquer mulher menos dela própria, obviamente.

Em 1944, houve um incêndio na fazenda dos Gein. Segundo algumas fontes, Henry morreu neste incêndio florestal, depois de cair numa armadilha do fogo e inalar muita fumaça. Outros dizem que ele teria morrido no celeiro, lutando contra o fogo.

Alguns acreditam que Henry teria sido assassinado pelo próprio irmão, que desejava ficar sozinho com a mãe. A verdade nunca ficou comprovada. No mesmo ano, Augusta Gein sofreu um derrame, que a incapacitou seriamente. Seu filho a cercou de cuidados até que morresse, em 1945. Ed então ficou completamente sozinho pela primeira vez, aos 39 anos de idade. Sua perturbação era profunda, e ainda se sentia escravo emocional da mulher que havia tiranizado sua vida.

Ed Gein trancou o quarto da mãe para que ficasse eternizado do modo como ela o deixou. Passou a usar somente o andar inferior da casa, e seu jeito desleixado fez com que tudo começasse a se degenerar.

Graças a subsídios federais, parou de cultivar as terras da fazenda e passou a prestar pequenos serviços para a vizinhança. Abandonou completamente seus afazeres pegando serviços extras para os residentes de Plainfield, conseguindo ganhar assim algum dinheiro. Era inclusive babá de crianças (*baby-sitter*).

Morava sozinho na casa da família, perseguido e caçado pelo fantasma de sua mãe. Na comunidade, passou a ser conhecido como o “estranho velho Eddie”.

Começou a desenvolver um profundo interesse pela anatomia feminina. Estudava o assunto em enciclopédias médicas, livros de anatomia, romances de horror e revistas pornográficas. Eddie interessou-se principalmente pelas atrocidades cometidas pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial, e nos experimentos impingidos aos judeus nos campos de concentração.

A fixação de Gein pelo corpo de mulheres o levou a querer examinar a coisa real. Lia obsessivamente a seção de obituários dos jornais, para saber das mortes do dia e seus locais de enterro. Com a ajuda de um amigo, Gus, desenterrava corpos recém-enterrados nos cemitérios de Wisconsin. Gus acreditava que Eddie fazia “estudos científicos”.

Gein levava os corpos para a sua casa, dissecava-os e guardava algumas partes como cabeças, órgãos sexuais, fígados, corações e intestinos. Os corpos que utilizava eram sempre de mulheres com a idade aproximada de sua mãe quando morreu.

Num certo momento, na progressão de sua insanidade, passou a retirar a pele dos corpos que roubava e fazer "roupas", em volta de um velho manequim de alfaiate. Certas noites vestia estas "roupas" e fazia um estranho ritual ao redor de sua casa, dançando, pulando e dando cambalhotas esquisitas.

Ed tinha especial fascinação pela genitália feminina. Brincava e afagava as partes íntimas das mulheres que desenterrava, e recheava "calças femininas" com elas para poder sentir-se mulher. Tinha o desejo intenso de ser mulher, e estudava anatomia pensando na possibilidade de uma operação para mudança de sexo.

Cada vez foi ficando mais isolado, desencorajando visitantes na sua negligenciada e abandonada fazenda.

As coisas continuaram assim até que seu amigo Gus, também um solitário, foi internado em um asilo. Agora, desenterrar corpos já não era tão fácil, e o desejo por “carne fresca” começou a ficar intenso. Gein passou a matar...

Sua primeira vítima foi Mary Hogan, uma divorciada de 54 anos que gerenciava a Taverna Hogan. Em 8 de dezembro de 1954, estava sozinha quando Ed Gein chegou ao seu estabelecimento. Ele atirou em sua cabeça com uma arma calibre .32, colocou o corpo em sua *pick-up* e levou-a para a sua casa.

Um cliente que chegou logo em seguida ao acidente encontrou a taverna vazia. Notificou a polícia. Uma grande poça de sangue manchava o chão, e um cartucho calibre .32 jazia ali perto. As manchas seguiam pela porta do fundo em direção ao estacionamento, até chegar às marcas de pneu no chão que pareciam ser de uma *pick-up*.

Apesar de concluir que Mary Hogan havia sido baleada e levada dali, a polícia foi incapaz de encontrar qualquer pista sobre o desaparecimento da mulher. Ninguém percebeu que, fisicamente, Mary Hogan se parecia muito com Augusta Gein.

Em 1957, Eddie aproximou-se de Frank Worden, xerife substituto da cidade. Demonstrava grande interesse pelos planos de caça de Frank, que lhe contou seu projeto de sair para uma caçada no dia 16 de novembro, sábado. Eddie comentou que passaria em sua loja de ferragens naquele dia. A loja era dirigida pela mãe de Frank, Bernice Worden, 59 anos.

Ao chegar em casa na noite do dia 16, Frank encontrou tudo fechado e apagado. Entrou chamando pela mãe, que não encontrou. Verificou as notas de venda daquele dia, até se deparar com um recibo de venda de um galão de líquido anticongelante feito com a letra de sua mãe, em nome de Ed Gein. Um frio terrível percorreu sua espinha.

A máquina registradora da loja também havia sido levada. No chão da loja, manchas de sangue. Um atendente de uma garagem local disse ter visto um caminhão da loja indo embora às 9h30min daquela manhã. Frank imediatamente chamou o xerife Schley. Os

dois resolveram ir até a fazenda de Eddie, só para uma verificação de rotina.

Ao chegarem à fazenda, espantaram-se com a degeneração do local. Ed não foi encontrado, e tudo estava trancado. Seguiram então pelas redondezas à sua procura, até que tiveram sucesso em sua busca numa quitanda próxima. Ed jantava com os proprietários, e já estava para sair.



O corpo de Bernice Worden

O xerife Schley o abordou e pediu que entrasse no carro da polícia onde responderia algumas perguntas. Gein reagiu mal. Respondeu como alguém poderia querer culpá-lo do assassinato de Bernice Worden. Foi preso imediatamente: ninguém havia mencionado ainda a morte de Bernice, mesmo porque ainda não sabiam o que havia acontecido.

Já preso, Gein foi conduzido de volta para a sua fazenda. Ali, uma horrível evidência provou que a bizarra obsessão dele o havia tornado um assassino... Bernice Worden jazia nua, pendurada de cabeça para baixo num gancho de carne como os de açougue, cortada de cima a baixo frontalmente. Sua cabeça e intestinos foram descobertos em uma caixa, seu coração em um prato sobre a mesa

da sala de jantar, além de outras partes que cozinhavam numa panela sobre o fogão.

Aqui está uma lista dos itens encontrados na casa de Ed Gein:

— Uma poltrona feita de pele humana.

— Um cinto feito de mamilos.

— Uma cabeça humana.

— Quatro narizes.

— Um coração humano.

— Um terno masculino feito inteiramente de pele humana.

— Uma mesa escorada com ossos de canela humana.

— Nove máscaras mortuárias feitas com faces de mulheres mortas, que decoravam seu quarto.

— Pulseiras de pele humana.

— Uma bolsa feita de pele humana.

— 10 cabeças de mulheres cortadas acima das sobrancelhas.

— Uma bainha para faca feita de pele humana.

— Um par de calças de pele humana.

— Quatro cadeiras onde a palha foi substituída por pele entrelaçada.

— Uma caixa de sapatos contendo nove vulvas salgadas, sendo a de Augusta Gein pintada de cor prata.

— Uma cabeça humana pendurada num cabide.

- Uma “camisa feminina” feita de pele humana.

- Várias cabeças humanas encolhidas.

- Dois crânios enfeitando os pés da cama de Ed Gein.

- Dois lábios humanos pendurados num barbante.

- Uma coroa de um crânio transformado em prato de sopa.

- Uma geladeira repleta de órgãos humanos.

— Cúpulas de abajures feitas de pele humana.

— Cabeças recheadas com jornal e expostas como troféus.

— Um sutiã feito com o torso de uma mulher.

Calcula-se que foram encontradas partes de quinze corpos humanos na fazenda de Ed Gein, mas ele nunca conseguiu lembrar-se de quantos assassinatos realmente cometeu. Foi processado apenas pelas mortes de Mary Hogan e Bernice Worden.

Após passar 10 anos internado num hospital psiquiátrico, Ed Gein foi julgado competente para ir a julgamento. Foi considerado culpado pelos crimes, mas criminalmente insano e enviado ao Hospital Estadual Central de Waupun. Em 1978, foi removido para o Instituto de Saúde Mental de Mendota, onde morreu de velhice em 1984, aos 77 anos.

Sempre foi um prisioneiro modelo: gentil, polido e discreto. É suspeito de ter cometido pelo menos mais cinco assassinatos, mas nada foi provado. Declarou à polícia que jamais teve relações sexuais com os cadáveres que obtinha, mas gostava de tirar sua pele e vestir-se com ela.

As suspeitas sem provas que pairavam sobre Ed eram várias. Contava-se na cidade que ele teria sido convidado, numa certa ocasião, para a casa de seus vizinhos mais próximos, os Bankses. Ali estava uma parente da família que usava shorts, e Eddie não tirava os olhos dela. Tarde da noite, um intruso arrombou a casa da tal parente e pegou seu filho pequeno pela garganta, perguntando por sua mãe. O intruso se assustou com algum barulho e fugiu antes que o garoto pudesse responder. Ele acha que reconheceu Ed Gein.

Georgia Weckler, 8 anos, desapareceu vindo da escola para casa, em 1º de maio de 1947. A única pista que a polícia tinha sobre o caso eram marcas de pneu de um carro da marca Ford. O caso foi reaberto depois da prisão de Gein.

Evelyn Hartley, 15 anos, desapareceu no caminho de sua casa, situada em La Crosse, Wisconsin. O pai dela, depois de ligar insistentemente para casa sem obter resposta, resolveu voltar mais cedo para a sua residência e verificar o que estava acontecendo. Como ninguém atendia a campainha, olhou pela janela e viu um dos sapatos e óculos da filha no chão da sala. Tentou entrar, mas todas as portas e janelas estavam trancadas, exceto uma: a do porão. Marcas de sangue manchavam a janela e, dentro, sinais de luta. Chamou a polícia, que encontrou outras evidências, como uma planta amassada com manchas de sangue, uma marca de mão em sangue numa casa vizinha, pegadas e o outro pé do sapato de Evelyn. Suas roupas manchadas de sangue foram encontradas alguns dias depois numa estrada perto de La Crosse, mas seu corpo nunca foi achado.

Ed Gein inspirou vários filmes e livros. Robert Bloch usou sua história para escrever a personagem Norman Bates, em *Psicose*. O filme de Hitchcock, com o mesmo nome, baseia-se nele.

Em 1974, os filmes clássicos de Tobe Hooper, *The Texas Chainsaw Massacre 1, II e III*, também tinham toques de Gein.

No livro de Thomas Harris, que originou o filme *O Silêncio dos Inocentes*, o assassino Buffalo Bill também costurava roupas com

pele humana e as vestia, como Ed, usando-as em estranhos e insanos rituais.



Túmulo de
Edward Gein
Flores para o
Legendário
Criminoso
© David Lohr



IVAN MARKO

MILAT



O Assassino de

Mochileiros

IVAN ROBERT MARKO MILAT

— O ASSASSINO DE MOCHILEIROS

1990— Delegacia da Cidade de Bowral— Austrália

Entram na delegacia um homem e uma mulher, Paul Onions e Joanne Berry. O rapaz está bastante aflito. Conta sua história para o investigador de plantão.



Irmanos Milat: Richard à esquerda,
Ivan à direita
Cara de um, "focinho" do outro!
© Associated Press

Paul, inglês, resolveu passar suas férias na Austrália, levando apenas uma mochila e pouco dinheiro. Sua intenção era conhecer o país pegando carona. Era um método barato e eficiente.

Na estrada, esperando ter um pouco de sorte, ficou aliviado ao ver um carro parar. O motorista era bem apessoado, musculoso e usava bigodes estilo "Zapata". Simpático, concordou em dar carona a Paul.

No caminho, iniciou-se uma agradável conversa. O homem disse ser divorciado, descendente de iugoslavos e proprietário de terras perto de Liverpool. Paul também contou que veio da Inglaterra para aproveitar bem suas férias, conhecendo a Austrália. Não, não tinha nenhum parente ou amigo naquele país.

No meio da conversa, e antes que Paul percebesse o que estava acontecendo, o homem tirou uma arma de baixo do banco do carro

e anunciou um assalto.

Paul, assustado demais para lembrar-se das recomendações de nunca reagir a um assalto, agiu por puro reflexo: abriu a porta do carro, pulou para fora e começou a correr desenfreadamente pela estrada.

Joanne Berry vinha pela mesma estrada, quando viu o rapaz entrar com desatino na sua frente. Freou o mais rápido que pôde, desconfiada.

O rapaz, desesperado, disse estar sendo perseguido por um assaltante, e implorou sua ajuda. Joanne, ao mesmo tempo penalizada e desconfiada, resolveu ajudar. Deixou o moço entrar no seu carro e levou-o até a delegacia mais próxima onde fizeram um boletim de ocorrência.



16 de Setembro de 1992 — Floresta de Belangalo — Austrália

Sábado. Ken Seily e Keith Caldwell, parceiros de *motocross*, participavam de uma corrida na mata. Numa de suas paradas, sentiram um forte odor de carniça. Ao procurarem por uma carcaça de animal, encontraram o que parecia ser restos mortais humanos.

Assim que a corrida terminou, a polícia de Bowral foi informada sobre os restos mortais encontrados na Floresta de Belangalo.

Para investigar a cena do crime descoberta pelos dois motoqueiros, foi designada uma unidade policial de Goulburn, a maior e mais próxima cidade de Bowral, juntamente com uma equipe de investigadores de homicídios. Naquele momento, nenhum deles tinha idéia de que estava se iniciando a maior investigação criminal da história australiana.

Sua primeira providência foi imediatamente levantar se havia mochileiros desaparecidos naquela área.

No dia seguinte, a 40 metros da cena do crime que estava sendo analisada, outro corpo foi encontrado. Estava parcialmente encoberto por um tronco de árvore, e só se via um pedaço de perna e um sapato, saindo por debaixo das folhas secas espalhadas pelo chão.

A mídia logo sugeriu que seriam os corpos de duas mochileiras inglesas que haviam desaparecido na Austrália cinco meses antes: Caroline Clark e Joanne Walters. Elas haviam partido juntas de King Cross em direção ao sul, tentando encontrar trabalho para pagar suas despesas de férias.

Antes que a identidade das vítimas fosse confirmada, a notícia já tinha se espalhado pelo mundo. Várias famílias começaram a acompanhar o noticiário atentamente.

A família Neugebauer, na Alemanha: seu filho Gabor e a namorada Anja sumiram sem deixar vestígios depois de sair de um albergue para mochileiros em King Cross, em 26 de dezembro de 1991.

A família Schmidl, de Regensburg, perto de Munique: sua adorada filha Simone havia desaparecido ao sair de Sydney, em 1991.

A família Everist, de Frankston, Vitória, Austrália, que não tinha notícias de sua filha Deborah e seu amigo James Gibson desde 1989.

Em 20 de setembro de 1992, a polícia identificou os corpos como sendo de Caroline Clark e Joanne Walters.

Os pais de Joanne, já completamente desesperados com o desaparecimento da filha, encontravam-se na Austrália, onde alugaram uma *van* para tentar, sozinhos, encontrar sua menina.

Ian e Jackie Clarke, pais de Caroline, receberam a triste notícia pelo telefone. Voaram imediatamente da Inglaterra para a Austrália.

Quando as autópsias foram feitas, ficou claro que as duas meninas tinham sido assassinadas de forma violenta e cruel.

Joanne Lesley Walters

Joanne tinha sido esfaqueada repetidamente no coração e nos pulmões. Os cortes eram tão profundos, que um deles seccionou sua espinha dorsal.

Ela ainda usava suas jóias; vestia *blue jeans* e sapatos pretos. Curiosamente, o zíper de sua calça estava aberto, mas o botão não.

Seu corpo estava em adiantadíssimo estado de decomposição. Foi pesada e radiografada, em busca de balas ou outros objetos metálicos, mas nada foi encontrado.

O Dr. Peter Bradhurst, legista encarregado do caso, iniciou então um exame externo, buscando quaisquer evidências que pudessem trazer alguma pista para as investigações.

As mãos e roupas de Joanne continham cabelos escuros. Um pedaço de pano usado como mordaca foi retirado de seu crânio, e outros restos de pano foram encontrados em sua garganta, sugerindo claramente tratar-se de um caso de estrangulamento.

No exame interno não foram encontrados sinais de penetração vaginal ou anal, mas o grave estado de decomposição do corpo poderia facilmente mascarar esses fatos.

Amostras de unha e cabelo foram retiradas e arquivadas. Também foi feita uma lâmina com material vaginal, pois indícios de sêmen podem ser descobertos até meses depois da morte.

O peito de Joanne mostrava três facadas do lado direito, uma do lado esquerdo e uma no pescoço. Quando o corpo foi virado de bruços, o Dr. Bradhurst não pôde acreditar no que via... Mais duas

facadas do lado esquerdo, cinco do lado direito e duas na espinha, na base do pescoço. Ao todo, foram contadas e medidas 14 facadas, cinco delas propositadamente tinham atingido a espinha dorsal. O Dr. Bradhurst conjecturou se o assassino primeiro paralisou sua vítima, para depois esfaqueá-la até a morte.

Duas costelas de Joanne foram totalmente cortadas. Mãos e braços não continham ferimentos defensivos, daqueles que aparecem quando as pessoas tentam se defender de um ataque à faca com as mãos. Este fato e as amarras de tecido corroboravam a teoria de que o assassino estava em pleno controle da situação no momento do crime.

As medidas e o formato dos cortes indicavam que uma faca Bowie ou similar havia sido utilizada.

Caroline Jane Clarke

Caroline havia sido esfaqueada e levou inúmeros tiros na cabeça.

Debaixo de sua cabeça, foram encontrados três cartuchos de bala.

Em seu corpo, mais quatro balas. O estado de decomposição do corpo de Caroline era mais grave do que o do corpo de Joanne.

Os braços de Caroline estavam estendidos acima da cabeça, que estava envolvida por um pano vermelho. Os buracos de bala eram visíveis no tecido, indicando que sua cabeça estava coberta no momento dos tiros.

O pano foi cuidadosamente removido da cabeça de Caroline, deixando à mostra 10 buracos de entrada de balas, e apenas quatro de saída. Quatro cartuchos completos de calibre .22 foram retirados

de dentro de seu crânio. Sua face e maxilares estavam esmigalhados, como resultado dos estragos provocados na saída das balas.

Caroline tinha levado uma facada na base do pescoço, idêntica àquela sofrida por Joanne.

As balas foram imediatamente enviadas para testes balísticos, e posteriormente foi concluído que os tiros foram dados de três direções diferentes. O estranho é que as balas foram encontradas todas juntas, indicando que o assassino tinha utilizado a cabeça de Caroline como um alvo, apenas mudando a posição de tiro. Até os profissionais forenses mais experientes ficaram chocados com a violência e crueldade dos crimes.

A Cena do Crime

Distante aproximadamente 4 metros do corpo de Caroline Clarke, os detetives encontraram seis bitucas de cigarro, todas da mesma marca. Obviamente, o assassino havia passado bastante tempo ali.

Não muito longe, acharam o cartucho deflagrado de uma arma calibre .22, e perto dele um plástico verde do tamanho de uma moeda.

Especialistas em balística exploraram a área com um detector de metais, até recolherem mais nove cartuchos da mesma arma, a menos de 4m do corpo de Caroline.

Restos de uma fogueira feita de pedras estavam a 35m da cena do crime.

A polícia vasculhou toda a área, procurando mais corpos e objetos pessoais das vítimas. Nada encontrou. Anunciaram para a mídia que, naquela área, nenhum corpo mais seria encontrado, declaração que colocaria o departamento de polícia de New South Valley em maus lençóis pouco tempo depois.

O Perfil do Criminoso

Sem conseguir mais nenhuma pista, os trabalhos da polícia na captura do assassino de Caroline Clarke e Joanne Walters estavam completamente emperrados. Foi chamado então o Dr. Rod Milton, psiquiatra forense com 20 anos de experiência, para fazer o perfil criminal.

Em 1989, o Dr. Milton tinha tido sucesso ao montar o perfil de John Wayne Glover, que havia estrangulado seis senhoras de idade avançada e foi capturado graças à sua ajuda.

O Dr. Milton foi até a cena do crime, pois, apesar da farta documentação, preferia trabalhar *in loco* para obter deduções precisas sobre o assassino em questão. Depois de andar calmamente por ali durante bastante tempo, sentou-se no local para tentar imaginar a seqüência dos fatos, por que a escolha daquele local e do modo e quais seriam as motivações do assassino.

Sua primeira conclusão foi a de que a área escolhida era familiar ao assassino, que raramente age em áreas que não conhece, e aquele não era um crime de oportunidade, e sim um assassinato planejado com extremo cuidado.

Seu passo seguinte foi comparar o modo como as duas vítimas haviam sido mortas.

Caroline Clarke foi morta de modo frio e calculado. A maneira como o pano vermelho envolvia sua cabeça indicava que o assassino tinha a intenção de despersonalizá-la antes de matá-la. O ângulo dos tiros sugeria que ela estava de joelhos quando foi dado o primeiro tiro. Suas roupas estavam intactas, exceto pelo fecho frontal de seu sutiã, que estava aberto. Suas roupas da parte inferior do corpo estavam intocadas na hora de sua morte, o que demonstrava que aquele não era um crime de motivação sexual. Tratava-se de uma execução.

O ferimento de faca nas suas costas havia sido feito após a sua morte, para demonstrar que o assassino estava no total controle da vítima durante o crime. Se assim não fosse, havia um cúmplice.

A maneira como foi encontrado o corpo de Caroline, com os braços acima da cabeça, também indicava para o Dr. Milton que o assassino havia planejado e controlado todo o crime, com a vítima suplicando por sua vida até ser morta.

O local e o modo como o corpo de Joanne Walters foi encontrado indicavam uma situação totalmente diferente. Aqui, em comparação com o assassinato de Caroline, havia marcas de frenesi e ódio descontrolados.

O desarranjo das roupas de Joanne indicava um ataque sexual. Sua camiseta e sutiã estavam puxados para cima, com o fecho do sutiã ainda abotoado. O zíper da calça estava aberto, mas o botão fechado. Nenhuma calcinha foi encontrada no corpo ou nas proximidades.

O Dr. Milton teorizou que as calças de Joanne não foram tiradas, pois seus sapatos estavam calçados e amarrados. Deviam ter sido simplesmente abaixadas para permitir o ato sexual antes ou depois da morte. A calcinha provavelmente havia sido cortada, arrancada e levada como troféu.

O único motivo no qual o Dr. Milton pôde pensar para a motivação do crime foi... prazer!

Se havia dois assassinos envolvidos neste crime, então um era mais velho e dominante e o outro, apesar de igualmente sádico, mais submisso. Sugeriu que poderia se tratar de dois irmãos, que dividiam o mesmo interesse por armas de fogo e caça, além de anteriormente já terem se envolvido em crimes sexuais, juntos ou separadamente.

Segundo o perfil elaborado, o assassino:

1. Seria morador de área semi-rural.

2. Estaria empregado em trabalho de média habilidade, provavelmente externo.

3. Estaria envolvido numa instável e insatisfatória relação.

4. Seria homossexual ou bissexual.

5. Teria histórico de agressão a autoridades.

6. Teria entre 30 e 40 anos.

Em nenhum momento, o Dr. Rod Milton imaginou que se tratasse de um assassino serial. Com o fim do ano se aproximando e o caso longe de uma solução, os investigadores começaram a pesquisar crimes parecidos.

Outubro de 1993

Bruce Pryor, morador local da Floresta de Belangalo, coletava lenha nas proximidades de sua casa sempre que podia. Acompanhou minuciosamente o noticiário sobre os corpos encontrados naquela região, mas notou que as buscas tinham diminuído consideravelmente. Não que o número de mochileiros desaparecidos fosse menor.

Foi então que decidiu, ele mesmo, em suas incursões na floresta, pesquisar áreas ainda inexploradas à procura de novas evidências. Seu trabalho teve êxito. Descobriu um esqueleto humano.

Bruce chamou imediatamente a polícia. As buscas recomeçaram, bem como a cobertura do caso pela imprensa.

Ao verificar o local para onde Bruce Pryor os levou, a polícia logo encontrou um par de sandálias e um chapéu de feltro preto. Um

investigador foi mandado de volta para pesquisar os arquivos, até concluir que aquele chapéu pertencia a James Gibson, desaparecido em 1989 juntamente com sua amiga Deborah Everist.

Anteriormente, a polícia havia descartado Gibson como vítima deste assassino, uma vez que sua mochila e câmara fotográfica foram encontradas à beira de uma estrada a 120km ao norte daquela floresta. A polícia estava confusa: se Gibson era uma das vítimas ali encontradas, por que seus pertences estavam do outro lado de Sydney? Teria o assassino agido premeditadamente ao fazer a polícia crer que Gibson não era sua vítima?

As buscas continuaram, e logo mais um corpo foi encontrado. Foi chamado um dentista forense, para exame da cena do crime.

Os dois esqueletos estavam incompletos, o que poderia ter sido causado por animais da área.

Ao lado do primeiro esqueleto, foram encontrados uma corrente de prata, um bracelete de pedras semipreciosas e um crucifixo de

prata. Devido aos tipos de objetos encontrados e ao pequeno tamanho do esqueleto, presumiu-se que se tratava de restos mortais de uma mulher.

O segundo esqueleto era maior, e ainda estava calçado com tênis brancos nos pés, devidamente amarrados. Comparando a arcada dentária documentada de James Gibson com aquele esqueleto, a identificação foi positiva.

A identificação do corpo feminino seria feita depois, mas todos tinham certeza de que se tratava de Deborah Everist.

Todos os itens da área do crime foram recolhidos, inclusive a calça jeans de Gibson, que estava com o zíper aberto, mas o botão fechado.

No dia seguinte, os legistas iniciaram seu trabalho.

James Harold Gibson

Seu esqueleto foi montado e os ossos, lavados com uma solução que evidenciaria qualquer ferimento neles.

Um ferimento à faca estava localizado no meio de sua coluna, seccionando três vértebras e separando o canal da espinha dorsal. Como nas outras vítimas, o Dr. Bradhurst conjecturou que esse tipo de ferimento havia paralisado o rapaz. Fazer tamanho estrago na coluna de um jovem forte como aquele requeria força.

Dois ferimentos de faca haviam perfurado os ossos do peito de James, com cortes nas costelas. Apareciam mais cortes de faca nos lados esquerdo e direito da frente do peito, e dois mais no alto das costas. Ao todo, sete ferimentos maiores marcavam o esqueleto. Muitos outros poderiam ter sido feitos ali sem atingir nenhum osso,

impossibilitando que fossem identificados tanto tempo depois da morte da vítima. O ferimento do peito foi medido, e era bastante similar àqueles encontrados nos corpos de Caroline e Joanne.

Deborah Phyllis Everist

Este esqueleto estava em péssimo estado. Parte da mandíbula estava quebrada, e faltava um pedaço. Várias fraturas foram encontradas na parte de trás do crânio. Quatro "talhos" na testa, dois de cada lado, foram constatados. Não eram profundos o

suficiente para serem mortais, mas haviam marcado o crânio na linha do cabelo. Uma facada havia penetrado o corpo na região lombar, perto da espinha.

A Cena do Crime

Foi designado o superintendente Clive Small como responsável pelas investigações. A investigação foi chamada oficialmente de "*task force Eyre*", nome de um lago australiano, mas informalmente logo passou a ser chamado "*task force air*". Small nomeou Rod Lynch como seu auxiliar, e montaram uma equipe.

O mapa da floresta foi dividido em partes, e quarenta oficiais andaram por cada pedaço, examinando centímetro por centímetro do chão da floresta. Se algo estranho era encontrado, as equipes forenses eram chamadas imediatamente para fotografar o local, marcar posições dos objetos no mapa principal e levar a evidência.

Times acompanhados de cães especializados ajudaram nas buscas, para detectar a presença de fósforo e nitrogênio no solo,

cheiros que corpos em decomposição exalam mesmo muito tempo após a morte.

A dez metros dos corpos, a polícia encontrou um sutiã preto com a marca de uma facada em um dos lados e cápsulas deflagradas pela arma do crime, que demonstravam tratar-se de uma. "Ruger" de repetição. A polícia levantou que 50.000 armas daquele tipo tinham sido importadas para a Austrália entre 1964 e 1982. Foi feita uma lista das lojas que venderam esse tipo de rifle, pois era obrigatório o registro completo da venda. Era como procurar uma agulha num palheiro, pois venda particular muitas vezes não tem registro.

Membros do clube local de tiro foram contatados, suas armas examinadas. Um dos membros comunicou à polícia que um amigo seu havia testemunhado algo suspeito na floresta, no ano anterior.

A polícia entrou em contato com o sujeito. Ele lhes deu uma acuradíssima descrição de dois veículos, um Ford Sedan e outro com tração nas quatro rodas, que havia visto entrando numa trilha da floresta. Contou em seu depoimento que, quando o primeiro carro passou, viu um homem dirigindo e no banco de trás dois homens com uma mulher entre eles. Ela estava com uma roupa amarrada em volta de sua cabeça, como se fosse uma mordaça. No segundo

veículo, segundo a testemunha, havia dois homens. Um dirigia, outro estava sentado atrás com outra mulher, também amordaçada.

O homem deu à polícia detalhes de todos os ocupantes dos carros, inclusive suas roupas, cores e idade aproximada. Afirmou que, na época dos fatos, havia anotado as placas dos veículos num cartão, mas que acabou perdendo-o. Depois do depoimento oficial, a testemunha assinou: Alex Milat.

Novembro de 1993

O sargento Jeff Trichter, em suas buscas, encontrou um par de jeans femininos cor pink, juntamente com uma corda azul e amarela, largada ao acaso. Perto dali, foi encontrada uma caixa de munição calibre .22.

Ao entrar mais naquela clareira, outros artigos foram encontrados: latas vazias de bebida com furos de bala, arame enrolado em laçadas, cápsulas de balas deflagradas e garrafas vazias. No fim da clareira, restos de uma fogueira feita de pedras.

Logo adiante, no fim do caminho, jazia um osso humano. Três metros depois, um crânio. Todas as equipes foram chamadas ao local. Dentro de uma bota de caminhar de couro, outro grande osso. Nada mais foi localizado nesta área.

Ao serem levados ao laboratório forense, os ossos foram identificados como sendo femininos. A mulher parecia ter estado ali sozinha. O crânio tinha uma bandana roxa à sua volta.

De posse da bandana e das roupas encontradas, a polícia começou a procurar nas fotos de pessoas desaparecidas alguém que estivesse usando algum desses itens. Logo encontraram a fotografia da alemã Simone Schmidl em que usava uma bandana semelhante.

Outros equipamentos mencionados na queixa do desaparecimento, como uma grande mochila e equipamento para camping, não foram encontrados. Pela arcada dentária, o corpo foi oficialmente identificado como sendo o de Simone. Esta jovem aventureira, chamada carinhosamente pelos pais de "*Simi*", tinha sido vista pela última vez em 20 de janeiro de 1991, em Liverpool, oeste de Sydney, caminhando em direção ao sul. Os pais de Simone, que estavam na Alemanha, souberam do caso do pior modo possível: pelo rádio. Sua filha voltou para casa apenas para ser enterrada.

Simone foi encontrada ainda parcialmente vestida, com sua camisa e roupa de baixo enroladas em seu pescoço. Um par de shorts verdes estava sobre sua pélvis, com o cordão desamarrado. Várias jóias e duas moedas foram encontradas perto do corpo. O par de jeans pink não combinava com a descrição do desaparecimento de Simone, e sim com o de outra alemã, Anja Habschied. Ela e seu namorado, Gabor Neugebauer, estavam desaparecidos desde dezembro de 1991.

Simone Loretta Schmidl

Nas análises feitas pelo legista Dr. Bradhurst no corpo de Simone, não restaram dúvidas de que se tratava do mesmo assassino.

Não havia ferimentos no crânio. O peito e as costas mostravam inúmeras facadas, dos lados direito e esquerdo, frente e costas, incluindo o famoso corte da espinha dorsal.

Antes de terminar sua análise, o Dr. Bradhurst foi chamado novamente na floresta: mais dois corpos haviam sido encontrados!

A Cena do Crime

No fim da área demarcada no mapa da polícia como "área A" estavam os corpos de Gabor e Anja, como depois ficou confirmado pelos registros dentários.

Os restos mortais de Gabor estavam embaixo de uma pilha de folhas, parcialmente cobertos por um grande tronco de árvore. Foram necessários vários policiais para que o tronco fosse afastado do corpo.

O esqueleto estava completo, com os restos das roupas ainda aparentes, inclusive uma calça jeans com o zíper aberto e o botão fechado. Este parecia ser o modo como o assassino assinava seus crimes.

O segundo corpo tinha as roupas levantadas até os ombros, e nenhuma roupa íntima foi achada por perto. O jeans pink tinha sido deixado longe dali.

A 60 metros do local dos corpos, foram localizadas 90 cápsulas de balas deflagradas e pacotes vazios de munição. Depois de serem examinadas no microscópio, a balística concluiu que essas balas eram as mesmas encontradas perto do corpo de Joanne Walters. A

mesma arma que havia matado Joanne Walters foi utilizada a apenas 60 metros dos restos mortais de Anja e Gabor...

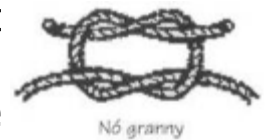
Anja Habschied

A novidade nesta cena é que estavam faltando o crânio e as primeiras duas vértebras do esqueleto feminino. O Dr. Bradhurst deduziria depois que a cabeça da moça foi separada do corpo por um instrumento afiado, provavelmente um machado ou uma espada. O ângulo de decapitação indicava que a vítima estava de joelhos com a cabeça abaixada quando o corte foi feito.

Eram os sinais de uma decapitação ritual. Nenhum outro ferimento era evidente.

Gabor Kurt Neugebauer

Ao examinar o corpo de Gabor, o Dr. Bradhurst descobriu que sua boca continha duas mordanças: uma amarrada sobre a boca, com um nó "*reef*"³⁰, e outra dentro da boca. Desta vez, a mordança estava amarrada com um nó diferente das outras: um nó "*granny*"³¹.



Gabor havia sido estrangulado, fato concluído observando-se a fratura do osso hióide, na garganta, o que ocorre em decorrência de estrangulamento manual.

A mandíbula estava fraturada em vários lugares. O crânio mostrava seis entradas de balas, três pelo lado posterior esquerdo e as outras por baixo. Um buraco de saída foi encontrado do lado

direito. Quatro balas foram recuperadas de dentro do crânio de Gabor, e uma quinta se alojou nos ossos da parte de cima do corpo.

Um especialista em balística não encontrou nada mais na cena do crime, e o alinhamento entre os buracos de entrada e saída de balas no corpo de Gabor indicava que ele havia sido alvejado sete vezes. Concluiu-se que ele não havia sido morto no mesmo local em que seu corpo foi encontrado.

A Investigação

A mais terrível conclusão dos médicos e investigadores foi que sete pessoas haviam sido assassinadas de várias maneiras pelo mesmo homem: espancadas, estranguladas, alvejadas por arma de fogo, esfaqueadas e decapitadas. A maioria foi molestada sexualmente de alguma maneira, homem ou mulher.

Como o número de ferimentos era crescente em cada vítima, o time de investigação deduziu que o assassino passava cada vez mais

tempo com elas. Esse fato indicava que, além de cruel e sádico, era calculista e tinha um bocado de autoconfiança!!!

A força-tarefa para investigar o crime era tão grande que a confusão eventual era inevitável. Perdiam-se dados importantes.

Dois telefonemas vitais efetuados para a força-tarefa passaram despercebidos.

O primeiro era de uma mulher, pedindo para a polícia verificar o antigo patrão de seu namorado. Ele era um homem estranho, que tinha uma propriedade perto da floresta, guiava um carro tipo 4x4 e colecionava armas. Seu nome era Ivan Milat.

O segundo telefonema foi dado por Joanne Berry, contando a história da carona que havia dado para um inglês mochileiro que havia sido atacado... lembram-se? O oficial que pegou seu depoimento não anotou seu nome ou endereço, apenas agradeceu e desligou o telefone.

As buscas oficiais foram suspensas em 17 de novembro de 1993. Não foi encontrado mais nenhum corpo ou evidência.

Em dezembro daquele ano, as pistas não pareciam levar a lugar nenhum. Os telefonemas dados à linha quente da polícia foram listados, e 200 deles foram selecionados como importantes. Todos foram relidos e reavaliados. Os depoimentos de Paul Onions e Joanne Berry foram separados. Paul também havia ligado para a Austrália depois das notícias internacionalmente divulgadas, relatando sua história.

1994

No ano de 1994, 37 detetives trabalhavam nas investigações do assassinato de mochileiros. Em três depoimentos revistos por eles constava o nome Milat.

Logo descobriram que se tratava de uma enorme família: uma viúva já de idade com 14 filhos, homens e mulheres.

As pesquisas da polícia mostraram que todos os homens integrantes da família Milat eram familiarizados com armas de fogo desde a mais tenra idade. Todos gostavam de atirar e colecionar armas.

O pai, Stephen Milat, era imigrante croata, que serviu no exército britânico durante a Segunda Guerra Mundial. Educou os filhos sob disciplina militar.

A polícia também levantou os endereços dos irmãos, e muitos deles viviam em subúrbios perto de Sydney, próximos aos locais onde os mochileiros assassinados tinham pegado carona pela última vez.

A atenção dos investigadores logo se prendeu nos dois irmãos mais velhos, Richard e Ivan. Ambos haviam trabalhado juntos numa empresa de nome "Readymix".

Em seus questionamentos na empresa, souberam que os irmãos Milat tinham trabalhado ali ao mesmo tempo. Ivan era trabalhador duro e respeitado, enquanto seu irmão Richard era lembrado como meio louco e imprevisível.

A ficha de trabalho dos dois homens foi requisitada. Na sua conferência, Richard estava trabalhando em cada ocasião pesquisada pela polícia. O mesmo não acontecia com Ivan.

A folha de serviço de Ivan Milat mostrava que ele estava de folga em cada ocasião em que houve um desaparecimento e morte de mochileiro. Ele acabava de se tornar o suspeito nº 1 da polícia.

Ivan Milat

O detetive Wayne Gordon, responsável por investigar a família Milat, logo descobriu que Ivan era um trabalhador de estradas, ávido caçador, não fumante e abstinente.

Ao verificar seus antecedentes criminais, descobriu-se que havia sido condenado por vários crimes, e passado anos na prisão. Nenhum de seus crimes anteriores indicavam que ele se tornaria um *serial killer*.

Gordon aprofundou sua pesquisa, e logo se arrepiou com o resultado: em 1971, Ivan tinha dado carona para duas mochileiras, de Liverpool para Melbourne. Foi acusado de estuprar uma delas. As duas garotas testemunharam que ele estava armado com uma faca

e carregava vários metros de corda no carro. Ivan Milat havia sido inocentado desse caso por falta de provas.

O suspeito foi colocado sob vigilância durante as 24 h do dia, por uma equipe de quatro policiais. Este esquadrão ficou conhecido como "Dog Squad", e não saía da cola de Milat nenhum segundo.

Foram chamados o Dr. Rod Milton e o Dr. Richard Basham, psiquiatras, além de Robert Young, sociólogo e analista de dados. Os investigadores queriam saber qual era o motivo dos crimes.

Todos os depoimentos já dados para a polícia foram examinados por esta equipe. Um deles chamou a atenção do Dr. Basham: o de um homem chamado Alex Milat. Ou aquele senhor tinha memória fotográfica, para que se lembrasse de tantos detalhes com perfeição, ou... teria participado dos acontecimentos!

O Dr. Basham também concluiu que mais de uma pessoa estava envolvida nos assassinatos, talvez um irmão. Milton contou a teoria para o detetive superintendente Clive Small, responsável pelas

investigações, dizendo a ele que os irmãos Milat poderiam sair juntos para caçar ou praticar tiro ao alvo em latas e garrafas. Small logo se lembrou dos Milat que Gordon estava investigando.

O uso de um silenciador, comprovado pela balística, fez com que os dois doutores concordassem que aquele assassino vivia em um mundo de fantasias. Também deduziram, pelo material estudado, que o criminoso provavelmente possuía uma motocicleta.

Outra dedução era que o criminoso se considerava acima da lei.

O Dr. Milton sugeriu que o criminoso não necessariamente morava na floresta, mas devia ir até lá com frequência ou ter alguma propriedade alugada naquela área. Depois de estudar vários mapas, deduziram que o assassino provavelmente vivia no norte. O fato de que todas as vítimas haviam sido vistas perto de Liverpool e que seus corpos foram encontrados na Floresta de Belangalo corroborou essa teoria.

Cada vez mais a família Milat se encaixava no perfil montado por aqueles especialistas.

Os investigadores conseguiram os registros de todos os carros que os irmãos Milat possuíam no passado. Um dos veículos, um Nissan Patrol 4x4 que havia pertencido a Ivan Milat, foi localizado com o novo dono. Ele mostrou à polícia uma bala encontrada embaixo do banco do motorista. Era uma calibre .22, mais tarde analisada e análoga com as das caixas vazias de balas encontradas nas cenas dos crimes.

Também descobriram que eles tinham em seu nome uma pequena propriedade a 37km de Belangalo.

O detetive Gordon continuava a juntar evidências, mas precisava de alguma coisa que amarrasse todas elas, que colocasse Ivan Milat e seu veículo na cena do crime.

Em 13 de abril de 1994, Gordon encontrou o relatório do telefonema de Paul Onions, cinco meses antes, para a linha quente

da polícia. Ao lê-lo, reconheceu em Paul uma testemunha com credibilidade suficiente e levou a informação imediatamente para seu chefe, Clive Small.

Este, ao perceber a importância da evidência perdida até ali, ficou furioso. Pediu os originais do boletim de ocorrência de Paul Onions da delegacia de Bowral.

Sabendo que os dois irmãos Milat, Richard e Ivan, eram fisicamente muito parecidos, checaram que, na data do ataque a Paul, Richard estava trabalhando, mas Ivan estava de folga. Também descobriram que Ivan estava trabalhando na área de "Galston Gorge" quando a mochila de James Gibson foi encontrada perto dali.

Vários colegas de trabalho de Ivan Milat foram entrevistados, e todos contaram à polícia sobre seu interesse por armas. Um amigo dele, Tony Sara, disse aos investigadores que Ivan também possuía uma motocicleta, além de um verdadeiro arsenal de armas em sua casa. Ivan, em conversa com ele, também tinha se referido de maneira estranha e misteriosa à Floresta de Belangalo.

No fim do mês de abril, a polícia contatou Paul Onions na Inglaterra, pedindo que ele fosse até Sydney o mais rápido possível.

Ao chegar, mostrou aos investigadores todo o caminho que andou no carro de seu agressor, além do local onde havia escapado, que ficava distante 1,5km da entrada da floresta.

No dia seguinte, 13 fotos numeradas de suspeitos foram mostradas a Paul Onions. Ele separou duas, resolvendo-se depois pela de nº 4: Ivan Milat.

Small tinha agora evidências suficientes para prender Milat pelo ataque a Paul Onions. Conseguiram um mandado de busca para a sua residência, para a de sua mãe e irmãos, pois se suspeitava que ele não agia sozinho.

A logística para que todas as buscas dessem certo foi extremamente complicada. Trezentos oficiais de polícia estariam

envolvidos na caça, e para que o sigilo fosse mantido, a maioria não foi informada do local e hora das buscas.

Como as horas de trabalho de Ivan não eram regulares, foi decidido que sua casa seria vasculhada às 6h30min do dia 22 de maio de 1994, um domingo.

O Dr. Rod Milton instruiu o chefe das negociações, Wayne Gordon, para a rendição de Milat, sobre qual deveria ser a melhor maneira de aproximar-se de Ivan, que seria contatado por telefone. Milton sugeriu que Gordon usasse um tom de voz firme e autoritário, pois acreditava que Milat tentaria exercer o controle da situação.

A turma de vigília na casa de Milat reportou à polícia que sua namorada, Chalinder Hughes, também estava lá dentro. O plano era pedir a eles que calmamente viessem para fora, efetuar a prisão e fazer a busca, tudo nesta ordem.

Precisamente às 6h36min, o time inteiro da polícia estava no local. O detetive Gordon discou o número de telefone de Ivan Milat.

Uma voz de homem atendeu a chamada. Quando perguntado se quem falava era Ivan Milat, o homem respondeu que... NÃO!!!

Gordon confirmou o endereço. Estava correto. Apresentou-se, e avisou ao homem que a polícia já tinha cercado sua casa, e que estavam de posse de um mandado de busca, o qual pretendiam executar. Ele aconselhou a Ivan que saísse com sua namorada, e se rendesse à polícia. Ivan murmurou alguma coisa, e desligou o telefone.

Depois de vários minutos, nada havia acontecido. Gordon então telefonou novamente para Milat, perguntando por que não havia saído. Este respondeu que tinha achado que aquilo era um trote. Gordon esclareceu que nunca falara tão sério em toda a sua vida.

Alguns minutos depois, a porta da casa se abriu, e ele e a namorada se entregaram para a polícia. Ivan foi algemado e informado de seus direitos. A busca em todas as casas da família Milat teve início.

A Busca

O primeiro item encontrado na casa de Ivan foi uma bala, em um dos quartos. A polícia perguntou a Ivan se ele possuía armas de fogo. Ele negou. Quando perguntado sobre a bala, disse que devia ser da ocasião em que havia saído para atirar com o irmão.

Os quartos foram vasculhados. No segundo quarto, dois sacos de dormir estavam guardados no armário. Depois, seriam identificados como pertencentes a Simone Schmidl e Deborah Everist.

Em outro quarto, uma bolsa contendo vários artigos pessoais parecia ser a maleta de trabalho de Ivan. Ele confirmou. Na bolsa, foi encontrada uma faca "Bowie" com 12 polegadas de comprimento.



Faca Bowie

No mesmo local, havia um manual técnico para a utilização de uma Ruger .22. Ivan recusou-se a comentar o achado.

Havia também um álbum com fotografias bastante esclarecedoras: uma delas mostrava Ivan em sua motocicleta, armado de sua Colt .45, mesma arma descrita por Paul Onions.

Mais tarde acharam uma caixa de munição para esta arma.

Também havia uma foto de Chalinder Hughes, namorada de Ivan, vestida com um *top* Benetton idêntico ao que pertencia a Caroline Clarke.

A próxima busca se deu na garagem, onde estava uma capa de saco de dormir contendo uma barraca enrolada. Em volta dela, uma bandana roxa idêntica à que estava amarrada ao redor do crânio de Simone Schmidl. Quando Milat foi questionado, disse nunca ter visto aquela barraca antes. Dentro de uma fronha de travesseiro, encontraram faixas similares àquelas com que os corpos foram amarrados. Uma delas estava manchada de sangue, que depois se comprovou ser de Caroline Clarke.

Outro item encontrado foi o rifle Ruger .22. Ele estava desmontado, escondido num porão de inspeção do telhado da garagem, juntamente com uma revista sobre a arma.

Milat foi levado para a delegacia de Campbelltown, onde foi interrogado. O interrogatório foi gravado em vídeo e áudio, e durante todo o tempo Ivan não cooperou em nada. Os trabalhos se encerraram uma hora depois, e Ivan Milat foi acusado formalmente de roubo e tentativa de homicídio de Paul Onions.

As buscas na casa dos Milat continuaram. Foram encontradas, na casa de Ivan, fitas elétricas, cabos e um saco de cordas azuis e amarelas, semelhantes às aquelas encontradas na cena de um dos crimes. Outras partes do rifle Ruger .22 também foram encontradas, além de equipamentos de camping e cozinha, pertencentes a Simone Schmidl.

Conforme as buscas progrediam, mais e mais evidências eram descobertas: a câmara fotográfica de Caroline Clarke, um cantil com

um nome apagado (Simi), uma arma Browning automática, rifles, revólveres, facas e uma incrível quantidade de munição. Um dos objetos encontrados que mais impressionou os investigadores foi uma espada curva de cavalaria, provavelmente utilizada na execução de Anja Habschied. A espada foi encontrada trancada em uma vitrine na casa de Margaret Milat, mãe de Ivan.

A balística depois comprovaria que as balas extraídas dos corpos das vítimas procederam da Ruger de Milat.

Na propriedade rural de Walter, foram encontradas armas e munição, além de partes do rifle de Ivan. Três meses antes de ser preso, Ivan, Richard e Walter teriam levado caixas de munição e revólveres da casa de Ivan em Sydney para uma alcova escondida na casa de seu irmão. Também ali foi encontrada uma mochila que pertencia a uma das vítimas. Quando questionado, Ivan disse nada saber sobre aquela mochila, que nunca havia visto aquele objeto. Walter alegou que a mochila veio com as caixas de munição e armas trazidas da casa de Ivan.

O Julgamento

Ivan Robert Marko Milat foi formalmente acusado pelo assassinato dos sete mochileiros. Desconfia-se que, antes de matá-los, gostava de caçá-los.

A primeira testemunha a depor no julgamento do pior assassino da história da Austrália foi Paul Onions, que identificou positivamente Ivan Milat como o homem que o atacou.

Depois disso, os pais de cada vítima foram chamados para subir ao banco de testemunhas. Todos na corte se emocionaram ao ouvir os relatos das últimas vezes que aqueles pais viram seus filhos vivos.

O júri foi levado para a Floresta Belangalo, a 100km de Sydney, para que visse a cena dos crimes e conseguisse entender melhor todas as evidências que seriam expostas. Foram apresentadas ao júri, num total de 356, e centenas de fotografias foram explicadas em detalhes.

Houve uma grande comoção quando o Dr. Bradhurst mostrou a camiseta toda esfaqueada de Joanne Walters e a espada que provavelmente decapitou Anja Habschied. A cabeça de Anja nunca foi encontrada.

Outro depoimento que chamou a atenção de todos foi o da ex-esposa de Ivan, Karen Milat, divorciada dele desde 1989. Ela descreveu o ex-marido como um homem atlético, que praticava halteres todas as noites, e que só se separava de suas armas quando ia tomar banho. Ivan dormia com uma arma debaixo do colchão, tinha outra sob o assento de seu carro e, até quando ia ao cinema, usava uma arma enfiada na calça jeans ou nas botas. Ivan negou essas declarações, mas a mala descrita por Karen como aquela que ficava embaixo da cama guardando a arma dele, foi trazida como prova. Era idêntica à descrição feita pela moça.

Karen também descreveu o acusado como ávido matador de cangurus, coisa de que se orgulhava, tanto que chegou a levá-la junto com o filho Jason para ver uma demonstração de suas habilidades na mesma floresta em que se deram os crimes. O que mais espantou Karen foi que Ivan não precisava de mapas para andar nas trilhas internas da Floresta de Belangalo.

A defesa tentou desesperadamente provar que o responsável pelos assassinatos não era Ivan, e sim Richard e Walter Milat. Estes teriam “plantado” provas na casa do irmão para incriminá-lo.

Doze semanas de julgamento, 145 testemunhas... a acusação terminou de expor seu caso.

A primeira testemunha de defesa a ser chamada foi o próprio Ivan Milat. Ele negou cada acusação que lhe foi feita. Ao ser questionado sobre como tantas evidências foram parar em sua casa, Ivan respondeu que alguém pretendia fazer com que ele parecesse mau.

Também foi chamada como testemunha a cunhada de Ivan, Carolynne Milat. Ela havia alterado datas de fotos no álbum de família, para que servissem de álibi para o cunhado. As fotos em questão, em que Ivan aparecia numa confraternização familiar, tinham se dado na Páscoa de 1991. Carolynne havia dito para a polícia que as fotos eram de 1992, para que Ivan tivesse um álibi na data do desaparecimento de Joanne Walters e Caroline Clarke.

Carolynne Milat também testemunhou sob juramento que Ivan teria passado todo o dia 26 de janeiro de 1993 com a família. Era a data do desaparecimento dos mochileiros alemães.

Os irmãos Milat eram tão unidos, que trocaram seus nomes com frequência nas declarações dadas à polícia e ao júri, confundindo a todos com a intenção de beneficiar Ivan.

Na 15ª semana de julgamento, começaram os pronunciamentos finais. Em 27 de julho de 1995, o júri considerou por unanimidade que Ivan Milat era culpado.

Ivan, que já havia ficado em completo silêncio durante todo o julgamento, não demonstrou qualquer emoção.

Pelo ataque a Paul Onions, Milat foi condenado a seis anos de prisão. Pelos sete assassinatos, uma sentença de prisão perpétua para cada um deles, ou seja, ficará preso até a sua morte.

Foi levado para uma prisão de segurança máxima em Maitland, sudoeste de Sydney.

Pareceu óbvio até para o juiz que ele não teria cometido os crimes sozinho. Existem mais de uma dúzia de mochileiros australianos, japoneses e europeus desaparecidos na mesma região nos últimos 15 anos.

Diane Pennacchio, 29 anos, desaparecida depois de sair de um bar em Camberra, teve seu corpo encontrado em 1991. A forma como estava disposto era exatamente igual à de todas as vítimas de Ivan Milat: foi esfaqueada, estava de bruços ao lado de um tronco de árvore caído, com as mãos atrás das costas. Um dossel triangular de gravetos foi construído sobre seu corpo, e sobre ele folhas de samambaia. Perto do corpo, foram encontrados restos de uma fogueira feita de pedras formando um círculo perfeito.

Ivan Milat agia sozinho? Será que algum dia se provará que um de seus irmãos era seu cúmplice?

Em 17 de maio de 1997, envolveu-se numa tentativa de fuga, e foi transferido para a prisão de Goulburn, local de segurança máxima ao lado da Floresta Belangalo.

Até hoje ele alega ser inocente, e formou um grupo que luta pela sua soltura junto ao governo australiano. Milat sempre declarou que fugirá na primeira oportunidade que tiver. A polícia ainda investiga se a família de Ivan tomaria parte nessa investida.

Parece impossível para todos que apenas um homem conseguiria dominar sempre duplas ou trios, como no caso dos mochileiros alemães. O pai de Gabor chegou a declarar para a imprensa que achava difícil que apenas um homem conseguisse dominar seu filho ao mesmo tempo que subjugava Anja. Ele era bastante forte e bom de briga.

A prova cabal contra Ivan nestes crimes foi seu reconhecimento por Paul Onions, que o colocou na cena do crime e *modus operandi*

similar. Todas as outras provas são circunstanciais, e isoladamente talvez não o tivessem condenado.

Outro irmão de Ivan, Bóris Milat, que se afastou da família, declarou para a mídia que ninguém pode imaginar a violência de sua família. Ele acredita que tenham matado pelo menos 28 mochileiros, mas não tem fatos nem provas para fundamentar suas suspeitas.

A polícia australiana ainda tenta obter provas que comprometam Walter ou Richard Milat. Os seis fios de cabelo castanho-claro encontrados nas mãos de Joanne Walters foram examinados por laboratórios forenses, na tentativa de extrair seu DNA e confrontá-los com os do suspeito. Quatro fios foram danificados nessas tentativas, e agora a polícia espera que novas técnicas sejam desenvolvidas para testar os dois fios restantes sem o risco de ficar sem provas.

Muitos mochileiros que viajavam pela Austrália continuam desaparecidos. Ninguém sabe o que teria acontecido a eles.

Ivan Robert Marko Milat continua preso na Penitenciária de Segurança Máxima em Goulburn, Austrália.

Em fevereiro de 2001, foi levado às pressas para o hospital da penitenciária, depois de ter informado às autoridades que havia ingerido lâminas de barbear, grampos para papel e uma pequena corrente que unia dois cortadores de unha.

Em maio de 2001, engoliu uma mola da descarga da privada de sua cela. Segundo Milat, estes atos de automutilação fazem parte de uma campanha para que sua apelação seja ouvida pela Corte Superior da Austrália. Já as autoridades da penitenciária Supermax, de Goulburn, acham que o objetivo deste facínora é ser transferido para um hospital ou outra penitenciária, o que facilitaria sua fuga. Esta teoria ganhou peso quando os médicos descobriram que Milat havia embrulhado as lâminas de barbear com plástico adesivo antes de engoli-las, e por isso não sofreu danos em seu trato digestivo. O pior *serial killer* da Austrália hoje varre o chão da cadeia e, infeliz, tenta manipular o sistema penitenciário.

Em novembro de 2002, processou o Estado por desrespeito à sua privacidade ao permitir a publicação das fotos dos raios-x a que foi submetido quando se automutilou. Por causa desse processo,

discute-se hoje, na Austrália, até onde vão os direitos de quem cometeu assassinatos tão brutais.

Em dezembro de 2003, Ivan Milat foi interrogado sobre o desaparecimento de duas enfermeiras em 1980: Gillian Jamieson e Deborah Balkan. Colegas de quarto, as jovens de 20 anos de idade desapareceram depois de terem sido vistas saindo do Hotel Tollgate, em Parramatta, Sydney. Elas estavam acompanhadas por um homem vestindo sujas roupas de trabalho e usando chapéu preto estilo caubói. Nessa época, Milat usava um chapéu similar e trabalhava a menos de 2 quilômetros do local, no Departamento de Estradas Principais, em função braçal.

Milat também é o principal suspeito na morte de outro mochileiro, Peter David Letcher, de Bathurst. Ele foi encontrado morto por tiro, na Floresta Estadual de Jenolan, em 1988.



THEODORE BUNDY



O Cidadão Acima de

Qualquer Suspeita

THEODORE BUNDY

25 de Novembro de 1973 — Seattle — Washington

Katherine Merry Devine, 15 anos, foge de casa. É vista pela última vez na Rua 73 pegando uma carona rumo ao Oregon.



Ted Bundy
Quem vê cara não vê coração
© Associated Press

Em 6 de dezembro de 1976, um casal desfrutava de um passeio no Parque McKenny, quando se deparou com o que parecia serem os restos mortais de uma pessoa. Chamou a polícia. Depois de examinados pelos médicos legistas, Kathy Devine foi identificada.

Segundo o relatório da autópsia, morreu logo após iniciar sua jornada. A decomposição do corpo dificultou o estabelecimento da causa da morte, mas evidências sugerem que foi sodomizada e

estrangulada. Também é possível que sua garganta tenha sido cortada.

4 de Janeiro de 1974— Washington

Joni Lenz, 18 anos, dormia em seu quarto na casa que dividia com suas amigas. Até hoje não sabe o que a atingiu... foi abatida, ainda adormecida. Suas companheiras estavam preocupadas. Joni nunca dormia tanto, parecia ter perdido a hora. Entraram no quarto para acordá-la e se depararam com uma cena de horror: ela jazia sobre uma piscina de sangue, com a cabeça e o rosto extremamente machucados. Ao levantarem as cobertas, constataram o pior... Joni foi espancada com o cano de metal retirado de sua cama, e que agora estava enfiado pela sua vagina adentro. Em meio a gritos de susto e desespero, as colegas chamaram uma ambulância.

Joni sofreu lesões cerebrais severas e permanentes, que deixariam seqüelas pelo resto de sua vida. Os danos em seus órgãos

internos seriam irreparáveis. Não se lembra de nada sobre o ataque. Sobreviveu.

31 de Janeiro de 1974— Seattle— Washington

Lynda Ann Healley, 21 anos, estava se especializando em psicologia na faculdade WSU. Morava numa casa com quatro colegas da faculdade, e mantinha a mesma rotina todos os dias: acordava às 5h30min, trabalhava, estudava e voltava para casa. Era extremamente responsável e cuidadosa.

No dia 31 de janeiro, sua colega do quarto ao lado ouviu quando o despertador dela começou a tocar no horário de sempre. Voltou a dormir. Às 6:00, quando seu próprio despertador tocou, estranhou ainda estar ouvindo o alarme do relógio da amiga. Entrou em seu quarto, e também achou estranho encontrar a cama da amiga imaculadamente em ordem. Lynda costumava arrumar sua cama só quando voltava para casa.

Logo em seguida, o chefe de Lynda ligou para a casa dela. Onde estava Lynda? Ela não tinha ido trabalhar. As garotas desceram no porão, e encontraram a bicicleta da amiga encostada na parede, e a porta lateral da casa destrancada. O que teria acontecido? Sempre saía de bicicleta, nunca faltava no trabalho, sempre dizia aonde iria... resolveram esperar.

À noite, quando os pais de Lynda chegaram para o jantar que a filha nunca fez, a conclusão foi imediata: algo grave tinha acontecido. Chamaram a polícia imediatamente.

Ao revistar seu quarto, os investigadores levantaram o colchão da cama da moça. Foi com espanto que se defrontaram com um travesseiro e lençóis empapados em sangue. Sua camisola, com sangue seco na gola, estava enfiada no armário. As roupas que tinha usado no dia anterior não estavam ali. Nada que indicasse seu paradeiro ou o que quer que tenha acontecido foi encontrado.

Seu crânio foi localizado em 3 de março de 1975, em Taylor Mountain, Washington. Tinha indiscutíveis marcas de grave espancamento. O resto de seu corpo jamais apareceu.

Primavera e Verão de 1974

Sete outras garotas somem de repente e sempre de maneira inexplicável, nos estados de Utah, Oregon e Washington.

Os casos se pareciam: todas elas eram estudantes universitárias, brancas, magras, solteiras, cabelos repartidos ao meio e usando calças na ocasião de seu desaparecimento. Todas sumiram durante a noite.

Muitos colegas de faculdade das vítimas declararam, em seus depoimentos, ter visto um estranho no campus da Universidade, de braço ou perna quebrados. Aparentemente, ele andava carregado de livros e pedia ajuda para jovens mulheres para levá-los até o carro.

Outra testemunha disse ter visto um homem engessado pedindo ajuda para consertar seu carro, que aparentemente não dava partida. O carro era um "Fusca".

Coincidentemente, nas proximidades das casas das vítimas, também havia sido visto um homem com a perna ou braço engessados.

*14 de Julho de 1974 — Lake Sammamish State
Park — Washington*

Janice Ott, 23 anos, parecia ser bem mais jovem. Casada, afastada do marido que trabalhava na Califórnia, estava triste no feriado pelas saudades que sentia dele. Deixou um bilhete para sua colega de quarto, dizendo que iria ao parque e voltaria às 16:00. Pegou sua bicicleta e foi pedalando ao encontro da morte.

Desapareceu sem deixar vestígios.

As últimas pessoas que viram Janice, um casal que fazia um piquenique perto do lago, lembraram ter ouvido a conversa dela com um homem de braço engessado. Ele apresentou-se como "Ted", e pediu ajuda para colocar seu barco no carro.

Ela concordou em ajudá-lo...

Denise Naslund, 18 anos, estudava para ser programadora de computadores e trabalhava para sustentar seus estudos. Passava o dia 14 de julho no mesmo parque que Janice Ott, com o namorado e sua turma. Num dado momento, disse a eles que iria ao banheiro acompanhada de seu cão. O cachorro de Denise voltou sozinho para o local do piquenique. Ela nunca mais retornou.

Com a demora da moça, a polícia foi chamada e começou a interrogar várias pessoas no parque. Duas mulheres contaram a eles que um homem muito atraente, com um braço engessado, pediu ajuda a elas para colocar seu barco no carro. Elas negaram. Denise, com toda a sua gentileza e bondade, resolveu ajudar o "pobre homem"...

Parte dos restos mortais das duas garotas foi encontrada em 6 de setembro, nas proximidades do parque. Entre eles, dois ossos de coxa, cabelos de várias cores e tipos, dois crânios e uma mandíbula.

18 de Outubro de 1974— Midvale— Utah

Melissa Smith, 17 anos, morava com os pais na minúscula cidade mórmon de Midvale. O chefe de polícia Louis Smith sempre advertia a filha para que não falasse com estranhos, não pegasse caronas, não aceitasse nenhum presente de quem não conhecesse, fazia preleções sobre a violência que via todos os dias nas ruas... nada disso foi suficiente para proteger sua filha de um terrível assassino.

No dia de seu desaparecimento, Melissa tinha uma festa, mas antes passou numa pizzaria para consolar uma amiga que tinha brigado com o namorado. Ao sair dali, disse que iria até sua casa trocar de roupa e ir finalmente para a festa. O pior pesadelo de seus pais foi transformado em realidade. Nunca chegou em casa, nem na festa. Depois de intensa busca, o corpo da menina morta foi encontrado perto do Summit Park, nas Montanhas Wasatch, em 27 de outubro, nove dias depois de seu desaparecimento.

Sua cabeça tinha sido gravemente espancada, talvez com algum tipo de alavanca de metal. Seu corpo também foi espancado antes de sua morte. Foi estuprada, torturada, sodomizada e estrangulada.

A polícia inteira de Utah procurava freneticamente pelo assassino da filha de um de seus membros. Estavam atentos para qualquer pista que pudesse surgir.

31 de Outubro de 1974 — Lehi — Utah

Laura Aime, 17 anos, desapareceu sem deixar pistas. Seu corpo foi encontrado um mês depois nas Montanhas Wasatch. Sua face estava completamente destruída, irreconhecível. Estava nua, estrangulada depois de espancada com algum tipo de taco de ferro. Tinha sido atacada sexualmente.

Os investigadores acharam que ela foi morta em outro local e depois deixada ali. A quantidade de sangue na cena do crime não era compatível com os ferimentos da garota. Nenhuma evidência foi encontrada.



Retrato falado do suspeito

As semelhanças entre os assassinatos nos estados de Washington, Oregon e Utah foram percebidas pela polícia de Utah. Os investigadores trocaram informações e concluíram que os crimes estavam sendo cometidos pelo mesmo homem. Mais um *serial killer* estava à solta.

Através das testemunhas que haviam visto o homem engessado que disse chamar-se "Ted", a polícia fez um retrato falado do suspeito e o divulgou em toda mídia.

Desde 1969, Ted Bundy estava "casado" com Meg Anders. Assim que Lynn Banks viu o retrato falado do suspeito no jornal, reconheceu nele o marido da amiga Meg. Contatou-a imediatamente e, seguindo seus conselhos, Meg procurou a polícia. Ela não foi a única. Naquele outono de 1974, outras pessoas reconheceram Ted Bundy como a pessoa retratada. Por ironia, todos os depoimentos dados à polícia reconhecendo-o foram engavetados e esquecidos.

Aquele era um respeitável cidadão, e a polícia achou que ali deveria haver algum engano: aquele homem estava acima de qualquer suspeita.

8 de Novembro de 1974

Carol DaRonch, 18 anos, estava na livraria Waldens de um shopping em Murray, escolhendo livros. Um estranho e bonito homem aproximou-se dela, perguntando se ela havia estacionado seu carro perto da Sears. Ela confirmou. Ele então pediu o número da placa do veículo. Ela deu. Disse então que alguém tentara arrombá-lo no estacionamento. Prontificou-se a acompanhá-la até lá para verificar se algo havia sido roubado. O suposto “segurança” do local havia se identificado como “Oficial Roseland”. Carol não parou para pensar como ele a havia localizado, entre todas as pessoas do shopping center.

Foram juntos até o estacionamento, verificou-se tudo e disse ao homem que nada faltava. O “Oficial Roseland” não ficou satisfeito. Queria acompanhá-la até a delegacia para que desse queixa do arrombamento. Este era o procedimento padrão, segundo ele.

A moça, sem perceber nada de errado naquilo, concordou. O “Oficial Roseland” achou melhor que seguissem em seu carro, para que nada saísse do lugar, caso a perícia quisesse averiguar o veículo. Ela novamente concordou.

Quando chegaram no fusca do oficial, Carol desconfiou. Pediu sua identificação. Rapidamente, o “Oficial Roseland” mostrou-lhe um distintivo dourado e entrou no carro com ela. Deu a partida e começou a dirigir-se para o lado oposto ao da delegacia. Carol ficou apavorada e, para piorar a situação, o oficial tirou do bolso um par de algemas, e tentou prendê-las no pulso da garota. Ela reagiu. Começaram a lutar e gritar. Na confusão, o homem prendeu as duas algemas no mesmo pulso de Carol, que silenciou quando ele sacou um revólver e a ameaçou de morte se continuasse a fazer escândalo.

Carol foi puxada para fora e ameaçada com uma alavanca de metal. Já totalmente desesperada e sem alternativa, acertou o oficial entre as pernas com seu joelho e saiu correndo como nunca... Um casal que vinha pela estrada avistou a moça e parou o carro. Ela entrou o mais rápido que conseguiu, gritando histericamente que tinham acabado de tentar matá-la.

O casal levou Carol DaRonch para a delegacia mais próxima. Ela seria uma das testemunhas mais importantes no Caso Ted Bundy. Ao chegar à delegacia, Carol ainda soluçava. Pendia de seu pulso o par de algemas colocadas ali pelo maníaco. Ela relatou todos os fatos aos policiais, mas nenhum "Oficial Roseland" foi encontrado. Foram até o local de onde ela escapara, mas estava tudo deserto. Quem quer que a tivesse atacado, já tinha ido embora. Pegaram então uma descrição do suspeito e de seu carro e, do casaco da moça, uma amostra de sangue. Depois se constataria que o sangue tipo "O" não era de Carol DaRonch. Só podia ser do criminoso.

Na mesma noite, Jean Graham estava dirigindo uma peça de teatro no Viewmont High School, em Bountiful, Utah, quando foi abordada por um bonito homem que lhe pediu ajuda para identificar um carro. Ela recusou, dizendo estar muito ocupada. O homem voltou mais duas vezes, insistindo em ser ajudado. Ela recusou novamente.

Debby Kent, 17 anos, estava no teatro, assistindo à peça com seus pais, mas teve que sair mais cedo para buscar seu irmão no boliche. Ela pediu aos pais que a esperassem ali, pois em poucos minutos voltaria para pegá-los. Jamais chegou ao seu carro. A única pista do desaparecimento foi encontrada perto do veículo ainda estacionado na escola: uma pequena chave de algemas. Por incrível que pudesse parecer, aquelas chaves abririam as algemas de Carol DaRonch.

Durante as investigações sobre o caso, um homem telefonou para a polícia, dizendo ter visto um fusca sair em alta velocidade do estacionamento do auditório da escola, na noite do desaparecimento de Debby.

12 de Janeiro de 1975

Caryn Campbell, 24 anos, era enfermeira, e estava noiva de um cardiologista nove anos mais velho do que ela. O Dr. Raymond Gadowski, Caryn e os dois filhos dele viajaram para o Hotel Wildwood Inn, em Aspen, Colorado. Como o Dr. Gadowski tinha um seminário médico naquela cidade, todos aproveitariam a ocasião para tirar umas férias.

No dia de seu desaparecimento, Caryn não estava exatamente feliz. Tinha discutido com o noivo sobre a data do casamento, que ele parecia não ter pressa em realizar. Enquanto estava ocupado no seminário, Caryn e as crianças esquiam, apesar de ela estar começando a ficar com gripe. Jantaram com amigos e voltaram para o hotel. Na recepção, Caryn disse ter esquecido uma revista no chalé. Iria até lá buscá-la e voltaria em minutos. A família cansou de esperá-la. O noivo saiu em seu calção, pensando que talvez ela estivesse com algum mal estar por causa da gripe, mas o quarto estava vazio. Já de madrugada, completamente confuso com os acontecimentos sem lógica, o Dr. Gadowski chamou a polícia. Caryn foi procurada por todo o hotel, mas nenhum rastro dela foi encontrado.

Pouco mais de um mês depois, em 18 de fevereiro, seu corpo foi localizado em Owl Creek Road, apenas a alguns quilômetros do Hotel

Wildwood Inn. Sua cabeça havia sido espancada; ela havia sido estuprada e cortada. Segundo os legistas, morreu logo após ter desaparecido.

Alguns dias depois, em 1º de março de 1975, foi encontrado o crânio de Brenda Carol Ball, 22 anos. Ela era uma das sete mulheres desaparecidas no verão anterior. Num daqueles dias de verão, foi para um bar e ficou lá até as 2:00 da madrugada. Sem ter como voltar para casa pediu carona para um dos músicos da taverna em que estava, mas ele ia para outro lado. Foi vista pela última vez falando com um homem no estacionamento de um bar em Burien, Washington. Ele tinha o braço engessado.

A causa de sua morte não era diferente: espancamento da cabeça com um objeto contundente.

O local, Taylor Mountain, logo se constataria ser uma espécie de cemitério particular do assassino, quando mais quatro corpos foram localizados nos dias posteriores.

Lynda Ann Healley, 21 anos, desaparecida em janeiro de 1974: seu crânio tinha indiscutíveis marcas de grave espancamento, e somente esta parte de seu corpo foi encontrada.

Donna Gail Manson, 19 anos, desaparecida em março de 1974 da Faculdade Estadual Evergreen. Era uma flautista talentosa, apesar de fumar maconha diariamente. Adorava aventurar-se por aí pegando caronas, mas ultimamente andava bastante deprimida e envolvida com histórias de morte, alquimia e magia negra. Em 12 de março, deixou seu quarto às 19:00 e foi caminhando em direção a um concerto de jazz no campus. Nunca mais foi vista. Só foi confirmado que alguns ossos lhe pertenciam com a posterior confissão de Bundy.

Susan Elaine Rancourt, 19 anos, desaparecida em abril de 1974, da Faculdade Estadual Central de Washington, Ellensburg. Era diferente das outras vítimas por ser loira, não tão magra e de olhos azuis. Era extremamente tímida, aluna brilhante e tinha aspirações no campo da medicina.

A família se mudou para o Alasca, mas Susan ficou para cursar a CWSC³². Tinha hábitos rotineiros: corria todas as manhãs e praticava caratê, para tentar melhorar do pavor que tinha do escuro. Jamais andava sozinha à noite.

No dia 17 de abril, chegou à conclusão que já era hora de superar seus temores. Depois de um encontro de conselheiros da Universidade, resolveu ir só e a pé encontrar um amigo com quem tinha combinado ir ao cinema. O amigo viu o filme sozinho... Susan nunca mais foi vista. Somente seu crânio foi encontrado, brutalmente fraturado.

Roberta Kathleen Park, 20 anos, desaparecida em maio de 1974, da Universidade Estadual do Oregon, em Corvallis. Era uma menina magra, alta, com cabelos longos e acinzentados. Estava se formando em religiões mundiais. Saiu para ir ao dormitório de amigos tomar um café e nunca chegou lá.

Somente os crânios das garotas foram encontrados em Taylor Mountain, local que ficou conhecido como o cemitério de cabeças de Ted Bundy. Todas as vítimas haviam sofrido graves ferimentos na cabeça, causados por um instrumento contundente, possivelmente uma alavanca de metal. Outras quatro mulheres foram mortas ou desapareceram no Colorado, nesse ano.

Julie Cunningham, 26 anos, bonita e agradável, trabalhava numa loja de equipamentos esportivos e era instrutora de esqui em Vail. Depois de um fim de semana desastroso com um rapaz em quem depositava esperanças de ter uma relação mais séria, saiu para encontrar-se com sua colega de quarto numa cantina. Esse encontro nunca ocorreu. Desapareceu em março de 1975. Seu corpo não foi encontrado.

Denise Oliverson, 24 anos, desaparecida em abril de 1975, em Grand Junction. Depois de uma briga com o marido, saiu pedalando sua bicicleta em direção à casa dos pais. Nunca chegou lá. Sua bicicleta e sandálias foram encontradas perto de um viaduto. Seu corpo não foi encontrado.

Melanie Cooley, 18 anos, desaparecida em abril de 1975, em Nederland. Ela poderia ser irmã gêmea de Debby Kent, tão grande era a semelhança entre as duas. Desapareceu depois de sair da escola secundária. Foi atingida na nuca com o que parecia ser uma alavanca de metal. Suas mãos estavam amarradas e ela foi enforcada com uma fronha.

Shelly Robertson, 24 anos, desaparecida em julho de 1975, em Golden. Gostava de viajar para outros estados de carona, por pura diversão. Quando não apareceu no trabalho, todos pensaram que

havia saído para outra aventura. Seu corpo foi encontrado nu. A causa da morte foi impossível de ser determinada, devido ao estado de decomposição do corpo quando encontrado, em uma mina na cidade de Berthoud Pass.

16 de Agosto de 1975

O guarda rodoviário Bob Hayward trabalhava na Utah Highway. Tinha orgulho de conhecer bem a vizinhança de seu local de trabalho. Neste dia, percebeu um Fusca rodando perto de Salt Lake. Como não conhecia ninguém que tivesse um carro como aquele, resolveu segui-lo e pará-lo para uma verificação de rotina. Ao se aproximar do Fusca, o motorista apagou todas as luzes do veículo, além de aumentar a velocidade. Foi perseguido. Quando conseguiu detê-lo, o guarda Hayward pediu seus documentos: tratava-se de Theodore Robert Bundy. Pediu que o homem descesse do veículo, para examinar seu interior. Alarmou-se ao perceber que não havia banco do passageiro, e encontrou uma alavanca de metal, uma máscara de esqui, corda, algemas, arame e um picador de gelo. Bundy foi preso imediatamente por suspeita de roubo.

Ao ser fotografado na delegacia, os policiais perceberam sua semelhança com o suspeito que tinha atacado Carol DaRonch. As algemas encontradas no carro de Bundy eram do mesmo tipo e marca daquelas que estavam no pulso de Carol, e o carro igual ao descrito por ela. A alavanca de metal encontrada no Fusca também era similar àquela descrita pela moça.



Theodore R. Bundy
Fotografia Policial

Imediatamente ligaram o suspeito ao rapto de Melissa Smith, Laura Aime e Debra Kent. Eram muitas as semelhanças entre os casos para que a polícia os ignorasse.

8 de Outubro de 1975

Carol DaRonch, Jean Graham e uma amiga de Debra Kent são levadas à delegacia de Utah, onde fariam o reconhecimento do suspeito numa fila de sete homens. Todas elas reconheceram Bundy sem piscar.

Apesar de Bundy alegar sua inocência incansavelmente, era difícil que as três moças estivessem enganadas. Começaram as investigações sobre Theodore Robert Bundy.

Ted era bom aluno, charmoso, comum como o vizinho da porta ao lado, última pessoa da qual alguém suspeitaria.

Era filho de uma jovem mãe solteira que sempre pensou ser sua irmã mais velha, e assim se referiu a ela durante toda a vida. Para ele, seus pais continuariam a ser seus verdadeiros avós, que o adotaram para proteger a reputação da filha.

Seu avô era excessivamente violento e batia na esposa freqüentemente.

Aos quatro anos, Ted e sua "irmã" mudaram de cidade e de nome: ela havia casado com Johnnie Culppeper Bundy, de quem o "irmão" adotaria o sobrenome. O casal teve mais quatro filhos, dos quais Ted cuidou grande parte de sua infância. Apesar de todos os esforços do padrasto para criá-lo como seu verdadeiro filho, este jamais o aceitou. Para ele, o pai sempre seria o avô, e jamais perdoaria o casal por tê-lo separado da pessoa que mais amava no mundo.

Na adolescência, já se viam seqüelas emocionais refletidas em seu comportamento: era tímido, infantil, solitário e divertia-se mutilando animais.

Ted era alvo de chacotas na escola, mas as diversas humilhações que sofreu jamais o impediram de ser um aluno brilhante. Suas médias escolares eram altíssimas. Seria lembrado como estudante muito bem educado e elegante.

No colegial, começou a interessar-se por política. Foi para a Universidade de Washington, onde começou a estudar chinês. Para sustentar-se, trabalhava em diversas atividades, desde engraxate até cobrador de ônibus. Ted nunca parava muito tempo em um emprego; alguns diziam que ele não era digno de confiança.

Em 1967, iniciou um relacionamento que mudaria toda a sua vida. Stephanie Brooks, a garota mais linda e “alta classe” que já conhecera, concordou em sair com ele. Formavam um belo par. Adoravam esquiar juntos, e o esporte acabou aproximando-os. Saíam para jantar e chegaram a fazer várias viagens juntos. Ted estava cada vez mais apaixonado por Stephanie, mas o inverso não era verdadeiro. Ela apreciava sua companhia, mas queria outro tipo de homem para compartilhar o futuro. Em 1968, depois de descobrir algumas mentiras para impressioná-la, Stephanie rompeu o relacionamento. Ted jamais superaria a rejeição.

Foi nesse mesmo ano que ele ficou sabendo quem eram seus verdadeiros pais. Isso o perturbou ainda mais, tornando-o uma pessoa fria e dominadora. Retomou seus estudos, graduando-se em psicologia com honra ao mérito. Parece que tinha uma necessidade compulsiva de provar a Stephanie que era o melhor.

Conheceu Meg Anders, e, desta vez, era mais amado do que amava. A mulher de sua vida continuava sendo Stephanie, com quem ainda mantinha contato ocasionalmente, apesar de estar morando com Meg.

Entre 1969 e 1972, a vida de Ted ia “de vento em popa”. Começou a estudar Direito e a trabalhar em campanhas políticas para o Partido Republicano, e tudo parecia estar dando certo. Cada vez obtinha mais prestígio, e chegou a ser condecorado por salvar um menino de três anos que se afogava em um lago em Seattle.

Em 1973, durante uma viagem para o Partido Republicano, Ted e Stephanie se encontraram novamente, na Califórnia. Estava muito diferente... mais maduro, cheio de autoconfiança... Stephanie se apaixonou novamente. Continuaram a se encontrar sem que Meg soubesse, mas depois de algumas semanas, sem nenhum motivo lógico, ele parou completamente de procurar Stephanie. A vingança havia sido feita: rejeitou a mulher que o havia feito sofrer tanto. Nunca mais Stephanie Brooks³³ ouviria falar dele.

A Investigação

A polícia não demorou em procurar Meg Anders. Com sua ajuda, montaram o perfil do suspeito, seus hábitos e personalidade.

Em muitas datas apresentadas a ela, as noites dos assassinatos, Ted não estava em sua companhia. Meg contou que, habitualmente, ele dormia durante o dia e saía à noite. Ela não sabia aonde ia.

O interesse de Ted por sexo também havia minguado no último ano. Quando ela levantou o assunto com o parceiro, ele propôs que realizassem suas fantasias de escravidão. Quando Meg chegou à conclusão que não suportaria por muito tempo aqueles jogos, ele se descontrolou.

Meg também contou aos investigadores que, em seus primeiros encontros com Ted, notou que ele guardava em casa gesso para bandagens. Em seu carro, certa vez, também chegou a ver uma

machadinha. Lembrou-se que Ted havia visitado Lake Sammamish Park em julho, onde supostamente havia ido praticar esqui aquático. Uma semana depois da sua estada registrada no lago, Janice Ott e Denise Naslund foram declaradas desaparecidas.

Depois de muitas horas de interrogatório com Meg, os investigadores resolveram procurar Stephanie Brooks. Ela contaria a eles sobre seu caso com Ted, e como ele mudara seu comportamento repentinamente.

Não demorou para que fizessem as contas, e concluíram que Ted se relacionou com Meg e Stephanie ao mesmo tempo, mas nenhuma sabia da outra. Era uma vida dupla, cheia de mentiras e traições.

Outras evidências foram descobertas. Lynda Ann Heally foi ligada a Bundy através de uma prima dele, amiga comum, além do fato de fazerem algumas aulas de psicologia juntos na Universidade de Washington; testemunhas oculares o viram no Lake Sammamish Park quando do desaparecimento de Janice e Denise; um amigo disse ter encontrado cintas-liga no porta-luvas do carro dele; Bundy havia estado bastante tempo em Taylor Mountain, onde os diversos crânios haviam sido encontrados. Sua credibilidade já estava praticamente arrasada, quando foram descobertas compras de

gasolina em seus cartões de crédito nas mesmas cidades e datas do desaparecimento de suas vítimas.

Um amigo de Bundy deu o golpe fatal: disse tê-lo visto engessado numa época em que não havia nenhum registro de sua passagem por hospital. Bundy continuava a se declarar inocente.

Em 23 de fevereiro de 1976, foi a julgamento pelo seqüestro de Carol DaRonch.

Sentou-se tranqüilamente na Corte, confiante de que seria inocentado das acusações. Acreditava não haver provas concretas, nem fortes evidências contra ele. Mas, quando Carol contou sua história e reconheceu Bundy como o "Oficial Roseland", em meio a soluços, as coisas começaram a ficar mais difíceis para o acusado.

Ele não tinha álibi para essa noite, apesar de continuar alegando inocência.

O juiz passou o fim de semana estudando o caso antes de dar um veredicto: culpado por seqüestro com agravantes. Theodore Bundy foi sentenciado a 15 anos de prisão, com possibilidade de condicional. Passou então por uma avaliação psicológica³⁴. Concluíram que ele tinha uma forte dependência por mulheres e medo de ser humilhado em seu relacionamento com elas.

Enquanto estava detido na Prisão Estadual de Utah, os investigadores tentavam coletar provas que o ligassem aos assassinatos de Caryn Campbell e Melissa Smith. Fios de cabelo encontrados em seu Fusca foram examinados por peritos do FBI, que concluíram que eram similares aos cabelos das vítimas. As marcas de ferimentos deixadas na cabeça de Caryn também combinavam perfeitamente com a alavanca de metal retirada do carro de Bundy. Em 22 de outubro de 1976, ele foi formalmente acusado pelo assassinato de Caryn Campbell, no Estado do Colorado.

1977

Em abril desse ano, Ted foi transferido para aguardar julgamento. Estava começando a ficar insatisfeito com seus advogados e demitiu todos de uma só vez. Acreditava que, como advogado, ele próprio poderia fazer a melhor defesa.

Depois de marcado o julgamento para 14 de novembro, Ted foi liberado para utilizar-se da Biblioteca de Aspen, com o objetivo de pesquisar.

Em 7 de junho, durante suas pesquisas na Biblioteca, Bundy pulou uma janela aberta. Torceu o tornozelo, mas conseguiu sair livre. Como não usava algemas, foi fácil misturar-se entre as pessoas de Aspen sem levantar suspeitas.

A polícia procurou-o pela cidade inteira. Até cachorros foram utilizados na tentativa de seguir seu rastro, mas ele não foi encontrado.



Ted Bundy
Procurado pelo FBI

Durante dias, Ted viveu da comida que roubou de cabanas locais e próximas a acampamentos. Chegou a dormir em algumas delas, abandonadas. Num certo dia, deparou-se com um carro com a chave no contato. Entrou e tentou sair de Aspen, mas foi preso na tentativa, seis dias após sua fuga.

Agora, usava algemas nos pés e nas mãos quando ia pesquisar na biblioteca da cidade.

Em 30 de dezembro, Ted fugiu novamente. Arrastou-se pelo forro do teto da "Garfield County Jail" até outra parte do edifício. Procurou com cuidado uma saída, e encontrou-a no interior do armário do apartamento do carcereiro. Sentou-se ali mesmo, e esperou pacientemente, até ter certeza de que não havia ninguém ali. Saiu andando pela porta da frente.

Sua fuga só foi descoberta na tarde do dia seguinte, mais de 15 horas depois, o que lhe deu uma boa dianteira. Quando a polícia

começou a se movimentar, Bundy já estava a caminho de Chicago.

1978

Em janeiro, depois de um longo caminho, Bundy chegou à Flórida.

Adotou o nome de Chris Hagen e alugou um apartamento de um quarto em Tallahassee. Nesta cidade, ninguém sabia nada sobre ele ou seu passado.

Bundy ficava a maior parte do tempo andando pelo campus da Universidade Estadual da Flórida, muitas vezes participando de aulas como ouvinte.

Roubar também fazia parte da sua rotina. Desse modo, adquiria cartões de crédito, e com eles comprava desde aparelhos eletroeletrônicos até comida.

Sábado. Madrugada. O namorado de Nita Neary a deixava na porta da Fraternidade, depois de uma festa. Ao chegar na entrada, Nita estranhou ao ver a porta aberta. Entrou com cuidado e assustou-se ao ouvir passos no andar de cima. O som ficava mais alto. Alguém estava descendo as escadas apressadamente, aproximando-se de onde ela estava.

Sem perder tempo, Nita escondeu-se atrás de uma porta, fora de vista.

No escuro, viu um homem com um gorro de tricô puxado sobre os olhos, segurando na mão um pedaço de pau com roupas enroladas nele. O estranho que veio correndo escada abaixo saiu pela porta aberta.

O primeiro pensamento de Nita foi que a Fraternidade havia sido assaltada. Subiu correndo e acordou sua companheira de quarto, Nancy Dowdy. "Acorda, Nancy, alguém assaltou a gente e saiu correndo do edifício. Vamos buscar ajuda!".

No caminho para o quarto da supervisora³⁶, depararam-se com outra colega, Karen Chandler. Ela estava cambaleando no hall de entrada, sua cabeça banhada de sangue... Seus dentes estavam quebrados, sua mandíbula e crânio fraturados, tinha vários cortes no corpo e um dedo esmagado.

Enquanto Nancy parou para ajudar Karen, Nita foi até o quarto da supervisora. Juntas, foram averiguar as outras colegas.

A primeira vítima que encontraram foi Kathy Klein. Estava viva, mas em péssimo estado. Sangue em abundância saía de ferimentos em sua cabeça. Tinha lacerações e furos por toda a face, seus dentes estavam quebrados (perdeu-os permanentemente), a mandíbula fraturada em três locais e tinha a marca de uma chicotada no pescoço.

Completamente histéricas, gritaram por Nancy, que saiu correndo para chamar a polícia.

Os policiais não demoraram a chegar. Entraram com cuidado na Fraternidade, mas o estrago já havia sido feito: Lisa Levy e Margaret Bowman jaziam sem vida em suas camas. Alguém as havia atacado enquanto dormiam.

Os legistas responsáveis pelas autópsias constataram que Lisa havia sido espancada na cabeça com um pedaço de pau. A clavícula esquerda estava fraturada. Foi estuprada e estrangulada.

Encontraram também marcas de mordidas na sua nádega esquerda e mamilo direito. Na verdade, seu mamilo foi tão mordido que estava praticamente descolado do seio. Dentro da vagina da garota, encontraram um frasco de spray para cabelo da marca Clairol.

O corpo de Margaret Bowman mostrava que ela havia sofrido os mesmos tipos de ferimentos fatais de Lisa, mas não tinha sido estuprada ou mordida. Foi estrangulada com uma cinta liga, encontrada mais tarde na cena do crime. Sua cabeça foi tão gravemente espancada, que parte de seu cérebro ficou exposta. Nem Lisa nem Margaret mostravam sinais de luta com seu agressor.

As entrevistas com as sobreviventes não ajudaram as investigações. Nenhuma das garotas se lembrava de nada, pois estavam dormindo quando as amigas foram atacadas. A única testemunha ocular era Nita Neary, que tinha visto apenas o perfil do criminoso.

A um quilômetro dali, Debbie Ciccarelli foi acordada por barulhos repetitivos no apartamento vizinho. Como os sons não cessavam, acordou sua colega Nancy Young e foram até a porta ao lado, onde morava Cheryl Thomas. Passaram a ouvir gemidos. Telefonaram para a vizinha, mas ninguém atendeu a ligação. Chamaram a polícia, que chegou em segundos, pois estavam ainda na Fraternidade.

Entraram apressadamente no apartamento de Cheryl. Ela estava sentada na cama, consciente, nua e viva..., isto é, quase viva.

Seu rosto estava púrpura de tantas contusões, completamente inchado e com graves ferimentos na cabeça. Seu crânio havia sido fraturado em cinco lugares, causando permanente surdez no ouvido esquerdo. Seu ombro esquerdo foi deslocado, sua mandíbula, quebrada e seu oitavo nervo craniano ficou tão danificado que Cheryl jamais conseguiu se equilibrar normalmente outra vez. Ao pé da cama, uma máscara.

Os investigadores trabalharam exaustivamente na procura de evidências. Conseguiram extrair amostras de sangue e esperma do criminoso, além de algumas digitais borradas.

Apesar do esforço, as provas ainda não eram conclusivas. O melhor material que tinham eram os cabelos na máscara encontrada, a impressão dos dentes na pele de Lisa Levy e o testemunho de Nita Neary.

A Última Vítima

9 de fevereiro de 1978. A polícia de Lake City recebe um telefonema desesperado dos pais de Kimberly Leach, 12 anos. Estavam histéricos com o desaparecimento da menina.

Kimberly havia sumido da porta da escola, e a última pessoa que a tinha visto era a colega Pricilla Blakney. Ela viu Kim entrando no carro de um estranho, mas não lembrava de detalhes sobre o carro ou o motorista.

O corpo de Kim foi encontrado oito semanas depois, no Parque Estadual Suwannee, Flórida. Estava em adiantado estado de decomposição.

Dias antes do desaparecimento de Kimberly, um homem aproximou-se de Leslie Parmenter, 14 anos, enquanto ela esperava que o irmão viesse buscá-la na escola. Ele guiava uma van branca. Disse ser do corpo de bombeiros e perguntou se ela estudava na escola ao lado.

Leslie achou estranho que o bombeiro estivesse à paisana. Filha de um chefe de detetives da polícia de Jacksonville ouviu a vida inteira recomendações de não conversar com estranhos. Resolveu não responder ao homem. Seu irmão chegou logo. Ela entrou no carro e foi embora, não sem antes marcar num papel a placa do carro do desconhecido. Contaram a história ao pai e entregaram a ele os dados sobre o carro.

Ao checar a placa da van, o detetive James Parmenter soube que o carro pertencia a Randall Ragen. Decidiu fazer uma visita a ele.

Ragen contou ao detetive que suas placas haviam sido roubadas, mas que já providenciara outras.

Não satisfeito, Parmenter não demorou a descobrir que a tal van era roubada. Resolveu levar os filhos até a delegacia e mostrar-lhes fotografias de procurados. A fotografia de Bundy estava entre elas, e os dois irmãos o reconheceram imediatamente.

Assustado com a visita do detetive, Bundy não perdeu tempo em livrar-se da van e roubar outro carro, um Fusca. Desta vez, iria para Pensacola, Flórida.

A Prisão

O Oficial David Lee patrulhava a área de Pensacola Oeste há anos, e conhecia a maioria dos moradores dali. Quando viu um Fusca cor-de-laranja rodando ali às 22 horas, resolveu verificar a placa do carro. Logo soube que se tratava de veículo roubado. Ligou as luzes da radiopatrulha e começou a seguir o suspeito.

Ao alcançá-lo, pediu ao motorista que descesse do veículo com as mãos à vista. Para surpresa de Lee, quando foi colocar as algemas nele, houve reação e teve início uma luta física. O suspeito conseguiu livrar-se do policial, e saiu correndo. Lee, sem perda de tempo, sacou seu revólver e atirou. Aparentemente atingido, o fugitivo caiu no chão. Ao chegar perto dele, Lee foi atacado novamente, mas desta vez estava preparado e dominou o homem rapidamente. Algemou-o e levou-o para a delegacia. Ted Bundy estava preso novamente.

Nos meses que se seguiram, os investigadores trataram de juntar evidências contra Bundy no caso Leach. A van branca roubada foi localizada e três testemunhas haviam-no visto dirigindo aquele carro na tarde do desaparecimento de Kimberly. Testes forenses feitos no carro constataram fibras das roupas de Bundy.

Os testes também revelaram sangue do mesmo grupo sanguíneo de Kimberly no tapete do veículo, além de sêmen do tipo sanguíneo de Bundy nas roupas de baixo encontradas ao lado do corpo da menina. Pegadas que combinavam exatamente com os sapatos do suspeito também deixaram suas marcas no solo da cena do crime.

Em 31 de julho de 1978, Theodore R. Bundy foi formalmente acusado do assassinato de Kimberly Leach. Logo depois, foi acusado também pelas mortes de Lisa Levy e Margaret Bowman, da Fraternidade Chi Omega.

O Julgamento

Durante o julgamento pelos assassinatos das meninas da Fraternidade Chi Omega, Ted Bundy defendeu-se sozinho. Confiava na própria habilidade para convencer o júri de sua inocência, mas estava completamente enganado: os testemunhos de Nita Neary, que o reconheceu como o homem que descia as escadas da Fraternidade com um pedaço de pau na mão, e do odontologista Dr. Richard Souviron destruíram suas mentiras.

Enquanto depunha, o Dr. Souviron descreveu as marcas de mordidas encontradas no corpo de Lisa Levy, e mostrou fotografias em escala natural, tiradas na noite do assassinato. As fotos foram comparadas com moldes odontológicos de Bundy, e combinavam nos mínimos e únicos detalhes. Para ele, não havia nenhuma dúvida de que o autor daquelas mordidas em Lisa era o réu.

O seguinte processo forense foi utilizado para provar que a mordida no corpo da vítima era de Ted Bundy:

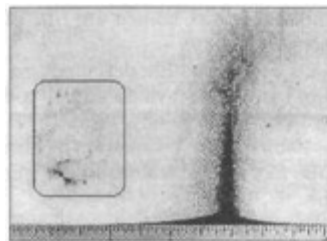
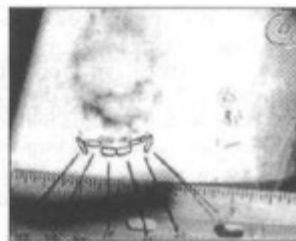


Foto das Nádegas da Vítima



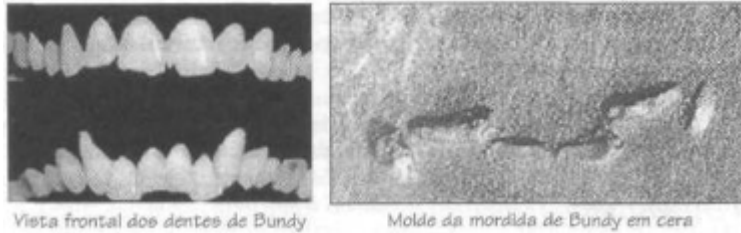
Estudo com transparências sobrepostas

O maior problema desta análise odontológica é que havia, no caso, duas mordidas no mesmo local do corpo. Isso dificultou os trabalhos forenses, pois cada uma das mordidas tinha que ser “separada” para uma análise independente, e cada arcada e seus respectivos dentes tinham que ser definidos.

Neste caso, as duas mordidas não eram concêntricas.

Foi utilizado um processo em que as marcas de mordida foram fotografadas em duas transparências separadas e sobrepostas. Sobre a primeira transparência, através de desenho à mão, foi dado “volume” aos dentes frontais da arcada inferior de Bundy.

Na segunda transparência, foi desenhada a borda dos dentes de Bundy.



Os argumentos de Ted Bundy, confrontados com esta exata prova conectando-o ao crime, destruíram sua defesa

Em 23 de julho de 1979, depois de quase sete horas de deliberação, o júri considerou Ted Bundy culpado. O réu ouviu seu veredicto de culpado em todas as acusações sem o menor sinal de emoção.

Também foi considerado culpado dos ataques contra Kathy Kleiner e Karen Chandler.

Em 31 de julho de 1979, foi condenado à morte em cadeira elétrica.

Em 7 de janeiro de 1980, iniciou-se o terceiro e último julgamento, agora pelo assassinato de Kimberly Leach.

Novamente foi considerado culpado e condenado à morte em cadeira elétrica. Desta vez, perdeu a pose!

Com o tempo, confessaria ter assassinado 28 mulheres, mas acredita-se que matou muito mais gente.

Depois de muitas apelações, Theodore Bundy foi eletrocutado em 24 de janeiro de 1989, aos 42 anos. Na sua última refeição, comeu um filé, ovos, purê de batatas e café.

Suas últimas palavras foram dirigidas à sua mãe. Ele desculpou-se por ter infligido a ela esta dor, e disse que um lado seu estava escondido todo o tempo. Do lado de fora, uma multidão gritava

“Frite, Bundy, Frite!” e “BBQ Ted”³⁷. Em Tallahassee e Jacksonville, os habitantes se levantaram na hora da execução para acender uma vela em comemoração à sentença justa para o homem que matou várias de suas meninas.

Por ironia, foi uma mulher que abaixou a chave que ligou a cadeira elétrica e deu fim à vida do assassino.

Comentário Final

Psicopatas são mentirosos crônicos. Ted Bundy não era uma exceção. Sua vida era uma farsa e, apesar de ter matado inúmeras mulheres, foi capaz de manter um longo relacionamento íntimo com Meg Anders, ajudando-a a criar sua filha.

Ted trabalhava também em um centro de atendimento a suicidas, como aqui no Brasil, o Centro de Valorização da Vida — CVV, onde o *staff* chegou a provocá-lo por sua semelhança com o retrato falado de “um *serial killer*”. Ninguém pensou, por um só momento, que aquele voluntário que já tinha salvado tantas vidas pudesse ser um assassino.

Bundy também trabalhou em muitas campanhas políticas para o Partido Republicano, nas quais muitos achavam que ele próprio seria candidato a governador algum dia.

Enganou a todos em sua volta. No fim, alegava ter se convertido ao cristianismo e se arrependido de seus pecados, mas foi executado sem contar a ninguém a localização dos corpos de algumas de suas vítimas.

Os pais delas não conseguiram jamais acreditar em sua regeneração, pois nunca puderam enterrar os corpos de suas filhas queridas.

Bundy disse aos médicos que sua raiva pelas mulheres foi causada por sua mãe, que tinha a mesma aparência das vítimas quando era jovem. Os testes psicológicos revelaram que Ted Bundy tinha uma personalidade própria dos esquizofrênicos: mudanças de humor repentinas, impulsividade, falta de emoções, necessidade de aparecer, ataques de histeria, dupla personalidade, depressão, complexo de inferioridade, imaturidade, mentiras nas quais acredita, obsessão, egocentrismo, adaptação de falsa realidade, mania de perseguição.

Em seus depoimentos, contou que estrangulava suas vítimas olhando-as nos olhos. Depois, com a ajuda de uma serra de metal, desmembrava seus corpos pelas juntas e decepava-as.

Cortava também suas mãos, e como *souvenir*, guardava-as numa sacola que carregava consigo por dias. Isso o fazia sentir-se poderoso e fora do alcance da polícia.

Segundo algumas fontes, Bundy guardava as cabeças das vítimas em sua casa, até que incinerava os crânios na lareira e aspirava as cinzas.

Vestia-as com roupas de sua escolha depois de matá-las, e chegou-se a dizer que comia suas carnes.

Para enganar jovens inocentes, além do gesso, fingia mancar e adotava vários sotaques diferentes. Chegou a manter uma delas com ele durante nove dias.

Casou-se com Carol Boone e teve um filho, enquanto esperava sua execução no corredor da morte.

Confessou 11 assassinatos no Estado de Washington, 8 em Utah, 3 no Colorado, 2 no Oregon, 3 na Flórida, 2 em Idaho e 1 na Califórnia.

Sua frase mais famosa?

"Nós, serial killers, somos seus filhos, nós somos seus maridos, nós estamos em toda a parte. E haverá mais de suas crianças mortas no dia de amanhã. Você sentirá o último suspiro deixando seus corpos. Você estará olhando dentro de seus olhos. Uma pessoa nesta situação é Deus!..."³⁸

Ted Bundy ficou conhecido como o "Picasso" dos *serial killers*.

Outras Vítimas

BRENDA BAKER: 15 anos, desaparecida em 25 de maio de 1974, quando fugia de sua casa em Redmond, Washington. Seu corpo foi encontrado em 17 de junho daquele mesmo ano, em Millersylvania

Park. Por causa do estado de decomposição do corpo, não foi possível determinar a causa da morte.

GEORGEANN HAWKINS: 18 anos, desaparecida em 10 de junho de 1974, em Seattle, Washington. Estudava na Universidade de Washington, onde era uma aluna brilhante e sempre preocupada com seu desempenho. Foi a uma festinha num outro dormitório, mas saiu cedo porque tinha que estudar para a matéria onde encontrava muitas dificuldades: espanhol. Passou no dormitório do namorado para pegar algumas anotações de que precisaria e saiu dali em direção ao seu próprio dormitório, que ficava apenas seis casas adiante. No caminho, parou para conversar com um amigo que estava na janela. Mais adiante, ainda encontrou dois outros colegas, que a viram dobrar a esquina. Só faltavam 40 passos para chegar em casa. A monitora da casa em que morava lembra-se de ter ouvido um grito, mas achou que eram estudantes fazendo farra na rua. Às 2:00 da manhã, sua colega de quarto estranhou que ela ainda não tivesse voltado e ligou para o namorado dela. Ele foi até lá, não entendia sua demora. Esperaram até de manhã, mas Georgeann não apareceu. Chamaram a polícia, que agiu com rapidez, pois vários casos como aquele estavam acontecendo naquela região. Nada foi descoberto.

Bundy confessou seu assassinato pouco antes da execução. Contou que pediu a ela que o ajudasse a carregar sua pesada pasta até o carro, pois estava com o braço engessado. Ao chegar, ele a "apagou", arrumou-a no banco e saiu dali. Ela voltou a si antes que ele a matasse e, em sua confusão, achou que o tivessem mandado

para ajudá-la em seu teste de espanhol do dia seguinte. Ele a "apagou" novamente, recostou o banco e estrangulou-a. Antes de ser executado, disse que seus restos faziam parte daqueles encontrados perto do Lago Sammamish, em 6 de setembro de 1974.

NANCY BAIRD: Utah. A jovem mãe de 23 anos desapareceu do posto de gasolina em que trabalhava, em julho de 1975.

NANCY WILCOX: Utah. Líder de torcida, esta jovem de 16 anos foi vista pela última vez em outubro de 1974, num Fusca.

SUE CURTIS: Utah. Esta menina de 15 anos desapareceu de uma conferência para jovens, em 28 de junho de 1975. Seu corpo jamais foi encontrado. Bundy confessou tê-la assassinado.

DEBBIE SMITH: 17 anos, Utah. Desaparecida em fevereiro de 1976.

RITA LORRAINE JOLLY: 17 anos, Oregon.

VICK LYNN HOLLAR: 24 anos, Oregon.

LYNETTE CULVER: 13 anos, Idaho.

Casos não Resolvidos

Os casos de homicídio descritos a seguir são supostamente obra de Ted Bundy, mas ele nunca os confessou. Todos têm muita semelhança com seu *modus operandi* e "assinatura". Em muitos, ele estava perto dos locais dos crimes quando aconteceram e sempre

em épocas de grande *stress* em sua vida pessoal. Coincidência? Ted Bundy levou esse segredo para o túmulo.

Anne Marie Burr, 9 anos. Desapareceu em agosto de 1961, em Tacoma, Washington. Sua casa ficava a apenas 10 quarteirões do garoto Ted Bundy, então com 15 anos, e o seguia por toda a parte. Acordou numa certa noite para dizer aos pais que sua irmã não estava se sentindo bem, e supostamente voltou para a cama. No dia seguinte, tinha sumido para sempre. A janela que dava para a frente da casa estava totalmente aberta.

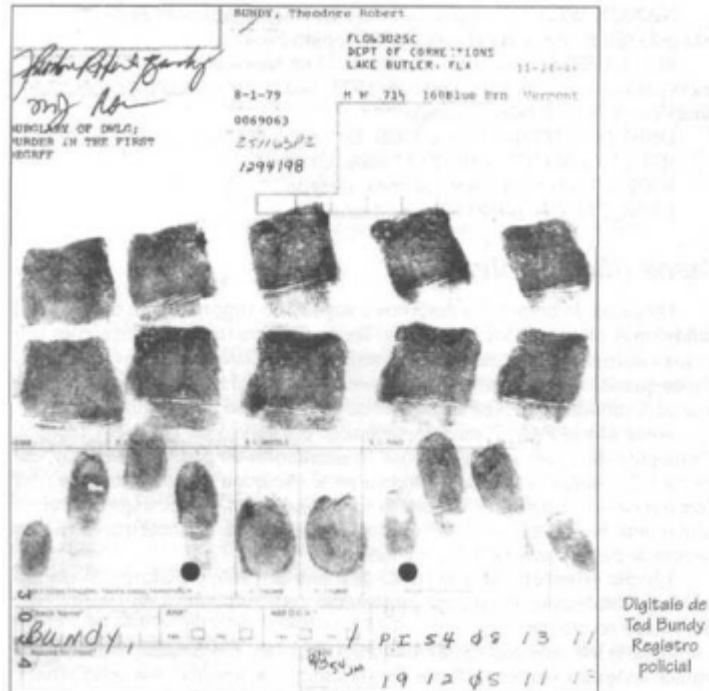
Lonnie Trumbell, atacada em 23 de junho de 1966, em Seattle, Washington. Foi brutalmente espancada juntamente com sua colega de quarto. Não sobreviveu ao ataque.

Lisa Wick, atacada em 23 de junho de 1966, em Seattle, Washington. Era aeromoça da United Airlines. Foi brutalmente atacada com selvageria, e só sobreviveu, provavelmente, porque dormia com os cabelos enrolados em grandes "bobbies" de espuma.

Rita Curran: assassinada em 19 de julho de 1971, em Burlington, Vermont. Esta tímida moça tinha longos cabelos escuros, era professora de crianças deficientes, e, nas férias, trabalhava como arrumadeira num hotel vizinho à casa onde Ted Bundy nasceu. Seu corpo nu foi encontrado por sua colega de quarto. Ela foi gravemente espancada, estrangulada e estuprada.



Vítima de Ted Bundy
na cena do crime



Ao escrever a história de Ted Bundy, notório *serial killer* no mundo inteiro, iniciei o capítulo com o assassinato de Katherine Devine.

Em 2002, quase trinta anos depois de seu assassinato e treze anos depois da execução do seu suposto assassino, esta vítima foi

oficialmente retirada da lista de pessoas mortas por Bundy.

Exames de DNA efetuados em amostras de sêmen guardadas por três décadas ligaram o crime a outro condenado, William E. Cosden Jr., 55 anos. Cosden foi condenado em 1976 e cumpria sentença de 48 anos por estupro, em Washington. Em 1967, já havia sido internado em um hospital psiquiátrico depois de ter assassinado outra mulher em Maryland, mas foi liberado alguns anos depois. Foi o principal suspeito nas investigações do caso Devine, mas, na época, foi liberado por falta de provas. Theodore Bundy jamais confessou ter assassinado a moça.

Em 31 de julho de 2002, William E. Cosden Jr. foi considerado culpado pelo assassinato de Katherine Merry Devine, com a recomendação do juiz para que nunca seja solto. É mais um caso de assassinato brutal resolvido com evidências irrefutáveis providas por teste de DNA.



JEFFREY DAHMER



O Mais Famoso

Canibal Americano

JEFFREY LIONEL DAHMER

Maio de 1991

Sandra Smith e Nicole Childress, primas, estavam conversando na rua em que moravam. De repente, um garoto surge do nada, completamente nu e sangrando. Parecia estar desorientado, e as duas meninas, sem demora, chamaram a polícia.



Jeffrey Dahmer
O "Bon Mopó" americano
© Associated Press

Quando chegaram, os policiais se depararam com uma acalorada discussão entre Sandra, Nicole e um homem branco, de boa aparência, que alegava ser amante do garoto, que ouvia tudo de forma apática e ainda estava nu. Os policiais envolveram o rapaz numa manta, e tentaram ouvir sua versão da história, mas não conseguiam entender uma palavra do que ele falava. Parecia estar drogado ou bêbado. Seu suposto "amante" dizia que ele tinha 19 anos e mal falava inglês, que haviam tido uma briga, mas agora ficaria tudo bem.

As garotas estavam inconformadas. Tinham visto o garoto asiático resistir com terror ao homem que dizia ser seu namorado. A polícia estava ignorando completamente o depoimento das duas, em favor daquele homem loiro que falava de modo coerente e calmo.

Para que qualquer dúvida fosse dissipada, os oficiais resolveram acompanhá-lo e seu "amante" até o apartamento dele. Sentiram um cheiro esquisito depois que a porta foi aberta, mas tudo parecia estar muito bem arrumado. A roupa do garoto estava dobrada sobre o sofá, e havia duas fotos dele vestindo apenas uma cueca preta.

O menino sentou-se no sofá, incapaz de falar com coerência. Não estava claro se ele estava entendendo a explicação que estava sendo dada à polícia. O loiro se desculpou por seu "amante" ter causado tanta confusão, e prometeu que isso não se repetiria.

A polícia acreditou... não havia nenhum motivo para que duvidassem da história. O homem falava bem, era inteligente e bastante calmo. O asiático estava aparentemente bêbado e

incoerente. Resolveram não se intrometer no que parecia ser uma briga de um casal homossexual e deixaram a casa sem maiores verificações.

Se tivessem entrado no apartamento, os policiais teriam visto o corpo de Anthony Hughes, decompondo-se há três dias na cama de casal do quarto principal.

Assim que o loiro fechou a porta, estrangulou o garoto asiático e fez sexo com seu cadáver. Os policiais não ficaram para vê-lo fotografar o corpo já sem vida, seu esquartejamento e o escarpamento de seu crânio, transformando-o num troféu.

Se a identidade do loiro tivesse sido verificada, saberiam tratar-se de Jeffrey Dahmer, condenado por molestar crianças e ainda sob observação. Se tivessem verificado a identidade do rapaz, saberiam que ele não tinha 19 anos, e sim 14, era laosiano e, por uma infeliz coincidência, seu irmão havia sido molestado por Dahmer em 1988.

Sandra e Nicole, inconformadas com a atitude da polícia, resolveram procurar a mãe de Sandra, Glenda Cleveland (36), vizinha de Dahmer.

Glenda ligou imediatamente para a polícia, tentando obter informações sobre o ocorrido com o menino asiático. Responderam que não se tratava de um menino, e sim de um adulto que havia discutido com seu namorado, e que não se intrometeriam em brigas homossexuais.

Dois dias depois, Glenda telefonou novamente para a polícia ao ler no jornal sobre o desaparecimento de um garoto laosiano chamado Dee Konerak Sinthasomphone. Era o rapaz que sua filha havia visto tentando escapar de seu vizinho Jeffrey Dahmer. A polícia nunca mandou ninguém para falar com ela ou verificar sua história.

Glenda também tentou contatar o oficial do FBI de Milwaukee, cidade onde morava, mas não deu em nada. Logo todos descobririam que a morte do garoto poderia ter sido evitada...

22 de Julho de 1991

Dois policiais faziam seu turno nas proximidades da Universidade de Marquette, quando viram um homem algemado correndo pelas ruas. Presumindo se tratar de um fugitivo, não demoraram em parar a radiopatrulha para verificar os fatos.

O homem identificou-se como Tracy Edwards, 32 anos, e dizia ter sido algemado no apartamento de um estranho sujeito, mas que conseguira escapar. Os policiais desconfiaram da história. Resolveram acompanhar o infeliz até o local apontado por ele, para verificar o inverossímil relato.

A porta foi aberta por um bonito homem loiro, identificado como Jeffrey Dahmer, 31 anos, que estava bastante calmo e racional. Ele ofereceu-se para pegar as chaves da algema em seu quarto, enquanto os três esperavam na porta.

Vendo Dahmer caminhar em direção ao seu quarto, Tracy lembrou-se que ali estaria a faca com a qual foi ameaçado, e avisou os policiais. Um deles resolveu ir ao encalço de Dahmer, para dar uma olhada... no caminho, fotografias espalhadas pelas paredes do corredor tiraram seu fôlego! Continham corpos humanos esquartejados e crânios fotografados enquanto estavam dentro da geladeira.

Quando foi capaz de respirar novamente, gritou para seu parceiro algemar Dahmer e dar-lhe voz de prisão. Dirigiu-se para a geladeira, abriu a porta e deu de cara com uma cabeça encarando-o! Fechou-a o mais rápido que pôde...

O pequeno apartamento era limpíssimo, arrumado, com peixinhos de estimação nadando no aquário muito bem cuidado, mas o cheiro de morte impregnava tudo.

A cabeça que estava na geladeira estava em estado de decomposição avançada, e no *freezer* foram encontradas mais três

cabeças, guardadas em sacos plásticos amarrados com elástico.

Perto do quarto, havia uma porta trancada com cadeado. Ali havia um recipiente de metal contendo mãos e pênis decompostos. No *closet* estavam guardados frascos com álcool etílico, clorofórmio e formol, juntamente com outros onde encontravam-se genitálias masculinas preservadas.

No apartamento de Jeffrey Dahmer jaziam restos mortais de 11 vítimas diferentes; onze crânios, um esqueleto completo, ossos em geral, mãos, genitais embalsamados e pacotes de corações, músculos e outros órgãos mantidos no ácido ou refrigerador.

As fotografias expostas registravam todos os estágios da morte das vítimas. Havia uma mostrando a cabeça recém-cortada de um homem, escorrendo na pia. Muitas das fotos mostravam as vítimas antes de serem assassinadas, em poses eróticas.

No total, este canibal matou dezessete pessoas.³⁹

Histórico

O mais famoso canibal americano nasceu em 1960, na cidade de Milwaukee, e mudou-se para Ohio aos 6 anos de idade.

Foi um garoto muito estranho. Fazia cruéis experimentos com animais, decapitando roedores, branqueando ossos de galinhas com ácido, empalando cabeças de cachorro e espalhando-as como espantalhos na floresta.

Aos 18 anos, Jeffrey cruzou a linha entre experimentos mórbidos e assassinato. Conheceu Steve Hicks ao dar-lhe carona, convenceu-o a tomar uns aperitivos em sua casa e matou-o quando ele quis ir

embora, estrangulando-o. Amassou seu crânio com um haltere, desmembrou o corpo e colocou seus pedaços em vários sacos plásticos, que enterrou separadamente na mata atrás de sua casa. Nesse mesmo ano, alistou-se no Exército e foi locado na Alemanha. Foi dispensado dois anos depois, por alcoolismo.



Casa da avó de Dahmer
(© David Lohr)

Em 1981, depois de ser preso por desordem e embriaguez, seu pai achou melhor que fosse morar com a avó em West Allis, Wisconsin.

Por algum tempo, Jeffrey pareceu se acalmar, com exceção de pequenos incidentes.

Em 1986, foi preso por se masturbar na frente de dois meninos. Condenado por conduta desordeira foi sentenciado a um ano de prisão, cuja pena fora depois modificada para aconselhamento.

Em setembro de 1987, Jeffrey encontrou Steven Tuomi em um bar *gay*. Beberam, conversaram, riram... ao acordar em seu hotel, Jeffrey tinha um corpo ao seu lado e a boca cheia de sangue.

Para desaparecer com o cadáver, comprou uma grande mala, guardou os restos de Tuomi nela e levou tudo para o porão da casa da avó, onde fez sexo com ele, desmembrou-o e depois jogou as partes no lixo.

Aqui fica definido o *modus operandi* de Jeffrey Dahmer. Na maioria das vezes, encontraria e selecionaria suas vítimas em bares *gays* ou saunas. Atraía-as então para seu apartamento, oferecendo dinheiro para que posassem para fotos ou simplesmente convidando-as para tomar uma cerveja e assistir a um vídeo.

Drogava sua vítima, estrangulava-a com suas próprias mãos ou com uma tira de couro, masturbava-se sobre o corpo ou copulava com ele.

Antes da “limpeza”, Dahmer fotografava toda a experiência para depois poder relembra-la em detalhes.



Jeffrey Dahmer
Fotografia de arquivo policial

Abria o tórax da vítima. Ficava fascinado pelas cores das vísceras e excitado com o calor que o corpo recém-morto podia proporcionar. Finalmente esquartejava sua vítima, tirando fotos de cada etapa.

Depois de destripar o corpo, masturbava-se com as vísceras. Comia seus corações e tripas, e fazia croquete de carne humana. Adorava fritar os músculos das vítimas que achava mais atraentes e deliciar-se com a "iguaria".

Mantinha, muitas vezes, em seu apartamento, o corpo da vítima por vários dias após o crime, com o objetivo de fazer sexo oral ou anal com eles a qualquer momento.

Livrava-se das partes dos corpos experimentando vários produtos químicos e ácidos, que reduziam carne e ossos num tipo de lama fétida, capaz de escoar pelo ralo ou privada. Guardava o crânio e/ou genitais como lembrança.

Mais raro do que necrofilia é o canibalismo. Dahmer dizia comer a carne de suas vítimas porque acreditava que assim elas viveriam novamente através dele. Essas refeições lhe proporcionavam ereções. Também tentou beber sangue, mas não gostou do sabor.

Dahmer contou à polícia que fez lobotomia em uma de suas vítimas, pois assim teria em casa um zumbi que o serviria sexualmente. A experiência não deu certo.

Relatou também as vezes em que injetou uma solução de ácido muriático ou água quente nos cérebros, mas não obteve o resultado que esperava.

Em janeiro e março de 1988, matou James Doxator (14) e Richard Guerrero, respectivamente. Foi então que sua avó pediu que ele se mudasse dali, pois não suportava o cheiro que vinha do porão.

Em setembro de 1988, mudou-se para um pequeno apartamento em Milwaukee. No dia 26 do mesmo mês, ofereceu US\$ 50,00 para um garoto posar para fotos. Quando o menino chegou em casa, seus pais acharam que ele estava drogado e o levaram para o hospital.

A polícia foi chamada, uma investigação foi feita, e Jeffrey Dahmer foi acusado de ataque sexual. Tratava-se do irmão mais velho de Dee Konerak Sinthasomphone. Dahmer foi condenado e esperou sua sentença em liberdade.

Em março de 1989, encontrou Anthony Sears em um bar *gay*. Como já havia feito antes, ofereceu dinheiro ao aspirante a modelo para posar para fotos. Desta vez, depois de matá-lo e esquartejá-lo, ferveu sua cabeça até remover a pele e fazer de seu crânio um troféu. Pintou-o de cinza para que, caso fosse descoberto, ele se parecesse com um modelo plástico usado por alunos da escola de medicina. Guardou seu troféu até ser preso.

Em maio de 1989, foi condenado a um ano de prisão, do qual só cumpriu 10 meses antes de ser libertado. Seguem-se então várias vítimas: Edward Smith, RickyLee Beeks, Ernest Miller, David Thomas, Curtis Straughter, Errol Lindsey, Anthony Hughes...

Entre 30 de junho e 21 de julho de 1991, Jeffrey Dahmer matou e canibalizou Dee Ronerak Sinthasomphone, Matt Turner, Jeremiah Weinberger, Oliver Lacy e Joseph Bradehoft⁴⁰.

O Julgamento

O julgamento de Jeffrey Dahmer foi único. Cachorros treinados verificavam diariamente o tribunal, procurando por bombas e explosivos. Todos os que entravam no recinto eram submetidos a um detector de metais, para que ninguém entrasse ali armado. Dahmer ficou isolado num tipo de guarita construída de aço e vidro blindado, e o público assistiu a tudo através dele.

Dos 100 lugares disponíveis, 23 foram designados para repórteres, 34 para os familiares das vítimas e 43 para o público em geral. Lionel e Shari Dahmer, pai e madrasta de Jeffrey, compareceram no tribunal todos os dias do julgamento.

Em 13 de julho de 1992, contra os conselhos de seus advogados, Dahmer se declarou culpado, porém mentalmente insano. Agora, em

vez de provar que não tinha cometido os crimes, seus defensores tinham que convencer o júri que ele era completamente louco, o que não parecia ser muito difícil diante dos atos que cometeu.

A promotoria, por sua vez, precisava provar que Dahmer não era louco, e sim um demoníaco psicopata que atraía suas vítimas e as matava a sangue-frio.

A escolha dos jurados foi bastante polêmica. Foram dispensados todos aqueles com algum preconceito homossexual ou sob tratamento psiquiátrico. Quando apenas um afro-americano foi escolhido, protestos vieram de todos os lados, pois a maioria das vítimas era negra. Parecia que a escolha de um júri composto de seis homens e sete mulheres brancas era outro exemplo de discriminação racial.

O advogado de defesa apresentou 45 testemunhas que atestaram o comportamento estranho de Dahmer, suas desordens mentais e sexuais, que o impediam de entender a natureza de seus crimes.

A acusação tentava demonstrar que ele era um mestre em manipulação e falsidade, que sabia exatamente o que estava fazendo em cada passo do caminho e era perfeitamente capaz de controlar suas vontades, uma vez que não havia matado nenhum soldado no tempo em que serviu o Exército ou um colega quando freqüentava a escola.

A grande discussão e discordância entre psiquiatras, se o réu era capaz ou não de controlar suas ações, chegou a confundir o júri.

A defesa alegou que "... crânios trancados, canibalismo, ímpetos sexuais, perfurações, fazer zumbis, necrofilia, alcoolismo, tentar criar santuários, lobotomias, decomposição de cadáveres, taxidermia⁴¹, idas ao cemitério, masturbação... este era Jeffrey Dahmer, um trem fugitivo nos trilhos da loucura!".

A acusação disse que ele não era um trem, e sim um engenheiro! Ele estava satisfazendo seus extraordinários desejos sexuais e enganou a todos.

O júri deliberou por cinco horas. Jeffrey Dahmer foi considerado legalmente são e culpado por múltiplas acusações de homicídio. Foi sentenciado a 15 prisões perpétuas consecutivas, ou um total de 957 anos de reclusão.

Diante da sentença, Dahmer fez a seguinte declaração na Corte:

"Meritíssimo,

Agora está terminado. Este nunca foi o caso onde tentei me libertar. Eu nunca quis a liberdade. Francamente, eu queria a morte para mim mesmo. Este caso é para dizer ao mundo que eu fiz o que fiz, mas não por razões de ódio. Não odiei ninguém. Eu sabia que era doente, ou perverso, ou ambos. Agora acredito que era doente. Os médicos me explicaram sobre minha doença e agora tenho alguma paz... Eu sei quanto mal eu causei... Graças a Deus não haverá mais nenhum mal que eu possa fazer. Eu acredito que somente o Senhor Jesus Cristo pode me salvar de meus pecados... não estou pedindo por nenhuma consideração."

Na Prisão

Dahmer se ajustou muito bem à vida na prisão Columbia Correctional Institute, em Portage, Wisconsin. Inicialmente, ele não fazia parte da população geral da prisão, o que certamente o teria colocado em risco.

Sendo um prisioneiro modelo, convenceu as autoridades a deixá-lo ter mais contato com os outros presos. Estava apto a comer nas áreas comuns.

Por alguma inacreditável razão, foi colocado para trabalhar lado a lado com parceiros altamente perigosos: Jesse Anderson, um homem branco que matou sua mulher e culpava por isso um homem negro, e Christopher Scarver, um negro desiludido e esquizofrênico, preso por assassinato em 1º grau⁴² e que pensava ser filho de Deus.

Não é difícil imaginar como Scarver via Dahmer, que havia retalhado tantos homens negros, e Anderson, que odiava negros. Foi uma combinação desastrosa.

Na manhã de 28 de novembro de 1994, um guarda deixou estes três "doces" homens sozinhos, trabalhando. Vinte minutos depois, os guardas encontraram Dahmer com a cabeça esmagada e o cabo de um esfregão enfiado no olho. Anderson estava ferido mortalmente. Scarver disse que havia recebido ordens de Deus para matá-los.

Jeffrey Lionel Dahmer foi declarado morto às 9h11min.

Após a sua morte, foi criada uma grande controvérsia sobre a doação de seu cérebro para estudos da medicina. Seu pai foi a favor, pois acreditava na possibilidade de haver alguma explicação física ou genética que justificasse seu comportamento e o de outros *serial killers*. Sua mãe e o juiz do caso foram contra, encerrando a possibilidade de estudo que poderia ter sido criada.

Análise Psicológica

A pessoa para quem Dahmer contou em detalhes seus 13 anos de assassinatos foi o Detetive Patrick Kennedy. Segundo ele, a chave para entender toda a sua história se resume em uma palavra: **CONTROLE**.

Dahmer não conseguia tolerar rejeição ou abandono. Até em suas relações homossexuais ele não queria dar prazer ao seu parceiro, apenas obter. Prazer, para ele, significava fazer sexo oral ou anal no parceiro, vivo ou morto.

Sua absoluta necessidade de controle o levou por caminhos estranhos: havia uma espécie de lobotomia em algumas de suas vítimas. Depois de drogadas, ele fazia um buraco em seus crânios e injetava ácido muriático em seus cérebros.

O controle também o levou ao satanismo. Tinha planos de construir um santuário em seu apartamento, com todos os seus troféus expostos, sua estátua de Griffin⁴³, e incenso queimando nos crânios de suas vítimas. Dessa maneira, poderia receber poderes especiais e energias que o ajudariam sociofinanceiramente.

A maioria das teorias onde se encontram respostas para que os *serial killers* se tornem o que são se baseia em abuso infantil, maus pais, trauma craniano, alcoolismo e vício em drogas. No caso de Dahmer, foge-se à regra.

Seu pai, Lionel Dahmer, escreveu um livro chamado *Father's Story*⁴⁴, onde conta a história bem comum de alguém que vê seu filho afastando-se do caminho que o pai acha o melhor. Ele reconhece seus defeitos, uma vez que nenhuma família é perfeita, mas nenhum dado é excepcional no caso desta.

Jeffrey, segundo seu pai, foi uma criança bastante normal até a adolescência, quando se tornou muito tímido, introvertido, distante e isolado. A família achou que essa mudança de comportamento foi fruto de uma mudança de cidade (Iowa para Ohio) e que tudo passaria com o tempo. Na verdade, seus problemas só se agravariam.

O alcoolismo foi se estabelecendo. A cada enrascada que Jeffrey se metia, seu pai ficava ao seu lado, pagava os advogados, conversava com ele e acreditava que tudo iria se resolver. A cada vez, o problema era mais sério.

Lionel Dahmer começou a compreender que o filho estava completamente fora de alcance e controle quando, em 1989, foi condenado por abuso infantil. Era a primeira vez que seus esforços não foram suficientes para salvá-lo. Alguma coisa estava perdida nele, sua consciência havia sumido ou talvez nem tenha existido.

O Dr. James Fox, especialista em *serial killers*, diz que nada podemos fazer para prever que alguém será um deles, não importa quão estranho seja o seu comportamento.

O quão Jeffrey ficou devastado com o abandono de sua mãe na ocasião do divórcio de seus pais, mesmo que notado, não explicaria seu comportamento. A culpa pelo que ele se tornou não pode ser atribuída a ninguém além dele.

O Dr. Fox acredita que Jeffrey Dahmer era um raro tipo de *serial killer*. "Ele se adequa ao estereótipo de alguém que realmente está fora de controle e sendo dominado por suas fantasias. A diferença é que a maioria dos *serial killers* pára de agir quando suas vítimas estão mortas!".

Os *serial killers* amarram suas vítimas, gostam de ouvi-las gritar e implorar por suas vidas. Isso os faz sentir grandes, superiores, poderosos e dominantes. No caso de Dahmer, toda a ação era *post-mortem...* todo o seu divertimento começava após sua vítima não reagir mais.

Ele conduziu uma fantasia de vida focada em ter completo controle sobre as pessoas. Essa imaginação de vida era misturada

com ódio de si mesmo projetado em suas vítimas. Sentia-se desconfortável sobre sua preferência sexual.

Psicopatologia, necrofilia, canibalismo, etc., são as várias explicações sobre esses "fenômenos" chamados *serial killers*. Hoje em dia, cresce a especulação sobre causas genéticas que expliquem o comportamento e o motivo das pessoas se tornarem criminosos. Talvez no caso de Jeffrey Dahmer, esta seja a única explicação viável. Jamais saberemos.



PAUL BERNARDO

&

KARLA HOMOLKA



"Ken e Barbie"

Brincando de Matar

PAUL BERNARDO

& KARLA HOMOLKA



Paul Bernardo
Lobo em pele de Cordeiro
© Associated Press

Karla Homolka
Bela e Fera
© Associated Press

1987 — Scarborough — Toronto — Canadá

Um estuprador estava agindo neste bairro residencial de Toronto. Seu *modus operandi* era sempre o mesmo: quando sua vítima descia de um ônibus, ele a agarrava por trás e empurrava-a para o chão. Forçava a moça a fazer sexo anal e felação. Falava com a vítima o tempo todo e depois a deixava ir.

1988

Os estupros continuavam. A polícia investigava e já tinha coletado evidências de vários casos, além de um bom retrato falado do suspeito que já havia atacado e estuprado 13 vítimas, mas nada foi publicado na imprensa.

Uma das vítimas alegou ter visto uma mulher junto com o estuprador, com o que parecia ser uma câmara de vídeo nas mãos. Ninguém acreditou.

Foi pedida ao NCAVC⁴⁵ uma análise do estuprador, e esta foi entregue à polícia de Scarborough em 7 de novembro de 1988. Nela constava⁴⁶:

1. Vitimologia

Foi examinada a suscetibilidade das vítimas para um ataque sexual, baseando-se em seu estilo de vida, história passada e desenvolvimento social e físico. Nada elevava seu risco; eram pessoas de baixo risco.

Observaram-se as seguintes similaridades: todas as vítimas eram mulheres, idade entre 15 e 21 anos, viviam na mesma área de Scarborough, praticamente vizinhas. Todas tinham estatura baixa, entre 1,55m e 1,62m, pesando entre 41kg e 61kg.

2. Análise Criminal

O processo pelo qual o criminoso escolhe ou seleciona sua vítima é de óbvia importância. Parece usar paradas de ônibus para “caçar”. Algumas das vítimas foram de oportunidade, enquanto outras parecem ter sido escolhidas previamente. Ele poderia já conhecer ou ter visto sua vítima passando pelo bairro, mas não tinha urgência, naquele momento, em atacar. Outras vezes, o impulso de atacar era grande, mas o momento inoportuno.



Retrato falado do estripador de Scarborough

Os ataques de sucesso aconteceram quando o assassino tinha urgência, oportunidade e vítima num mesmo momento. Ele seguiu as vítimas por pouco tempo antes de atacá-las.

Seis vítimas em Scarborough foram atacadas pelas costas, e uma pela frente. Ele conseguiu controlá-las utilizando força bruta, mantendo-as assim através de ameaças físicas e verbais, acompanhadas de uma faca.

Todas as suas vítimas foram atacadas ao ar livre, enquanto andavam sozinhas perto de suas residências, à noite.

Esse tipo de criminoso escolhe atacar, habitualmente, em áreas onde está familiarizado, por morar ou trabalhar ali. Desse modo, tem maior senso de segurança no caso de ser visto: tem prontas várias rotas de fuga.

Acreditamos que nosso criminoso vive na área de Scarborough, especialmente a uma distância a pé de onde foram atacadas as primeira, segunda e quinta vítimas. Por morar ali, é importante que as vítimas não o vejam, o que o faz aproximar-se por trás. Logo depois, força suas caras para o chão e manda que fiquem de olhos fechados, para assegurar-se de sua não-identificação.

Com a vítima de Mississauga, agiu de modo diferente. Aproximou-se de frente, à guisa de pedir informações. A vítima viu seu rosto por alguns segundos antes de ser atacada, o que leva a crer que o criminoso não mora ali, pois se sentia seguro o suficiente para ser visto.

Outro motivo para aproximar-se por trás são alguns desvios: em seus *scripts*, a vítima deve falar que o ama, que está bom, que ela odeia o namorado. São declarações que têm como objetivo elevar o ego do criminoso.

Outra clara pista de sua inadequação fica evidente quando observamos sua seleção de vítimas: mulheres que aparentemente não o ameaçam, desprotegidas.

Raiva é o sentimento que primeiro demonstra. Desejo de punir e degradar as vítimas mostra sua raiva de todas as mulheres. Sua aproximação em estilo *blitz* e seu comportamento verbal, bem como a seqüência de atos sexuais que ele obriga sua vítima em conjunção com a punição física usada contra elas, demonstram isso.

O comportamento verbal profano, combinado com um roteiro falado para a vítima obrigando-a a se descrever como "puta", evidencia sua raiva e necessidade de puni-la e degradá-la.

Força suas vítimas à felação, depois de atacá-las repetidamente pela vagina e ânus, para humilhá-las. Esse tipo de comportamento foi observado em todos os seus ataques.

O atacante usa mais força que o necessário para controlar suas vítimas, o que demonstra seu ódio. Também enfia peças de roupa em suas bocas e, no caso da sexta vítima, quebrou sua clavícula e derramou terra sobre ela, espalhando-a por seu cabelo e corpo, exprimindo a opinião do atacante sobre as mulheres.

Não acreditamos que o criminoso ataca suas vítimas com uma premeditada idéia de assassiná-las; no entanto, baseados em nossas experiências, ao ser confrontado com uma vítima que vigorosamente resista ao seu ataque, ele a mataria não intencionalmente no afã de controlá-la.

A violência sexual do atacante para com suas vítimas vem vindo numa escalada. Nos primeiros três ataques, não houve penetração peniana. A escalada também ocorre física e verbalmente.

O criminoso tem tendências sádicas, e fez sua sétima vítima implorar por sua vida, apenas para satisfazer seu prazer.

Sente-se completamente seguro e no controle da situação.

3. Características do Criminoso

Homem, entre 18 e 25 anos, apesar de que nenhum suspeito deva ser descartado pela idade, pois é questão de maturidade mental e emocional.

Acreditamos que vive na região de Scarborough. Esta área lhe é familiar, especialmente o local dos primeiros ataques, onde provavelmente vive.

A raiva do atacante pelas mulheres deve ser conhecida pelos seus amigos íntimos. Provavelmente fala com desprezo sobre mulheres em geral em suas conversas. Deve ter tido um problema com alguma mulher imediatamente antes de seus ataques começarem.

É sexualmente experiente, mas seus relacionamentos anteriores com mulheres devem ter sido tortuosos e acabado mal. Provavelmente espancou mulheres que se relacionaram com ele no passado. Coloca a culpa de todos os seus fracassos nas mulheres.

Se tiver passagens anteriores pela polícia, deve ter sido por perturbar a paz, resistir à prisão, roubo ou distúrbio doméstico.

Seu comportamento agressivo deve ter surgido na adolescência. Deve ter terminado o colegial com registros de indisciplina. Deve ter tido aconselhamento em relações sociais e/ou abuso de substâncias.

É inteligente, boêmio e passa bastante tempo andando a pé na área do ataque. Deve ser solteiro. Tem temperamento explosivo e “pavio curto”. Culpa todo mundo pelos seus problemas.

Não deve permanecer por muito tempo num mesmo emprego, pois não aceita bem a autoridade. Deve ser sustentado pela mãe ou mulher dominante em sua vida.

É do tipo solitário. Relaciona-se com as pessoas superficialmente, mas prefere ficar sozinho.

Deve guardar as coisas que assalta de suas vítimas. São vistas como troféus por ele e o ajudam a lembrar o ataque. Guarda as coisas em local seguro, mas de acesso rápido.

Todos os seus ataques são precipitados por situações de *stress* que ele passa. Deve continuar agindo assim, esporadicamente.

O *stress* pode acontecer apenas em sua mente, e não na realidade.

O criminoso reconhece suas falhas e inadequâncias, tentando sempre mascará-las.

4. Comportamento após o crime

Não sente culpa ou remorso por seus crimes. Acredita que sua raiva é justificada e, portanto, seus ataques também. Sua única apreensão é sobre ser identificado e preso.

O detetive Steve Irwin, da polícia metropolitana de Toronto, também tinha certeza de que se tratava de um só criminoso. Ele tinha notado uma escalada nas fantasias daquele maníaco. Primeiro, as mulheres não tinham sido estupradas, o criminoso as havia acariciado sexualmente e a penetração tinha ocorrido com os dedos. Todas as descrições falavam de um bonito jovem, que tinha bons dentes, não cheirava mal e era bem vestido. Ultimamente, a agressividade tinha aumentado e os estupros eram reais.

Antes do Natal, uma das vítimas conseguiu dar uma descrição detalhada do estuprador: tinha boa aparência, aproximadamente 1,83m de altura, bem barbeado e sem tatuagens. Seu retrato falado acabou não sendo divulgado.

Jennifer Galliganm, estudante, foi algumas vezes à polícia dar queixa de seu antigo namorado, Paul Bernardo. As queixas eram de estupro brutal, abusos físicos e ameaças à sua integridade física. Havia coincidências ligando Bernardo aos estupros que estavam acontecendo: os dois guiavam um carro modelo Capri de cor branca, e Bernardo vivia nas proximidades dos locais de ataque. Nada foi investigado com profundidade.

1990

Em maio, finalmente a polícia resolveu publicar o retrato falado do "estuprador de Scarborough", com uma recompensa de US\$ 150.000,00 por pistas que levassem à sua prisão.

Assim que alguns empregados da Price Waterhouse viram o retrato falado nos jornais, contataram a polícia. Achavam que se tratava de um ex-funcionário, o contador júnior Paul Bernardo.

Um gerente de banco também identificou seu cliente, Paul Bernardo, como a pessoa procurada.

Naquele momento, a polícia estava abarrotada de ligações e pistas, mas não conseguia seguir todas elas.

O detetive Steve Irwin decidiu então levar todas as evidências que tinha para um laboratório forense. Pelas amostras de sêmen, foi estabelecido que o estuprador era não-secretor, e seu tipo sangüíneo o colocava entre 12,8% da população.

Tantos conhecidos de Paul Bernardo ligaram para a polícia, que o detetive Irwin decidiu fazer-lhe uma visita. O suspeito não se parecia em nada com um estuprador *serial*, mas mesmo assim foram retiradas amostras de sangue, saliva e cabelo. As amostras, juntamente com outras de 230 suspeitos, foram levadas ao laboratório para análise da Dra. Kim Johnston. Somente cinco amostras das 230 tinham o tipo sangüíneo do criminoso, e Paul Bernardo era um deles.

O problema foi que, até que todos os testes tivessem sido concluídos, o Estuprador de Scarborough tinha encerrado suas atividades abruptamente. O caso não era mais uma prioridade. Os testes de Paul Bernardo foram devidamente engavetados.

1991

Em 14 de junho desse ano, Leslie Mahaffy, 14 anos, saiu à noite com amigos e não voltou para casa na hora combinada. Às 2:00 da madrugada, estava trancada fora de casa. Os pais já estavam cansados da rebeldia adolescente da filha, que descumpria trato após trato.

Leslie telefonou para uma amiga, pedindo para dormir em sua casa, mas esta recusou, alegando que a mãe ficaria brava com visitas àquela hora. Leslie disse à amiga que voltaria para casa e acordaria seus pais. Nunca mais foi vista com vida.

Quando os pais acordaram no dia seguinte e não encontraram Leslie em lugar nenhum, acharam que tinha fugido de casa, inclusive seus amigos. Naquele ano, já tinha feito isso duas vezes, tendo ficado com seu amigo Jason Booth num motel de Burlington. A diferença agora é que sempre Leslie mantinha contato, e desta vez

não se comunicou com ninguém, nem no seu aniversário de 15 anos. Algo parecia estar errado.

Na noite de 29 de junho, um casal de pescadores encontrou o corpo de Leslie no Lago Gibson, quando uma represa foi aberta e abaixou o nível da água naquele local em 3 ou 4 metros. Perto do limite da água, eles repararam num bloco quebrado de concreto, e dentro de um pequeno reservatório criado pelo próprio bloco sobre uma laje, encontraram pernas. A polícia foi chamada.

Eram cinco os blocos de concreto envolvendo as partes de um corpo na área rasa do lago. Quem quer que tenha feito o serviço, não estava familiarizado com a área. Do contrário, teria jogado os blocos de concreto com o corpo por sobre a ponte, onde as águas eram mais profundas e teriam encoberto os restos mortais para sempre.

Primeiramente, foram encontrados apenas suas pernas e pés. Depois, localizaram seu torso e braços, todos cortados com uma potente serra, noutra ponto do lago. Foram os característicos suspensórios usados por Leslie que possibilitaram sua identificação antes que sua cabeça fosse localizada e a arcada dentária identificada positivamente.

Num domingo, em julho, uma moça de 21 anos chamada Rachel Ferron estava a caminho de casa, guiando pelas desertas ruas de St. Catharine, às 2:00 da madrugada. Passou um Nissan esporte dourado, indo em direção contrária. Com espanto, pelo espelho retrovisor, observou o carro fazer meia volta e começar a segui-la. Ao virar na rua de sua casa, o carro seguiu em frente. Rachel ficou aliviada; poderia ter sido apenas impressão sua. Uma semana depois, o Nissan reapareceu. Desta vez, Rachel estava indo para a casa do namorado, que não estava. Seguiu para a locadora de vídeos onde ele trabalhava. Ao chegar, tomou nota da descrição do carro e da chapa: 660 HFH.

Na mesma noite, quando Rachel voltou à casa do namorado, o Nissan dourado ainda a estava seguindo. Ela permaneceu no carro, com as portas travadas e as janelas fechadas, até que seu namorado chegasse em casa. Assim que chegou, imediatamente percebeu um estranho espreitando o carro de Rachel atrás de uns arbustos e resolveu ir até ele para questioná-lo, mas o homem fugiu. Desta vez, Raquel não ficou calada. O casal parou uma radiopatrulha e informou ao policial sobre o acontecido, entregando a placa do veículo que a tinha seguido. O policial levantou os dados no computador rapidamente. O carro estava registrado no nome de Paul Kenneth Bernardo, um Nissan 240 SX. A polícia não deu muita atenção ao caso. Estavam ocupadíssimos com a investigação do assassinato de Leslie Mahaffy.

Em 30 de novembro, a garota Terri Anderson, 14 anos, desapareceu. Ela saiu de casa para andar três quarteirões até sua escola, vizinha da Igreja Luterana, e nunca mais foi vista.

Nissan 240 SX



Firebird



Camaro

1992

Em 29 de março, por volta da meia-noite, as irmãs Lori Lazurak e Tania Berges estavam sentadas numa cafeteria quando viram um carro esporte dourado passando por elas repetidas vezes. Quando perceberam que estavam sendo filmadas, não entenderam nada.

Um mês depois, em 18 de abril, Lazurak estava dirigindo pela Rua Martindale, em St. Catharine, quando viu o carro suspeito novamente. Resolveu segui-lo, e antes de perdê-lo de vista, anotou a placa. Reportou os estranhos fatos à polícia, mas o caso não foi levado adiante. Estavam novamente envolvidos numa investigação muito mais séria: o desaparecimento de uma estudante chamada Kristen French, em 16 de abril, uma garota muito popular que tinha sido raptada do estacionamento de uma Igreja Luterana, ao lado da escola em que Terri Anderson estudava. Somente os sapatos da menina foram encontrados, abandonados no *parking*.

Em 30 de abril, o corpo de Kristen foi encontrado numa vala. Estava nu, mas não desmembrado como o de Leslie, o que levou os investigadores a acreditar que os dois assassinatos de adolescentes

não estavam interligados. O cabelo de Kristen tinha sido totalmente tosado.

Em 23 de maio, o corpo de Terri Anderson foi encontrado dentro d'água em Port Dalhousie, seis meses após seu desaparecimento. O legista não verificou nada de estranho na autópsia daquele corpo que estivera mergulhado por tanto tempo. A causa da morte foi declarada oficialmente como afogamento, provavelmente resultado da combinação de cerveja e LSD. Queriam que a mãe de Terri acreditasse que sua linda menina, estudante brilhante e líder de torcida da escola, muito bem ajustada socialmente, tinha se embebedado, drogado e entrado nas congeladas águas do Lago Ontário, no mês de novembro do ano anterior. Teoria completamente improvável.

Os crimes tinham acontecido na região de St. Catharine, e as investigações eram da alçada da polícia de Niagara Falls. Depois da morte de Kristen French, o governo de Ontário montou uma força-tarefa, com direito a linha direta e base de operações. Especialistas forenses e o FBI se uniram para descobrir o assassino.

Nas entrevistas sobre o desaparecimento de Kristen, uma mulher lembrou-se de ter visto uma luta dentro de um carro, no estacionamento da Igreja Luterana. Não muito familiarizada com

marcas de veículos, a senhora achou que fosse um Camaro ou Firebird, cor creme. O detetive Vince Bevan, responsável pelas investigações, concentrou-se em levantar dados sobre todos os Camaros da região.

Neste meio tempo, o nome de Paul Bernardo apareceu novamente nas investigações, e dois policiais foram até a sua casa entrevistá-lo. Ele agiu com elevada simpatia. Disse que tinha sido suspeito no caso do "estuprador de Scarborough" devido à sua semelhança física com o retrato falado. A polícia notou que aquele homem tinha muito boa aparência, era inteligente e cooperativo, além do fato de sua casa ser limpa e organizada. Também notaram que seu carro era um Nissan, "que não se parecia nada" com um Camaro(!).

Mesmo assim, os dois policiais resolveram fazer um trabalho completo e contataram Steve Irwin, em Toronto, para saber dos resultados das investigações do caso do "estuprador de Scarborough". Oito dias depois, o detetive Irwin respondeu a mensagem: os testes finais das amostras de sangue e saliva de Paul Bernardo não haviam sido feitos; tecnicamente ele ainda era um suspeito. Irwin mandou para a força-tarefa algumas informações sobre o caso, mas negligenciou as entrevistas com amigos de Paul e o caso Jennifer Galligan. Não foi desta vez ainda que Bernardo seria suspeito dos homicídios que estavam acontecendo em Ontário.

Se tivessem se aprofundado nas investigações, descobririam fatos no mínimo interessantes. Dos dezesseis ataques do "estuprador de Scarborough", oito tinham sido brutais. Todos ocorreram entre maio de 1987 e maio de 1990, nas proximidades do Metro Toronto, onde Bernardo morou com a esposa até abril de 1991. Nesse mês, mudaram-se para Port Dalhousie, em St. Catharines.

1993

Em janeiro, Karla Homolka, esposa de Paul Bernardo, procurou abrigo na casa de uma amiga depois que seu marido a espancou. Como o marido desta amiga era policial em Toronto, informou a polícia de Niagara, que levou Karla para o hospital imediatamente.

Em fevereiro, as investigações se intensificaram. As polícias de Toronto e Ontário quiseram entrevistar Karla, tiraram suas impressões digitais e a questionaram sobre seu relógio de pulso com o personagem Mickey Mouse, muito similar ao relógio desaparecido de Kristen French.

Foi também nesse mês, depois de tomar conhecimento do espancamento de Karla, que o detetive Irwin pediu que o laboratório forense examinasse as amostras de sangue, saliva e sêmen de Paul Bernardo. Os testes foram conclusivos: combinavam exatamente com aquelas amostras recolhidas das três vítimas do "estuprador de Scarborough". Paul Bernardo foi imediatamente colocado sob vigilância.

Depois de ser interrogada por quase cinco horas, Karla percebeu que a polícia já tinha somado dois com dois e ligado o caso do "estuprador de Scarborough" com os assassinatos em St. Catharine.

Ela estava compreensivelmente nervosa, e contou a um tio, disposto a ajudar, tudo sobre Paul... que era um estuprador e que tinha assassinado Kristen French e Leslie Mahaffy.

Um ótimo advogado foi contratado, George Walker. Ele logo certificou-se de que Karla não era realmente o anjo que tentava parecer. Talvez conseguisse barganhar algum tipo de imunidade para ela em troca de total cooperação com a polícia.

No meio do mês de fevereiro, Paul Bernardo foi preso pelos estupros em Scarborough e pelos assassinatos de Mahaffy e French. Karla ficou apavorada. Acalmava sua angústia com toneladas de analgésicos e álcool.

Em 19 de fevereiro, a polícia executou o mandado de busca na casa de Paul e Karla. Várias evidências foram encontradas. Paul tinha escrito detalhadamente sobre cada estupro, além de possuir uma coleção de livros e vídeos sobre desvios sexuais, pornografia e *serial killers*.

A polícia também encontrou um vídeo caseiro, onde Karla aparecia em relações lésbicas entusiasmadas com outras duas mulheres.

Uma semana depois, o advogado George Walker tentou um acordo para sua cliente: ela pegaria 12 anos de prisão por cada uma das duas vítimas, com as sentenças cumpridas simultaneamente. Estaria elegível para livramento condicional em três anos, por bom comportamento. Ninguém questionou, pois seu testemunho contra Paul Bernardo era importantíssimo. Os advogados ainda conseguiram que Karla não cumprisse sua pena numa prisão comum, e sim num hospital psiquiátrico. Em troca, Karla contaria toda a verdade sobre seu envolvimento nos crimes e tudo que sabia sobre eles.

Em março, Karla foi internada num hospital, onde tomava altas doses de drogas. Mesmo assim, escreveu uma importante carta para seus pais:

Querida mamãe, papai e Lori,

Esta é a carta mais difícil que tive que escrever, e vocês provavelmente vão todos me odiar depois de ler...

Karla confessava o primeiro de seus muitos crimes...

Paul Bernardo

Nasceu de uma família incomum, em 27 de agosto de 1964. Sua mãe, Marilyn Eastman, era filha adotiva de um renomado advogado, e seu pai, Kenneth Bernardo, filho de imigrantes italianos. Apesar de empresário de sucesso, o pai de Paul abusava da família inteira de várias formas. Moravam em uma área classe média, Scarborough, Toronto. O casamento não ia bem, Kenneth era muito violento com a mulher e, depois de ter um casal de filhos, ela se tornou amante de um antigo namorado. Paul Bernardo era filho ilegítimo dessa relação, mas foi registrado por Kenneth como seu próprio filho, pois tinha a

mente bastante aberta para aceitar a infidelidade da esposa. Sua mente era tão aberta que logo começou a abusar de sua filha adolescente.

Marilyn, cada vez mais angustiada, engordava sem parar. Sua figura tornou-se grotesca e apresentava sinais de severa depressão. Parou de cuidar da casa e dos filhos, e passou a viver em total isolamento no porão de sua casa.

Paul era a criança perfeita. Bonito, bem educado, sorria sempre. Ia bem na escola, era escoteiro... o garoto que toda mãe queria para namorar sua filha.

Quanto mais crescia, mais se envolvia com o escotismo. Trabalhava nos verões e era muito popular com as crianças, que o adoravam. As adolescentes também o amavam!

Aos 16 anos, brigou seriamente com a mãe, que resolveu contar-lhe que era filho bastardo, mostrando a ele a foto de seu verdadeiro pai. O efeito em Paul foi devastador. Passou a odiar a mãe e tratá-la

de modo cada vez pior. Odiava também o pai, por suas perversões sexuais.

Juntou-se a um grupo da vizinhança que teve má influência em seu comportamento. Eram machões e ladrões. Sua atitude com as mulheres também deteriorou.

Paul vivia em bares todas as noites, clamando que todas as adolescentes caíam em suas mentiras. Foi para a Universidade de Toronto, na mesma época em que suas fantasias sexuais começaram a desenvolver um lado bastante obscuro. Sua preferência era por sexo anal forçado em mulheres submissas. Agora tinha um temperamento terrível, e adorava humilhar mulheres publicamente. Também começou a bater nas meninas com quem marcava encontros.

Como não encontrava emprego em que ganhasse o suficiente para manter seus caros prazeres, começou a contrabandear cigarros.

Quando se formou, foi contratado pela Price Waterhouse como contador júnior, e vivia uma época sem namoradas, pois elas estavam cansadas de ser amarradas e espancadas.

Em outubro de 1987, encontrou a garota de seus sonhos, a linda Karla Homolka.

Karla Homolka

Nasceu em 4 de maio de 1970 em Port Credit, subúrbio de Toronto. Era assistente de veterinária, boa aluna, boa filha, boa irmã de Lori, nascida em 1971, e de Tammy, nascida em 1975.

Loira de olhos azuis, foi uma adolescente normal. Fazia parte de um clube informal da escola, o Diamante Clube, onde as garotas se “comprometiam” a casar-se com homens jovens e ricos. Vestia-se com roupas que ela mesma inventava, sendo conhecida por ter um estilo próprio. Também brincava bastante com seus cabelos, tingindo-os sempre das mais diferentes cores. Depois de conhecer Paul, sua família e amigos notaram mudanças em seu comportamento. De repente, Paul era o centro da vida da garota: o que ele gostava de fazer, o que dizia, o que pensaria sobre as coisas... depois de algum tempo, Paul passou a controlar a vida de Karla: sua maneira de vestir, as músicas que ouvia, absolutamente tudo.

Karla desistiu de fazer faculdade, pois pretendia se casar com Paul e ter filhos.

Em 1990, depois de ficarem noivos, os pais de Karla propuseram que Bernardo se mudasse para a casa deles, realizando o maior sonho de sua filha: ver o noivo mais que duas vezes por semana, uma vez que ele morava longe. Paul, sem perda de tempo, foi viver na casa da família Homolka.

Paul (23) e Karla (17) eram totalmente obcecados sexualmente um pelo outro. Diferente das outras meninas, ela encorajava seu

comportamento sexual sádico.

Quando Paul perguntou a Karla o que acharia se ele fosse um estuprador, ela achou o máximo!

Karla era totalmente obcecada em fazer Paul feliz. Seu grande temor era não conseguir satisfazer seu futuro marido. Quando Paul ficava entediado ou distraído, ela sempre fazia algo para excitá-lo, ou encontrava outra pessoa para fazê-lo. Chegou a acompanhá-lo em alguns estupros.

Para o mundo, parecia um conto de fadas. A linda Karla estava noiva de um belo e sofisticado contador. Ia ser um casamento incrível. Ninguém jamais esqueceria.

Antes do casamento, Paul disse a Karla que tinha dúvidas sobre sua virgindade quando seu relacionamento começou. Como presente de casamento, ela deveria promover seu encontro com a irmã mais nova, Tammy, sem que ela soubesse ou consentisse, para que ele lhe "tirassem a virgindade".

Para a grande maioria das pessoas, isso seria chamado de estupro, mas não para a apaixonada Karla.

Seu trabalho a fazia ter conhecimentos básicos sobre sedativos usados em animais, além de ter total acesso a eles na clínica veterinária na qual era empregada. O difícil era estabelecer a dose exata que iria ser utilizada para que a irmã não reagisse ao estupro.

Decidiram usar halotano⁴⁷, anestésico inalado por animais antes de cirurgias.

No livro *Invisible Darkness*, de Stephen Williams, o pensamento de Karla é descrito da seguinte maneira: “ela não queria matar sua irmã, apenas tirar-lhe a consciência para dá-la de presente de Natal a Paul”.

Karla teria que colocar o anestésico numa roupa, e segurá-la sobre a face da irmã, mas acompanharia seus sinais respiratórios. Era realmente um estupro assistido.

Em 23 de dezembro de 1990, Paul filmou com sua câmera o agradável jantar de Natal da família Homolka. Deu a Tammy vários aperitivos com o sedativo diluído neles. Os efeitos da droga e do álcool foram mais rápidos do que o imaginado, e a menina logo estava adormecida no sofá. Quando os outros familiares foram deitar-se, Karla e Paul começaram a "trabalhar" Tammy.

A ação foi filmada durante todo o tempo em que foi estuprada, e molestada analmente. Enquanto Karla segurava o anestésico sobre a face da irmã, Paul ordenou que ela também fizesse carinhos sexuais nela, já adormecida.

De repente, Tammy vomitou. Teria sido melhor se a menina não tivesse jantado naquele dia.

Karla achou que sabia o que fazer, e levantou a irmã de cabeça para baixo, tentando limpar assim sua garganta. Tammy entrou em choque.

Como suas tentativas de ressuscitação falharam, eles a vestiram, esconderam as drogas e a filmadora e chamaram uma ambulância. Os pais só souberam que havia algo errado quando a sirene chegou à sua porta. Todos foram levados a acreditar que Tammy morreu de um choque acidental, causado por seu próprio vômito.

Paul acabou acusando Karla pela morte da irmã. Agora a menina não estava mais disponível para ele, e necessitava que a namorada fizesse uma reposição, alguém bem jovem e virgem.

Karla sabia exatamente quem procurar: a adolescente Jane, que se parecia muito com Tammy. Ela seria seu presente de casamento para Paul.

Jane idolatrava Karla como modelo de beleza e sofisticação. Aceitou feliz o convite para ir até a nova casa alugada pelo casal.

Durante o jantar, Karla embebedou a garota com álcool e tabletes de halcion⁴⁸. Quando ela já estava desacordada, chamou Paul e surpreendeu-o com o presente.

O casal despiu Jane, e Paul filmou Karla fazendo sexo com ela adormecida. Então, tirou-lhe a virgindade, tudo gravado na fita. Jane estava tão drogada que nem percebeu quando Paul a submeteu a sexo anal violento.

Depois da "farra", Karla limpou o sangue da garota de 15 anos e a colocou na cama. Na manhã seguinte, Jane estava passando extremamente mal do estômago e incompreensivelmente dolorida. Quando levantou e encontrou Paul, achou que era a primeira vez que o via. Não tinha a menor idéia do ocorrido.

Logo depois, Paul Bernardo e Karla Homolka casaram-se numa cerimônia perfeita, em 29 de junho de 1991, mesmo dia em que a polícia encontrou o corpo de Leslie Mahaffy.

Tiveram direito a carruagem, igreja histórica e cavalos brancos, champanhe e jantar para 150 convidados sentados. Nenhuma despesa foi poupada. Paul controlou cada detalhe da cerimônia e recepção: o vestido de Karla, seu penteado, o menu do jantar e a inclusão de "amor, honra e obediência" nos votos de Karla.

As Confissões de Karla e seu Julgamento

No caso Leslie Mahaffy, a menina achou que teve a maior sorte do mundo quando, ao voltar para casa na noite de seu desaparecimento, encontrou Paul Bernardo na rua. Ele estava naquela vizinhança procurando placas de carro para roubar. Precisava sempre de placas novas quando contrabandeava cigarros dos EUA para o Canadá; facilitava a passagem na fronteira.

Aquele simpático homem puxou conversa com Leslie, que ansiava por alguém que a ajudasse a entrar em casa sem que os pais a vissem. Depois de alguns momentos de papo amigável, Bernardo

sacou uma faca, forçou Leslie a entrar em seu carro e levou-a para a sua casa.

Enquanto Karla dormia, Paul filmou Leslie nua e vendada. Quando acordou, Karla teve um ataque de raiva. Ele tinha usado seu melhor champanhe para entreter o "novo brinquedinho"! Sob o domínio do marido, acalmou-se e obedeceu as elaboradas instruções de como fazer sexo com a garota. Era como se Paul dirigisse um filme pornográfico.

Depois das preliminares com Karla, Paul forçou a menina a fazer sexo anal brutal, enquanto Karla filmava os gritos terríveis de dor de Leslie...

No caso de Kristen French, Karla teve participação ativa no seqüestro. Enganou a adolescente no estacionamento da igreja, fazendo-a ir até seu carro para explicar um caminho. Enquanto olhavam mapas, Paul, armado de uma faca, forçou a garota a entrar no banco de trás do carro.

Desde o início, o casal sabia que Kristen tinha que morrer. Ela tinha visto os dois, sabia onde moravam e conhecia até seu cachorro, mas não queriam que a garota desconfiasse de seu destino. Kristen era maior e mais forte do que Karla, e se reagisse complicaria muito as coisas...

Kristen era bastante esperta, e fez de tudo para cooperar com o casal depravado em suas ordens ultrajantes e humilhantes. Ela acreditava que agir assim era sua única chance de permanecer viva, mas estava enganada. Quanto mais cooperava, mais sádico Paul se tornava. Ele chegou a urinar em cima da garota, e tentou defecar nela.

As indignidades continuaram por um ou dois dias, tudo devidamente filmado em vídeo para futuro desfrute do casal. Só o assassinato de Kristen não foi filmado. As fitas onde todos os crimes estavam registrados não foram encontradas. Quatro policiais vasculharam a casa de Bernardo e Homolka de cabo a rabo. Quebraram o chão de concreto, removeram painéis, checaram o esgoto, os dutos e móveis fixos, cortaram carpetes, roupas, vasculharam cartas... nada foi achado. Sem as fitas, Karla era a única arma contra Paul Bernardo. Outras evidências encontradas na casa, mas depois não aceitas como provas: uma cópia do controverso livro de Bret Easton Ellis, *American Psycho*, que narra a história de um loiro, narcisista homem de negócios de 20 e poucos anos, que rapta, tortura e estupra jovens meninas; o livro *Perfect Victim*⁴⁹, a verdadeira história de um homem na Califórnia que raptou uma moça de 20 anos, a brutalizou e a manteve como sua

escrava sexual por sete anos; uma fita de “rap” de autoria de Bernardo, chamada *Inocência Mortal*, na qual as letras são lúgubres lembranças de seus crimes.

O julgamento de Karla Homolka foi um verdadeiro circo para a mídia.

Ela foi descrita como impassível. Vestia roupas que pareciam ser maiores do que seu número, querendo dar a impressão de ser mais velha do que realmente era.

Seu psicólogo, Dr. Malcom, concluiu seu depoimento dizendo que Karla sabia o que estava acontecendo, mas estava impotente e incapaz de se defender. Em sua opinião, a ré estava paralisada pelo medo, permanecendo obediente e subserviente.

O juiz aceitou o acordo proposto pelos advogados de Karla. Seu depoimento seria decisivo para o julgamento de Paul Bernardo.

Em fevereiro de 1994, Paul Bernardo e Karla Homolka divorciaram-se.

Karla Homolka cumpria pena na Prisão para Mulheres de Kingston, e dois meses após ser levada para lá começou a fazer cursos por correspondência de Sociologia e Psicologia na Universidade de Queens. Sua cela é totalmente decorada com *posters* do Mickey, e seus lençóis são com motivos da *Vila Sésamo*. Em junho de 1995, foi transferida para a *Metro West Detection Centre*, em Toronto.

O Julgamento de Paul Bernardo

O julgamento de Paul foi adiado para acontecer dois anos após sua prisão. Um dos motivos para esse adiamento foi que Paul colocou seu advogado Ken Murray numa situação ética muito complicada. Três meses após sua prisão e seis dias após terminarem as buscas por evidências na casa do casal, seu advogado teve permissão para entrar no local dos crimes por breves momentos. Recebeu então uma ligação em seu celular: era Paul Bernardo, dizendo a ele onde encontrar as fitas de vídeo, escondidas no forro do teto da casa. Paul deu ao advogado as fitas que ele e Karla fizeram de suas aventuras, acreditando que, ao fazer isso, elas jamais chegariam nas mãos dos promotores.

Eles já sabiam, através de Karla, da existência das fitas, e tinham gravado as conversas entre Paul e seu advogado. Depois de muita pressão, Murray entregou as provas para a promotoria e abandonou o caso. Foi substituído pelo veterano John Rosen.

As fitas de vídeo se tornaram a principal peça da promotoria. Bernardo enfrentava duas acusações de homicídio em 1º grau, duas acusações de ataque sexual com agravante, duas acusações de confinamento forçado, duas acusações de seqüestro e uma acusação de causar constrangimento para um corpo humano⁵⁰.

A promotoria começou seu "show" mostrando a imagem de Karla se masturbando para a câmera, o que causou grande comoção nos presentes. O vídeo mostrava como Paul forçava Karla a fazer coisas contra sua vontade, a ser uma escrava sexual do "Rei Bernardo".

Depois de todas as fitas exibidas, o júri tinha uma completa idéia da profundidade da depravação sexual de Paul Bernardo.

Como se não fosse já o suficiente, Karla foi chamada como testemunha. Seu depoimento mostrou a escalada de indignidades que o marido obrigava a esposa. Ela usava uma coleira de cachorro, ele inseria garrafas em sua vagina e quase a estrangulava com uma corda para satisfazer suas sádicas fantasias sexuais.

Karla também declarou que Paul cortou o corpo de Leslie Mahaffy em 10 partes, utilizando para isso a serra elétrica de seu avô e encapsulou as partes em concreto no porão da casa deles. Ela ajudou Paul a jogar os blocos no rio, mas apanhou por ter esquecido de usar luvas. Depois da morte de Mahaffy, segundo o depoimento de Karla, ela era espancada constantemente e ameaçada de morte a cada vez que hesitava em colaborar.

Paul alegou que suas fantasias eram importantes para ele, e que nunca machucaram ninguém.

A defesa resolveu atacar a credibilidade de Karla. Queria mostrar que ela não era nenhuma vítima, e sim cúmplice ativa nos estupros e homicídios.

Paul contou sobre a frieza de Karla, que logo após o estrangulamento de Kristen, correu para secar os cabelos... tinham um jantar na casa dos Homolka. Ficou claro para todos que Karla havia manipulado as circunstâncias de sua cooperação com o governo, num dos piores acordos que o governo canadense já fez com uma testemunha criminal.

As fitas de vídeo foram vistas apenas pela corte e júri. Público e mídia puderam somente ouvi-las. Durante o ataque a Tammy Homolka, Karla filmou enquanto Paul a penetrava violentamente na vagina e no ânus, e depois o rapaz ordenava que Karla fizesse sexo oral com a irmã. Depois de vários "nãos", a garota cede à vontade de seu parceiro. Após a morte de Tammy, o júri pôde ainda ver as cenas filmadas no quarto da falecida, quando Karla fingiu ser a irmã e o casal manteve relações sexuais entre as bonecas da vítima.

Karla também é vista comentando que “adorou ver Tammy ser estuprada”, dizendo que sua missão era fazer Bernardo sentir-se bem. Ela oferece-se como sua provedora de novas virgens.,

O casal também foi visto espancando e estuprando Mahaffy e French. Enquanto um agia, o outro filmava e “dirigia” a cena. Numa delas, particularmente perturbadora, Kristen French é obrigada a repetir 26 vezes que ama Paul, com a voz bastante trêmula e sob ameaças constantes, enquanto é estuprada por ele. Algum tempo depois, foi socada, ouvindo gritos de que morreria se o prazer de Bernardo não aumentasse.

Homolka deu várias ordens a Kristen French, mandando que ela sorrisse enquanto estava sendo estuprada, e ensinando à garota o que fazer para aumentar o prazer de seu marido. Homolka também ataca sexualmente Mahaffy com uma garrafa de vinho. Nada nas fitas indicou qualquer desprazer de Homolka ao agir em dupla com seu parceiro, ou que sentisse qualquer repulsa pelo que fazia. Leslie Mahaffy e Kristen French foram mortas por estrangulamento com um fio elétrico, mas os assassinatos não foram filmados.

A defesa também mostrou que Karla Homolka teve várias chances de cair fora, mas não usou nenhuma. Durante as duas semanas em que Leslie Mahaffy ficou cativa na casa do casal, ela saiu todos os dias para trabalhar. Em pelo menos duas ocasiões, ficou de guarda com a garota, enquanto Bernardo saiu para alugar fitas de vídeo ou comprar comida.

Pelo acordo de Karla, ela teve imunidade no que se referiu ao assassinato de Tammy Homolka e ao ataque sexual a "Jane Doe"⁵¹.

No julgamento de Bernardo, ele era considerado culpado até que provasse sua inocência. Com Karla, a concepção era exatamente a oposta: inocente até que sua culpa fosse comprovada. O acordo com Karla Homolka foi feito antes que a justiça soubesse das fitas de vídeo ou tivesse acesso a elas, o que justificava a moça ser considerada testemunha-chave para a acusação de Paul Bernardo. Enquanto a defesa tentava mostrar Homolka como cúmplice ativa para diminuir a culpa de Bernardo, a promotoria tratou de mostrá-la como uma mulher fraca, sofrendo da Síndrome da Mulher Espancada. Esta síndrome foi oficialmente reconhecida pelas leis canadenses pela Suprema Corte do Canadá em 1990, numa decisão por escrito feita pela Juíza Bertha Wilson. Nela, foi endossada a idéia que uma mulher na armadilha de um relacionamento abusivo está justificada por atos normalmente não tolerados, uma vez que age para proteger a si mesma. Uma mulher que sofre dessa síndrome acredita estar indigna de ajuda e merece ser abusada. Num certo

momento, ela sente que a única forma de escapar é matando o abusador. Muitos não concordam, alegando que ao tornar essa síndrome legalmente aceitável, estão dando a algumas mulheres licença para matar.

A sentença de Homolka foi amplamente discutida durante o julgamento de Bernardo, através da imprensa e de entrevistas com advogados e psicólogos. Muitos disseram que a Justiça do Canadá vendeu sua alma ao diabo para conseguir condenar Paul Bernardo.

Em casos como o de Lorena Bobbit, que castrou o marido com uma faca de cozinha enquanto ele dormia, sua insanidade foi comprovada através da síndrome. Outro caso ficou bastante conhecido através do filme estrelado por Fawcett, baseado em fatos reais, onde uma mulher espancada freqüentemente pelo marido coloca fogo em volta de sua cama enquanto ele dorme, alcoolizado. Nos EUA, país onde a Síndrome da Mulher Espancada foi legalizada dez anos antes do que no Canadá, várias mulheres já foram inocentadas ou consideradas insanas no momento de graves crimes, através desse argumento.

Muitos acreditam que no caso de Karla Homolka a síndrome não se aplica. Defendem a idéia de que ela é uma mulher extremamente

egoísta, que só buscou ajuda quando sua própria vida estava ameaçada.

Numa avaliação psicológica de Paul Bernardo feita através dos depoimentos de Karla, o psicólogo Dr. Chris Hatcher e seu colega Dr. Stephen Hucker identificaram o réu em relação ao seu comportamento como parafílico (desvios sexuais), sádico sexual, *voyeur*, hebéfilo (ter atração por meninas púberes ou adolescentes), toucherismo (agarrador de mulheres insuspeitas), coprofílico (excitável por fezes), alcoólatra e com distúrbio de personalidade narcisista. Nenhum deles achou que Paul Bernardo fosse psicótico.

Paul se defendeu em seu depoimento, dizendo que fazer sexo com garotas amarradas e algemadas era sua idéia de vídeo pornô, mas que não matou ninguém. Disse que as vítimas morreram durante o espaço de tempo que as deixou sozinhas com Karla.

Mahaffy teria morrido de overdose de drogas. Bernardo pretendia jogá-la em algum lugar ermo, desacordada. Quando viu que a menina estava morta, resolveu esconder seu corpo. Segundo seu depoimento e contradizendo Karla, enquanto ele cortava o corpo em partes, a esposa limpava e lavava cada uma delas para que pudessem "concretá-las".

No caso da morte de French, Bernardo alegou ter deixado a jovem com os pés amarrados e as mãos algemadas, sob a guarda de Karla, enquanto foi alugar fitas de vídeo e comprar comida. Por segurança, teria amarrado um fio elétrico ao pescoço da garota, atando a outra ponta numa cômoda. Enquanto estava fora, French pediu para ir ao banheiro. Quando Karla desamarrou seus pés, ela saiu correndo para tentar escapar, enforcando-se.

Em nenhum momento de seu depoimento, Bernardo perdeu a calma ou a compostura. A alegação da defesa era de que não restavam dúvidas de que o casal tinha atacado sexualmente as jovens, mas precisava ser estabelecido quem, realmente, as tinha matado.

Nada disso salvou Bernardo. Em 1º de setembro de 1995, ele foi considerado culpado por todas as acusações contra ele. Faltava ainda ser julgado pelo assassinato de Tammy Homolka e todos os estupros de Scarborough.

Segundo as leis canadenses, Bernardo pode apelar para obter liberdade condicional depois de 25 anos de prisão. Sua apelação imediata, feita após o julgamento, foi negada em 21 de setembro de 2000.

Karla poderá sair em liberdade condicional em 2001. Seus advogados trabalham para que possa cumprir a pena em regime semi-aberto, pedido negado até o momento.

Os produtores da série *Law and Order* pretendem fazer um episódio baseado no caso Bernardo-Homolka.

O advogado Ken Murray foi julgado, em 2000, por obstrução da Justiça. Ele manteve em segredo estar de posse das fitas de vídeo que retirou da casa de Bernardo, onde o casal assassino aparece tendo relações sexuais e torturando Leslie Mahaffy e Kristen French. Murray alegou que pretendia usá-las na defesa de seu cliente, nas audiências preliminares. Deixaria que Karla Homolka mentisse sobre seu envolvimento nos crimes e depois a desmascararia com as fitas, destruindo sua credibilidade e demonstrando que ela era a verdadeira assassina, e Paul, seu coadjuvante.

Quando as preliminares foram canceladas e resolveu-se ir direto ao julgamento, Paul Bernardo começou a pressionar Murray para que não utilizasse essas provas, as mantivesse em segredo, coisa entre advogado e cliente. Paul alegava que, sem elas, seria a palavra dele contra a de Homolka.

Murray ficou num dilema ético, mas decidiu largar o caso e entregar as provas à Justiça, com um atraso de 17 meses. A Justiça alega que, se estivesse em posse das fitas, não teria tido necessidade de entrar em acordo com Karla Homolka. Ken Murray foi absolvido em 13 de junho de 2000.

A casa de Karla Homolka e Paul Bernardo foi demolida, pois o proprietário não conseguiu nunca mais alugá-la. Outra casa foi construída no terreno.

Os pais de Kristen French, Doug e Donna, ainda vivem em St. Catherine. Donna trabalha com a polícia da região de Niagara, falando sobre o impacto do crime nas famílias das vítimas em geral.

Os pais de Leslie Mahaffy, Dan e Debbie, tiveram seu casamento destruído durante o processo. O *stress* foi crucial. Debbie organiza anualmente um dia em memória das vítimas de crime em Burlington e trabalha no Programa para Vítimas de Crimes, da promotoria.

O serviço correcional do Canadá resolveu que Karla Homolka é tão perigosa para a sociedade que deve ficar presa até o fim de sua sentença (julho de 2005). Se até essa data nada ficar resolvido, Karla será solta automaticamente, pois terá cumprido 2/3 de sua sentença.

*Comentários Finais*⁵²

No relatório do NCAVC, em novembro de 1988, foi prevista uma escalada de violência nos crimes do “Estuprador de Scaborough” no caso de qualquer *stress* que ele sofresse. Enquanto vivia com os

pais, Bernardo era mais controlado. Quando se mudou para St. Catharine, as atividades do "Estuprador de Scaborough" cessaram. Agora que a casa era dele, o controle era total. Podia esconder as vítimas e fazer com elas o que quisesse sem nenhum risco. Essa mudança de circunstâncias ajudou na escalada de seus crimes.

Seqüestro é uma escalada previsível nos sádicos sexuais. Também é certo que o resultado final será assassinato. Uma vez que tenha prendido a vítima, em sua mente, ele não pode mais deixá-la ir. Na sua fantasia galopante, o criminoso precisa de mais controle, o que ganha através do seqüestro e confinamento forçado da vítima em local "seguro". A última fantasia do sádico sexual é a posse total e plena sobre sua "presa", física e psicologicamente. É o poder de vida e morte.

O fato de cabelos terem sido cortados em duas vítimas de Scaborough e em Kristen French é grave indício de que se tratava do mesmo homem. Tirar o cabelo da vítima satisfaz a necessidade de Bernardo de punir, degradar e desgraçar suas vítimas. Também é um troféu.

Em geral, criminosos seriais sádicos sexuais têm as seguintes características:

— Homens.

— Brancos.

— Têm educação escolar além de 2º grau completo.

— Se travestem para mudar de aparência.

— Têm pais infiéis ou divorciados.

— Foram fisicamente abusados na infância.

— Foram sexualmente abusados na infância.

— Têm experiência militar ou fascinação por armas.

— Direção compulsiva.

— Inicialmente apresentam uma imagem de sinceridade, cuidados especiais e cobrem de atenções seu objeto de amor.

— Obsessão por sadismo sexual.

— Personalidade dominadora.

— Colecionadores compulsivos e usuários de pornografia.

— Colecionadores de “troféus” adquiridos de suas vítimas.

— Casam-se na época em que estão cometendo seus crimes.

— Têm conhecida história de transformação de voz e/ou telefonemas obscenos, ou ainda cometeram atentado ao pudor.

— Conhecimento e interesse em assuntos policiais.

— Têm envolvimento incestuoso com seu próprio filho.

— Têm conhecida experiência homossexual.

— Compartilham parceiros sexuais com outro homem.

— Abuso de drogas.

— Tentativa de suicídio.

Bernardo tem muitas características que se encaixam acima. Homem, branco, completou quatro anos de estudos na universidade em apenas três anos. Limpo e bem vestido, comportava-se bem e estava sempre impecável em encontros sociais especialmente durante o dia. Mudava de aparência à noite, quando caçava suas vítimas.

Vários membros de sua família reportaram às autoridades que Bernardo expressava profundo ódio por sua mãe, e pensava que ela era totalmente louca. Não perdoou sua infidelidade e a culpava por sua própria infelicidade. Também sofria abusos físicos de seu "pai".

Bernardo era completamente fascinado por armas, e carregava sempre consigo uma faca especial com inscrição pessoal na lâmina. Esta faca de estimação foi utilizada em vários de seus crimes. Também guardava um revólver embaixo de sua cama.

Dirigia compulsivamente: a vigilância sobre ele estabeleceu que chegava a guiar mais de 650km num só dia, durante vários dias consecutivos.

Namoradas antigas e a família Homolka declararam que Bernardo, nos primeiros estágios de relacionamento amoroso, cobria a amada de presentes e atenção. Mantinha uma imagem de ser extremamente carinhoso e afetivo. Conforme o tempo passava, esse comportamento dava lugar à sua verdadeira personalidade. Uma

namorada de Bernardo declarou que ele era incapaz de obter uma ereção se não a amedrontasse ou infligisse dor a ela. Também usava ligaduras em volta de seu pescoço enquanto fazia sexo anal, além de garrafas e espetos.

Sua personalidade era extremamente dominadora. Escolhia a maneira de vestir e pentear os cabelos da esposa, e nos últimos tempos a isolou completamente dos amigos. Um amigo íntimo de Bernardo, Van Smirnis, declarou ter assistido as várias vezes em que o amigo tratou Karla com total falta de respeito.

Era colecionador compulsivo e usuário de pornografia. Além dos vídeos pornográficos dele mesmo e da esposa que fazia, Bernardo colecionava videoteipes de todos os eventos que filmava.

Os troféus colecionados das vítimas são perversamente gratificantes para os criminosos e fonte para suas fantasias. Em sua casa, foram encontrados sapatos, roupas íntimas, jóias, carteiras e identidades. As investigações revelaram que cada vítima perdeu objetos pessoais durante o ataque de Bernardo, inclusive cabelos da cabeça e do púbis.

As datas em que Mahaffy e French foram assassinadas coincidem exatamente com o período em que Bernardo e Homolka foram viver juntos e se casaram (fevereiro e junho de 1991).

Em pelo menos um caso do “Estuprador de Scarborough”, Bernardo disse à vítima que a tinha observado antes, dentro de sua própria casa. Outras vítimas declararam ter recebido telefonemas obscenos depois do ataque que sofreram.

Em 93% dos casos envolvendo sádicos sexuais, os crimes são planejados cuidadosamente. A vigilância sobre Bernardo estabeleceu que ele caçava suas vítimas dia e noite. O método como se livrou do corpo de Mahaffy indica planejamento. As condições de limpeza do corpo de French, eliminando qualquer evidência, também. Bernardo chegava a obrigar suas vítimas a engolir seu sêmen, para que qualquer amostra biológica fosse destruída.

Os casos documentados historicamente demonstram que criminosos como Bernardo não conseguem parar de estuprar e matar por vontade própria. Só param quando são interrompidos por forças externas, como ser preso, hospitalizado, morto, etc. Em 2000, Paul Bernardo teve a sua apelação negada.

Em 8 de março de 2001, o Conselho Nacional de Condicional do Canadá resolveu, em Ottawa, não dar liberdade condicional para Karla Homolka, que agora mudou seu nome para *Karla Teale*. Concluíram que, se solta, pode ainda cometer crime causando morte ou sério mal a outra pessoa. Recomendaram que Karla Teale permaneça em reclusão até o final de sua sentença, em julho de 2005.

Karla ainda se recusa a receber qualquer terapia de apoio ou tratamento psiquiátrico.

Outubro de 2002 — Karla escreveu uma carta para a Comissão Nacional de Condicional do Canadá requerendo sua liberdade condicional em julho de 2003. Na carta, diz que durante o tempo em que esteve presa foi negligenciado o tratamento da Síndrome da Mulher Espancada, Desordem de Stress Pós-Traumático, etc. Com ironia, descreve como foi avaliada por sete psiquiatras como portadora desses distúrbios, revoltando-se com o fato de que todos, repentinamente, mudaram de idéia e passaram a diagnosticá-la como “psicopata”. Apesar dos psiquiatras avaliarem a moça a distância, já que Karla Homolka negava-se a colaborar, alegaram que ela ainda se vê como vítima e é portadora de transtorno anti-social de personalidade.

Novembro de 2002 — É lançado o livro de Stephen Williams, *LE PACTE AVEC LE DIABLE*, somente em língua francesa, pois os editores de língua inglesa se recusaram a publicá-lo. Contém correspondências entre Homolka e o autor durante um ano e meio. O advogado das famílias das vítimas Mahaffy e French entrou com um processo, alegando que o livro ofende o acordo de Karla Homolka com a Justiça Canadense. Neste acordo, ela se comprometeu a não falar sobre o caso com a imprensa, mídia ou empenhar-se em propósito literário/cinematográfico.

17 de janeiro de 2003 — Pela terceira vez, desde 1999, a Comissão Nacional de Condicional do Canadá negou a proposta de condicional de Karla Homolka para 2003. Justificaram que não houve nenhuma mudança significativa no caso durante o ano de 2002.

Trechos da carta de Karla:*

(...)”De acordo com a lógica dos serviços correcionais, quando eu for libertada, em julho de 2005, livrarão uma fêmea de Hannibal

Lecter, uma monstra-assassina, inteligente, cínica e ironicamente criada pelo próprio sistema prisional.

Seria mais saudável e razoável para os serviços correccionais me liberar em condicional e me prover de acompanhamento por oficiais de condicional, para que eu pudesse ser progressivamente reintegrada na sociedade até que minha sentença expirasse.

(...)Na realidade, o que as autoridades estão fazendo neste momento é prorrogar o inevitável: minha liberação em julho de 2005. Quando eu sair, enfrentarei um mundo que mudou muito desde que fui encarcerada. Não seria mais sábio me ajudar agora do que me atirar na rua em dois anos?"

A Comissão justificou sua decisão alegando que a presa se recusou a participar de programas de reabilitação e ainda tentou esconder um relacionamento sexual na prisão. Segundo eles, ela ainda nega seu papel de agressora sexual e não faz terapia. O homem com quem Karla teria mantido o suposto relacionamento foi transferido.

Fevereiro de 2003 — O livro de Stephen Williams é finalmente publicado em inglês, com o título *A Pact with the Devil* (Um Pacto com o Demônio).



EDMUND KEMPER



O Matador de Colegiais

EDMUND EMIL KEMPER III

— O ASSASSINO DE COLEGIAIS



Edmund Kemper
O Gigante está atrás das grades
© Associated Press

Quem hoje conhece Edmund Kemper jamais imagina os atos criminosos que ele foi capaz de cometer.

Após ser julgado por seus crimes, Kemper foi enviado para a prisão de segurança máxima de Folsom pelo resto da vida⁵³. Ele ainda está atrás das grades. Deu extensas entrevistas a Robert Ressler, agente do FBI⁵⁴, ajudando na manufatura de perfis criminais de *serial killers*. Sua história foi uma ajuda inestimável para que pesquisadores como Ressler pudessem entender melhor esse tipo de assassino.

Em 1988, participou juntamente com John Wayne Gacy de um programa via satélite, onde discutiram seus crimes. Como sempre, foi loquaz e explícito.

Na prisão, é considerado um *serial killer* genial, pois se não tivesse se entregado jamais seria condenado.

Hoje, aos 52 anos, é considerado um preso modelo, com um coração de ouro!!! Utiliza seu tempo livre traduzindo livros para o Braille. Finalmente sua inteligência tem como objetivo construir. Nem sempre foi assim. Vítima de uma infância e adolescência turbulentas e traumáticas, Kemper transformou-se numa espécie de monstro, dificilmente despertando piedade naqueles que investigaram e estudaram seus crimes.

A história problemática teve início na infância. Aos 9 anos, assistiu com raiva e impotência a separação dos pais. Além da intensa saudade que sempre sentiu do pai, muito ausente depois de sair de casa, teve que aturar uma grande sucessão de padrastos.

Sua vida na casa da mãe, em Helena — Montana, nunca foi fácil. Era sempre menosprezado pelas mulheres que viviam ali. Sentia-se um pária em sua própria família.

Jamais esqueceria o dia em que chegou da escola, aos 10 anos, e foi levado direto para o porão. Seu quarto tinha sido transformado em um lugar isolado, sem janelas, só porque as irmãs tinham medo do seu tamanho, e não seria bom se continuasse a dividir um quarto com elas; agora já era um pré-adolescente. Não tinha culpa da altura atingida com tão pouca idade, mas a mãe achava seu tamanho ameaçador. Também era mal visto porque gostava de brincar de fazer teatro, fingindo estar sendo executado na câmara de gás. Agora, vivendo no porão, estava definitivamente banido da família.

Na escola, a vida não era melhor. Apesar de ser fisicamente assustador, Ed morria de medo de apanhar dos colegas. Nunca conseguiu ter um amigo por muito tempo; também não podia explicar para nenhum deles que ficava trancado o resto do dia num porão escuro, que ninguém poderia vir brincar em sua casa, que sua mãe gritava com ele o tempo todo.

Ed e a mãe mantinham um relacionamento mais que conturbado. Travavam uma batalha verbal permanente e sem fim. Na vida adulta, sempre escutaria os gritos dela dentro de sua própria cabeça, sem trégua. No porão, o remédio que aliviava a solidão do dia e o inferno da noite eram as fantasias para as quais se entregava, criações sexuais e violentas. Desta maneira, o tempo passava rápido, enquanto ficava cada vez mais fora da realidade.

Segundo seus relatos, a mãe era a funcionária perfeita do Campus Universitário no qual trabalhava. Já em casa, demonstrava extremo egoísmo; não cuidava de nada nem de ninguém. Ed também apanhava muito dela, que não se conformava com sua "brincadeira" de matar e desmembrar gatos. Ele não entendia a irritação dela, pois no seu modo de ver as coisas nada tinha a ver com animais que não lhe pertenciam.

Apesar dos esforços dos pais, que na realidade eram mais engajados em sua educação do que a maioria, Edmund era uma criança difícil e problemática.

Aos 15 anos, a relação com a mãe ficou insustentável. Já atingira 2 metros de altura, e as mulheres da casa sentiam-se ameaçadas pelo rapaz cada vez mais circunspeto e intratável, quieto e "estranho".

Quando uma curta temporada na casa do pai, em Los Angeles, fracassou, foi mandado para a residência dos avós paternos, Maude e Edmund Kemper Sr., em North Folk, Califórnia, em 1963. Era uma fazenda de 17 acres, completamente isolada, e o menino estava agora definitivamente à parte de tudo e todos. Passava o dia caçando com seu rifle .22, acompanhado do cachorro que tinha se transformado no único amigo.

Na escola, os professores o achavam quieto, um aluno normal, que não causava problemas nem atraía atenção para si mesmo, apesar de seu tamanho. Para os avós, a situação era tensa, mas suportável.

O que não sabiam é que a raiva crescia dentro dele. O relacionamento com o avô até era bom, mas a avó o irritava tremendamente. No ano de 1964, Ed passou o verão na casa da mãe, mas logo estava de volta à fazenda. A avó notou que ele estava diferente... Parecia mais sinistro e mal-humorado. Terminara

a escola e sumia por longos períodos de tempo. Achava a avó cada vez mais chata, e o avô realmente entediante.

Suas violentas fantasias voltaram, e desta vez incluíam a avó. De alguma forma, Maude Kemper pressentia o perigo. Começou a carregar a pistola .45 do marido consigo, com medo de que caísse nas mãos do neto, pois não confiava nele. Ed sentiu esse ato como uma ofensa pessoal, e a tensão na fazenda começou a crescer sem controle. A avó passou a reclamar que seu olhar a deixava nervosa, que parasse de fitá-la. Ed não se conformava. Agora nem olhá-la ele podia.

Em 27 de agosto de 1964, Edmund deu vazão à sua raiva. Estava sentado junto da avó na cozinha, olhando enquanto escrevia mais uma de suas histórias infantis, quando novamente ela pediu que parasse de fitá-la. Pegou o rifle, chamou o cachorro e disse que sairia para caçar... antes de fazer uma besteira. A avó resolveu emendar: "Não atire em passarinhos, hein?". Foi a gota d'água para aquela mente perturbada.

Ed ergueu o rifle e atirou na cabeça da avó. Ela despencou sobre a mesa da cozinha. Ainda atirou mais uma vez, em suas costas. Correu para dentro de casa, pegou uma toalha e enrolou-a na cabeça dela, para que pudesse levar o corpo para o quarto do casal.

Depois de ajeitá-la, sua única preocupação foi o que diria ao avô. Saiu lá fora para pensar com calma. Até gostava dele, mas contar o que acabara de fazer... não sei não. Não teve muito tempo para pensar no assunto. Logo viu o carro do avô estacionando, chegando das compras que tinha ido fazer na cidade. Todas as suas dúvidas se dissiparam ao vê-lo descendo do caminhão, cheio de sacolas nos braços. Ergueu novamente o rifle, fez pontaria e o matou com um só tiro.

E agora? O que fazer? Todos saberiam sobre seu ato criminoso. Resolveu fazer um telefonema para a mãe, que o aconselhou a chamar a polícia. Na hora, parecia a coisa certa, mas depois não teria tanta certeza.

Ed chamou o xerife, e foi levado para interrogatório. Mesmo explicando a ele que *tinha matado o avô no intuito de poupá-lo de ver sua mulher morta e ter um ataque cardíaco*, foi levado preso. Ficou à disposição da Justiça, que decidiu enviá-lo ao Hospital Estadual Atascadero, em 6 de dezembro de 1964. O rapaz ainda não tinha completado 16 anos. Foi diagnosticado psicótico e paranóico.

Ali foram seus tempos mais felizes. Atascadero estava longe de ser uma prisão. Não tinha guardas nas torres, e o grande objetivo ali era tratar e recuperar doentes mentais que haviam cometido crimes, não os punir.

Ed demorou longo tempo para entender seus crimes, mas os amigos internados entenderam rapidamente. Jamais assumiu a culpa por ter matado os avós, foi algo além de seu controle, mas estava tão bem que tinha ficado orgulhoso ao ser escalado para trabalhar de auxiliar no laboratório de psicologia e ajudar a aplicar testes em outros pacientes. Ele se esforçava ao máximo. Todos os dias esperava com ansiedade as horas vagas. Naqueles momentos, os outros criminosos contavam as histórias de seus crimes com todos os detalhes. As mais interessantes foram contadas pelos estupradores seriais. O melhor de ouvir histórias e contar suas fantasias era que, ali, comportamento violento e fantasias perversas não eram “coisa de louco”. Os outros internos o consideravam absolutamente normal.

Quanto mais tempo passava internado, mais suas fantasias sexuais se tornavam intrincadas e intensas. Não via a hora de poder colocar em prática todos os seus sonhos...

Sempre achou que os amigos estupradores haviam sido presos porque não tinham sido espertos o suficiente: deixavam atrás de si muitas testemunhas e evidências. Atacavam mulheres que os conheciam, e o faziam em locais públicos. Ed tinha guardado cuidadosamente todos os detalhes e informações de que pudesse precisar um dia. Jamais dividiu com os médicos as violentas fantasias de assassinar incognitamente. Quando realizasse seus mais íntimos desejos, jamais descobririam sua identidade secreta. Nunca deixaria pistas.

Para todos, Ed Kemper era um trabalhador esforçado e comportado, adolescente religioso que há muito tinha se arrependido de seus atos e se regenerado. Com boa aparência, extremamente inteligente e caseiro, procurava na Bíblia cada referência religiosa que ouvia nas conversas dali.

Não demorou para sua alta médica ser encaminhada, e começou a freqüentar uma escola perto do hospital, ainda sob supervisão. Ficava meio deslocado no meio de gente que considerava tão estranha. Seus colegas de classe eram *hippies* com longos cabelos; desvalorizavam o que ele mais admirava: a autoridade em geral.

Ed, por sua vez, era extremamente quadrado. Tinha cabelos curtos, usava bigodinho bem aparado e desejava ardentemente ser

um oficial da lei. Não conseguiu, novamente por causa de sua altura. Nessa época, já alcançava os 2,05m e pesava cerca de 140kg. A polícia estadual mantinha como regra uma faixa delimitada de altura, com mínimo e máximo. Ed não estava dentro dos padrões estabelecidos. Seu sonho terminava ali.

Foi nessa época que, para se consolar, comprou uma motocicleta. Pelo menos assim, podia fingir ser um "tira".

Bem dotado de inteligência, não foi nada difícil ir bem na escola. Em três meses foi libertado condicionalmente por 18 meses. Apesar dos conselhos dos médicos de Atascadero de que ele não devia voltar a morar novamente com a mãe, as autoridades da Califórnia o mandaram direto para lá.

Clarnell tinha acabado de se mudar para Santa Cruz, e trabalhava no campus da Universidade da Califórnia. Com a oficialização do divórcio, agora seu sobrenome era Strandberg. Desde que Ed tinha sido internado, ela estava mais feliz e tranqüila. Com seu retorno, não demorou muito para que as batalhas verbais entre mãe e filho começassem outra vez. Para a mãe, todos os problemas eram culpa dele. Discutiam tão alto que todos os vizinhos tinham conhecimento delas. Seus momentos de lazer aconteciam quando ia ao bar "Jury Room"⁵⁵, onde encontrava os únicos amigos... os policiais da cidade.

Ed tinha verdadeiro fascínio pelas histórias de polícia e tudo o que dizia respeito a ela, e passava horas ali conversando sobre armas e munições. Realmente o respeitavam, e o apelidaram carinhosamente de "Big Ed"⁵⁶.

Ele não via a hora de morar sozinho. Trabalhou em vários empregos, até estabilizar-se na Divisão de Estradas, onde ganhou dinheiro suficiente para alugar um apartamento e dividir as despesas com um colega.

Mas, apesar da mudança, as coisas novamente não correram como esperava. A mãe continuou a menosprezá-lo. Ficava tão perturbado quando a encontrava, que em duas ocasiões caiu de sua moto, sendo obrigado a ficar de licença para recuperar-se das fraturas sofridas.

Ao sarar completamente, vendeu a moto e comprou um carro muito parecido com o da polícia. Enfim, realizava uma grande vontade que tinha desde a infância. Equipou-o com um rádio transmissor, microfone e antena, e logo começou a dar caronas na estrada para lindas meninas.

Sua grande diversão era observar como essas mocinhas reagiam a ele. Tinha *pós-graduação* em fazer as pessoas confiarem nele, e as levava em segurança ao destino escolhido. Ao chegar em casa, fantasiava como seria mantê-las cativas sem ser descoberto. Devagar, foi planejando como faria para realizar suas fantasias sexuais. Quando já tinha todos os detalhes em mente, passou à ação: tirou a antena do carro, ajeitou a porta do passageiro de modo que não abrisse por dentro, armazenou plásticos, facas, revólveres e cobertores no porta-malas e, finalmente, sentiu-se mais do que pronto.

Em 7 de maio de 1972, sua vida realmente começou a ficar mais movimentada. Perto do campus, duas garotas estavam no acostamento pedindo carona.

Mary Ann Pesce e Anita Luchese, estudantes do Colégio Estadual de Fresno, mal acreditaram na sua sorte quando um carro parou para pegá-las. Pretendiam passar os feriados em Berkeley. Entraram no veículo, felizes da vida. A felicidade durou pouco tempo. Ficaram alarmadas ao verem aquele simpático motorista enveredando o carro por um caminho completamente deserto. Ao começarem a questioná-lo, já assustadas, ele calmamente tirou uma arma debaixo do banco e mandou que ficassem quietas. Ed prendeu Anita no porta-malas. A menina chorava sem parar, mas logo o som ficou abafado.

Conduziu Mary Ann até o banco de trás, deitou-a de bruços, algemada, colocou um saco plástico sobre sua cabeça e começou a estrangulá-la com uma tira de tecido. A menina, apavorada, lutava pela vida. Ed estava adorando a luta. Quanto mais ela lutava, mais prazer ele tinha. Até que a garota furou o plástico e quase estragou seus planos. Frustrado, tirou do bolso uma faca e esfaqueou-a repetidas vezes, até que parasse de se mexer. Por fim, cortou-lhe a garganta. Era hora de dar atenção a Anita.

Tirou a menina do porta-malas e começou imediatamente a esfaqueá-la com uma faca maior ainda, matando-a rapidamente. Depois declararia que seu maior prazer estava em observar as feições das vítimas enquanto morriam.

Já tinha em mente todos os passos seguintes que executou: levou os dois corpos para casa, onde havia comprado uma mesa para dissecação, e começou a trabalhar com Mary Ann. Dissecou-a inteirinha, matando todas as suas curiosidades. Tirou fotos de todo o processo. Depois, enfiou os restos na sacola plástica com que tentou sufocar Mary Ann, e enterrou-a. Não se livrou das cabeças nem do cadáver de Anita⁵⁷.

Missão cumprida. Jamais a polícia suspeitou de Edmund Kemper.

Na noite de 14 de setembro de 1972, Ed avistou Aiko Koo num ponto de ônibus. Parou o carro e ofereceu carona à garota, que prontamente aceitou. Ela estava cansada de esperar e atrasada para a aula de dança. Numa curva, Aiko viu uma arma apontada para sua cabeça. Entrou imediatamente em pânico e tentou sair do carro. A porta não abria. O motorista, numa voz incisa e profunda, explicou que a garota não tinha nada a temer. A arma era para seu próprio suicídio, e se ela não fizesse nenhum sinal à polícia ou pedestres, nada aconteceria. Aiko, em silêncio, tremia incontrolavelmente.

Ele guiou em direção às montanhas. Saiu da estrada principal, parou o carro e avançou para cima da garota. Tentou sufocá-la tapando-lhe a boca e enfiando o polegar e o indicador em suas narinas. A menina desmaiou. Quando despertou, Ed começou a sufocá-la outra vez. Deliciava-se observando todas as expressões dela, e esperou que parasse de respirar completamente. Tirou-a do carro, deitou-a no chão e estuprou seu corpo ainda quente. Depois, para ter certeza de que estava morta, estrangulou-a novamente, desta vez com o próprio lenço da menina. Quando estava absolutamente seguro de sua morte, colocou o corpo no porta-malas e saiu da cena do crime. No caminho para a casa da mãe, parou

num bar local e tomou umas cervejas. Toda a hora parava o carro e admirava sua conquista. Tarde da noite, levou Aiko para sua cama e divertiu-se mais um pouco. Depois, dissecou-a do mesmo modo que havia feito com Mary Ann e Anita, e saiu para jogar fora os restos mortais. Jogou as mãos e a cabeça da vítima em locais diferentes do resto do corpo.

Durante as conversas com policiais no Jury Room, adorava ouvir os detalhes das investigações de seus crimes, entre uma cerveja e outra. Quase se sentia um deles, ao ser incluído no assunto e saber segredos que não saíam nos jornais. Ouviu dos amigos que nunca relacionaram o desaparecimento de Aiko com o das primeiras vítimas. Nos próximos quatro meses, vítimas de outros assassinos (Herbert Mullin e John Lindley Frazier) tiveram seus corpos encontrados na mesma área, mas jamais Ed Kemper foi considerado um suspeito pela polícia. Em 8 de janeiro de 1973, sentiu-se mais confiante e comprou uma arma calibre .22.

A próxima vítima foi Cindy Schall. Levou-a às colinas de Watsonville, onde matou-a com a nova arma. A bala alojou-se no crânio. Ed, que havia acabado de se mudar para os fundos da casa da mãe, levou o corpo até o quarto e esperou até que ela saísse para trabalhar. Teve então todo o tempo do mundo. Fez sexo com a garota sem correr o risco de ser descoberto.

Sem a mesa de dissecação, que não trouxe na mudança, ajeitou o corpo de Cindy na banheira para divertir-se. Teve muito cuidado para deixar tudo limpo, sem nenhuma pista. Removeu a bala do crânio da garota no quintal da mãe. Acondicionou os pedaços esquartejados em vários sacos plásticos e jogou-os de um penhasco perto de Carmel. Desta vez, os restos mortais seriam descobertos em menos de 24 horas, mas esse fato não causou nenhuma preocupação a Ed. Ele havia sido extremamente cuidadoso.

Na noite de 5 de fevereiro de 1973, teve uma briga monumental com sua mãe. Ficou totalmente perturbado. Trancou o apartamento nos fundos e saiu na rua a esmo, pronto para caçar outra vítima.

A primeira presa que entrou em seu carro foi Rosalind Thorpe. Conversavam animadamente, quando Ed parou para dar carona a outra moça, Alice Liu. Nenhuma delas teve qualquer receio de entrar no carro. A segurança estava garantida com o adesivo-passe da Universidade de Santa Cruz, roubado da mãe. Rodaram por algum tempo, e desta vez o assassino nem parou o carro para matá-las. Chamou a atenção de Rosalind para a bela vista na janela do passageiro, enquanto sacou a arma e atirou na cabeça dela. Imediatamente apontou em direção à perplexa Alice, atirando várias vezes. Diferente de Rosalind, Alice não morreu imediatamente. Teve que atirar nela novamente quando saíram da cidade, terminando o serviço. Estacionou num beco sem saída e transferiu os dois corpos para o porta-malas. Ao chegar em casa, tirou-os, decepou-lhes as

cabeças e guardou tudo no porta-malas novamente. Na manhã seguinte, já na segurança de seu quarto, fez sexo com o corpo sem rosto de Alice. Também trouxe para dentro a cabeça de Rosalind, extraindo a bala alojada no crânio, eliminando qualquer pista. Jogou as partes esquartejadas longe de Santa Cruz, e afastou-se bastante, livrando-se das mãos e das cabeças, que poderiam identificá-las rapidamente.

Nessa época, Ed ainda passava suas noites no Jury Room, onde constatava quão longe os policiais estavam da verdade. Todas as conversas giravam em torno do então chamado "Co-Ed Killer"⁵⁸. Ninguém imaginava que ele entrava no campus para escolher suas vítimas. A polícia não tinha nenhuma pista. O assassino era esperto, variava de método para matar: atirava, esfaqueava ou sufocava.

A violência de Ed continuava crescendo. Sempre as levava para casa e seus atos com os corpos progrediam, como fazer sexo com eles. Em uma das ocasiões que matou, foi à consulta do psiquiatra levando cabeças de vítimas em seu carro. Testou assim a habilidade em fazê-lo acreditar que tudo estava bem e sob controle. A mãe também não desconfiava de nada.

Num certo dia, resolveu que era hora de cometer seus últimos crimes. Pegou um machado, subiu vagarosamente as escadas em

direção ao quarto da mãe, abriu com cuidado a porta e admirou Clarnell, que dormia pacificamente. Aproximou-se e ajoelhou ao lado da cama. Observou-a por um tempo, lembrando mais um pouco o quanto a tinha amado e o quanto fora rejeitado por ela. Ed ficou em pé. Pegou o machado com as duas mãos e decapitou sua mãe de um só golpe. Ela jamais soube o que a atacou.

Então, num ritual enlouquecido, deu vazão aos seus desejos. Estuprou o corpo sem cabeça até saciar-se por completo. Mas, como sempre, os gritos dentro de sua cabeça voltaram. Ed ouvia ainda os gritos dela por todo o lado. Desceu até a cozinha e pegou uma faca afiada. Subiu as escadas de dois em dois degraus, rápido, com pressa, antes que os gritos o enlouquecessem. Pegou desajeitadamente a cabeça da mãe no colo, e arrancou rapidamente todas as suas cordas vocais. Finalmente os gritos pararam de atormentá-lo. Levantou-se e ajeitou o que sobrou da cabeça dela em cima da prateleira. Foi até o quarto, pegou seus dardos, e ficou por muito tempo acertando aquele alvo perfeito. Essa prática começou a fazer com que raciocinasse com clareza.

A polícia encontraria logo o corpo de sua mãe, e as suspeitas não demorariam a recair sobre ele. Precisava disfarçar o acontecido sem perda de tempo, e a melhor maneira era fazer a polícia pensar que aquele era o trabalho de um doido qualquer.

De repente, uma idéia começou a formar-se em sua mente. Desceu correndo as escadas, pegou o telefone e convidou Sarah Hallet, a melhor amiga de sua mãe, para um jantar íntimo naquele dia, uma surpresa para Clarnell. Sem perda de tempo, arrumou a mesa para as duas.

Ao entrar, Sarah não teve tempo nem de pensar. Levou uma pancada na cabeça, foi agarrada por aquele enorme homem e estrangulada manualmente até a morte. Ainda inseguro de sua morte, Ed utilizou o lenço de Aiko para estrangulá-la mais um pouco. Finalmente, deu-se por satisfeito.

Removeu então as roupas de Sarah e colocou-a em sua cama; fez sexo a noite inteira com o corpo sem vida. Na manhã seguinte, ao acordar do transe em que tinha estado, ficou extremamente perturbado com a cena que encontrou.

Era domingo de Páscoa. Entrou no carro de Sarah, deu a partida e começou a viajar sem rumo. Depois de um tempo, abandonou-o num posto, alegando que precisava de reparos. Trocou de carro várias vezes, alugando várias marcas e modelos, com medo de ser pego. Mesmo sem saber para onde estava indo, ele começou a

alimentar expectativa de ficar famoso através de seus crimes. Finalmente o mundo saberia o quanto era inteligente...

Ed percorreu todo o caminho até Pueblo, Colorado. Parava para comprar jornais e assistir ao noticiário, esperando ouvir as notícias sobre sua façanha. Mas algo deu errado. Não estava se tornando famoso como esperava. Nem sequer era suspeito de ter matado Clarnell e Sarah.

Sem perder mais tempo, alugou um quarto num motel e ligou para a polícia de Santa Cruz, dizendo-se responsável por oito crimes. Ninguém na polícia acreditou: "Pare de brincar, Big Ed, esta não é hora de passar trotes! Você não assiste à televisão? Não sabe o quanto estamos ocupados tentando pegar o assassino de sua mãe? Onde você se meteu, afinal?".

Para a polícia, Ed era só um moço que queria ser "tira", e vivia na delegacia perguntando detalhes sobre crimes. Ed foi obrigado a fazer diversas ligações para que finalmente acreditassem nele. Deu detalhes sobre os crimes que só o assassino conheceria, e informou sua localização. A polícia atravessou três estados para prendê-lo. Ele esperou-os sentado.

Sobre os Crimes

Em seus depoimentos, Kemper admitiu guardar cabelo, dentes e pele de algumas vítimas como troféus. Também admitiu praticar canibalismo, dizendo preferir a carne da coxa das vítimas para fazer carne à caçarola com macarrão. Alegava comê-las para que fizessem parte dele.

Enterrou várias cabeças no jardim, viradas de frente para o quarto de sua mãe, já que ela adorava "ser vista" por todos.

O Julgamento

Ed Kemper levou os policiais de Santa Cruz a todos os lugares que utilizava para se livrar dos corpos. James Jackson foi designado pela corte como seu advogado de defesa, e a ele só restou alegar

que seu cliente não estava de posse das plenas faculdades mentais no momento dos crimes.

Várias testemunhas foram trazidas para depor e tentar estabelecer a insanidade de Kemper, mas o promotor destruiu o depoimento de cada uma. O Dr. Joel Fort, testemunha da acusação, foi quem fez o maior estrago na estratégia da defesa: afirmou que Ed Kemper não era paranóico esquizofrênico. Para tanto, utilizou-se de todos os registros referentes ao assassino desde o Hospital Psiquiátrico Atascadero, além de entrevistas com o réu. Afirmou que o réu era obcecado por sexo e violência, tão carente de atenção que tinha tentado o suicídio até durante o julgamento, mas de forma nenhuma insano. Fort também afirmou que, se fosse solto, mataria novamente o mesmo tipo de vítima.

Durante as três semanas de julgamento, nenhuma testemunha, incluindo suas irmãs e médicos de Atascadero, conseguiu convencer o júri que Ed era insano. Quando perguntado a que pena deveria ser submetido para pagar seus crimes, respondeu:

— “Pena de morte por tortura”.

O júri deliberou por cinco horas. Consideraram Edmund Kemper culpado de assassinato em 1º grau nos oito crimes. Foi condenado à prisão perpétua sem possibilidade de condicional. Só escapou da pena de morte por, na época, ela ter sido abolida do Estado da Califórnia.



JOHN WAYNE

GACY



O Palhaço Assassino

JOHN WAYNE GACY

— O PALHAÇO ASSASSINO

Março de 1978 — Chicago

Jeffrey Ringall, 27 anos, tinha acabado de chegar das férias que passara na Flórida. Antes de ir para casa, resolveu dar uma passeada em New Town, uma popular área de Chicago onde ficam várias discotecas e bares.



John Wayne Gacy
Executado em 1994 — Illinois
Cara de empresário, alma de assassino
© Associated Press

Quando andava por ali, seu caminho foi bloqueado por um Oldsmobile preto. O motorista, homem grande e pesado, colocou a cabeça para fora da janela e elogiou o bronzeado fora de época de Ringall.

Riram, conversaram um pouco, e ele convidou Ringall para dar uma volta pela cidade em seu carro. Ringall adorou a idéia de sair do frio e dividir um “baseado” com aquele estranho tão amigável. Entrou no carro e, no meio da diversão, o homem agarrou-o, colocando sobre seu nariz um pano encharcado com clorofórmio.

Ringall perdeu a consciência. Acordou várias vezes durante os acontecimentos, tentando entender onde estava, mas antes que isso fosse possível, o estranho novamente cobria seu rosto com clorofórmio e ele perdia os sentidos.

Quando recobrou a consciência, estava completamente vestido embaixo de uma estátua, em pleno Lincoln Park. Não fazia a menor idéia de como tinha ido parar ali. Foi até a casa da namorada, sentindo-se muito mal. Ao tirar a roupa, não puderam acreditar no que viam: lacerações na pele, queimaduras, hematomas. Ringall ficou seis dias internado, e sofreu estragos permanentes no fígado causados pelo clorofórmio que inalou em grande quantidade. O trauma emocional foi intenso.

Ao ser interrogado pela polícia, aquela vítima só se lembrava que um homem gordo o havia atraído para seu carro, um Oldsmobile preto. Lembrava-se também de ter sido levado a uma casa, onde foi atacado sexualmente e espancado com um chicote, mas não lembrava da localização dela. Ficou difícil para a polícia investigar com tão poucos dados...

11 de Dezembro de 1978— Des Plaines— Chicago

Robert Piest, 15 anos, trabalhava em uma farmácia. Sua mãe tinha ido buscá-lo no horário de saída, mas o garoto pediu que ela aguardasse um pouco, pois iria lá fora conversar com um empreiteiro que estava lhe oferecendo um emprego. A mãe ficou por ali olhando as prateleiras pacientemente, torcendo pelo esforçado filho que tinha. Pediu que ele não demorasse, pois o bolo de seu aniversário o esperava pronto, em casa. Robert nunca iria apagar aquelas velinhas.

O tempo foi passando, e ele não voltava. Depois de sair e entrar na farmácia várias vezes sem conseguir encontrar o filho, a mãe do menino resolveu chamar a polícia. Começou a ficar desesperada.

A Investigação

O tenente Joseph Kozenczak respondeu seu apelo. Depois de ser informado do nome do empreiteiro que havia oferecido emprego a Robert, Kozenczak resolveu ir até a casa dele. Já fazia três horas que o garoto estava desaparecido.

Quem atendeu a porta foi o próprio empreiteiro, John Wayne Gacy. O tenente explicou-lhe sobre o garoto desaparecido e pediu que o acompanhasse até a delegacia, para prestar depoimento. Gacy disse ao tenente que não podia sair de casa naquele momento, pois havia acontecido uma morte na família e ele precisava atender algumas ligações telefônicas. Assim que pudesse, iria até lá.

Horas depois, em seu depoimento para o tenente Kozenczak, o empreiteiro John Wayne Gacy disse nada saber sobre o desaparecimento do tal menino.

Assim que o homem saiu da delegacia, o tenente resolveu checar o passado dele. Surpreendeu-se com sua ficha criminal!

Em 1968, John Gacy tinha sido condenado em Iowa por abusar sexualmente de um menino. Pegou 10 anos de prisão, mas foi solto em liberdade condicional por bom comportamento, depois de cumprir 18 meses da pena. Em 1971, foi acusado novamente de atacar um adolescente que trabalhava para ele na franquía do Kentucky Fried Chicken, onde o sogro era proprietário.

O caso acabou sendo arquivado, pois o garoto não compareceu à audiência. Em 1972, foi acusado de molestar e matar um *gay*. Alegou que se tratara de um acidente.

Quanto mais pesquisava a vida de Gacy, mais espantado o tenente Kozenczak ficava. Tratava-se de homem de grande prestígio na cidade, e ninguém parecia saber de seus antecedentes. Agora, aos 36 anos, era membro do Conselho Católico Inter-clubes, membro da Defesa Civil de Illinois, capitão-comandante da Defesa Civil de Chicago, membro da Sociedade dos Nomes Santos, eleito homem do ano, presidente da Jaycees (sociedade comunitária local) e tesoureiro do Partido Democrata. Sua foto havia aparecido nos jornais quando foi recebido pela primeira-dama Rosalind Carter. Muitos de seus amigos haviam ouvido boatos sobre sua homossexualidade, mas não deram muita atenção, pois Gacy havia sido casado duas vezes, tinha filhos...

Também se tratava de um homem tremendamente caridoso, que se fantasiava de Palhaço Pogo e entretia crianças em festas beneficentes e hospitais.

Tinha uma firma empreiteira chamada PDM Contractors, Incorporated: executava serviços de pintura, decoração e manutenção. Gacy habitualmente contratava menores de idade, alegando que os custos eram mais baixos.

De posse de todas essas informações, confuso e desconfiado, o tenente Kozenczak obteve um mandado de busca para a casa do suspeito. Ele acreditava que iria encontrar Robert Piest ali. Encontrou muito mais...

Ao vasculhar a residência do empreiteiro, a polícia se deparou com várias evidências suspeitas:

— Anéis gravados com iniciais, entre outros.

— Sete filmes eróticos suecos.

— Vários comprimidos do sedativo Valium e nitrato de amido⁵⁹.

— Fotos coloridas de farmácias.

— Livros sobre homossexualidade.

— Um par de algemas com chaves.

— Uma tábua com dois buracos de cada lado, de uso desconhecido.

— Uma pistola.

— Emblemas da polícia.

— Um pênis de borracha preta.

— Seringas hipodérmicas.

— Roupas muito pequenas para serem de Gacy.

— Um recibo de filme fotográfico da Farmácia Nisson (que depois se descobriria ter pertencido a Robert Piest).

— Uma corda de náilon.

— Duas licenças de motorista, não no nome de Gacy.

— Um anel com a inscrição “Maine West High School — class of 1975” e as iniciais J.A.S.

— Maconha e papéis para enrolar “baseados”.

— Um canivete.

— Uma mancha no tapete.

— Um livro de endereços.

Três automóveis também foram confiscados. Em um deles, foram encontrados fios de cabelo que depois de examinados por um laboratório forense seriam identificados como de Robert Piest.

Durante todo o tempo em que recolhiam essas evidências, os policiais sentiam um odor muito forte, que parecia vir debaixo da casa. Provavelmente se tratava de esgoto ou água servida, mas não custava verificar. A casa de Gacy foi construída de forma a ter um espaço entre o chão e a laje do piso, onde uma pessoa só conseguia entrar rastejando. Além do odor, nada chamou a atenção.

John Gacy foi intimado a comparecer à delegacia para explicar os objetos encontrados em sua casa. Chamou seu advogado imediatamente. Além da acusação por porte de maconha e do sedativo Valium, a polícia não tinha nada contra ele. Tiveram que liberá-lo, mas mantiveram vigilância 24 horas sobre o suspeito.

Outras novidades começaram a aparecer no caso de John Gacy. Jeffrey Ringall, que sofreu profundos abalos emocionais depois de sua aventura, estava determinado a encontrar seu estuprador. Lembrava-se de ter visto uma certa avenida no caminho até a casa do homem que o estuprou, num dos breves momentos em que esteve consciente dentro do carro. Não teve dúvidas: pegou seu próprio carro e estacionou-o nesta avenida durante horas, todos os dias, até ver passar um Oldsmobile preto. Seguiu-o até a casa do motorista, obteve o nome do morador e imediatamente entrou com uma queixa-crime de ataque sexual contra John Wayne Gacy.

Os exames forenses nos artigos recolhidos como evidência na casa de Gacy também começavam a frutificar.

Um dos anéis encontrados pertencia a John Szyc, desaparecido um ano antes. Szyc, garoto de 19 anos, saiu de casa guiando seu carro Plymouth Satellite 1971, em 20 de janeiro de 1977, e nunca mais foi visto. Pouco tempo depois, outro adolescente foi preso guiando esse mesmo veículo, quando tentava sair de um posto de gasolina sem pagar o combustível. Ele disse à polícia que o homem com quem morava podia explicar a situação. Este homem era Gacy, que afirmou que Szyc havia vendido o carro a ele. A polícia nunca

checou que o documento, assinado aparentemente por Szyz 18 dias depois de seu desaparecimento, continha uma assinatura falsificada.

Também descobriram, nas investigações, que vários empregados de John Gacy haviam desaparecido.

John Butkovich, 17 anos. Empregou-se na PDM Contractors para financiar sua paixão por carros. Dava-se muito bem com Gacy, até que este se recusou a pagar-lhe duas semanas de serviço. Butkovich foi até a casa do empregador cobrá-lo, acompanhado de dois amigos. Tiveram uma grande briga. O garoto ameaçou seu empregador, dizendo que iria procurar as autoridades competentes para contar que ele sonegava imposto. Gacy ficou furioso. Butkovich e seus amigos deixaram a casa; ele deixou cada colega em sua casa, e desapareceu para nunca mais ser visto.

Michael Bonnin, 17 anos, gostava de fazer serviços de carpintaria, e sempre estava ocupado fazendo diversos projetos. Em junho de 1976, no caminho para encontrar o irmão de seu padrasto, desapareceu. Estava restaurando um toca-discos automático para John Wayne Gacy.

Billy Carroll, Jr., 16 anos. Desde que os pais se lembravam, sempre foi um garoto problema. Aos 9 anos já estava num lar juvenil por roubar uma bolsa. Aos 11 anos, foi preso portando uma arma. Passava a maior parte do tempo nas ruas da área residencial da cidade. Aos 16 anos, fazia dinheiro arrumando encontros entre meninos homossexuais e clientes adultos, por uma pequena comissão.

Desapareceu em 13 de junho de 1976. John Wayne Gacy era um de seus clientes.

Gregory Godzik, 17 anos. Amava seu trabalho na PDM Contractors. Não se incomodava em fazer nenhum tipo de serviço, pois o que mais lhe interessava era o dinheiro que recebia. Comprava partes de seu Pontiac 1966 para restaurá-lo, seu *hobby* permanente.

Em 12 de dezembro de 1976, depois de levar a namorada em casa, seguiu em direção à sua. No dia seguinte, a polícia encontrou seu Pontiac abandonado. Nunca mais foi visto.

Robert Gilroy, 18 anos. Desapareceu em 15 de setembro de 1977. Seu pai, um sargento da polícia de Chicago, começou a procurá-lo assim que ele não compareceu a um encontro com colegas para andar a cavalo, esporte que era sua paixão. Sua busca não resultou em nada. Jamais encontrou seu filho.

A polícia também descobriu que o recibo de filme da Farmácia Nisson encontrado na casa de Gacy era de um colega de trabalho de Robert Piest, que havia entregado a ele no dia de seu desaparecimento para que fosse revelado. Resolveram investigar novamente a casa de Gacy.

Pressionado pela polícia, Gacy acabou confessando que havia matado uma pessoa, mas que o crime havia sido em legítima defesa. Fez um mapa para os investigadores, assinalando um local na garagem onde havia enterrado o corpo.

Antes de cavarem o local marcado por Gacy, resolveram dar outra olhada embaixo da casa do empreiteiro, de onde vinha um

odor terrível.

Logo foram encontrados três corpos em decomposição, e um médico legal foi chamado para dar continuidade às buscas. Jamais a polícia imaginou a magnitude do que seria encontrado ali.

Gacy era o responsável por mais de 30 vítimas de tortura e assassinato. Quando o chão de sua casa foi removido, vários corpos em covas rasas foram encontrados. Para evitar a decomposição, Gacy os havia coberto com cal. Acabou fazendo um meticuloso mapa para a polícia, indicando com precisão 27 corpos enterrados ali. Outros dois cadáveres foram encontrados embaixo de sua garagem.

A casa de Gacy foi escavada até suas fundações, e mais corpos foram encontrados. No rio Des Plaines também foram encontradas vítimas, pois Gacy explicou à polícia que começou a jogá-las ali por não ter mais locais disponíveis para enterrá-las em sua casa. Além disso, a constante dor nas costas o impedia de cavar tanto!

O corpo nu de Frank Wayne "Dale" Landingin foi localizado no rio Des Plaines, antes da prisão de Gacy. A conexão entre este assassino e Landingin não foi feita de imediato, e sim quando descobriram em sua casa a carteira de motorista da vítima.

Em 28 de dezembro a polícia removeu do mesmo rio o corpo de James "Mojo" Mazzara, com sua cueca na garganta, o que havia causado seu sufocamento.

Do rio Illinois, foi retirado um corpo com a tatuagem "Tim Lee" em um dos braços. Quando lia os jornais, um amigo do pai da vítima reconheceu os dizeres da tatuagem: eram os restos mortais de Timothy O'Rourke, tão fã de Bruce Lee que havia aderido o sobrenome do ídolo ao seu próprio nome. É possível que Gacy tenha conhecido o jovem em algum bar *gay* em New Town.

O corpo de Robert Piest só foi encontrado em 1979, no rio Illinois. Na sua autópsia, ficou comprovado que ele morrera sufocado com toalhas de papel que foram encontradas em sua garganta. A família do garoto processou Gacy, o Departamento Condicional do Estado de Iowa, o Departamento Correccional e o Departamento Policial de Chicago para obter uma indenização de US\$ 85 milhões, por procedimento negligente.

Apesar de todos os esforços e métodos utilizados para a identificação das vítimas, apenas 9 corpos foram identificados, de um total de 33 encontrados. Hoje, com a possibilidade de exames de DNA, tudo seria mais fácil.

Modus Operandi

Gacy atraía as vítimas para sua casa com promessas de emprego em construção civil ou pagamento em troca de sexo.

Uma vez ali, eram algemados para a demonstração de um truque: a pessoa não podia mais se soltar!!!

A maioria de suas vítimas era atacada sexualmente, torturada e estrangulada com uma corda apertada vagarosamente através de uma machadinha, ao estilo garrote. Gostava de ler passagens bíblicas enquanto fazia isso.

Quase todos os garotos morreram entre 15:00 e 18:00. Algumas vezes Gacy se vestia como seu alter ego, o palhaço Pogo, enquanto torturava suas vítimas. Para abafar os gritos delas, colocava uma meia ou cueca em sua boca. Essa era sua assinatura: todas as suas vítimas tinham as roupas de baixo na boca ou na garganta.

Também contou à polícia que guardava o corpo da vítima sob sua cama ou no porão antes de enterrá-lo embaixo da casa. Segundo ele, seus crimes eram cometidos por sua outra personalidade, que ele mesmo chamava de *Jack Hanson*. Esse argumento nunca ficou comprovado pelos 13 psiquiatras que testemunharam em seu julgamento.

Em certas ocasiões, chegou a matar mais de uma vítima no mesmo dia.

Análise Psicológica

John Wayne Gacy nasceu em 1942, único filho entre duas irmãs.

O pai alcoólatra moldaria o seu caráter. Em sua vida adulta, assumiria várias características dele, tornando-os cada vez mais parecidos.

John Wayne Gacy Sr., o pai, era guiado pelo medo de não ser bom o bastante (deficiência de percepção).

Sempre achava que os outros eram melhores do que ele e o ultrapassavam na carreira profissional. Tinha um profundo desprezo por homossexuais e políticos.

John Wayne Gacy Jr., o filho, adotaria posteriormente essas crenças como *John*, mas seu alter ego *Jack* seguiria o padrão de comportamento oposto ao do pai.

Para corrigir sua deficiência de percepção, o pai tinha que ser melhor que todos à sua volta, especialmente melhor que seu filho.

A mãe de John Gacy explicava a ele que seu pai tinha um tumor crescendo no cérebro, e que quando se descontrolava não devia ser enfrentado. Se ficasse muito nervoso, o tumor poderia se romper e causar sua morte.

Gacy era punido por qualquer coisa que o pai dele considerasse “um erro”. Nada do que fazia parecia ser suficiente para agradá-lo.

Este assassino também tinha problemas físicos: aos 11 anos, um balanço bateu em sua cabeça, causando um coágulo que só seria descoberto cinco anos depois. Aos 16 anos, depois de vários desmaios e hospitalizações do que pareciam ser ataques epiléticos, o coágulo foi descoberto e tratado com medicamentos. Jamais os médicos conseguiram convencer o pai de Gacy que ele realmente desmaiava, e não apenas fingia para chamar a atenção dos adultos.

Aos 17 anos foi diagnosticado como portador de uma desconhecida doença do coração. Teria se iniciado por causa das várias internações de Gacy durante sua vida, mas as dores que sofria jamais foram explicadas. Nunca sofreu um ataque cardíaco.

Todas as refeições na casa da família Gacy eram regadas a briga. Após este “delicioso” encontro, o pai descia para o porão, onde se embebedava.

Muito cedo, acusou seu filho de ser homossexual.

Entre 1965 e 1967, John W. Gacy Jr. era um modelo de cidadão, ao mesmo tempo que colecionava jovens vítimas que adorava punir. Na escola, nunca foi popular entre os amigos, mas seus professores gostavam bastante dele.

Gacy teria tido uma infância absolutamente normal, não fosse por seu relacionamento com o pai. Sua relação com a mãe e as irmãs, por outro lado, era bastante forte. A mãe também apanhava do marido e dividia com o filho as dores e humilhações causadas pelas surras.

Apesar de ter como pai uma pessoa tão desagradável, Gacy Jr. o amava profundamente e desejava desesperadamente conseguir sua aprovação e devoção. Desafortunadamente, jamais conseguiu ter intimidade ou proximidade com ele, problema que o perseguiria por toda a vida e causaria as insônias incuráveis de que sofria.

Quando foi preso pela primeira vez, John Gacy alegou que havia quatro Johns: o empreiteiro, o palhaço, o político e o assassino (denominado por ele de Jack Hansen). Muitas vezes, durante seu depoimento, ao ser questionado sobre algum detalhe dos crimes, ele respondia: "Você tem que perguntar isso para o *Jack*".

Ao terminar o diagrama do local onde estavam enterrados os corpos, embaixo de sua casa, Gacy dramaticamente desfaleceu. Ao acordar, disse que Jack havia feito o diagrama.

Declarou lembrar-se, e de forma incompleta, de apenas cinco dos assassinatos que cometeu. Alegava que mesmo essas memórias não pareciam ser dele, e sim de outra pessoa. Ele era apenas uma testemunha.

A grande maioria dos assassinos hediondos alega ter múltiplas personalidades, como meio de escapar da pena de morte. Por esta razão, essas alegações são vistas muito ceticamente pelos médicos, advogados e policiais.

Nos testes psicológicos a que foi submetido pelo Dr. Thomas Eliseo, Gacy se negou veementemente a desenhar um corpo humano do pescoço para baixo, como se fosse algo ruim ou que devesse se manter longe.

Quando examinado pelo Dr. Robert Traisman, Gacy foi mais cooperativo e desenhou o corpo todo. Em sua análise, achou significativo o fato de Gacy desenhar a mão esquerda cheia de detalhes, e a direita muito pequena, coberta com uma luva. Sua explicação para isso no tribunal foi que o lado direito era seu lado masculino, enquanto o esquerdo simbolizava o feminino. Interpretou esse desequilíbrio como se Gacy tivesse dificuldades na sua identidade sexual.

Ao desenhar uma figura feminina para o mesmo psicólogo, esta foi considerada "maciça, com aparência masculina e braços de jogador de futebol americano". A figura feminina usava um cinto de duas voltas, as pontas caindo sobre sua área genital, o que o Dr. Traisman considerou um óbvio símbolo fálico, sugerindo forte ansiedade sexual.

Quando solicitado a desenhar qualquer coisa de sua escolha, Gacy desenhou sua própria casa, com os tijolos excessivamente

detalhados, tudo numa fiel reprodução. Para o Dr. Traisman, isso refletia uma “tremenda compulsão e perfeccionismo”.

Todos os sete psiquiatras que examinaram Gacy para seu julgamento concordaram que ele era inconsistente e contraditório, mas nenhum deles o diagnosticou como tendo múltiplas personalidades. Nenhum deles achou que era incompetente para ser julgado.

O Dr. Lawrence Freedman diagnosticou-o como um pseudoneurótico esquizofrênico paranóico. Disse que Gacy era um homem que não tinha certeza quem era, e de tempos em tempos manifestava diferentes aspectos de sua personalidade.

O Dr. Richard Rapport o descreveu como tendo uma personalidade fronteira e que, invariavelmente, tudo que dizia apresentava dois lados.

O Dr. Eugene Gauron diagnosticou Gacy como um sociopata.

O Dr. Robert Reifman o achou narcisista e mentiroso patológico.

O Julgamento

O julgamento de John Wayne Gacy iniciou-se em 6 de fevereiro de 1980 em Chicago, Illinois.

A acusação falou ao júri, composto de cinco mulheres e sete homens, sobre a vida e morte de Robert Piest e outras 32 vítimas daquele que seria um dos mais famosos assassinos seriais dos EUA. Toda a investigação foi detalhada, além da descoberta de corpos embaixo de sua casa. Gacy foi descrito como assassino sádico, racional e calculista.

Os advogados de defesa descreveram seu cliente de maneira completamente oposta: irracional, impulsivo e insano, incapaz de controlar seu comportamento. Se fosse declarado insano, seria internado numa instituição psiquiátrica para tratamento, da qual só sairia, se isso acontecesse, depois de curado.

A primeira testemunha da acusação a dar seu depoimento foi Marko Butkovich, pai de John Butkovich. Foi o primeiro de muitos familiares de vítimas que dariam seu depoimento entre lágrimas e profunda tristeza.

Em seguida foram chamados aqueles que trabalharam com Gacy e sobreviveram aos encontros violentos com o patrão. Alguns contaram sobre o "truque" com as algemas, outros do assédio que sofreram no local de trabalho.

Muitos psiquiatras também testemunharam sobre a sanidade de Gacy durante os ataques, como descrito na análise psicológica. Todos concluíram que ele estava na total posse de suas faculdades mentais quando de seus atos, e que sabia muito bem diferenciar o certo do errado.

A primeira testemunha de defesa chamada para depor, para surpresa de todos, foi Jeffrey Ringall. Esperava-se que ele fosse testemunha da acusação, e não da defesa. Seu testemunho foi curto. A acusação queria que ele dissesse ao júri que achava que Gacy não tinha o menor controle sobre suas próprias ações. Enquanto contava os detalhes do estupro e tortura que sofreu, Ringall começou a vomitar incessantemente e a chorar histericamente. Foi retirado da corte, enquanto Gacy não demonstrava qualquer sinal de emoções.

Para provar a insanidade de Gacy, seus advogados chamaram seus amigos e família para depor. Sua mãe contou como ele havia sofrido abusos físicos e verbais do pai. Suas irmãs disseram ter presenciado as inúmeras vezes em que foi abusado e humilhado. Outros que testemunharam em sua defesa contaram ao júri como ele era generoso e bom, ajudava os necessitados e sempre tinha um sorriso para todos. Alguns depoimentos acabaram atrapalhando a

defesa de Gacy, pois seus amigos se negaram a declarar que o achavam insano, e sim homem dotado de uma inteligência brilhante!

Outros psiquiatras foram chamados para dar seu próprio diagnóstico. Todos declararam que Gacy era esquizofrênico e sofria de múltiplas personalidades e comportamento anti-social. Declararam que sua doença mental o impedia de perceber a magnitude de seus crimes.

Demorou apenas duas horas de deliberação para que o júri decidisse em quem acreditou: John Wayne Gacy foi considerado culpado da morte de 33 jovens, e recebeu a pena de morte por injeção letal.

Foi mandado para o Menard Correctional Center, em Chester, Illinois, onde, depois de anos de apelações, foi executado.

Os Anos na Prisão

Durante os 14 anos em que ficou preso, Gacy teve a mesma rotina: acordava às 7:00, esfregava o chão de sua cela de 1,80m por 2,5m, olhava sua correspondência volumosa e trabalhava em suas pinturas. Ao ir para a cama, às 3:00 da manhã, já tinha anotado cada ligação telefônica, visitantes (mais de 400) e cartas recebidas (27.000), assim como cada pedaço de comida que havia ingerido. Essas anotações tinham se tornado uma obsessão.

Na prisão, John Wayne Gacy se dedicou principalmente à pintura artística. Seu tema principal eram palhaços, e muitas pessoas pagaram caro para obter algumas de suas telas.

Seus quadros foram exibidos em galerias por toda a nação americana.

Gacy pintou vários auto-retratos, palhaços, Jesus e Hitler, chegando a vender cada peça de US\$ 100,00 até US\$ 20.000,00.

Pintava também artistas *pop* como Elvis Presley, e personagens Disney, como Roger Rabbit e Branca de Neve e os Sete Anões. Criminosos notórios também foram retratados, como Charles Mason, Al Capone e John Dillinger. Chegou a ganhar perto de US\$ 140.000 com sua arte macabra.

Ficou tão conhecido que foi habilitado a instalar um número de telefone 0900, onde se podiam ouvir mensagens gravadas com sua voz clamando sua inocência, pagando-se US\$ 1,99 o minuto. acredite, muitas pessoas ligavam para ouvir essas mensagens, e pagavam por esse serviço!

Nos 14 anos em que esteve preso, Gacy divorciou-se, fez psicoterapia, tentou suicídio e se tornou alcoólatra.

Sua última vítima foi seu filho Rob, que na época da execução (1994) estava com 15 anos. Ele teve que suportar a tragédia de ter um pai como Gacy e vê-lo executado. A herança que Gacy deixou para a família não apagou as marcas deixadas por seus crimes.

A Execução — Stateville Penitentiary — Joliet, Illinois

No seu último dia de vida, 10 de maio de 1994, Gacy recebeu a visita de sua família e amigos.

A última refeição foi escolhida por ele, e era composta de um balde de frango frito (Kentucky Fried Chicken), camarão frito, batatas fritas e morangos frescos.

Às 21:00, foi pedido que todos os familiares e amigos se retirassem, mas Gacy poderia ficar até às 23:00 em companhia de um ministro religioso, se assim fosse sua vontade.

Às 23:00 iniciaram-se os preparativos finais. Foi oferecido a Gacy um sedativo. Exatamente às 24:01 ele foi retirado de sua cela, amarrado a uma maca e recebeu uma solução salínica intravenosa em seu braço.

Foi dada a ele, então, a chance de pronunciar suas últimas palavras, que foram "Kiss my ass!" (Beije meu cu).

A identidade dos executores sempre é mantida em sigilo, e é um trabalho voluntário.

Todas as testemunhas da execução, através de uma janela, observaram a dose de sódio pentathol, um anestésico, ser

ministrada em sua veia, automaticamente. Era a droga que o faria dormir pela última vez.

Em seguida, o brometo de pancuronium começou a ser injetado, para que seu aparelho respiratório fosse paralisado. Na seqüência, deveria entrar automaticamente em suas veias o clorido de potássio, para parar seu coração. O processo todo não deveria demorar mais que cinco minutos...

John Wayne Gacy levou 18 minutos para morrer. O tubo por onde o soro estava sendo ministrado, entupiu. Gacy bufou! Os atendentes da câmara da morte imediatamente fecharam as cortinas em volta dele, e começaram a lutar para desentupir o tubo. Trocaram por outro. Os olhos do prisioneiro se abriram pela última vez.

Finalmente, as duas últimas drogas tiveram seu caminho livre para dentro do corpo de Gacy. O monstro estava morto...

Se pudesse ter assistido o que se passava do lado de fora, o Palhaço Pogo teria adorado o circo que se instalou ali.

Todas as redes de rádio e televisão estavam no local, além de espectadores em geral. Quanto mais o relógio se aproximava da meia-noite, mais o povo ali presente cantava, brindava e se comportava como se estivesse num show de rock. Pouquíssimas pessoas estavam ali para protestar contra a pena de morte.

Adolescentes vestiam camisetas com inscrições criativas, como:

“Meus pais vieram à execução de Gacy e tudo o que consegui foi esta estúpida camiseta”, ou “Nenhuma lágrima para o palhaço”.

Minutos depois da meia-noite, todo mundo começou a brindar e cantar mais alto. Garotas subiam nos ombros de seus namorados, segurando lanternas.

Nada disso melhorou a tristeza dos pais que perderam seus filhos para sempre... Morria, nessa data, o misterioso assassino, que se escondia atrás da máscara de um palhaço. Morria aqui um louco com uma mortal necessidade de jovens vítimas, e com ele o segredo da identidade de várias delas.

Em 1998, vinte anos após os crimes de Gacy, novas buscas foram feitas num local perto de onde a mãe dele morava. Vários investigadores acreditam que Gacy matou muito mais gente do que o número de corpos encontrados, porém nenhum corpo além dos 33 anteriores jamais apareceu.



ANDREI CHIKATILO



O “Açougueiro” Russo

ANDREI CHIKATILO

— A BESTA LOUCA

22 DE DEZEMBRO DE 1978



Lena Zakotnova
Morta aos 9 anos pelo
monstro de Rostov

Lena Zakotnova, 9 anos, chamada carinhosamente por todos de Lenchka⁶⁰, esperava por sua condução no ponto de ônibus. Aproximou-se dela um senhor muito bem vestido, que lhe prometeu chicletes importados se ela viesse buscá-los na casa dele. A menina, com toda a sua inocência, acompanhou aquele gentil senhor, até o que parecia ser um barracão.

Svetlana Gurenkova, que esperava um táxi do outro lado da rua, assistiu à linda menina de casaco vermelho seguir alegremente um senhor de aproximadamente 40 anos, vestido com um capote preto e usando um óculos de muitos graus. O táxi chegou, e a Sra. Svetlana seguiu seu caminho.

Assim que chegaram ao barracão, o homem começou a tirar a roupa da menina, que começou a gritar desesperadamente! Para

silenciá-la, foi sufocada com seu antebraço, até que desfalecesse.

Imediatamente o homem deu seguimento aos seus desejos, despindo a menina desacordada. Acariciou-a um bom tempo, mas quando falhou em estuprá-la, por conta de sua própria impotência, enfureceu-se: apunhalou a pobre criança três vezes no estômago e saiu do barracão com ela no colo, para jogar seu corpo no rio Grushovka. Nem percebeu que o sangue da garota manchou os degraus da frente de seu barraco. Também esqueceu a luz acesa.

Ao chegar à beira do rio, afundou a criança com sua mochila escolar...

No dia seguinte, quando o corpo da menina apareceu boiando, vestida com um casaco vermelho, todos os jornais noticiaram o fato. Svetlana Gurenkova procurou imediatamente a polícia, e descreveu o que tinha visto no ponto de ônibus. Um retrato falado foi feito na hora, e distribuído por toda a cidade.



O Professor Andrei Chikatilo
Salvo da morte por engano
(Foto do arquivo da polícia)

O estilo do crime logo levou a polícia a lembrar-se de um estuprador conhecido, que estava em liberdade condicional. Seu nome era Alexander Kravchenko, que havia estuprado e matado uma garota de 17 anos em 1970. Cumpriu seis anos de um total de 10 anos de sentença aos quais foi condenado. As diferenças entre Kravchenko e o retrato falado eram absurdas. Ele tinha apenas 25 anos, e não usava óculos. Ao ser entrevistado pela polícia, negou o crime. Mas os investigadores queriam solucionar o caso rapidamente, e persuadiram a esposa do suspeito a depor contra ele no tribunal. Tinham certeza de que ele era culpado; afinal, com aqueles antecedentes... Apavorado, Kravchenko mudou seu depoimento e assumiu a culpa por um crime que não havia cometido.

Enquanto Kravchenko era questionado pela polícia, o diretor de uma escola local ficou bastante impressionado ao ver o retrato falado que circulava pela cidade. Tratava-se de um sócio de um professor que lecionava em sua escola, Andrei Chikatilo.

Era muito estranho. Parecia inconcebível que pudesse se tratar da mesma pessoa. O diretor da Escola Vocacional 32, em Novoshakhtinsk, voltou rapidamente ao seu escritório, indo diretamente pesquisar na pasta de Chikatilo sobre seu histórico.

O professor tinha chegado à cidade de Shakhty naquele ano. Era casado e tinha um par de filhos. Diplomado em Artes Liberais, em Literatura Russa, Engenharia e Marxismo-Leninismo, parecia impossível que fosse um assassino.

Segundo as informações que tinha, Chikatilo era um cidadão acima de qualquer suspeita: casado, pai de família, bom vizinho, membro do Partido Comunista e professor.

Mesmo assim, procurou a polícia, mas esta pediu que ele não comentasse com ninguém sobre essa identificação positiva.

A investigação continuou. Ao verificarem as ruelas em volta das margens do rio, perceberam um barraco com os degraus da frente sujos de sangue. Também notaram que, dentro do barraco, a luz estava acesa. Ao interrogar a vizinhança, a polícia descobriu que o barracão pertencia a Andrei Chikatilo, que foi imediatamente chamado para depor.

Chikatilo foi liberado em pouco tempo: sua esposa declarou que ele havia passado todo o tempo em questão com ela, em casa.

Mesmo com evidências tão fortes contra Chikatilo, a polícia achou mais fácil acreditar que Alexander Kravchenko era culpado. Ele foi julgado, e condenado à prisão perpétua. Por ironia do destino, a família da menina recorreu da sentença, e conseguiu imputar-lhe a pena de morte. Kravchenko foi fuzilado em julho de 1983. Esse engano da polícia russa custaria muitas vidas...

1981

Depois de seu primeiro crime, Chikatilo ficou sem matar durante três anos. Devido à escassez de recursos da escola, ele foi demitido como excedente nesse ano, mas membros do comitê o recompensaram: foi nomeado gerente de suprimentos de uma fábrica, na área industrial perto de Shakhty.

Agora Chikatilo tinha um *modus vivendi* que sempre sonhou, e que iria permitir que ele finalmente usufruísse seus prazeres. Passava a vida viajando de estação em estação, e podia escolher suas vítimas com calma e tranquilidade. Ele seria uma exceção entre os assassinos seriais, ao começar sua trilha de matança aos 42 anos de idade.

Sua segunda vítima foi a menina Larisa Tkachenko, 17 anos. Ela estava cabulando aula na cidade de Rostov, quando foi seduzida por Chikatilo a ir ao bosque fazer sexo com ele. Cometeu um erro fatal; começou a rir quando a performance dele falhou! Foi imediatamente estrangulada. Chikatilo, totalmente enfurecido e humilhado, roeu sua garganta, braços e seios. Sorveu um de seus mamilos depois de cortá-lo com os dentes, e empalou-a. Então, calmamente, pegou sua maleta e seguiu viagem.

12 de Junho de 1982

Ninguém jamais saberá que argumento Chikatilo usou para persuadir Lyuba Biryuk a acompanhá-lo. Esta menina de apenas 12 anos foi esfaqueada pelo menos 40 vezes no silêncio de uma floresta. Seus ferimentos incluíam a mutilação dos olhos, que seria a assinatura de Chikatilo em todos os seus crimes. Os restos mortais de Lyuba só foram encontrados um ano depois de seu desaparecimento.

1983

Durante esse ano, Chikatilo fez mais três vítimas, incluindo-se aqui sua primeira vítima masculina, Oleg Podzhidaev, de 9 anos. O corpo do menino nunca foi encontrado, mas segundo os depoimentos posteriores do assassino, Oleg foi castrado e seus genitais foram levados por ele, outra assinatura freqüente de seus crimes.

Nessas investigações, a polícia suspeitava que dois assassinos diferentes estavam agindo na área, pois *serial killer* era coisa de país capitalista.

1984— As Investigações

Durante esse ano, Andrei Chikatilo matou 15 pessoas, entre os meses de janeiro e setembro. Entre essas vítimas, estavam Lyuda Kutsyuba (24 anos), Igor Gudkov (7 anos) e Laura Sarkisyan (10 anos).

A polícia estava extremamente alarmada com o número de assassinatos, principalmente de crianças, e obteve o reforço do Major Mikhail Fetisov e seu time de investigação. Finalmente alguém chegava à conclusão que eram obra de um único louco.

Como a maioria dos crimes havia ocorrido na área de Rostov, particularmente na cidade de Shakhty, Fetisov montou um esquadrão ali como base para as investigações. Para liderar o esquadrão, foi escolhido Victor Bukarov, experiente analista forense, considerado por muitos o mais talentoso investigador de cenas de crime do departamento de polícia.

O caso foi oficialmente denominado como "Lesopolosa", ou "Os assassinatos do estripador da floresta".

A primeira ação do esquadrão foi pesquisar arquivos de hospitais psiquiátricos e similares, porque acreditavam que o criminoso só poderia ser alguém obviamente anormal. Os arquivos da polícia

também foram totalmente vasculhados, mas nada parecido com aqueles crimes foi encontrado nos registros.

Apesar dessa falta de pistas, todas as pessoas que tinham sido suspeitas em crimes similares tiveram uma amostra de sangue recolhida para exame de tipo sangüíneo, pois o sêmen extraído dos restos mortais de algumas vítimas estabelecia o tipo de sangue do agressor como "AB". Andrei Chikatilo estava incluído nessa lista.

É pouco conhecido o fato de que, em raros casos, tipos sangüíneos definidos pela amostra de sangue e sêmen podem não combinar — Chikatilo era um desses casos, e foi liberado quando seu tipo de sangue foi definido como diferente daquele.

As investigações prosseguiram, agora investigando cada motorista que trabalhava naquela área industrial da cidade. Nada foi descoberto.

A polícia estava desesperada. O número de mortes era cada vez maior. Bukarov então pediu para vários psicólogos, psiquiatras e

patologistas sexuais do Instituto Médico de Rostov que preparassem um perfil do assassino. Muitos deles se negaram a ajudar, alegando terem poucas informações, mas o Dr. Aleksandr Buchanovsky concordou, e forneceu um perfil aos investigadores:

— O assassino sofria de distúrbios sexuais.

— Sua altura era de, aproximadamente, 1,67m.

— Sua idade estava entre 25 e 50 anos.

— Calçava nº 41 ou mais.

— Tinha tipo sanguíneo comum.

— Provavelmente sofreu alguma forma de violência sexual inadequada e brutalizava suas vítimas para compensar o fato.

Sem muitas informações que o ajudassem, Bukarov resolveu tentar a sorte estreitando a vigilância nas estações de ônibus, trem e bonde, conseguindo para tanto pessoal extra que o ajudasse nessa tarefa.

O lugar que recebeu maior atenção da polícia foi a estação de ônibus de Rostov, que era a última localização conhecida das duas vítimas recém-encontradas. A tarefa de vigiar a estação ficou sob a responsabilidade de Aleksandr Zanosovsky, que devia estar atento a qualquer pessoa que agisse de modo suspeito em relação a mulheres e crianças.



Estação de ônibus de Rostov
Fotografia da polícia

Ao final do primeiro dia de vigilância, chamou a atenção de Zanosovsky um homem de meia-idade, que usava óculos de grau. Aquele senhor olhava insistentemente para jovens garotas.

O policial se aproximou e pediu para ver os documentos do homem, que parecia muito nervoso por ter sido abordado. Alegou que estava em viagem de negócios, finalmente indo para casa. Zanosovsky examinou todos os documentos do homem, que incluíam um cartão vermelho que o identificava como empregado

autônomo de uma das divisões da KGB⁶¹. Constatando que tudo estava em ordem, devolveu os documentos e desculpou-se pelo incômodo.

Dias depois, Zanosovsky e um parceiro estavam novamente vigiando a mesma estação quando Andrei Chikatilo foi visto novamente. O policial ainda se lembrava da estranha maneira de agir daquele senhor. Resolveram segui-lo por algum tempo. A espreita durou várias horas, pois Chikatilo embarcou em vários ônibus e viajou por todo o distrito antes de retornar à estação de Rostov.

Durante todo o percurso, o homem se aproximava de várias mulheres com idades diferentes, sempre tentando entabular uma conversa. Mesmo quando rejeitado, não desistia. Parecia que seu objetivo era conversar com todas as mulheres que cruzassem seu caminho.

Pareceu obter sucesso com uma delas, com quem iniciou carícias, mas depois de algum tempo ela se aborreceu e levantou gritando com o homem. Zanosovsky e seu parceiro, sem perda de tempo, interpelaram o sujeito e pediram seus documentos.

Andrei Chikatilo começou a suar profusamente. Com relutância, abriu sua valise para que os policiais examinassem seu conteúdo: uma corda, um pote de vaselina e uma afiadíssima faca. Foi imediatamente levado sob custódia sob a acusação de assédio sexual, crime que dava direito à polícia de detê-lo para averiguações por 15 dias.

Durante esse tempo, foi descoberto um registro criminal anterior de Chikatilo, que havia roubado um linóleo e bateria de um carro de propriedade de uma fábrica do estado. Não era muito, mas esse crime dilatava o prazo de detenção por vários meses, dando aos investigadores a chance de examinar seu passado com mais cuidado.

Nos meses que se seguiram, várias descobertas foram feitas.

Histórico

Andrei Romanov Chikatilo nasceu na Ucrânia, em 16 de outubro de 1936. Filho de uma mãe desequilibrada, acreditou piamente nela quando lhe contou que seu irmão mais velho, Stephan, tinha sido raptado e canibalizado por aldeões vizinhos, durante a época da grande fome dos anos 30 na Ucrânia.

Apesar da grande emoção e transtorno da mãe ao contar essa história para os outros filhos, não existem registros de nascimento ou morte de nenhum Stephan Chikatilo, ou ocorrências de canibalismo nesses anos na Ucrânia.

O pai de Andrei, soldado russo, tinha sido acusado de traição quando foi capturado como prisioneiro da Segunda Guerra Mundial. Segundo o próprio Andrei, esse fato causou nele uma angústia que o acompanhou durante toda a vida.

Chikatilo, que de tão míope era quase cego, também sofria de um distúrbio sexual desde o início da adolescência, que o deixava periodicamente impotente. Ele acreditava que havia sido cegado e castrado ao nascer, crença que iria abastecer suas mórbidas fantasias de vingança violenta.

Foi um estudante ávido por livros, mas seu jeito estranho e quase afeminado sempre provocava risadas constantes dos colegas. Chikatilo era alvo de ridicularizações intermináveis. Tinha pouquíssimos amigos, e só admitiu que precisava de óculos quase aos 20 anos. Sua enurese noturna também era motivo de grande vergonha e segredo.

Na adolescência, parou de ser provocado. Tinha se tornado um rapaz muito alto e forte, impondo algum respeito através do tamanho que adquiriu. Aos 16 anos já era o editor do jornal escolar e do escritório de informação política, cargos que lhe davam algum prestígio. Ainda assim, sua vida social era completamente inexistente, especialmente no que dizia respeito a mulheres.

Casou-se em 1963, e teve dois filhos: Lyudmilla e Yuri.

Sua timidez profunda dificultou muito sua vida como professor, no controle de seus alunos. Eles sempre o ridicularizavam e humilhavam. Seus colegas de profissão também riam dele, por achá-lo muito estranho.

Desde o início de sua carreira, os alunos o interrompiam toda hora com zombadas, apelidando-o de ganso por causa de seu longo pescoço e postura inadequada. Com o passar dos anos, ele passou a molestar sexualmente os estudantes. No princípio, apenas os observava no banheiro. Depois, diretamente nos dormitórios. Sentindo-se ameaçado, andava sempre com uma faca.

Em suas investigações, a polícia não demorou a descobrir os incidentes sexuais nas escolas que trabalhou, seus atos de voyeurismo e o ataque a um aluno num dormitório.

As evidências indicavam que ele poderia ser o assassino tão procurado. Resolveram então tirar uma amostra de seu sangue, para

identificar seu tipo sangüíneo: era tipo "A". Se, nessa altura dos acontecimentos, a polícia tivesse colhido amostras de sua saliva e sêmen, teriam descoberto que seu tipo sangüíneo, na verdade, era "AB". Ocorria que os antígenos "B" em seu sangue não estavam presentes de forma suficiente para ser detectados.

A única evidência real que restou para a polícia, e que poderia ligá-lo aos crimes, era o conteúdo de sua pasta. Chikatilo então foi condenado apenas por roubo; cumpriu três meses de uma pena de um ano e foi solto novamente, ainda em 1984.

Os Crimes Continuam

Em dezembro de 1984, Chikatilo já estava empregado numa fábrica de locomotivas perto de Novocherkassk. Como antes, seu serviço incluía muitas viagens...

Permaneceu sem matar até 1º de agosto de 1985, quando se aproximou de uma menina de 18 anos, com problemas mentais. Ela concordou em segui-lo até uma mata perto da linha do trem, e algum tempo depois estava morta, com marcas de 38 facadas pelo corpo.

Ainda em agosto, Chikatilo encontrou uma jovem na estação de ônibus de Shakhty, que disse a ele não ter onde dormir. Oferecendo a ela seu barraco em troca de favores sexuais, guiou-a pelo caminho da floresta. Novamente ele falhou sexualmente. Novamente, uma mulher riu de seu pobre desempenho. Foi morta imediatamente, sem dó nem piedade.

1986

Apesar do esquadrão de investigação ainda estar trabalhando, extra-oficialmente o caso foi passado para as mãos de Issa Kostoyev, diretor do Departamento de Crimes Violentos de Moscou. Ele reorganizou os trabalhos em três times: Shakhty, Rostov e Novoshakhtinsk.

Decidiu que qualquer pessoa que tivesse sido condenada por qualquer crime motivado sexualmente fosse checada novamente. Profundas investigações começaram a ser feitas, e talvez por esse motivo Chikatilo, assustado, parou de matar por quase dois anos.

1987

Durante uma viagem para a cidade de Revda, nos Urais, Chikatilo matou um menino de 13 anos que concordou em segui-lo atrás de

alguma recompensa. Seu corpo foi encontrado nas proximidades da estação de trem local.

Em julho desse ano, sua viagem a Zaporozhye, Ucrânia, resultou na morte de outro garoto que o seguiu floresta adentro. O ataque a esse garoto foi tão brutal, que a faca de Chikatilo quebrou na cena do crime, sendo encontrada pela polícia.

1988

Chikatilo matou novamente em abril desse ano. Desta vez, sua vítima foi uma mulher de 30 anos, na cidade de Krasny-Sulin. Na cena do crime, foi encontrada uma pegada do assassino, tamanho 41-42.

1989

Mais oito vítimas foram mortas por Chikatilo. Uma delas no apartamento vazio de sua filha, agora divorciada. Ele embebedou Tatyana Ryshova e a seduziu. Depois de esfaqueá-la e estuprá-la, se deu conta de que não poderia deixar seu corpo em local tão óbvio. Utilizando-se de uma faca de cozinha, decapitou-a, amputou suas pernas e embrulhou tudo em panos. Amarrou a trouxa no trenó de um vizinho e levou os restos mortais para um local de despejo seguro.

Outro crime foi cometido quando Chikatilo estava indo ao aniversário de seu pai. Ao ver Yelena Varga, 9 anos, não pôde se conter: enganou-a para que o seguisse até a floresta e esfaqueou-a. Deixou ali seu corpo depois de arrancar seu útero e parte de sua face.

A última vítima de 1989 foi um menino de 10 anos, que ele conheceu numa locadora de vídeo. Foi morto a facadas e enterrado no cemitério de Rostov pelo próprio assassino.

1992

Entre janeiro e novembro desse ano, Chikatilo matou mais nove pessoas. A preferência dele agora se definia por meninos. Uma dessas vítimas era o menino Vadim Tishchenko, que teve seu corpo encontrado perto da estação de trem de Leskhoz, em Rostov.

Depois do assassinato de Tishchenko, foi montado um grande esquema de vigilância permanente em todas as estações de trem e ônibus das redondezas, com policiais usando até óculos especiais para visão noturna.

Todos os passageiros diários eram observados. Foram utilizadas também iscas humanas, com policiais femininas bonitas vestindo roupas à paisana bastante provocativas. Era o desespero instalado na polícia, que pretendia capturar finalmente aquele terrível criminoso que já agia há quase 15 anos.

Outro esquadrão foi escalado para identificar quem havia vendido a passagem de ônibus que foi encontrada ao lado do corpo do menino. Finalmente, depois de um trabalho exaustivo de entrevistas, um atendente da estação de Shakhty reconheceu a foto do garoto. Contou à polícia que ele havia comprado sua passagem acompanhado de um senhor alto, bem vestido e grisalho, que usava óculos de muitos graus. O atendente também informou que sua filha já havia visto esse mesmo senhor um ano antes, quando estava em um trem conversando com um outro menino e tentando convencê-lo a descer do trem com ele. O garoto se recusou e fugiu.

A polícia foi imediatamente conversar com a tal filha, que deu uma descrição detalhada do sujeito. Afirmou que ele era freqüentador constante dos trens, sempre tentando descer acompanhado de algum jovem.

Antes que a polícia pudesse chegar a Andrei Chikatilo, mais uma moça foi vítima do monstro: Svetlana Korostik, 20 anos. Foi surrada, esfaqueada e mutilada. Desta vez, o animal arrancou sua língua e ambos os mamilos, antes de cobrir o corpo dela com galhos e folhas.

A polícia começou então a ler todos os relatórios anteriores sobre fatos estranhos que seus investigadores poderiam ter observado nas estações. Ao ler o relatório do sargento Ribakov, o chefe Kostoyev surpreendeu-se. Como aquele relato tinha passado despercebido?

O sargento Igor Ribakov contava que, num certo dia, trabalhando na estação de trem, reparou em um homem andando pela plataforma, suando abundantemente.

Ao chegar perto dele para examinar melhor, notou que o senhor em questão tinha mancha de sangue na bochecha e no lóbulo da orelha, além de estar usando um curativo num dos dedos da mão.

Pedi os documentos do tal homem: Andrei Chikatilo, engenheiro sênior de uma fábrica de locomotivas em Rostov.



O policial ia fazer mais perguntas, quando um trem chegou e Chikatilo insistiu que tinha que seguir viagem naquele momento. Não havendo nenhuma razão real para segurá-lo ali, Ribakov o deixou seguir seu caminho.

Apreensivo, o chefe Kostoyev resolveu checar os registros de viagem deste tal Chikatilo.



Chikatilo na simulação de seus crimes
(Evidência da polícia)

Neste meio tempo, outro corpo foi encontrado na cidade de Ilovaisk, o da menina Alyosha Voronka. Kostoyev logo descobriu que Chikatilo havia estado nessa cidade a negócios, na mesma data. Os esquadrão principal decidiu então montar um esquema de vigilância permanente sobre aquele suspeito, para tentar pegá-lo com a "boca na botija".

Em 10 de novembro de 1992, Chikatilo resolveu procurar um serviço de raios X para descobrir por que seu dedo, mordido por uma das vítimas, ainda doía tanto. Realmente seu dedo estava quebrado. Recebeu tratamento e foi dispensado.

Ao chegar em casa, resolveu sair novamente para comprar cervejas. No caminho, parou para conversar com um garoto, mas afastou-se rapidamente quando a mãe dele apareceu.

Logo adiante, encontrou outro menino e se engajou numa conversa, até que a mãe dele também o chamou. Foi então que três homens, vestindo jaquetas de couro, aproximaram-se dele e se identificaram como policiais. Chikatilo foi algemado e preso para averiguações, levado para o escritório de Mikhail Fetisov, principal chefe de todos os esquadrões.

Ao verificar a pasta que carregava, constataram que o conteúdo era o mesmo de seis anos antes: uma corda, vaselina e uma faca afiada.

Encontrar mais evidências não foi difícil. Uma busca em seu apartamento revelou 23 outras facas diferentes, um machado e um par de sapatos que combinava com a pegada encontrada ao lado do corpo de uma das vítimas. O difícil para a polícia estava sendo acreditar que aquele gentil e educado senhor de fala mansa fosse o terrível monstro procurado há tanto tempo pela polícia russa.

Desta vez, ao ser interrogado, Chikatilo confessou em detalhes todos os seus crimes. Perfaziam um total de 53 vítimas, sendo 21 meninos, 14 meninas e 18 jovens mulheres.

Sua memória era brilhante. Ele se lembrava de datas, locais e até da roupa que suas vítimas estavam vestindo no momento do crime. Também descreveu o método especial que tinha desenvolvido para matar com facas, de modo que o sangue não espirrasse nele mesmo.

Suas vítimas eram tão severamente mutiladas que, quando as autoridades do Uzbequistão encontraram o corpo de uma jovem no trigal, achou que ela tivesse caído embaixo de uma máquina agrícola. Em outros três casos, a polícia achou que tivesse localizado corpos de meninas, mas, depois de examinados, constatou-se que se tratava de meninos.

Chikatilo seguia suas desprevenidas "presas", que escolhia em estações de ônibus e trens, entabulava uma conversa e as convencia a acompanhá-lo a bosques nas proximidades.

Jamais obrigou uma vítima a acompanhá-lo.

Ao chegar nos bosques, aquele senhor tão quieto e intelectual passava a se comportar como uma fera selvagem. Ele mesmo se descreveu como "lobo enlouquecido". Golpeava então suas vítimas, prendendo-as contra o chão, e imediatamente arrancava suas línguas com mordidas, para evitar que gritassem.

Na seqüência, as violava e mutilava. A primeira mutilação a que as submetia era nos olhos: ele os arrancava com a faca, de modo que não pudesse ser observado na sua performance sexual. Depois de satisfeito, desmembroava-as ainda vivas, infligindo nelas entre 40 e 50 feridas profundas.

Muitas vezes arrancava o órgão sexual de suas vítimas usando como arma a própria boca. Em outras oportunidades, enchia seu estômago com terra e depois as destrinchava. Fervia e comia os testículos e mamilos arrancados; arrancava seus narizes e dedos. Muitas das crianças que matou foram mutiladas ainda vivas.

O julgamento do também chamado "Açougueiro de Rostov" teve início em 14 de abril de 1992. Estavam presentes os parentes das vítimas e a imprensa.

Chikatilo descreveu detalhadamente seus sangrentos crimes e seu comportamento psicótico, causando diversos desmaios na platéia.

Durante todo o tempo, foi mantido numa jaula de metal para sua própria proteção

Ao final, o juiz declarou, com base no depoimento dos psiquiatras, que aquele assassino estava em seu perfeito juízo mental quando cometeu os crimes.

Chikatilo apresentou-se como uma alma atormentada e enlouquecida por sua impotência sexual.



Andrei Chikatilo —
"A Besta Louca"
A face maligna do mutilador



Chikatilo julgado em uma jaula.
Retrato de um animal.

Em 15 de outubro de 1992, Andrei Romanovich Chikatilo foi declarado culpado de 52 assassinatos e condenado à morte. Escapou de um de seus crimes por falta de provas.

Quando ouviu sua sentença, declarou:

"Quero que meu cérebro seja desmontado pedaço por pedaço e examinado, de maneira que não haja outros como eu".

Foi fuzilado com um tiro na nuca em 14 de fevereiro de 1994.

O filme Cidadão X, com Donald Sutherland e Stephen Rhea, foi baseado em seus crimes.



LEONARD LAKE

&

CHARLES NG



Uma Dupla Letal

LEONARD LAKE

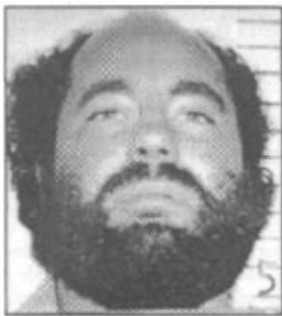
& CHARLES CHITAT NG

2 de Junho de 1985

O policial Daniel Wright, de São Francisco, atendeu a um chamado bastante comum: numa loja da cidade, um asiático foi visto furtando um torno mecânico e guardando-o dentro de seu casaco. O cliente que presenciou a cena denunciou-o para a gerência, que chamou a polícia.

Logo que estacionou, o policial Wright já encontrou, à sua espera, o gerente da loja acompanhado de um senhor barbudo, gordo e meio *hippie*. Foi relatado a ele que o asiático era amigo deste senhor, que já havia pagado a "compra" no valor de US\$ 75,00, teoricamente encerrando a questão. O torno já estava no porta-malas de um Honda Prelude 1980, que o policial resolveu checar.

Ao revistar uma sacola de ginástica que estava dentro do automóvel, foi encontrada uma arma calibre .22 com silenciador. Portar armas com silenciador é ilegal nos Estados Unidos. O policial Wright, apesar dos protestos do *hippie* que acenava com a nota fiscal do torno, resolveu checar pelo rádio a placa do automóvel.



Lake ao ser preso
Obeso e careca
(Foto de arquivo policial)

Ao ser perguntado a quem pertencia o carro, o *hippie* explicou que era de um amigo seu, Lonnie Bond, que no momento estava viajando pelo norte do país.

Ao receber a resposta de sua checagem pelo rádio, o policial ficou intrigado. A placa realmente estava registrada em nome de Lonnie Bond, mas pertencia a um "Buick", e não a um Honda. A carteira de motorista do *hippie* foi pedida.

Outra surpresa... o documento estava em nome de Robin S. Stapley, residente de San Diego de 26 anos. Aquele homem parecia ter bem mais que a idade apresentada no documento.

Wright perguntou a "Stapley" sobre o porte de arma, mas ele respondeu que a arma pertencia a Lonnie. Pela segunda vez, Wright acionou seu rádio e pediu a verificação do número de série da arma. Estava registrada sob o nome de Robin Stapley.

Achando tudo muito confuso, o policial resolveu prender o *hippie* sob a alegação de portar uma arma ilegal. Algemou-o, leu seus direitos, trancou-o no carro e pediu ao gerente da loja uma descrição do asiático para futuras investigações.

"Stapley" foi levado para a delegacia, seus bolsos foram esvaziados e ele foi colocado numa sala de interrogatório. Entre seus pertences, foi encontrado um recibo em nome de um tal Charles Gunnar.

Antes que "Stapley" pudesse responder de quem se tratava, outro policial entrou na sala informando que o número de identificação do Honda Prelude revelou que era propriedade de Paul Cosner, declarado desaparecido na cidade de São Francisco há nove meses.

"Stapley" ficou completamente pálido. Pediu aos policiais um copo d'água e uma caneta, para que pudesse escrever uma nota para a esposa. Depois de redigir algumas linhas, declarou:

"O nome do meu amigo asiático é Charles Chitat Ng; Chitat se pronuncia 'Cheetah', e Ng pronuncia-se 'Ing'. Meu verdadeiro nome é Leonard Lake".

Sem dizer mais nada, Lake tirou algo da lapela, colocou na boca e bebeu a água. Em segundos, diante do policial estupefato, estava convulsionando pelo chão. Tinha ingerido duas cápsulas de cianureto, e foi levado para o hospital ainda com vida, mas com danos cerebrais irreversíveis. O bilhete encontrado em seu bolso dizia:

"Querida Lyn: eu te amo. Por favor, me perdoe. Eu te perdôo. Por favor, diga para mamãe, Fern e Patty que eu sinto muito".

O policial Wright não acreditava nos acontecimentos que se desenrolavam à sua frente. Por que alguém cometeria suicídio por roubar um veículo? Nada fazia sentido.

As investigações prosseguiram, enquanto Lake vegetava no hospital. A polícia técnica de São Francisco foi chamada para fazer uma verificação no Honda. No banco do passageiro, foram encontradas manchas de sangue. Havia um buraco de bala perto do pára-sol do mesmo lado, e duas caixas de explosivos embaixo do banco.

Paul Cosner, em nome de quem o carro estava registrado, tinha 39 anos e era comerciante de carros usados. Havia desaparecido em 2 de novembro de 1984, depois de comentar com sua namorada que sairia para mostrar um carro a um homem de "aparência estranha". Nunca mais voltou.

No porta-luvas do Honda foram encontrados vários cartões de banco e de crédito, além de outros documentos em nome de Robin Scott Stapley, declarado desaparecido em abril daquele ano, em San Diego. Nesta cidade, Stapley era membro fundador dos "Anjos da Guarda", organização nacional formada para proteger cidadãos de ataques criminosos e para auxiliar a polícia. Que ironia.

Outro cartão encontrado estava em nome de Randy Johnson.

A pista mais importante foi uma conta de luz em nome de Claralyn Balasz, ex-esposa de Leonard Lake e cidadã de San Bruno, perto da loja onde Lake havia sido preso. O endereço que constava na conta era de um imóvel localizado em Wilseyville, Califórnia, região distante 220km de São Francisco, aos pés das montanhas de Serra Nevada.

3 de Junho de 1985

Os detetives Tom Eisenmann e Irene Brunn, ambos da Delegacia de Pessoas Desaparecidas, foram escalados para entrevistar Claralyn Balasz. Segundo ela, a conta de luz era de uma cabana que pertencera a seu pai, numa região de difícil acesso e localização. Só uma pessoa da região poderia, segundo ela, chegar ao local. Marcaram então a viagem para o dia seguinte. Os policiais encontrar-se-iam com Balasz e a mãe de Lake, Glória Eberling, numa quitanda no meio do caminho.

4 de Junho de 1985

Conforme o combinado, os detetives Tom e Irene foram acompanhados até a tal cabana. Imediatamente ficaram intrigados com a facilidade de acesso ao local, contradizendo as informações anteriores.

A cabana era composta de dois quartos, sala, cozinha e um banheiro.

Estranhamente, o teto era todo pintado com manchas vermelhas. Na parede, um pequeno buraco de bala. Na cozinha, outro, desta vez no chão.

A cama do quarto do casal era de dossel, e havia fios elétricos amarrados em cada uma das quatro colunas da cama. Em cada esquina da cama estavam fixados parafusos tensores e acima deles um holofote de 250 Watts na parede. De um lado da cama havia um armário cheio de lingerie, muitas manchadas com o que parecia ser sangue.

A Detetive Irene foi até a cama e levantou a colcha, encontrando uma manta toda manchada de vermelho-escuro.

Na sala, ficavam equipamentos para duplicação de fitas de vídeo, com seus números de série apagados.

Diante de uma cabana tão suspeita, a Detetive Irene Brunn foi até o procurador do distrito de San Andreas e pediu um mandado de busca para toda a propriedade, uma vez que tinha evidências suficientes que o justificassem.

Com o mandado nas mãos, voltou à cabana. Logo descobriu que Balasz e sua ex-sogra haviam estado na cabana antes dela, com a desculpa de retirar uma fita de vídeo que conteria imagens de Balasz nua. A mãe de Lake se negou a responder qualquer pergunta relacionada a essa visita à cabana, e Balasz foi extremamente evasiva.

Do lado de fora da casa, o Detetive Tom encontrou um incinerador, com paredes à prova de fogo, capaz de agüentar altíssimas temperaturas.

Devido à ligação do caso com pessoas desaparecidas, iniciou-se uma busca mais detalhada, com especial atenção a este incinerador e a um *bunker*⁶² de concreto estabelecido próximo à cabana. A detetive Irene teve que pedir autorização a Balasz para averiguar o *bunker*, pois o mandado não cobria esta área. A mulher ficou descontrolada, disse que não tinha nada a ver com isso, e que se queriam a autorização deviam procurar o sócio de Lake, Charles Ng.

Segundo ela, os dois eram procurados e resolveram fugir e esconder-se morando na cabana de Wilseyville. Como não estava de acordo, separou-se do marido em 1982.

Irene não sabia nada sobre Ng, e perguntou a Balasz onde poderia encontrá-lo. Tarde demais. Ela confessou que havia ajudado o rapaz a fugir no dia anterior, levando-o até um terminal da American Airlines. Não tinha a menor idéia de para onde o amigo ia, apenas que usava o nome falso de Mike Kimoto.

Quando a detetive aprofundou suas perguntas sobre o relacionamento entre Balasz e Ng, ela ficou furiosa. Negou permissão para que o *bunker* fosse revistado, pediu a presença de um advogado e foi embora acompanhada da ex-sogra.

Os detetives resolveram não perder mais tempo. Informaram à polícia sobre a fuga e pseudônimo de Ng e encontraram-se novamente com o procurador, a fim de obter um mandado de busca para o *bunker*. Imediatamente, foi montada uma força-tarefa para que toda a propriedade de Lake e Ng fosse vasculhada. O responsável pela investigação seria o Xerife Ballard.

Aos iniciarem as buscas, logo foram detectados traços de água sanitária num diâmetro de 3 metros em volta do *bunker*, ao longo de um fosso que parecia conter artigos de pano. Preocupado com a possibilidade de descobrir ali um cemitério, Ballard pediu que as terras vizinhas fossem investigadas.

Elas pertenciam a Bo Carter, que foi questionado por telefone. Suas declarações foram surpreendentes...

Segundo ele, a casa estava alugada para Lonnie Bond, sua esposa Brenda O'Connor e o filho do casal, Lonnie Jr., de apenas 1 ano de idade. Algumas semanas antes, depois de um grande atraso

no pagamento dos aluguéis, Carter havia mandado um agente ao local para cobrar a dívida.

Ao chegar, o vizinho, que se identificou como Charles Gunnar, disse que os inquilinos haviam deixado a casa 10 dias antes. Completando o seu serviço, o agente de cobrança informou Carter que havia outro homem morando com Lonnie Bond e sua família antes que desaparecessem, dado que poderia facilitar a localização dos devedores. Seu nome era Robin Stapley.

No mesmo relatório, Carter foi informado que sua propriedade havia sido bastante escavada.

Como achou toda a história muito estranha, Carter resolveu investigar pessoalmente sua propriedade. Quando estava examinando o local escavado, o vizinho "Charles Gunnar" aproximou-se, e acompanhou sua inspeção. Nada de especial sobre o homem chamou a atenção dele, até que, semanas depois, viu no noticiário a fotografia do sujeito que havia tomado pílulas de cianureto na delegacia. "Charles Gunnar" era Leonard Lake.

O Xerife Ballard, intrigado com a história relatada, mandou que sua equipe, agora composta por cachorros treinados e um especialista forense, vasculhasse a área que teria sido escavada na propriedade de Carter. Concomitante-mente, abririam o *bunker*.

A sala principal da estranha construção tinha aproximadamente 18m². Numa parede de compensado, dezenas de ferramentas e serras potentes jaziam penduradas, ao lado de uma banca de trabalho. Ao olhar de perto, perceberam várias manchas marrom-escuro encardindo as ferramentas, possivelmente de sangue seco. Atarraxado à banca, estava um torno mecânico quebrado.

Ao sair do *bunker*, os policiais ficaram intrigados novamente. O local parecia bem menor por dentro do que por fora. Como podia ser isso? Será que havia algum aposento escondido? Dito e feito! A parede de compensado onde as ferramentas ficavam penduradas era, na verdade, uma porta que levava a um pequeno quarto.

Dentro, havia uma cama de casal, um criado-mudo, livros e um abajur para leitura. Na parede, uma placa com a inscrição "Operação Miranda".

As investigações posteriores mostrariam que essa inscrição foi retirada do livro *The Collector*, de John Fowles, também encontrado no aposento. Este livro conta a história de um colecionador de borboletas que rapta uma linda mulher, mantendo-a trancada em seu celeiro até a sua morte.

Dentro do quarto também foram encontrados equipamentos militares como armas, rifles de assalto, uniformes, botas e pistolas automáticas. Entre essas armas, estava uma mira militar, usada por soldados de tocaia que necessitam acertar tiros no escuro. No chão, estavam um macacão e boné com a inscrição "Dennis Moving Service". Na prateleira, entre livros sobre explosivos e produtos químicos, foi encontrada uma pequena janela feita de várias camadas de vidro, completamente à prova de som.

Penduradas na parede do pequeno quarto estavam 21 fotografias de jovens mulheres em várias etapas de um *strip-tease*, muitas tiradas no jardim da propriedade. Duas fotos tinham como fundo um papel de parede desenhado com personagens de desenhos animados, mais tarde identificado como sendo do South City Juvenile Hall, onde Claralyn Balasz trabalhava como assistente de professora. Todas as 21 mulheres foram posteriormente encontradas vivas e bem de saúde.

Os detetives novamente checaram as medidas externas e internas do *bunker*. Novamente, suas contas não fechavam. Tinha que existir mais um quarto escondido, talvez atrás da janela de vidro à prova de som.

As novas buscas teriam que esperar que os técnicos forenses coletassem evidências nos aposentos já encontrados. A primeira foi a impressão digital de um adulto, na pequena janela da prateleira. Muitas outras foram detectadas, todas de Ng ou Lake.

Do lado de fora, dois ossos foram desenterrados e enviados ao Dr. Boyd Stephens, médico legista de São Francisco.

5 de Junho de 1985

Técnicos forenses retiraram um projétil calibre .22 da parede do quarto principal. Embaixo da cama, estava o diário de Leonard Lake. O conteúdo parecia um livro de horror. Ali estava descrito, em detalhes, como a dupla de amigos selecionava, estuprava e matava suas numerosas vítimas. Lake também escreveu nesse diário sobre sua compulsão em dominar mulheres e fazer delas suas escravas. Elas eram obrigadas a lavar, passar, cozinhar e o servir sexualmente.

Também estavam descritas as teorias de Lake sobre guerras nucleares, de sua crença sobrevivencialista e seu plano de construir *bunkers* por todo o país, repletos de suprimentos, armas e escravas que repopulariam o mundo.

No fim do dia, o *bunker* foi liberado pela polícia forense para que a procura por outro quarto fosse iniciada. Não demorou para que a detetive Irene Brunn encontrasse uma porta secreta atrás da prateleira de livros, que levava a um quartinho de apenas 2,00 x 2,50m. O pequeno aposento continha uma cama estreita, um banheiro químico, ventilador e jarra de água. Buracos haviam sido feitos na parede para prover alguma ventilação, mas foram abafados para que não entrasse luz.

Ao examinar simultaneamente os dois quartos, perceberam que a pequena janela era especial, ou seja, quem estava no quarto principal podia ver tudo o que se passava no quartinho, mas quem estava no quartinho via apenas seu próprio reflexo. Também foi encontrado um botão ao lado da janela, que, quando apertado, permitia que os ocupantes do primeiro quarto ouvissem qualquer som que viesse do segundo.

O detetive Eisenmann apagou todas as luzes do *bunker* e, usando a mira militar para ver através da janelinha, pôde observar com perfeição a detetive Brunn do outro lado. Enfim, aquilo parecia ser uma cela para "hóspedes", controlados sem que tivessem qualquer conhecimento.

A partir dessa descoberta, a investigação passou a ser de grande assassinato, incluindo o FBI, o Departamento Florestal Californiano e o Departamento de Justiça da Califórnia.

6 de Junho de 1985

Neste terceiro dia de investigações, as buscas tiveram o auxílio de um especialista da Associação de Resgate por Cachorros da Califórnia. O Xerife Ballard também requisitou equipamentos pesados para que a propriedade pudesse ser cuidadosamente escavada.

Glória Eberling, mãe de Lake, e Claralyn Balasz, ex-esposa, estavam presentes. Nesta altura, Leonard Lake já apresentava morte cerebral e a família estava sendo pressionada a autorizar o desligamento dos aparelhos que o mantinham vivo. Glória também confessou à nora sua preocupação com o desaparecimento de seu outro filho, Donald Lake, de quem não tinha notícias há dois anos.

O caso estava se tornando um verdadeiro circo de horrores. As evidências sugeriam múltiplos raptos, estupros, assassinatos e dois principais suspeitos: um morto e um foragido. Tudo que se podia fazer no momento era coletar o maior número de provas possível.

As investigações do FBI mostraram que Charles Ng havia embarcado em um vôo de São Francisco para Chicago, mas as pistas acabavam aí. Sabia-se, por sua ficha, que tinha irmãs morando em Toronto e Calgary, no Canadá; um tio em Yorkshire, Inglaterra, e muitos amigos que serviram com ele na Marinha americana morando no Havaí. O mais interessante foi a descoberta de que Ng não era cidadão americano, mas alegou ter nascido em Bloomfield, Indiana, para conseguir seu alistamento. Serviu à Marinha, roubou armas militares de uma base em Kaneohe, Havaí, foi preso e mandado para a Corte Marcial, condenado a dois anos de prisão. Tudo como se fosse um verdadeiro americano.

O FBI concluiu que, cedo ou tarde, Ng procuraria sua família ou amigos. A Interpol e a Scotland Yard foram avisadas e a descrição de Charles Chitat Ng, distribuída por todo o mundo.

7 de Junho de 1985

No quarto dia de buscas na cabana de Wilseyville, o xerife Ballard foi avisado de que os ossos que ali haviam sido encontrados eram humanos. Outro osso, serrado nas pontas, juntou-se às provas do crime.

Vários outros itens achados nas escavações já somavam uma lista de evidências:

— Uma bolsa plástica contendo uma carta endereçada a Ng.

— Um recibo no nome de Harvey Dubs.

— Uma camiseta com a inscrição "Scott".

— Itens variados, fotografados e embrulhados para análise.

8 de Junho de 1985

Os primeiros cadáveres são encontrados. Os esqueletos de duas pessoas, aparentemente completos, foram desenterrados. Os ossos haviam sido serrados e queimados.

Por ironia, no dia em que os corpos começaram a ser descobertos, Leonard Lake morreu. Segundo a descrição de um jornalista, na reportagem sobre o caso, "Leonard Lake era muito patético e humano para ser chamado de Diabo, mas muito frio e cruel para ser considerado humano".

Na seqüência das escavações, foram desenterrados cinco baldes ensacados. Dentro deles, um livro de cheques no nome de Robin Scott Stapley, jóias, cartões de crédito, carteiras de motorista, carteiras de dinheiro e três fitas de vídeo. Ao assisti-las, o choque foi tremendo. A realidade podia ser pior que a fantasia...

Uma mulher, identificada como Kathy, foi filmada amarrada numa cadeira. Depois, foi forçada a fazer um *strip-tease* completo para deleite de Lake e Ng. As cenas de sexo entre a moça e Ng estavam também registradas ali, com Lake aparecendo ao tirar fotografias do casal.

Em outra parte do filme, Kathy aparece algemada em uma poltrona. Lake diz a ela para cooperar, e ele a deixará ir embora em 30 dias. Se recusasse, atirariam em sua cabeça e a enterrariam junto com seu namorado, já morto por eles. Na verdade, Kathy Allen havia sido atraída até a cabana da dupla quando Lake foi chamá-la, no supermercado em que trabalhava, alegando que seu namorado Michael Sean Carrol havia levado um tiro. Michael havia sido companheiro de cela de Charles Ng na prisão.

Lake também avisa a aterrorizada moça que a manteria ocupada lavando suas roupas, passando-as, cozinhando e mantendo relações sexuais. Ao longo do vídeo, ele continua fazendo várias ameaças, explicando que se sentia mal pelo que estava fazendo, mas que não podia evitar suas ações e do amigo Ng. Kathy também foi avisada para parar de bater na porta de seu quatinho, pois as dobradiças já estavam ficando danificadas. Se fizesse isso outra vez, seria severamente castigada.

A cena então é cortada para a moça, que está sendo forçada a escrever uma carta aos parentes de seu namorado, dizendo que haviam mudado de endereço e que não seriam mais encontrados. O vídeo volta para Kathy, sendo obrigada a escolher entre ser escrava sexual ou morrer. Ela concorda com a escravatura, é libertada das algemas e amarrada à cama. Lake aparece, então, tirando fotos suas vestida com diversos lingers.

Outras fitas incluíam cenas de Brenda O'Connor, esposa de Lonnie Bond e vizinha de Lake. Ela implora desesperada que lhe dêem informações sobre seu bebê. Lake responde que ele está "dormindo como uma pedra". Depois de torturada e ameaçada, o vídeo mostra uma Brenda mais cooperativa, e pode-se ouvir o som dos três tomando banho juntos. A polícia acredita que o marido e filho de Brenda foram mortos antes mesmo que Lake e Ng começassem as gravações da fita.

As escavações progrediam, e foram achados parte de um crânio, outro balde contendo itens pessoais e o que parecia ser mais um cadáver queimado. Em alguns minutos, outros quatro corpos emergiram da terra. Tratava-se de um homem negro, duas mulheres e uma criança.

Mais tarde foi desenterrado um recipiente plástico e um longo tubo de metal, com 30cm de diâmetro. Foram encontrados US\$ 1.863,00, carteiras e cartões de crédito. Dentro do tubo, um rifle Colt AR-15 semi-automático.

Outros dois corpos foram desenterrados, ambos assassinados por uma única bala calibre .22, ao estilo execução. Um deles era Randy Jacobson, um dos raros a serem identificados. Randy era um sem teto, veterano da guerra do Vietnã que havia sido companheiro de Lake, recrutado para ajudar na construção do *bunker* e depois executado.

Ao todo, foram encontrados os corpos de sete homens, três mulheres, dois bebês e mais de 20kg de fragmentos de ossos. As evidências sugerem que 25 pessoas foram mortas por esta dupla; vários desaparecimentos foram relacionados ao caso. Como muitos corpos foram incinerados, esquartejados e espalhados pela propriedade, a identificação de todos tornou-se impossível.

As vítimas identificadas foram as seguintes:

— Kathleen Allen, gerente de um supermercado em Milpitas.

— Michael Carrol, seu namorado, traficante e companheiro de cela de Ng.

— Robin Scott Stapley, membro fundador dos “Anjos da Guarda” em San Diego.

— Randy Johnson, veterano de guerra e amigo de Lake.

— Charles Gunnar, amigo e padrinho de casamento de Lake e Balasz.

— Donald Lake, irmão de Leonard Lake.

— Paul Cosner, dono do Honda Prelude.

— Brenda O'Connor, Lonnie Bond e Lonnie Bond Jr., vizinhos.

— Harvey, Deborah e Sean Dubs, família que pôs à venda equipamentos de áudio através de um anúncio de jornal e foi raptada e morta pela dupla.

A arma que matou o DJ Donald Giuletti e feriu seu amigo Richard Carraza, atingidos por um asiático que invadiu seu apartamento para assaltá-los, também foi encontrada na cabana de Wilseyville. Carraza, posteriormente, identificaria Charles Ng como o asiático que os atacou em julho de 1984.

O FBI localizou e efetuou uma busca no apartamento de Charles Ng em São Francisco. Ali foram encontradas armas, pertences de algumas vítimas e um recibo de pagamento emitido pela *Dennis Moving Company*. Um dos empregados desta empresa era Cliff Peranteau, colega de Ng e visto várias vezes envolvido em sérias discussões com ele. Cliff desapareceu em janeiro de 1985, e seus pertences foram encontrados no apartamento de Ng. Aparentemente, todas as pessoas que estiveram envolvidas na construção do *bunker* da cabana de Wilseyville foram executadas por Lake e Ng.

Em sua fuga, ao chegar em Chicago, Ng hospedou-se no Chateau Hotel sob o nome de Mike Kimoto, ficando ali por quatro dias. Encontrou-se então com um amigo não identificado, que viajou com ele por Detroit antes que cruzasse a fronteira com o Canadá, sozinho.

Durante 34 dias, conseguiu fugir da caçada internacional deflagrada pela polícia de São Francisco. Depois disso, sua compulsão em roubar o denunciou, como já havia acontecido na prisão de Leonard Lake.

6 de Julho de 1985

Numa loja em Calgary, Canadá, Ng novamente não pôde conter sua compulsão em furtar, e foi abordado por dois seguranças que pediram para verificar sua mochila, carregada de itens de mercearia, que levaria sem pagar.

Ao ser acusado de furto, sacou sua arma e ameaçou os seguranças. Alguns tiros foram trocados; um segurança foi atingido na mão. Ng foi imobilizado e levado em custódia, indiciado por roubo, posse ilegal de arma e tentativa de assassinato.

Quando ia ser levado a julgamento, notícias de sua captura chegaram ao conhecimento da força-tarefa que investigava o caso Lake-Ng nos EUA, que imediatamente pediu sua extradição.

Calculada ou não, sua escolha em fugir para o Canadá foi bastante acertada. Naquele país, a pena de morte foi abolida, e não costumam extraditar presos que possam enfrentar esse tipo de pena em outros países. O Ministro da Justiça do Canadá, John Cosbie, negou o pedido.

Com as mãos amarradas, as autoridades americanas resolveram enviar dois detetives de São Francisco para entrevistar Charles Ng em sua cela, em Calgary. Nessa entrevista, ele alegou que Leonard Lake era o responsável pelos assassinatos em Wilseyville, mas admitiu ajudar a esconder o corpo de Paul Cosner. Segundo sua versão dos fatos, teria encontrado com Lake no Boulevard Geary, São Francisco. Paul Cosner tinha acabado de ser assassinado, e seu corpo ainda estava no carro.

Depois dessa “confissão” na entrevista, o Departamento de Justiça americano fez novo pedido de extradição, novamente negado pelas autoridades canadenses. Queriam que Ng fosse julgado pelos crimes cometidos em seu país, onde acabou sendo condenado por assalto e sentenciado a quatro anos e meio de prisão.

Enquanto cumpria sua pena, estendia-se uma longa batalha entre os governos canadense e americano pela sua extradição. A luta demorou quase seis anos, tempo que o preso aproveitou estudando as leis americanas.

Durante o processo, outras provas foram anexadas ao caso. Existem evidências de que Ng teria desenhado vários esboços dos assassinatos em Wilseyville, com detalhes que só o próprio assassino poderia ter conhecimento. Num deles, intitulado “25 Anos Depois”,

ele aparecia sentado em sua cela, cercado pelas pessoas que tinha assassinado, com seus nomes escritos sobre cada um.



Um homem que cumpriu pena com Ng em Leavenworth, anos antes, disse a repórteres que haviam se comunicado por telefone várias vezes entre 1984 e 1985. Nessas conversas, Ng teria pedido conselhos de como se livrar dos corpos de suas vítimas, e descreveu várias de suas “performances” para o colega. Chegou a relatar como certa vez criou um jogo com a vítima, soltando-a para depois caçá-la como um animal pela propriedade, até matá-la.

Depois de dúzias de apelações e audiências sem fim, o governo canadense concordou em extraditar Charles Ng no dia 26 de setembro de 1991. Minutos depois do acordo ser estabelecido, e sem dar tempo do advogado de defesa de Ng tomar qualquer atitude, o preso foi transferido para a Base Aérea de McClellan. Na seqüência, foi levado para a prisão de Folsom, Sacramento, para esperar julgamento.

Os procedimentos criminais do processo contra Ng foram os mais caros da história criminal americana, ultrapassando até mesmo o

dinheiro gasto com a promotoria do caso O. J. Simpson. Ng utilizou-se de todos os artifícios estudados durante sua prisão no Canadá e, com a ajuda de seus advogados, adiar por anos o julgamento de seus crimes.

Finalmente, o local eleito para que o julgamento se realizasse foi San Andreas. Ng continuou tentando adiamentos, movendo ações contra o Estado onde alegava maus-tratos na prisão, ingestão de comida estragada, medicamentos administrados à força que teriam causado sonolência e incapacidade de tomar parte nos procedimentos do pré-julgamento, etc.

Demitia seus advogados em intervalos regulares e contratava novos, que pediam mais tempo para estudar o caso. Chegou a processar seus próprios advogados por incompetência, pedindo uma indenização de US\$ 1.000.000,00. Também foi pedida a troca de local de julgamento para o Condado de Orange, onde acreditavam que Ng teria um veredicto mais justo que em San Andreas. Na cidade escolhida para o julgamento foi feita uma pesquisa onde demonstrou-se que 95% das pessoas da cidade, absolutamente informadas sobre o caso, consideravam Charles Ng culpado pelos crimes em Wilseyville.

Em 8 de abril de 1994, o juiz do caso em San Andreas deferiu a moção feita para a mudança de local, definindo Santa Ana, no Condado de Orange, como novo local de julgamento. O Condado de Orange, financeiramente falido, negou-se a julgar Charles Ng, alegando não poder arcar com os custos do caso. Por fim, o Estado da Califórnia concordou em arcar com os gastos.

Novamente Charles Ng trocou de advogados, exigindo mais prazo para que fossem aptos a defendê-lo.

Antes do julgamento principal, compareceu à frente de seis diferentes juizes, num caso que acumulou seis toneladas de evidências e documentos legais, com um custo aproximado de US\$ 10.000.000,00.

Em outubro de 1998, depois de 13 anos de procedimentos legais, teve início o julgamento de Charles Chitat Ng. Por meses a fio, a promotora Sharlene Honnaka relatou ao júri, familiares das vítimas e mídia como Leonard Lake e Charles Ng selecionaram suas vítimas, as levaram para a cabana em Wilseyville, torturaram-nas sadicamente, estupraram e mataram sem nenhuma piedade.

Os vídeos que mostravam Kathy Allen e Brenda O'Connor sendo torturadas e abusadas por Lake e Ng foram assistidos por todos. Quilos de evidências, incluindo pertences das vítimas, foram mostrados aos jurados.

A defesa alegou que o assassino era Leonard Lake, e que Ng apenas havia participado de algumas ofensas sexuais contra algumas das vítimas.

Charles Ng, com sua prepotência, acabou cavando sua própria sepultura quando pediu para testemunhar. Ao fazer isso, permitiu à promotoria que fossem mostradas ao júri fotografias dele na sua cela em Calgary. Na parede da cela, exatamente atrás de sua figura, apareciam seus esboços incriminatórios. Aparecia também a inscrição "No Kill, No Thrill — No Gun, No Fun" (Sem morte não há emoção — Sem revólver não há diversão).

Depois de oito exaustivos meses de trabalho, todos adoraram quando o júri considerou Charles Chitat Ng culpado pelo assassinato de seis homens, três mulheres e dois bebês, no dia 24 de fevereiro de 1999.

Em 8 de março do mesmo ano, o juiz John J. Ryan, seguindo a recomendação do júri, sentenciou Ng à pena de morte, mesmo tendo a opção de condená-lo à prisão perpétua.

No momento, Charles Ng está apelando de sua sentença, por considerá-la "muito áspera". O julgamento da apelação pode demorar pelo menos mais seis anos, e custar mais alguns milhões de dólares.

Não sabemos se, agindo separadamente, esses homens teriam cometido assassinatos tão brutais. Será que "a união faz a força"? Também se especula que motivos teriam esses dois para se tornarem assassinos seriais. No caso de Lake, a Guerra do Vietnã pode ser considerada como ingrediente dessa personalidade demoníaca, mas no caso de Ng... nada parece ser significativo o suficiente em sua vida para causar seu comportamento monstruoso.

Só se pode afirmar que muito tempo e dinheiro foram gastos para condenar um homem que cometeu os crimes mais

documentados e comprovados da história americana.

O livro *Eye of Evil*, de Joseph Harrington e Robert Burger, entre muitos outros, conta a história verídica e completa deste crime.



ALBERT FISH



O Vovô que Comia

Criancinhas

ALBERT FISH

Nasceu em 1870, numa família respeitosa, mas perdeu o pai aos 5 anos e foi para um orfanato. Ali ficou conhecido como "criança problema", pois molhava a cama até os 11 anos e fugia constantemente.

Em 1917, sua jovem mulher o abandonou por outro homem, deixando para trás os seis filhos do casal. Albert Fish, que já não era uma pessoa muito equilibrada, começou a piorar emocionalmente a cada dia.

Seus filhos foram os primeiros a perceber as mudanças de atitude.



Albert Fish em 1906
Fotografia da polícia

Suas obsessões agora eram temas religiosos, pecados, sacrifício e expiação através da dor. Forçava seus próprios filhos a vê-lo se autoflagelar, surrando-se na nádega nua com um pau até sangrar. Outros "passatempos" masoquistas de Albert incluíam inserir agulhas na virilha e na região entre a bolsa escrotal e o ânus, comer matéria fecal humana e colocar algodões embebidos em álcool dentro do ânus e atear fogo.

Aos 55 anos, em 1925, Albert começou a experimentar alucinações. Tinha visões de Cristo e seus anjos e começou a especular sobre autopurgação de iniquidades e pecados, expiação por autoflagelação, sacrifícios humanos, etc.

Albert Fish tinha certeza de que, se estivesse agindo errado matando crianças, Deus mandaria um anjo para impedi-lo, assim como impediu Abraão de matar seu filho.

Fish era um compulsivo molestador de crianças. Os promotores de seu caso têm certeza de seu envolvimento em ataques a mais de 100 crianças, enquanto Albert alega ter molestado mais de 400.

Em 1928, o rapaz Edward Budd colocou um anúncio oferecendo seus préstimos. O rapaz, primeiro de três filhos do casal Budd, pensava em ganhar algum dinheiro e assim ajudar sua família a melhorar de vida. Quem respondeu o anúncio foi o fazendeiro Frank Howard, na verdade Albert Fish, que usou esse nome falso para alcançar seus perversos objetivos.

O Sr. "Frank Howard" foi pessoalmente conhecer Edward e não só o contratou como também o seu colega. Combinou de ir buscar os dois rapazes no fim de semana, a fim de irem com malas e bagagens para "sua fazenda".

No domingo, "Frank Howard" chegou à casa dos Budd cheio de gentilezas, trazendo um pote de queijo e morangos para Delia Budd, a dona da casa. Conheceu também o pai do rapaz, que estava tremendamente orgulhoso do filho e satisfazendo seu desejo de conhecer o seu empregador, para ter certeza de que este estaria em segurança. É neste domingo que Albert Fish conheceu a irmã de Edward, Grace, então com 8 anos.

"Frank Howard" era já idoso e tinha uma aparência bastante frágil. Eram óbvios os motivos que o levaram a querer contratar Edward e seu colega para ajudá-lo na fazenda.

Grace Budd

Depois de animada e longa conversa, "Frank" disse que precisaria ir até a casa de sua irmã, na festa de aniversário da sobrinha, e que na seqüência viria buscar finalmente os garotos.

Na hora em que já estava saindo, convidou a filha de seus “novos amigos” a acompanhá-lo à festa, dizendo que a traria de volta quando viesse buscar Edward e o colega. Os pais da menina ficaram um pouco inseguros, mas afinal aquele bom velhinho estava sendo tão gentil... Foi a última vez que viram sua filha.

Este não foi o primeiro crime de Albert Fish. Quando os policiais foram procurados pelos pais de Grace e verificaram que o endereço da festa de aniversário dada pelo velho não existia, bem como seu nome era falso, foi uma pena não terem se lembrado de outro crime ocorrido apenas um ano antes, em Nova Iorque.

ARREST FOR KIDNAPPING

FRANK HOWARD, Age, 36 years; height, 5 feet 7 inches; weight, 150 pounds. Hair, eyes, light complexion. Head gray hair; small nose; thin lips; mouth may be assumed; teeth in poor condition. Shows protruding upper teeth; slightly hunched; white, worn blue silk shirt; thin, and tall black top hat, high diamond ring, in a smooth white and white face and a watch-chain around his hip.

This man, called in the residence of Mr. and Mrs. Budd, 46 West 15th Street, New York City, on May 26, 1934, in order to secure about \$10,000.00 for the 17-year-old girl, who had disappeared in the New York City subway on a previous date. Howard left the home of the Budds and came back the following Sunday, June 2, and while there saw the girl. He is 37 years old, and had for a while a 15-day girl in New York City, and neither of them has been seen since.

DESCRIPTION OF KIDNAPPED GIRL:

GRACE BUDD, Age, 17 years; height, 4 feet; weight, 80 pounds; long blue hair; dark brown hair, reddish orange, yellow complexion; eyes, blue; thin nose; white, rounded; 46 West 15th Street, New York City. Hair, light gray; eyes, gray; no teeth, small, and sharp; thin, thin, thin nose and mouth; white, pointed; gray and thin with the, thin, thin, thin back; white, pointed; about neck; gray and white; 17 years; 46 West 15th Street.

If anyone is stopping on the street does not answer the description of the girl, or her clothing.

If anyone is stopping with Detective Division, Police Department, New York City, by telephone or telegraph, and an officer will be sent to the address to report the name in the publication.

Published by the City of New York, June 2, 1934. JAMES A. WARREN, PRINTER.

GRACE BUDD

Circular da polícia sobre o sequestro de Grace Budd

No pátio de um prédio nesta cidade, dois meninos, ambos chamados Billy, 3 e 4 anos, brincavam tranqüilamente aos cuidados de um vizinho de 12 anos. Quando a irmã caçula do vizinho acordou chorando em seu berço, o garoto entrou em casa para pegá-la. Ao retornar ao pátio, os dois Billys não estavam mais lá. O vizinho, desesperado, foi chamar o pai do Billy mais novo, que imediatamente começou uma frenética busca pelo prédio. Só encontraram o menino mais novo no terraço da cobertura. Quando o pai perguntou a ele onde estava seu amiguinho Billy Gaffney, ele respondeu:

— O *boogey man*⁶³ o pegou.

Ninguém ligou muito para o que disse a testemunha de 3 anos de idade, imaginando que aquele relato era apenas fantasia.

Iniciaram uma busca nas vizinhanças, imaginando se Billy havia entrado em alguma fábrica do bairro ou caído no canal Gowanus, que se localizava nas cercanias do prédio.

As buscas não deram em nada. Finalmente, um policial resolveu ouvir a descrição da testemunha de 3 anos sobre o tal *boogey man*: era magro, velho com cabelo e bigode grisalhos.

Apesar da clara descrição, os policiais não ligaram este caso ao caso do "Homem Grisalho", acontecido alguns anos antes.

Em julho de 1924 o garoto Francis McDonnell, 8 anos, brincava com seus amigos em frente à sua casa em Staten Island. A mãe estava junto, e viu um velho homem, de cabelos e bigode grisalhos, observando os garotos. Naquela tarde, o velho estava de volta e desta vez chamou Francis. Os outros meninos continuaram a jogar bola. Alguns minutos depois, Francis e o velho tinham desaparecido. Um vizinho distante diria depois que viu os dois entrando num matagal, o velho atrás do menino.

O desaparecimento do menino só foi percebido na hora do jantar. Seu pai, um policial, organizou imediatamente uma busca.

O garoto foi encontrado na mata, debaixo de alguns galhos de árvore, terrivelmente agredido. Suas roupas haviam sido arrancadas, estavam despedaçadas, e ele foi estrangulado com seus próprios suspensórios.

O menino foi surrado de uma forma tão violenta, que os policiais concluíram que, de duas, uma: ou o velho frágil não era nem tão velho, nem tão frágil; ou tinha um cúmplice.

As investigações se concentraram na descrição feita pela mãe do menino sobre o velho frágil e estranho que naquela manhã ela tinha visto em frente à sua casa. Era idoso, esguio e tinha cabelos e bigode grisalhos. Os policiais o apelidaram de "Homem Grisalho".

Apesar dos concentrados esforços policiais, nunca foi encontrado.

Em 1934, seis anos depois do desaparecimento de Grace Budd, o caso ainda estava oficialmente aberto, mas ninguém mais esperava que ela fosse achada ou seu raptor. Apenas um homem, o detetive William F. King, continuava a trabalhar incansavelmente. De vez em quando, juntamente com o jornalista Walter Winchell, plantava uma notícia falsa sobre o andamento do caso no jornal para que o assunto continuasse em pauta.

Em novembro desse ano, na coluna do jornalista, foi veiculada a seguinte notícia: "Eu verifiquei sobre o mistério de Grace Budd, ela tinha 8 anos quando foi raptada, há seis anos. É seguro informar-lhes que o departamento de pessoas desaparecidas vai anunciar surpresas no caso, ou assim esperam, em quatro semanas".

Dez dias depois, Delia Budd, mãe de Grace, recebeu uma carta. Por sorte e por conta de seu analfabetismo, a pobre mulher entregou-a sem ler ao filho, Edward Budd. O rapaz, completamente chocado com o conteúdo da leitura, apressou-se em entregar a carta ao detetive King:

"Minha querida Senhora Budd,

Em 1894 um amigo meu embarcou como trabalhador braçal de convés no navio Steamer Tacoma, capitão John Davis. Eles velejaram de São Francisco para Hong Kong, na China. Ao chegarem ali, ele e dois outros foram para terra e ficaram bêbados. Quando voltaram, o navio tinha ido embora. Aqueles eram tempos de fome na China. Carne de qualquer tipo custava de US\$ 1,00 a US\$ 3,00 a libra. Tão grande era o sofrimento entre os muito pobres, que todas as crianças com menos de 12 anos foram vendidas como comida, a fim de evitar que outros ficassem famintos. Um menino ou menina de menos de 14 anos não estava seguro nas ruas. Você poderia ir a qualquer loja e pedir um bife, cortes de carne ou picadinho. Do corpo nu de um menino ou menina seria trazida exatamente a parte desejada por você, que seria cortada dele. A parte de trás de meninos ou meninas é a parte mais doce do corpo e era vendida como costela de vitela, no preço mais alto. John ficou lá tanto tempo que adquiriu gosto por carne humana. Quando voltou para Nova Iorque ele roubou dois meninos, um de 7 e um de 11 anos. Levou-os para sua casa, tirou sua roupa e amarrou-os nus no armário. Então queimou tudo o que eles tinham. Várias vezes, todo dia e noite, ele os espancou e torturou — para fazer com que sua carne ficasse boa e tenra.

Primeiro ele matou o menino de 11 anos, porque ele tinha o traseiro mais gordo e, é claro, mais carne nele. Cada parte do seu corpo foi cozida e comida, exceto a cabeça — ossos e tripas. Ele foi assado no forno (todo o seu traseiro), fervido, grelhado, frito e refogado. O menino pequeno foi o próximo, e foi da mesma maneira. Naquela época, eu estava

morando no 409 em 100 Street, perto — lado direito. Ele me falou com tanta freqüência como a carne humana era gostosa, que eu fiz minha cabeça para prová-la.

No domingo, 3 de junho de 1928, eu telefonei para vocês no 406W 15 Street. Trouxe para vocês um pote de queijo — morangos. Nós almoçamos. Grace sentou no meu colo e me beijou. Eu me convenci a comê-la, com a desculpa de que eu a levaria a uma festa, você disse que sim, ela poderia ir. Eu a levei a uma casa vazia em Westchester que eu já tinha escolhido. Quando chegamos lá, eu disse a ela para ficar no quintal. Ela colheu flores selvagens. Eu subi as escadas e tirei toda a minha roupa. Eu sabia que, se não o fizesse, eu ficaria com seu sangue nas roupas. Quando eu estava pronto, fui na janela e a chamei. Então eu me escondi no armário até ela estar dentro do quarto. Quando ela me viu completamente nu, começou a chorar e tentou correr escadas abaixo. Eu a agarrei e ela disse que ia contar para sua mãe. Primeiro eu tirei sua roupa, deixando-a nua. Como ela chutou, mordeu e arranhou! Eu a asfixiei até a morte, então a cortei em pequenos pedaços para poder levar a carne para meus aposentos. Cozinhar e comer. Como era doce e tenro seu pequeno traseiro assado no forno. Levou-me nove dias para comer seu corpo inteiro. Eu não 'a fodi', apesar de ter podido se eu desejasse. Ela morreu uma virgem".⁶⁴

Ninguém quis acreditar que esta carta era verdadeira. Tinha que ser os delírios de alguém completamente louco, pervertido e sádico. Mas o detetive King percebeu que os detalhes de seu encontro com os Budd e Grace eram acuradíssimos. Realmente, "Frank Howard" havia levado queijo e morangos; a carroça na qual havia comprado foi localizada pela polícia e ficava no East Harlem, o que direcionou as investigações para aquele bairro. Além do mais, o anúncio de Edward respondido por Albert Fish/Frank Howard seis anos antes no jornal *Wester Union* continha a mesma caligrafia da carta enviada.

O envelope tinha uma pista crucial: um pequeno emblema hexagonal com as letras N.Y.P.C.B.A., que pertenciam a "Associação Benevolente de Motoristas Particulares de Nova Iorque". Com a cooperação do presidente da associação, uma reunião de emergência dos membros foi convocada. Durante a reunião, a polícia ficou verificando a caligrafia de todos para achar aquela que fosse idêntica à de "Frank Howard". Como nenhuma caligrafia combinou, o detetive King contou a todos a história do assassinato de Grace, e pediu aos membros que se alguém tivesse pegado da associação algum papel de carta ou envelope timbrado e dado para outra pessoa, por favor, se apresentasse e relatasse para a polícia o acontecido. Um jovem porteiro admitiu que ele havia pegado um par de folhas e alguns envelopes, que levou para casa. O rapaz morava numa pensão, no 200 East 52nd Street. A senhoria da pensão ficou chocada quando a descrição de "Frank Howard" foi dada a ela: era a exata descrição do idoso homem que tinha ali morado por dois meses. Havia saído da pensão há apenas dois dias.

O inquilino chamava-se Albert H. Fish. A senhoria mencionou que ele havia pedido que ela guardasse uma carta que seu filho mandaria de onde trabalhava, Civilian Conservations Corps na Carolina do Norte. O filho regularmente mandava dinheiro para o seu velho pai. Finalmente, dias depois, o correio avisou a polícia que deteve uma carta para Albert Fish. Depois de a carta chegar, nada dele aparecer. O detetive King estava ficando preocupado se o tinha afugentado.

Por que Fish não mais contatou sua senhoria?

No dia 13 de dezembro de 1934, ela telefonou para o detetive King dizendo que Albert Fish estava na pensão procurando por sua carta.

O velho homem estava sentado tomando uma xícara de chá quando a polícia chegou. Fish ficou em pé e, quando questionado, confirmou para King que era Albert Fish. De repente, enfiou a mão no bolso e tirou uma gilete, a qual ficou segurando na sua frente.

Prisão de Albert Fish

Furioso, King agarrou a mão do velho homem e torceu-a rapidamente. "Agora eu te peguei", disse triunfante.

Vários homens da lei e psiquiatras acompanharam as confissões de Albert Fish. Elas foram censuradas com severidade para a imprensa, devido ao seu conteúdo chocante.

Fish confessou para King que sua sede de sangue começou em 1928. Ao responder ao anúncio de Edward Budd, sua intenção era castrar o menino e deixá-lo sangrar até morrer.

Ao chegar à casa dos Budd e ver Grace, Fish teve a certeza de que era a menina que ele queria matar. Apesar de ter tudo planejado para matar Edward e seu colega, ambos recém-contratados, Fish modificou sua ação e levou a menina com ele.

Levou-a numa viagem de trem ao interior. Quando chegaram na estação que deveriam descer, Grace acabou sendo responsável pela sua própria "sorte": ao se levantarem de seus assentos, Fish ia deixando para trás a maleta que continha todos os instrumentos que havia comprado para executar a planejada chacina dos garotos. Inocentemente, a menina chamou sua atenção, fazendo-o levar aqueles que seriam suas ferramentas de tortura.

O que aconteceu na casa de Wisteria Cottage foi exatamente o descrito por Albert Fish na carta para a Sra. Budd. Ao retornar para lá com a polícia, sem absolutamente nenhuma emoção, observou o recolhimento dos restos mortais da menina.

Budd pai e filho foram levados à polícia para identificar Fish como sendo "Frank Howard". Apesar do descontrole dos dois, Fish não demonstrou emoção de nenhum tipo.

A ficha criminal dele não era assim tão pequena. Desde 1903 havia registros de prisões por furto, pequenos crimes como enviar cartas obscenas, coisas desse tipo. Ele havia estado internado em instituições mentais mais de uma vez.

Durante o tempo em que toda a burocracia legal se realizava, aconteceu uma surpresa no caso: um maquinista que viu a foto do acusado no jornal veio até a delegacia reconhecê-lo como o velho homem que tentava calar o menino Billy Gaffney, em fevereiro de 1927.

Fish confessou coisas impensáveis que teria feito com Billy, inclusive forneceu as várias receitas que utilizou para comê-lo.

Alguns dias depois, um homem de Staten Island veio identificar aquele como o homem que quis atrair sua filha de 8 anos para um matagal. O local ficava perto de onde Francis McDonnel fora assassinado e o fato ocorreu apenas três dias antes do crime. O "Homem Grisalho" havia sido encontrado.

Fish também foi identificado como o homem que matou a menina de 15 anos, Mary O'Connor, em Far Rockaway. Seu corpo foi encontrado num matagal perto da casa em que Fish estava trabalhando como pintor de paredes.

Com todas essas evidências contra ele, a única chance de não ser condenado à morte era ser declarado mentalmente insano por psiquiatras forenses.

Os psiquiatras da defesa o diagnosticaram como psicótico paranóico e insano. Os quatro psiquiatras da acusação o consideraram são.

A família de Fish era abarrotada de loucos: um tio paterno sofria de psicose religiosa e morreu em um hospital estadual. Seu meio-irmão também morreu em um mesmo tipo de hospital. Um irmão mais novo era retardado e morreu de hidrocefalia. Sua mãe era considerada esquisita e conhecida por ouvir e ver coisas. Uma tia paterna era considerada completamente louca. Um irmão sofria de alcoolismo crônico. Uma irmã tinha um tipo de "aflição mental".

Fish viveu em 23 estados americanos e alega ter matado pelo menos uma criança em cada local em que morou.



Albert Fish
O Vovô se entedia no julgamento
© Associated Press

Inicialmente o Dr. Wertham, psiquiatra da defesa, achou que Fish estava mentindo e exagerando sobre as histórias que contava, especialmente quando relatou que durante anos enfiava agulhas em seu corpo, na região entre o ânus e o escroto. No começo, ele colocava e tirava as agulhas, mas, algumas vezes, ele as enfiava tão profundamente que a sua retirada se tornava impossível. Depois dessa história, o médico resolveu colocar Fish à prova e solicitou raios X da região pélvica: foram encontradas pelo menos 29 agulhas no seu corpo.

O julgamento de Albert Fish foi controverso. O advogado de defesa, James Dempsey, adotou como estratégia tentar provar a insanidade de seu cliente. Queria demonstrar que Fish sofria de uma demência comum em pintores de parede, chamada *lead colic*⁶⁵.

Para isso, colocou no banco de testemunhas todos os seus seis filhos, contando das autoflagelações do pai que foram obrigados a observar.

Também argumentou que homens que cozinham e comem criancinhas não podem ser normais. Quando interrogou o pai de Grace, Dempsey teve a coragem de argumentar que, afinal de contas, os próprios pais entregaram a filha para Fish. Na opinião dele, ela não havia sido seqüestrada.

Depois dessa alegação, a comoção foi tão grande que o tribunal quase veio abaixo. O pai de Grace soluçava copiosamente. Uma caixa com os restos mortais da menina foi trazida para a Corte. O promotor abriu-a e retirou o crânio de Grace para que todos vissem. A defesa pediu um recesso imediatamente!

A estratégia da acusação, através do promotor Elbert F. Gallagher, foi demonstrar que Albert Fish era mentalmente sã, apesar de ser um psicopata sexual.

Sabia exatamente o que fazia, premeditou o crime comprando instrumentos para executá-lo e, ao seqüestrar e matar Grace Budd, tinha perfeita consciência de que agia errado.

Tinha uma memória ótima para sua idade e consciência absoluta de onde e com quem estava.

Querer provar que aquele homem não sabia o que fazia na hora do crime, para a acusação, era quase um desaforo.

Albert Fish foi julgado mentalmente são e culpado por assassinato premeditado. O juiz o sentenciou à morte, na cadeira elétrica. Adorou a sentença, devido ao seu sadomasoquismo.

Foi eletrocutado na prisão de Sing Sing, Nova Iorque, em 16 de janeiro de 1936.

Foram necessárias duas descargas elétricas para matá-lo, pois as 29 agulhas que ele deixou em seu corpo ao longo de toda a vida causaram um curto-circuito na cadeira elétrica.

Sua última frase foi: "A emoção suprema, a única que nunca experimentei".



Raios X do pêlvico de Fish
29 agulhas pelo corpo
(Evidência da polícia)



ARTHUR

SHAWCROSS



Libertado para Matar

ARTHUR SHAWCROSS

— O ASSASSINO DO RIO GENESEE



Arthur Shawcross
Fotografia da penitenciária

A infância de Arthur Shawcross foi tão perturbada quanto à da maioria dos assassinos seriais. Nasceu em 1945, na cidade de Kittery, Maine, filho de um soldado e uma dona de casa.

Seu comportamento começou a ficar estranho logo após o nascimento do irmão menor, Jimmy. Arthur passa a molhar a cama diariamente, e fala como um bebê até os 6 anos. Também foge de casa constantemente, para chamar a atenção dos pais.

Obcecado por sexo, compartilha seus interesses com colegas, e pratica sexo oral a partir dos 7 anos.

Aos 8, já detesta qualquer criança pequena. Provoca todas as que encontra, até que chorem.

Sua irmã mais velha, Jeannie, também é uma obsessão. Apesar dela negar a informação, Arthur diz que fez sexo com ela desde os 12 anos.

Na adolescência, Arthur passa a ter amigos imaginários. Suas conversas com eles se dão imitando vozes muito estranhas. Seus colegas zombam dele sempre. Quando é chamado pelo apelido de *Oddie*⁶⁶, Arthur tem intensas crises de raiva.

Constantemente fica sozinho na classe durante o recreio. Sua comunicação com os outros é pobre e rara. Curiosamente, suas notas são bem acima da média.

Quando seu comportamento começa a ficar insuportável para os que convivem com ele, é levado a fazer vários testes psicológicos. Os profissionais concluem que Arthur sofre de grande sentimento de inadequação e rejeição. Sua crescente hostilidade aos pais, principalmente contra a mãe, chama a atenção dos psicólogos.

Desde os 9 anos, quando a mãe descobriu que o marido mantinha outra família na Austrália, o assunto "mulher" em sua casa era praticamente proibido. A mãe se torna amarga e explosiva, e passa a gritar histericamente com todos depois de qualquer menção

ao sexo feminino. Arthur vai se tornando cada vez mais agressivo, explosivo e espancador de meninos menores da vizinhança.

Aqui começam os pequenos furtos e roubos a residências. Seu problema social também começa a agravar-se às constantes repetências escolares. Passa horas isolado, sem encontrar nada em comum com seus colegas de classe bem mais jovens do que ele. Justo ele, que detesta crianças menores, é obrigado a conviver com elas diariamente.

Arthur passa a distrair-se andando pela floresta e falando consigo mesmo. Seus parceiros de sexo, agora, são vacas, ovelhas, cavalos e até galinhas, que acabam morrendo durante as suas investidas.

Sua tia, Tina, também o obriga a fazer sexo oral com ela desde a mais tenra idade, desenvolvendo aquele que seria seu modo sexual de ação predileto por toda a vida.

Shawcross alega ter feito sexo oral com a irmã, o irmão, a prima, mas nunca relatou ter feito sexo com penetração. Isso indica que,

provavelmente, tinha problemas em manter a ereção.

Além da tia, Shawcross colocará a culpa de suas perversões em sua primeira experiência sexual com violência: numa certa tarde, um homem num conversível vermelho o teria obrigado a fazer sexo oral nele segurando-o pela garganta. Como seu desempenho foi pobre e o homem não conseguiu atingir o orgasmo, ele o sodomizou. Depois desse episódio, Arthur diz só conseguir atingir o orgasmo quando sente dor ao fazer sexo.

Aos 19 anos, casa-se pela primeira vez. A união dura três anos e produz um filho.

Em 1968, foi recrutado pelo Exército. Este soldado americano lutou no Vietnã por seu país, e não houve tempo mais feliz em sua vida. Finalmente, tinha permissão para matar. A guerra foi uma fantasia ao vivo e em cores para este homem que, além de possuir um cromossomo Y a mais⁶⁷, tinha também lesões cerebrais.

Segundo o especialista Jonathan Pincus⁶⁸, existem três fatores que, quando inter-relacionados, causam condutas de extrema violência anormal, como o canibalismo. São elas: ser maltratado e/ou abusado na infância, paranóia e dano cerebral. As pessoas que têm, em seu histórico, esse tripé deixam-se levar por seus impulsos sem considerar regras éticas ou sociais. Uma pessoa que sofre de lesão do lóbulo frontal é capaz de fazer xixi no meio da sala de visitas só porque teve vontade; os eletroencefalogramas de Arthur Shawcross mostram claras evidências desse tipo de lesão, além da presença de um quisto na região lóbulo-temporal.

No Vietnã, matou, desmembrou, mutilou e comeu várias vítimas vietnamitas, mas na guerra se perdoa tudo o que se faz contra o inimigo. Nessa época, ele acreditava estar “possuído” pelo espírito de Ariemes⁶⁹, que o levava a estuprar, matar e praticar canibalismo.

A alegria vivida no Vietnã dura pouco. Ali, matar era “coisa normal”, uma rotina seguida por todos. Quando volta para casa, em 1969, é um veterano de guerra, homem bem diferente daquele que havia sido no passado. Observe-se aqui que, antes da guerra, já não se tratava de pessoa com equilíbrio dentro dos padrões considerados “normais”.

Já casado pela segunda vez, é transferido para o Fort Sill Oklahoma, para terminar seu serviço militar. Nessa época, têm início as violentas visões da guerra e os pesadelos sem fim. Shawcross passa a consultar-se com um psiquiatra, que indica a internação do paciente. A esposa nega-se a assinar a autorização necessária, e, sem tratamento, seu estado mental começa a piorar sensivelmente.

Episódios de incêndio começam a permear sua vida, até que é preso por colocar fogo na fábrica de queijos em que trabalha. É condenado a cinco anos de prisão.

Durante o tempo na cadeia, Shawcross alega ter sido estuprado por três prisioneiros negros. Vingou-se deles surrando-os e estuprando-os em três incidentes separados. Foi transferido para a Penitenciária de Auburn.

Sai em liberdade condicional no ano de 1971, como prêmio por ter salvado a vida de um guarda da prisão em meio a um motim. Volta para a cidade de Watertown em 1972, já divorciado, para tentar recomeçar sua vida. A prisão não tinha feito muito bem ao seu já frágil estado mental.

Arrisca-se num terceiro casamento, desta vez com uma amiga de sua irmã, Penny Nichol. O fracasso é completo. Arthur é incapaz de manter a ereção, não consegue ter filhos e ainda é acusado pelos sogros de assediar sexualmente a cunhada mais nova. Nessa época, passa cada vez mais tempo fora de casa, pescando em riachos e rios das proximidades.

Fica conhecendo a maioria das crianças da cidade, que freqüentemente brincam por ali. Entre elas, está o garoto Jack Blake, de 10 anos. Shawcross se encanta por ele. Chega a pedir à mãe do garoto autorização para levá-lo pescar, mas ela nega.

Quatro meses depois do convite, Jack Blake desaparece do local onde estava brincando, perto do condomínio onde morava Arthur Shawcross. Naquela noite, Mary Blake bate à porta de Shawcross para perguntar onde está seu filho, mas ele disse não tê-lo visto naquela manhã.

Infelizmente, a verdade era outra. Ele havia levado o garoto para a mata, onde o molestou sexualmente, estrangulou-o e bateu em sua cabeça até matá-lo. O coração e os genitais da criança foram retirados e comidos por ele.

Imediatamente se transforma em suspeito nº 1 da polícia, mas não há provas suficientes para acusá-lo.

Três meses depois, enquanto a polícia ainda procura por Jack Blake, a menina Karen Ann Hill foi encontrada morta. Seu corpo estava embaixo de uma ponte sobre o rio Black. Aos 8 anos, ela havia sido estuprada, mutilada e estrangulada.

As investigações levam aos fatos: Shawcross tinha sido visto com a garota no dia de seu desaparecimento, tornando-se novamente suspeito de assassinato. Quando os policiais descobrem que os dois tomaram sorvete perto da mesma ponte embaixo da qual o corpo foi encontrado, é preso para interrogatório.

Depois de algumas horas de pressão, ele confessa ter matado a pequena Karen.

É julgado e condenado a 25 anos de prisão pelo assassinato de Karen Ann Hill, mas, curiosamente, nunca foi acusado pelo assassinato de Jack Blake. Nem quando confessou o crime e mostrou às autoridades onde estava o corpo do menino. Nem mesmo quando admitiu aos psiquiatras da prisão ter voltado várias vezes ao local onde estava o corpo para fazer sexo com o cadáver.

Os primeiros anos de prisão são um tormento para Shawcross. Até mesmo presidiários consideram molestadores e assassinos de crianças indefesas como a mais vil espécie de ser humano.

Depois de oito anos de pena cumprida, a vida dele foi entrando numa certa rotina. Shawcross era agora o prisioneiro modelo daquela penitenciária. Durante os 15 anos em que ficou preso, foi avaliado por vários psiquiatras. Seus laudos diziam que, sob condições normais, era um indivíduo passivo, mas sob *stress*, seria incapaz de controlar seus desejos sexuais.

Apesar de todos os pareceres desfavoráveis, é colocado em liberdade condicional em abril de 1987. Foi considerado "pronto" para ser reintegrado à sociedade. Depois de sua soltura, seu oficial

de condicional, Robert T. Kent, escreveu a seguinte carta aos seus superiores:

"... Correndo o risco de ser melodramático, considero este homem como possivelmente o mais perigoso indivíduo liberado nesta comunidade em muitos anos".

Seriam proféticas as suas palavras. Por que liberar sob condicional um homem que só pode sair de casa durante o dia, não pode sair do município, não pode estabelecer contato com ninguém menor de 18 anos, está proibido de se aproximar de escolas ou outros locais onde ficam crianças, não pode beber álcool... isto é estar pronto para a reintegração?

Shawcross casou-se então com Rose Walley, mas não conseguia estabelecer moradia em cidade nenhuma. Toda comunidade que tomava conhecimento de seu passado o queria fora dali o mais rápido possível. O casal tentou morar em Binghamton, Delhi, Fleischmanns... e finalmente estabeleceu-se em Rochester, NY.

Arthur não possuía carro. Trabalhava à noite como empacotador de saladas no “Bognia’s”, região central da cidade. Morava perto do emprego e se locomovia de bicicleta ao longo do rio Genesee.

Tudo corria bem em sua vida até o Natal daquele primeiro ano em liberdade, quando sua família se recusou a visitá-lo e devolveu todos os presentes de Natal que Arthur havia enviado. A rejeição tornou seu humor sombrio...

Foi nessa época que conheceu Clara Neal, que se tornaria sua amante. Clara possuía um carro, que emprestava freqüentemente para Arthur, que explicava para a esposa ser este o motivo de tratar a amiga tão bem. Tudo parecia normal para o casal durante aquele inverno... Shawcross, que não estava livre de seus problemas sexuais, era freqüentador assíduo da avenida Lake, reduto conhecido das prostitutas de Rochester. Entre elas, era conhecido como “Mitch”.

Em março de 1988, foi encontrado o corpo de Dorothy “Dotsie” Blackburn, prostituta de 27 anos, boiando em “Salmon Creek”, conhecida área de pesca da região de Rochester.

O corpo estava pouco decomposto, devido à neve, mas todas as evidências tinham sido destruídas. O médico legista que fez a autópsia relatou que a moça tinha marcas de uma grande mordida na vagina, onde faltava um pedaço de carne. Shawcross a matou depois de ter seu pênis mordido por ela. Segundo ele, ouviu uma série de xingamentos antes de "calar sua boca".

As investigações imediatamente começaram, tendo como ponto de partida a avenida Lake. As prostitutas pouco tinham a declarar: mal conheciam os homens com quem saíam e ninguém ultimamente parecia estranho ou assustador.

Em setembro de 1988, o patrão de Shawcross descobre seu passado e o demite. Uma nova onda de raiva toma conta dele.

Outro corpo foi logo encontrado, Anne Marie Steffen, 27 anos, também profissional da área. O *modus operandi* do *serial killer* ainda parecia ser o mesmo, mas a polícia continuava sem nenhuma pista de sua identidade.

Shawcross consegue novo emprego, na G&G Food Services, e não mata novamente até meados de 1989.

Em junho daquele ano, Dorothy Keller, uma velha sem-teto de 59 anos, foi encontrada morta. Seu corpo foi localizado no rio por pescadores, com a cabeça decapitada. Esse crime não parecia ter relação com os anteriores e sua investigação não recebeu muita atenção. Se tivessem se aprofundado, a polícia saberia que Dorothy trabalhava eventualmente como garçonne, e ficou amiga de Shawcross quando o conheceu num jantar.

Shawcross convidou Dorothy para uma tarde bucólica: iriam para o campo pescar e fazer amor, mas tudo começou a dar errado quando ela acusou-o de ter roubado seu dinheiro. Também ameaçou contar para Rose e Clara sobre seu caso com Arthur, como ele podia já ter duas mulheres e ainda enganá-la, blá, blá blá... Shawcross não perdeu tempo. Encerrou a desagradável conversa assassinando a colega.

As próximas vítimas foram as prostitutas Patty Ives, 25 anos, e Frances M. Brown, 22 anos. A polícia finalmente percebeu as similaridades entre os crimes e começou a procurar por um só

assassino. A mídia imediatamente passou a explorar o caso e aterrorizar a todos: um assassino serial estava a solta na cidade! Foi chamado, nos noticiários, de “The Rochester Nighthalker” (O Caçador Noturno de Rochester), “The Rochester Strangler” (O Estrangulador de Rochester) e “The Genesee river Killer” (O Assassino do rio Genesee)⁷⁰.

Muitos chegaram a especular sobre a semelhança com os assassinatos do “Green River Killer” (Assassino do rio Green), em Seattle, mas nenhuma prova que corroborasse essa hipótese conclusiva. Nesse caso, foram encontrados 49 corpos assassinados na área do rio num período de dois anos, mas o assassino nunca foi identificado.

Arthur Shawcross acompanhou o caso pela mídia minuciosamente. “Preocupa-se” com a segurança de sua esposa e amante. Chega a pedir que elas tenham cuidado ao andar pelas ruas.

Como sua sexta vítima, ele escolhe June Stotts, 29 anos. Ela é amiga do casal e assídua freqüentadora de sua casa. June era limítrofe, e aceitou uma carona oferecida pelo amigo num dia quente em que se encontraram à beira do rio. Foram brincar num local deserto, e fizeram sexo. Quando Shawcross reclamou que June não

era mais virgem, ela começou a gritar histericamente. No ímpeto de silenciá-la, sufocou-a. Depois, comeu sua vagina e alguns de seus órgãos internos.

Ainda no mês de novembro, mais duas prostitutas foram assassinadas: Maria Welch, 22 anos, e Darlene Trippi, 32.

Dezembro não foi um mês mais calmo. Elizabeth Gibson, 29 anos, e June Cícero, 34, foram assassinadas com duas semanas de intervalo. Para Shawcross, elas mereciam isso, pois tinham tentado roubar sua carteira ou zombado de sua performance sexual. As duas eram prostitutas, e saíram para um programa "sob as barbas da polícia", que já estava vigiando a avenida Lake.

Sua última vítima foi Felicia Stephens, 20 anos, prostituta negra. Jogou seu corpo no mesmo local onde se livrou de June Cícero e Dorothy Blackburn, para poder voltar a utilizá-los quando quisesse. Foi essa necessidade de voltar para "desfrutar" dos restos mortais de suas vítimas que o levaria à prisão.

A polícia, já sem saber o que fazer, solicitou ao FBI que a ajudasse na solução desses crimes, pois parecia que o “Assassino do Rio Genesee” não iria parar de matar tão cedo. O FBI fez um perfil do assassino:

— Homem branco.

— Casa dos 30 anos.

— Possuía carro.

— Usufruía a confiança das prostitutas.

Parecia óbvio para os criminalistas que as prostitutas mortas conheciam seu agressor. Provavelmente ele já havia se relacionado com elas anteriormente e até feito sexo, e nada anormal tinha

acontecido. Não era um estranho. Quando se espalha a notícia que existe um assassino serial matando prostitutas em determinada área, elas tendem a se preocupar só com os estranhos. Também deve se considerar o fato das prostitutas serem um alvo fácil e seguro para assassinos seriais, pois pouca gente denuncia seu desaparecimento e a polícia não é tão cobrada por resultados nas investigações. Mas agora já se somavam 11 vítimas.

A vigilância sobre a área de Northampton Park foi multiplicada drasticamente. Agora, helicópteros patrulhavam as imediações do rio Genesee.

Em 3 de janeiro de 1990, Shawcross resolveu ter novamente relações sexuais com o corpo de June Cícero. Agora, ele não mais seguia os avanços das investigações pela mídia. Sentia-se totalmente seguro. Ficou feliz em poder estacionar facilmente seu carro sobre uma ponte, onde teria uma vista perfeita do corpo de June enquanto almoçava.

Nesse momento, um helicóptero da polícia sobrevoando aquela área avistou um corpo abandonado em "Salmon Creek". Ao mesmo tempo, os mesmos policiais observaram um homem parando seu carro sobre uma ponte em cima do rio. O homem desceu do carro.

Parecia estar olhando fixamente na direção do corpo recém-avistado.

O pessoal do helicóptero avisou as radiopatrulhas da área imediatamente.

Arthur Shawcross viu o helicóptero enquanto almoçava. Rapidamente, entrou no Chevy de Clara e foi em direção ao trabalho dela.

Os policiais não demoraram a localizar o veículo. Minutos depois, levaram o suspeito para prestar esclarecimentos na delegacia.

Ele não combinava com o perfil elaborado pelo FBI, mas confessou voluntariamente ao delegado seus crimes anteriores. Quando seus registros criminais foram verificados, o interesse da polícia se intensificou totalmente.

Shawcross, depois de algumas horas, foi liberado por falta de provas, mas o carro que utilizava foi confiscado para exames pela polícia técnica.

Durante o exame do veículo, foi encontrado um brinco idêntico ao que faltava na orelha de uma das vítimas. Além desse fato, uma prostituta da avenida Lake contou à polícia que Shawcross era um assíduo usuário dos serviços das prostitutas daquela área. Foi levado novamente à delegacia na manhã seguinte, para esclarecimentos.

Depois de negar seu envolvimento nesses 11 crimes por horas, finalmente resolveu confessar todos eles em detalhes.

Continuava acreditando estar possuído, desta vez pelo espírito de sua mãe. Segundo ele, ela divertiu-se durante sua infância, enfiando paus de vassoura em seu ânus. Para ele, não existia culpado pelo seu descontrole.

Quando o delegado perguntou o que achava que devia ser feito com ele, Shawcross respondeu: "Devem me trancar e jogar a chave fora. Se eu for libertado, matarei outra vez".

Em seu julgamento, ele se recusou a testemunhar. Sentou, dia após dia, como um zumbi na cadeira do réu. Sua defesa tentou alegar insanidade, e relatou o canibalismo numa tentativa de reforçar essa alegação. Nunca foram encontradas provas de que ele seria realmente canibal.

Shawcross foi submetido a várias baterias de testes psicológicos nos meses que antecederam seu julgamento. Segundo o depoimento do Dr. Kraus, psiquiatra, ele era "emocionalmente instável, tinha deficiência de aprendizado, era geneticamente prejudicado, sofria de desordens bioquímicas, era lesionado neurologicamente e psicologicamente alienado de outras pessoas durante toda a sua vida, não controlava suas frustrações e raivas, misturadas com medo e escalada de violência e agressão destrutiva, a que ultimamente transformou-se em fúria assassina".

Outros psiquiatras relataram suas opiniões. Entre eles, o Dr. Park Dietz, conhecido por seus trabalhos consultivos para o FBI. Segundo ele, Shawcross estava fingindo ter uma doença mental para escapar da prisão.

A única testemunha médica pela defesa foi a Dra. Dorothy Otnow Lewis. Segundo ela, Shawcross "foi horrivelmente traumatizado quando criança, o que teria causado múltiplas personalidades nele". Também insistiu na "desordem pós-traumática de *stress*", advinda através das experiências de guerra, e que resultaram em seu comportamento atual.

Shawcross disse ter matado prostitutas que ele acreditava terem AIDS, numa tentativa de livrar o mundo deste mal.

A alegação de sofrer de "desordem pós-traumática de *stress*" (DPTS) como consequência de suas experiências no Vietnã caiu por terra quando descobriram que ele havia forjado os registros militares para fingir ter recebido medalhas por heroísmo.

Em nenhum momento, demonstrou qualquer arrependimento por seus crimes.

O júri não foi misericordioso. Shawcross foi considerado culpado por 10 assassinatos (depois constatados 11) e condenado a 10 sentenças de 25 anos cada, a serem cumpridas no "Sullivan Correctional Facility"⁷¹. Ainda está preso, sem possibilidade de liberdade condicional.

Em 1997, casou-se oficialmente com sua amante Clara Neal, após a morte de Rose Walley. Segundo o casal, só dessa maneira sua união seria correta aos olhos de Deus.

Em setembro de 1999, Shawcross foi punido com dois anos de confinamento em solitária. Também perdeu todos os seus privilégios penitenciários por cinco anos, depois de vender suas pinturas através de agentes, em leilões na Internet pelo site "eBay". A Lei "Son of Sam" proíbe que um criminoso lucre com seus crimes⁷².

Ainda vive isolado, nos dias de hoje, em uma cela individual, 23 horas por dia.



AILEEN WUORNOS



A Prostituta Mortal

AILEEN WUORNOS

13 de Dezembro de 1989



Aileen Wuornos
Fotografia do Departamento
Correcional da Flórida

Dois homens que procuravam sucatas e ferro velho ao longo de uma estrada perto da Interestadual 95, em Volusia, Flórida, depararam-se com um corpo enrolado num tapete. Tratava-se de Richard Mallory, que fora morto com três tiros de uma arma calibre .22.

Este cidadão, homem de meia-idade, tinha um negócio de reparos eletrônicos na Flórida. Divorciado cinco vezes, era conhecido por sua vida de luxúria; bebida e sexo. Quando não apareceu para abrir sua loja no início de dezembro, ninguém estranhou muito. Aquele vizinho vivia viajando por simples divertimento. Dias depois, seu Cadillac 1977 foi encontrado abandonado, juntamente com sua carteira sem dinheiro. No chão, uma garrafa de vodka pela metade e um pacote de preservativos rasgados...

Depois de investigar profundamente a sórdida vida de Richard Mallory, a polícia não tinha muito mais pistas do que no início. Nada ajudou a elucidar o caso.

5 de Maio de 1990

Outro corpo nu é encontrado no Condado de Brooks, Geórgia, perto da Interestadual 75, na divisa estadual com a Flórida. Duas balas calibre .22 jaziam ao lado dos restos mortais. Os policiais daquele estado não tinham nenhuma pista nem de quem morreu, nem de quem matou.

1 de Junho de 1990

Mais um corpo nu não identificado é encontrado na Floresta do Condado de Citrus, Flórida, a 60km ao norte de Tampa. Uma semana depois, o corpo foi identificado como sendo de David Spears, de Bradenton, Flórida. Spears era proprietário de um pesado equipamento, visto pela última vez em 19 de maio daquele ano. Seu caminhão foi localizado logo depois na Interestadual 75, com as portas destravadas e sem placas.

6 de Junho de 1990

Condado de Pasco, poucos quilômetros da Interestadual 75. Foram encontrados restos mortais de um homem em tal estado de decomposição que os legistas não conseguiram extrair impressões digitais ou estimar a data da morte. Nove balas de uma arma calibre .22 foram recolhidas da cena do crime. O detetive de Pasco, Tom Muck, sem conseguir identificar a vítima, já havia ouvido falar do caso do Condado de Citrus, e notificou o xerife de lá. Procurando pistas que levassem à solução dos casos, entraram em contato com a Central de Investigação da Geórgia e relataram seus casos. As informações eram muito parcas para que fossem unidas em um só caso.

Algum tempo depois, o corpo encontrado em Pasco seria identificado como sendo de Charles Carskaddon, 40 anos. Empregado de rodeio em Booneville, Missouri, estava desaparecido desde 31 de maio passado. Sumiu em algum ponto da Interestadual 75, quando estava a caminho do encontro com sua noiva em Tampa. Levou nove tiros de uma pistola calibre .22. Seu carro foi encontrado no Condado de Marion. Entre seus itens pessoais que foram roubados, estava uma arma automática calibre .45.

4 de Julho de 1990

Enquanto Rhonda Bailey estava sentada em sua varanda à beira da Estrada Estadual 315, Orange Springs, assistiu um carro perder a direção e bater num arbusto. Duas mulheres desceram, jogaram fora várias latas de cerveja e gritaram bastante uma com a outra, sem se dar conta da presença de Rhonda. A de cabelos castanhos falava muito pouco; a loira, com um ferimento no braço causado no

acidente, falava sem parar. Rhonda se fez notar, perguntando se precisavam de ajuda e dizendo que iria chamar a polícia. A loira implorou para que nenhuma providência fosse tomada. Segundo ela, seu pai morava logo adiante. Saíram dali sem demora.

Alguns quilômetros adiante, o carro enguiçou. Elas então resolveram seguir a pé até seu destino, abandonando o veículo.

Hubert Hewett, voluntário do corpo de bombeiros da cidade de Orange Springs, foi quem recebeu o chamado de Rhonda Bailey sobre o acidente ocorrido em frente de sua casa. No caminho, encontrou duas mulheres caminhando pela estrada, e perguntou se eram as mesmas envolvidas no acidente para o qual fora chamado. A loira respondeu que não tinham nada a ver com este acidente e que não, não precisavam de nenhuma ajuda.

O xerife do condado de Marion encontrou o veículo. Era um Pontiac Sunbird 1988, cinza, quatro portas, com os vidros e quebra-ventos arrebentados. Manchas de sangue foram encontradas no interior do veículo.

Imediatamente a polícia começou a investigar quem era o proprietário. Logo descobriram que se tratava de Peter Siems, desaparecido desde 7 de junho, quando voltava do trabalho para sua casa, na cidade de Jupiter. Siems tinha 65 anos, era aposentado e religioso. A polícia de sua cidade foi contatada e mandou para Orange Springs um sumário do caso e o retrato falado das duas mulheres vistas por Rhonda Bailey no carro de Siems.

30 de Julho de 1990

Troy Burress saiu para fazer entregas para a empresa Gilchrist Sausage, onde trabalhava. Quando não retornou, já à tarde, o gerente da Gilchrist começou a fazer telefonemas. Logo descobriu que pouquíssimas entregas haviam sido feitas naquele dia.

Juntamente com a esposa de seu funcionário, saiu para procurá-lo. Às 2 horas da manhã do dia seguinte, sem encontrá-lo, deram queixa de seu desaparecimento na polícia. Duas horas depois, o xerife de Marion encontrou o caminhão de entregas de Troy numa estrada vicinal da Estadual 19, perto da cidade de Ocala. Estava destravado, sem as chaves e vazio.

O corpo de Troy Burress foi encontrado cinco dias depois por uma família que fazia um piquenique na Floresta Nacional de Ocala, perto da Estadual 19, 12 quilômetros de onde seu caminhão havia sido localizado. O calor da Flórida causou a aceleração da decomposição de seu corpo, mas sua esposa o reconheceu pela aliança de casamento, que ainda estava em seu dedo. Burress foi assassinado com dois tiros de uma arma calibre .22, uma bala encontrada no peito e a outra nas costas.

12 de Setembro de 1990

Mais um corpo é encontrado no Condado de Marion. Desta vez trata-se de Dick Humphreys, 56 anos, antigo chefe de polícia no Alabama. Dick era atualmente oficial do Departamento de Saúde da Flórida e fazia serviços de reabilitação. Era investigador especializado em abuso e ferimento em crianças e estava sendo transferido para o escritório da entidade em Ocala. Desapareceu no dia anterior, logo depois de completar 35 anos de casamento.

Humphreys havia levado sete tiros de uma arma calibre .22. Seis balas ainda estavam alojadas em seu corpo. Seu carro só foi localizado no fim do mês, em Suwanee.

19 de Novembro de 1990

O corpo de Walter Gino Antonio foi encontrado nu, somente de meias, numa estradinha no Condado de Dixie.

Caminhoneiro de 60 anos, às vezes era guarda de segurança e membro da polícia reserva. Dias depois foram encontradas suas roupas numa remota área nas vizinhanças da cidade de Taylor. Seu assassino roubou um anel de ouro, seu distintivo, algemas, cassetete e lanterna.

Walter havia levado quatro tiros de uma arma calibre .22. Seu carro foi localizado cinco dias depois em Brevard.

O capitão Steve Binegar, comandante da divisão de investigação criminal do Condado de Marion, sabia sobre os crimes de Citrus e Pasco. Não ignorou as semelhanças entre eles e formulou uma teoria, juntamente com a força-tarefa que havia sido montada reunindo representantes dos condados onde as vítimas foram encontradas. Binegar achava que, diante dos noticiários, ninguém naquela área era louco o suficiente para estacionar na estrada e dar carona para um desconhecido. No seu entender, o criminoso inicialmente não era uma figura ameaçadora para suas vítimas. Ele imediatamente suspeitou das duas mulheres que arruinaram o carro de Peter Siems e fugiram. Pediu ajuda à imprensa e, no fim de novembro, a Agência Reuters divulgou uma história sobre os assassinatos, dizendo que a polícia procurava pelas duas suspeitas.

A mídia logo detectou os padrões do assassino serial que a polícia relutava em aceitar, e pressionou para publicar o retrato falado das duas mulheres suspeitas no caso. Finalmente, os jornais da Flórida publicaram as notícias juntamente com os retratos falados das mulheres em questão.

Um homem em Homosassa Springs comunicou-se com a polícia, dizendo que duas mulheres haviam alugado um *trailer* dele no ano anterior. Seus nomes eram Tyria Moore e sua amiga Lee.

Uma mulher de Tampa reconheceu as mulheres do retrato falado. Elas haviam trabalhado em seu motel, localizado ao sul de Ocala. Chamavam-se, segundo ela, Tyria Moore e Susan Blahovec.

Um telefonema anônimo identificou as mulheres suspeitas como Tyria Moore e Lee Blahovec. Segundo esse telefonema, Lee Blahovec era a líder das duas e uma conhecida prostituta em paradas de caminhão. Ambas eram lésbicas.

A pista decisiva veio de Port Orange, próximo a Daytona. A polícia de lá estava seguindo os passos de Blahovec e Moore, que já haviam sido localizadas, e providenciou um apurado relatório sobre seus movimentos desde o fim de setembro até dezembro.

Primeiro as duas se hospedaram no Fairview Motel, em Harbor Oaks, onde Blahovec se registrou sob o nome de *Cammie Marsh Greene*. Ficaram pouco tempo vivendo num pequeno apartamento atrás de um restaurante próximo ao Fairview, mas voltaram a se hospedar no motel. No início de dezembro, saíram da cidade. Logo depois, *Blahovec/Greene* voltou sozinha ao motel, e ali ficou até 10 de dezembro.

Através dos computadores da polícia, pesquisaram as licenças de motorista em nome de Tyria Moore, Susan Blahovec e Cammie Marsh Greene. *Moore* não tinha registros graves. *Blahovec* tinha uma prisão por invasão. No nome de *Greene*, nada constava.

A fotografia da licença de motorista de Blahovec não combinava com a de Greene.

Os investigadores de Volusia resolveram checar as lojas de penhores da toda aquela área, e encontraram em Daytona a câmera e o radar de Richard Mallory, penhorados em 6 de dezembro. No recibo, estava a assinatura de Cammie Marsh Greene, além de sua impressão digital, como é de praxe nas lojas de penhores americanas. Noutra casa de penhores, desta vez em Ormand Beach, foi encontrada a mala de ferramentas que combinava com a descrição daquela roubada de David Spears. No dia 7 de dezembro, em Volusia, foi penhorado o anel de ouro de Walter Antonio, identificado por sua noiva e pelo joalheiro que o havia confeccionado.

A digital nos recibos era a chave do mistério. Jeny Ahern, do Sistema de Identificação Automatizada de Impressões Digitais, nada obteve em sua busca pelo computador. Foi então até Volusia, onde começou o paciente trabalho de uma busca manual. Não demorou muito para que encontrasse a digital que procurava num mandado contra Lori Grody. A impressão de uma palma de mão em sangue deixada no carro de Peter Siems combinava com as impressões de Lori Grody.

Todas essas informações reunidas foram encaminhadas para o Centro Nacional de Informação Criminal. As respostas não tardaram, e vieram dos estados de Michigan, Colorado e Flórida: *Lori Grody*, *Susan Blahovec* e *Cammie Marsh Greene* eram todos pseudônimos da mesma mulher. Seu verdadeiro nome era Aileen Carol Wuornos.

A caça a esta mulher iniciou-se em 5 de janeiro de 1991. Foi montado um esquema utilizando investigadores federais disfarçados sob as identidades de "Bucket" e "Drums", traficantes do Estado da Geórgia. Eles varreram as ruas à procura de Wuornos.

8 de Janeiro de 1991

Finalmente, os investigadores disfarçados encontraram Aileen Wuornos num *pub* chamado Port Orange. Agiam com o máximo cuidado, mas os policiais da cidade, nem tanto. Entraram no *pub* e pediram que Wuornos os acompanhasse. Desesperados, os federais conseguiram que a força-tarefa ordenasse para que ela não fosse

presa sob nenhuma circunstância, e a mulher voltou para o *pub*. Era a vez de "Bucket" e "Drums" agirem...

Entraram no *pub*, sentaram ao seu lado e entabularam uma conversa com a suspeita, enquanto juntos tomavam várias cervejas. Wuornos deixou o local às 22h, recusando uma carona. Mais uma vez, por culpa de dois policiais da Flórida que resolveram segui-la, quase a investigação vai por água abaixo. Com mais uma ligação telefônica, os federais conseguiram afastar os policiais intrometidos do local.

A próxima parada de Wuornos foi num bar de ciclistas chamado "Last Resort". Os investigadores disfarçados também se dirigiram para lá; encontraram-se novamente com a "amiga" e continuaram a beber juntos. Saíram dali logo após a meia-noite. Aileen Wuornos se dirigiu para um velho carro no estacionamento do bar, onde passou a noite.

"Bucket" e "Drums" voltaram ao Last Resort no dia seguinte, equipados com transmissores para gravar sua conversa com Aileen Wuornos. Convidaram a mulher para subir com eles ao seu quarto de motel. Ela aceitou a oferta sem pestanejar, e deixou o bar, acompanhada dos dois. Do lado de fora, um oficial do escritório do xerife, que já os esperava, aproximou-se deles e deu voz de prisão

pelo antigo mandado, em nome de Lori Grody. Nenhuma menção foi feita aos assassinatos que estavam sendo investigados. Nada foi falado nos jornais para que a investigação fosse preservada, uma vez que ainda não tinham a arma dos crimes nem sabiam o paradeiro de Tyria Moore.

10 de Janeiro de 1991

Tyria Moore foi localizada em Pittston, Pennsylvania, na casa de sua irmã. Dois policiais, Munster e Thompson, pegaram o primeiro avião para a cidade, com o objetivo de interrogá-la. Foram lidos seus direitos, mas nenhuma acusação contra ela foi feita. Os policiais deixaram claro o que significava "perjúrio", Tyria prestou juramento e começou seu depoimento.

Ela sabia sobre os assassinatos cometidos por sua amiga desde que Lee tinha chegado em casa com o Cadillac de Richard Mallory. Quando perguntou a ela de quem era o carro, Lee confessou tudo

espontaneamente. Tyria a interrompeu, pedindo que não dissesse mais nada sobre este assunto, com o qual não queria se envolver.

Todas as vezes que Lee chegou em casa querendo contar como obteve certas coisas, Tyria não quis ouvir. Suspeitava, mas se limitava a saber o mínimo possível. Se soubesse muito, acabaria entregando a amante para as autoridades. Tyria Moore disse, em seu depoimento, que vivia assustada, apesar de Lee ter garantido que nunca a machucaria.

11 de Janeiro de 1991

Tyria Moore acompanhou os policiais Munster e Thompson de volta para a Flórida, a fim de ajudar nas investigações. Com uma confissão de Lee, os investigadores teriam meios para efetuar uma acusação bem estruturada. Orientaram Tyria, para que Lee pudesse confessar através da amiga.

Ela ficou hospedada em um motel em Daytona. O plano da polícia era que entrasse em contato com Lee na cadeia, dizendo que havia conseguido dinheiro com a mãe e tinha voltado para pegar o resto de suas coisas. Sua conversa no telefone seria toda gravada. Tyria também contaria a Lee que as autoridades haviam questionado sua família, e que ela tinha medo que a culpa dos assassinatos da Flórida recaísse também sobre ela. Com este plano, Munster e Thompson esperavam gravar a finalmente uma confissão.

14 de Janeiro de 1991

Foi feita a primeira ligação telefônica de Moore para Wuornos. Esta última estava certa que havia sido presa pela violação de uso de armas sob o nome de Lori Grody. Quando Moore falou sobre suas suspeitas, ela respondeu:

"Eu estou aqui apenas pelas acusações de ocultar armas e comércio ilegal de licenças, e vou lhe dizer, cara, eu li os jornais e não sou uma das suspeitas".

Aileen, por intuição, sabia que os telefones da cadeia poderiam estar grampeados, e se esforçou para falar dos crimes em código e construir álibis que poderiam ser posteriormente utilizados.

Por três dias, as ligações continuaram, e Tyria insistia cada vez mais que os investigadores estavam atrás dela. Com os dias se passando, Aileen foi ficando cada vez mais descuidada em suas conversas com a amiga. Acabou dizendo a Tyria que esta poderia dizer toda a verdade para os policiais e, se fosse o caso, ela mesma confirmaria sua inocência.

Disse que jamais deixaria a amiga ir para a cadeia e acabou a conversa com a frase:

"Escute, se eu tiver que confessar, eu o farei".

Uma das conversas entre as amigas levou a polícia até um armazém alugado por Aileen. As buscas revelaram as ferramentas roubadas de David Spears, o cassete roubado de Walter Antonio, outra câmera e barbeador elétrico que pertenciam a Richard Mallory.

16 de Janeiro de 1991

Finalmente, Aileen Wuornos confessou seus crimes. Primeiro deixou claro que Tyria Moore era inocente. Depois, alegou que também não tinha culpa de nada, uma vez que havia matado em legítima defesa. Segundo seu depoimento, cada vítima a tinha

atacado, ameaçado e estuprado. Quando achava que havia dito algo que a incriminava, voltava atrás e mudava alguns detalhes.

Segundo Aileen, ela havia sido estuprada inúmeras vezes nos últimos anos. Quando cada uma das suas vítimas tinha ficado agressiva, ela as havia matado sem medo. Várias vezes, o defensor público de Volusia, que iria defendê-la, avisou-a que se calasse. Aileen não obedeceu. Dizia que, de certa forma, merecia ser castigada.

Foi ficando cada vez mais famosa com a divulgação, pela mídia, de seus crimes e declarações. Só pensava no dinheiro que receberia por sua história, esquecendo que as leis da Flórida se opõem a que prisioneiros obtenham lucro com seus crimes. Sentindo-se bem com a fama recém-conquistada, confessava para quem quisesse ouvir.

Neste momento, surge nesta história uma personagem que iria modificar todo o rumo dos acontecimentos. Entrou na vida da assassina uma mulher chamada Arlene Pralle, dizendo estar seguindo as ordens de Jesus ao entrar em contato com Lee. Pralle, aos 44 anos, dizia ter renascido para Jesus. Começou a trabalhar arduamente na defesa de sua mais recente amiga. Pralle avisou-a de como seus advogados e todo o mundo estavam lucrando com sua história, e imediatamente contratou novos advogados.

Deu entrevistas a repórteres, descrevendo seu relacionamento com Lee como sendo “um encontro de almas gêmeas”, que tudo que uma sentia a outra sentia também. Durante o ano de 1991, apareceu em entrevistas na televisão, revistas e jornais, contando para quem quisesse ouvir sobre a natureza pura e boa de Aileen Wuornos, que ela mesma havia descoberto.

Os problemas da infância dela foram enfatizados, para que os repórteres e o público se sentissem penalizados.

O pai de Aileen, Leo Dale Pittman, era um molestador de crianças e sociopata. Foi estrangulado na prisão em 1969. Sua mãe, Diane Wuornos, casou-se aos 15 anos e teve duas crianças. Elas foram adotadas pelos avós maternos, Lauri e Britta Wuornos, que as criaram como se fossem suas, na cidade de Troy, Michigan. A descoberta de que Lauri e Britta eram seus avós aconteceu somente quando já estava com 12 anos.

A avó de Lee bebia pesadamente e era muito severa na educação das crianças. Ao descobrirem que ela não era sua mãe de verdade, revoltaram-se contra sua forma de educá-los e tornaram-se incorrigíveis.

Aos 6 anos, Aileen sofreu queimaduras faciais enquanto brincava com o irmão Keith de fazer jogos com fluido de isqueiro. Mais tarde, diria à polícia ter feito sexo com ele desde a mais tenra idade, mas ele já não vivia para confirmar ou negar suas declarações.

Aos 14 anos, Aileen estava grávida. Ficou num abrigo para mães solteiras durante toda a gestação. Ali, as pessoas a achavam hostil, não cooperativa e anti-social. Em janeiro de 1971, nasceu seu filho, que foi imediatamente entregue para a adoção.

Em julho do mesmo ano, Britta Wuornos faleceu. Diane Wuornos se ofereceu para receber seus filhos, no Texas, mas eles recusaram. Aileen, já conhecida nessa época como Lee, saiu da escola, deixou sua casa e saiu pelo mundo se prostituindo. Dormia em um carro abandonado, embebedava-se, usava drogas constantemente e comia ocasionalmente.

Poucos anos depois, Keith morreu de câncer na garganta, e Lauri suicidou-se. Lee, então, seguiu para a Flórida, onde se casou com um homem bem mais velho do que ela, Lewis Fell. O casamento durou pouco. Lewis conseguiu anulá-lo depois da prisão da esposa por arremessar um taco de bilhar na cabeça de um *barman* em Michigan. Para obter uma ordem restritiva, Lewis alegou que ela havia desperdiçado seu dinheiro e espancado-o com um bastão quando ele se negou a lhe dar mais.

Lee voltou para a Flórida, e entrou em fracassados relacionamentos, crimes de falsificação, roubo e assalto à mão armada. Em maio de 1974, foi presa sob o nome de Sandra Kretsch, no Colorado, por conduta desordeira, dirigir alcoolizada e por ter disparado uma arma calibre .22 de um veículo em movimento. Em 20 de maio de 1981, Lee foi presa na Flórida por assalto à mão armada em uma loja de conveniência, e cumpriu pena de 13 meses. Sua próxima prisão foi em 1984, por falsificação de cheques.

O nome que adotou a seguir, Lori Grody, era de uma tia que morava em Michigan. Foi presa sob este nome em 1986, por policiais em Volusia, depois que um homem a acusou de sacar um revólver contra ele dentro de seu carro e exigir US\$ 200,00. Debaxo do assento que ocupava foi encontrada uma pistola calibre .22 e munição. Uma semana depois encontrou Tyria Moore em um bar *gay* em Daytona, solitária e revoltada.

Lee e Ty, como chamava sua namorada, apaixonaram-se. Não se desgrudavam uma da outra e Lee continuava se prostituindo para ganhar a vida. Fazia ponto em bares e paradas de caminhão, suplementando seu sustento com furtos e roubos.

Penalizada com a vida errante de Aileen Wuornos, Arlene Pralle e seu marido a adotaram legalmente em novembro de 1991. Segundo o casal, apenas cumpriam a ordem de Deus.

Os advogados de Lee ofereceram um trato à promotoria: ela se declararia culpada de seis acusações de assassinato, e receberia pena de seis prisões perpétuas consecutivas. A promotoria não aceitou, pois acreditavam que neste caso se aplicaria a pena de morte.

14 de Janeiro de 1992

Aileen Wuornos foi a julgamento pelo assassinato de Richard Mallory. As evidências e testemunhas contra ela eram bastante sólidas e fizeram um irreparável estrago em sua defesa.

O Dr. Arthur Botting, que havia autopsiado o corpo de Mallory, declarou que ele havia agonizado entre 10 e 20 minutos, antes de morrer. Tyria Moore testemunhou que Lee não se abalou muito com o assassinato, quando contou a ela o que havia ocorrido. Não estava nervosa nem alcoolizada.

Doze homens declararam ter tido encontros com Aileen pelas estradas da Flórida, através dos anos. Este Estado tem uma lei conhecida como "Williams Rule", que permite que evidências relacionadas a outros crimes sejam admitidas no julgamento em questão para demonstrar um certo padrão de comportamento. Wuornos alegava ter matado em legítima defesa. Se o júri soubesse apenas do assassinato de Richard Mallory, poderia ter acreditado nesse argumento. Depois de tomar conhecimento de todos os assassinatos cometidos por Aileen Wuornos, oito no total, era

improvável que ela tivesse matado tantas pessoas em legítima defesa.

Depois de assistirem aos vídeos de sua confissão, a alegação de legítima defesa pareceu ridícula. Em seu depoimento, Lee parecia extremamente autoconfiante e desafiadora, além do fato de ter declarado merecer morrer por ter tirado vidas.

A defensora pública de Wuornos, Tricia Jenkins, não queria de maneira nenhuma que sua cliente ocupasse o banco das testemunhas. Lee, sempre com excesso de autoconfiança, insistiu em contar sua história. Segundo ela, Mallory a havia sodomizado e estuprado, além de tê-la torturado. Quando o advogado de defesa a inquiriu, acabou com sua credibilidade, trazendo uma lista de todas as suas mentiras e inconsistências em seu relato. Ela ficou muito agitada e brava. Seus advogados a advertiram sem parar para que não respondesse às perguntas que estavam sendo feitas, e foi invocada a 5ª Emenda 25 vezes⁷³.

Aileen Wuornos era a única testemunha de defesa de Aileen Wuornos. As outras pessoas que depuseram a seu favor eram especialistas. Elas declararam que ela era mentalmente doente e sofria de desordem da personalidade fronteira. Além disso,

depuseram que sua infância tumultuada havia arruinado qualquer chance de normalidade na vida adulta.

27 de Janeiro de 1992

O júri se retirou, e levou menos de duas horas para chegar a um veredicto: culpada de assassinato em 1º grau.

Aileen Wuornos teve uma crise histérica, praguejando contra o júri. No dia seguinte, era este mesmo júri insultado que definiria a sua pena.

Por unanimidade, a ré foi condenada à morte em cadeira elétrica, em 31 de janeiro de 1992.

Aileen Wuornos não foi novamente a julgamento. Em 31 de março de 1992, ela não contestou as acusações pelos assassinatos de Dick Humphreys, Troy Burress e David Spears. Segundo ela, estes três homens não a tinham estuprado violentamente, como havia feito Richard Mallory. Aproveitou para praguejar contra o promotor público, dizendo que desejava que sua mulher e filhos fossem sodomizados. Em 15 de maio de 1992, foi condenada a mais três sentenças de morte.

Em junho, ela se declarou culpada pelo assassinato de Charles Carskaddon, e em novembro recebeu sua 5ª pena de morte. Em fevereiro de 1993, foi condenada à morte novamente depois de declarar-se culpada pelo assassinato de Walter Gino Antonio. Aileen Wuornos nunca foi acusada pelo assassinato de Peter Siems, e seu corpo nunca foi encontrado.

Durante algum tempo, especulou-se sobre outro julgamento para Wuornos pelo assassinato de Richard Mallory, depois que seus advogados descobriram que ele havia cumprido pena de 10 anos por violência sexual. No entanto, nada de novo aconteceu, e a condenada deve ter sua sentença executada dentro de sete anos. Aguarda a execução de sua pena no corredor da morte do Condado de Broward.

Em 1992, Wuornos se ofereceu para mostrar à polícia onde estava o corpo de Peter Siems, escondido perto de Beaufort, Carolina do Sul. Nada foi encontrado no local indicado por ela. A polícia de Daytona acredita que essa história foi inventada para tirar umas "férias" da cadeia e dar um passeio de avião. Sobre a localização dos restos mortais de Siems, especula-se que foi jogado em um pântano perto da Interestadual 95, ao norte de Jacksonville.

Esse caso é bastante controverso. Muitos acreditam que ela só matou os homens que a ameaçaram e/ou estupraram, uma vez que inúmeros clientes da prostituta saíram ilesos de seus encontros. Agressões contra prostitutas pouco são investigadas ou sequer levadas em conta. Parece sempre mentira que uma pessoa que exerça tal "profissão" possa ser estuprada, mas isso realmente acontece, segundo os depoimentos de muitas delas. São mais vulneráveis a este tipo de agressão do que as outras mulheres, pela própria profissão de risco que têm.

A casa de Aileen Wuornos foi vandalizada. Os arquivos do caso foram roubados. O único advogado que se atreveu a questionar seu primeiro julgamento recebeu ameaças de morte e foi afastado do caso. Existe ainda a suspeita de que o Conselheiro Municipal, em Volusia, havia negociado contratos para livros e filmes sobre o caso.

Todos esses fatos fazem muita gente duvidar da culpa real dela nos assassinatos pelos quais foi responsabilizada. Essas pessoas organizaram protestos públicos, escreveram para a Suprema Corte da Flórida pedindo novo julgamento, criaram comitês de ajuda e defesa de Aileen Wuornos em São Francisco e constantemente escrevem cartas para o Departamento Correccional de Broward.

Aileen Wuornos é, atualmente, extremamente católica. Pediu perdão para os familiares das vítimas, dizendo que se arrepende e quer estar com Jesus depois de sua merecida execução. Você acredita que ela seja inocente?

Manhã de 9 de outubro de 2002, 9h29m. Quem assistia à execução de Aileen Wuornos viu a cortina se abrir pela última vez para aquela que foi chamada de "A Prostituta das Estradas" e "A Senhorita da Morte". A condenada fez cara de surpresa antes de fazer sua bizarra declaração final:

“Eu só gostaria de dizer que estou velejando com a Rocha⁷⁴ e voltarei como em ‘Independence Day’ com Jesus, 6 de junho, como no filme, na nave mãe e tudo. Eu voltarei.”⁷⁵

Exatamente às 9h30m, a injeção letal foi administrada em seu braço direito. Dois minutos depois, ela parou de se mexer e às 9h47m foi pronunciada morta, aos 46 anos de idade.

No último ano no corredor da morte, Aileen Wuornos foi voluntária para a pena de morte, dizendo que iria matar novamente e que estava cansada de mentiras. Ela confessou ter conhecimento de que seria executada pela morte de seis homens, mas que, na realidade, havia assassinado sete.

Aileen Wuornos despediu-se dizendo a todos que voltaria. Espero que não.

Mulheres Executadas nos EUA desde 1976

09/10/2002 — Aileen Wuornos, 46 anos, por injeção letal, na Flórida, pelo assassinato de seis homens.

10/05/2002 — Lynda Lyon Block, 54 anos, eletrocutada no Alabama por matar um policial.

04/12/2001 — Lois Nadean Smith, 61 anos, por injeção letal, em Oklahoma, pelo assassinato da ex-namorada de seu filho.

01/05/2001 — Marilyn Plantz, 40 anos, por injeção letal, em Oklahoma, pelo assassinato de seu marido.

11/01/2001 — Wanda Jean Allen, 41 anos, por injeção letal, em Oklahoma, pelo assassinato de duas mulheres.

02/05/2000 — Christina Riggs, 28 anos, por injeção letal, em Arkansas, por sufocar seus dois filhos pequenos.

24/02/2000 — Betty Lou Beets, 62 anos, por injeção letal, no Texas, pelo assassinato de um de seus maridos.

30/03/1998 — Judy Buenoano, 54 anos, eletrocutada, na Flórida, por matar seu filho e marido.

3/02/1998 — Karla Faye Tucker, 38 anos, por injeção letal, no Texas, pelo assassinato de duas pessoas.

2/11/1984 — Velma Barfield, 52 anos, por injeção letal, na Carolina do Norte, pelo envenenamento de seu noivo.



RICHARD TRENTON

CHASE



O Vampiro de Sacramento

RICHAED TRENTON CHASE

— O VAMPIRO DE SACRAMENTO

29 de Dezembro de 1977— Sacramento—

Califórnia — E.U.A.



Fotografia policial de Richard Chase
Preso por posse de marijuana
1971 — Sacramento — Califórnia

Ambrose Griffin, 51 anos, engenheiro e pai de dois filhos, estaciona o carro na garagem de sua casa, na zona leste de Sacramento. Ele e a esposa começam a descarregar as compras que acabaram de fazer no supermercado. Sua mulher abriu o porta-malas e, seguida pelo marido, começou a levar as sacolas para a cozinha. O marido voltou para o carro antes dela. Segundos depois, ele estava gritando com alguém na rua. Quando sua esposa saiu para ver o que estava acontecendo, viu seu marido caído no chão. A princípio, pensou que sofrera um ataque do coração. Ambrose Griffin foi levado imediatamente para o hospital mais próximo, onde a família, completamente perplexa, descobriu que não havia sido um enfarte, e sim um tiro calibre.22 a causa de sua morte.

A polícia foi chamada. Quando inquirida, a Sra. Griffin disse ter ouvido dois estampidos, mas não havia dado importância a isso. A

polícia conclui que alguém que passava de carro havia acertado Ambrose Griffin.

As investigações começaram pela própria vizinhança da vítima. Dois cartuchos de bala foram encontrados no chão, perto da residência deles. Também foram feitos alguns relatos sobre um estranho e suspeito carro que estivera rondando aquele bairro, mas não foi obtida nenhuma descrição clara sobre o fato.

Na tarde do dia seguinte ao atentado a Griffin, um garoto de 12 anos relatou para a polícia que havia sido atacado por um homem, cabelos castanhos, com idade por volta de 25 anos, guiando um Pontiac Trans Am marrom. O homem havia atirado em sua direção enquanto pedalava sua bicicleta pelo bairro. O garoto não lembrava a placa do carro.

Sem muitas alternativas, a polícia resolveu chamar um profissional para que hipnotizasse o menino. Em alguns casos, sob hipnose, uma pessoa é capaz de se recordar de detalhes de uma determinada cena que inconscientemente bloqueia.

A decisão foi acertada; a placa do carro era 219EEP. Fim da trilha... a descoberta não levou os investigadores a nenhum resultado.

Pesquisando nas queixas feitas à polícia em datas próximas, encontraram a de uma mulher que havia sido vítima de tiros vindos da rua. Ela morava a apenas alguns quarteirões de Griffin, e uma busca em sua cozinha resultou em duas balas calibre .22. A balística comprovaria que elas tinham saído da mesma arma que havia matado Griffin, mas a polícia não tinha novas pistas para resolver o caso.

23 de Janeiro de 1978 — Zona Leste de Sacramento

Jeanne Layton estava no jardim de sua casa quando percebeu um estranho homem de cabelos longos perambulando em direção à sua porta. Passou reto por ela, testou a porta e encontrou-a trancada. Foi então até as janelas, mas como também estavam fechadas voltou para a porta, onde Jeanne já o esperava. Ficaram face a face, mas o estranho não se assustou ou demonstrou qualquer emoção. Olhou-a de cima a baixo, deu-lhe as costas, acendeu um cigarro e saiu andando pelo jardim dos fundos.

Mais abaixo, na mesma rua, Robert e Barbara Edwards estavam descarregando suas compras de supermercado e levando-as para a cozinha, quando ouviram um barulho dentro de casa. Quem quer que fosse, saiu correndo. O casal ainda ouviu a janela do fundo sendo batida e então, estranhamente, um jovem desgrehado virou a esquina em direção a eles. Antes que Robert pensasse em segurá-lo, ele já havia se distanciado e pulado a cerca da casa. Chamaram a polícia.

A casa estava na maior bagunça, obviamente feita por alguém que procurava coisas de valor para roubar. Ao examinar o local com mais atenção, os investigadores se surpreenderam: o intruso havia feito xixi numa pilha de roupas recém-lavadas do bebê Edwards e havia fezes em seu berço.

A polícia não sabia que aquele intruso havia continuado seu passeio pelo bairro, tentando encontrar alguma casa com portas ou janelas abertas... obteve sucesso na rua Tioga Way nº 2360.

O Assassinato de Teresa Wallin

Mais tarde, reconstituindo o crime, a polícia concluiria que provavelmente a porta da casa da família Wallin estava aberta. Teresa Wallin (Terry), de 22 anos e grávida de três meses, estava retirando o lixo para fora quando o intruso entrou porta adentro e apontou-lhe uma arma. O saco de lixo caiu no chão, e antes de perceber Terry estava baleada duplamente. Uma das balas atingiu-a na mão, que havia levantado para defender-se, saiu pelo cotovelo e cortou seu pescoço. O segundo tiro foi dado diretamente em seu crânio, sem deixar nenhuma chance de vida para a mãe e seu bebê. Uma terceira bala foi encontrada em sua têmpora.

Terry foi arrastada para o seu quarto, deixando atrás de si uma trilha de sangue.

Por volta das 18h, David Wallin chegou em casa. Estranhou estar tudo às escuras. Entrou e encontrou seu cachorro, um pastor alemão, à sua espera, mas não viu a esposa. O fato de o som estar ligado também causou estranheza, além do saco de lixo aberto no chão da sala e das manchas escuras sobre o carpete. David seguiu a trilha de manchas que o levaram ao seu quarto. O pavor do que via descontrolou-o...

Terry estava caída de costas, sua malha levantada descobrindo os seios e sua calça e calcinha abaixadas até seus tornozelos. Seus joelhos estavam afastados, indicando um ataque sexual. Seu mamilo esquerdo havia sido arrancado, seu torso estava aberto do osso externo para baixo, e seu baço e intestino estavam para fora do corpo. A moça foi esfaqueada repetidamente nos pulmões, fígado, diafragma e seio esquerdo. Seus rins também foram retirados e recolocados juntos dentro de seu corpo, e seu pâncreas cortado em duas partes.

Havia sangue por todo o banheiro, e um pote vazio de iogurte retirado do lixo de Terry jazia sujo e vazio ao lado do corpo, como se tivesse sido utilizado para beber sangue.



O ato mais hediondo do assassino tinha sido encher a boca da vítima com fezes de animais. Em volta do corpo foram encontrados anéis de sangue, como se um balde molhado tivesse sido movimentado em volta do cadáver.

Dois dias depois da terrível tragédia, dois filhotes de cachorro foram encontrados mutilados não muito longe da casa de Teresa Wallin. Nas investigações, descobriu-se que um homem estranho, de cabelos embaraçados e guiando um carro modelo "Ranchero" havia comprado dois filhotes de uma família do bairro, os mesmos encontrados mortos e na lata do lixo.

27 de Janeiro de 1978— O Caso Miroth

Evelyn Miroth, que morava apenas a 1,5km de distância de Teresa Wallin, estava em casa cuidando de seu sobrinho de 1 ano e 10 meses e de seu filho Jason, 6 anos. Seu amigo Dan Meredith, 51 anos, veio lhe fazer companhia.

Numa casa próxima, a amiga de Evelyn estava esperando que ela trouxesse Jason em sua casa, como haviam combinado anteriormente.

Devido à demora, resolveu mandar sua filha até a casa vizinha, saber se alguma mudança de planos havia sido feita. A menina tocou a campainha várias vezes, e chegou a ver algum movimento pela janela da frente, mas ninguém atendeu. Relatou o ocorrido para a mãe, que, com o tempo passando, ficava cada vez mais preocupada. Finalmente, alguns vizinhos resolveram entrar na casa para ver se tudo estava bem...

Dan Meredith jazia no *hall* de entrada, em meio a uma enorme poça de sangue. A polícia foi chamada imediatamente. O delegado que veio atender ao chamado não demorou a perceber um ferimento a tiro na cabeça de Dan. Olhando pela casa, constatou que o banheiro estava sujo de sangue, a banheira cheia de "água avermelhada".

No quarto de Evelyn, encontrou-a morta e nua sobre a cama, suas pernas abertas. Ela também tinha um ferimento de bala na cabeça, seu abdômen estava cortado e seus intestinos retirados para fora. Duas facas de entalhar, ensangüentadas, estavam largadas próximas ao corpo.

Aparentemente, Evelyn tomava banho quando foi surpreendida pelo assassino. Foi trazida para sua cama, sodomizada, esfaqueada através do ânus até seu útero pelo menos seis vezes e tinha vários cortes pelo pescoço. O assassino também havia tentado extirpar-lhe um dos olhos.

Anéis de sangue no carpete, parecidos com aqueles encontrados na casa dos Wallin, indicavam que novamente o assassino tinha usado algum tipo de recipiente, talvez um balde, para recolher o sangue da vítima. Evelyn também tinha várias facadas em órgãos internos. Posteriormente, em sua necropsia, foi encontrada grande quantidade de sêmen em seu reto.

Do outro lado da cama, jazia o corpo de Jason. Ele havia sido baleado à queima-roupa duas vezes na cabeça. O criminoso havia deixado pegadas ensangüentadas que lembravam as marcas deixadas na casa de Teresa Wallin.

Entrevistando toda a vizinhança, descobriram uma menina de 11 anos que havia visto um homem rondando aquela casa por volta das 11h daquela manhã. Ele parecia ter 20 anos, e pela sua descrição era conhecido na região por andar ali pedindo revistas velhas para as pessoas. O carro vermelho de Dan Meredith, que havia sido visto estacionado na frente da casa de Evelyn durante boa parte da manhã, havia sumido.

Sem ser esperada, chegou na cena do crime Karen Ferreira, procurando por seu bebê que havia ficado todo o dia com Evelyn. Nenhum rastro dele havia sido encontrado, mas o prognóstico foi

péssimo quando os investigadores encontraram um furo, produzido por um tiro, no travesseiro, além do berço coberto de sangue.

Mais tarde, a perícia encontrou partes de seu cérebro na banheira, onde o assassino deve ter começado a mutilá-lo e parou ao ouvir barulho na porta da frente, provavelmente fugindo com o corpo.

O carro de Dan Meredith logo foi localizado, abandonado não muito longe da cena do crime, num estacionamento perto do complexo de apartamentos da Watt Avenue.

O FBI Entra na Caçada

Os agentes Robert Ressler e Russ Vorpapel desenvolveram um perfil do criminoso.

O definiram como um *serial killer* desorganizado, e algumas pistas indicavam a possibilidade de se tratar de pessoa psicótica.

Era claro que o criminoso não havia planejado seus crimes, além do fato de não ter se preocupado muito em destruir evidências relacionadas aos mesmos. Deixou pegadas e impressões digitais, e provavelmente havia andado pelas ruas, com manchas de sangue na roupa, em plena luz do dia. Parecia não passar por sua cabeça as conseqüências de seus terríveis e hediondos crimes.

A sujeira e bagunça que havia deixado nos lugares que saqueou indicavam que sua própria casa devia permanecer imunda e desorganizada. O fato de as cenas dos crimes serem razoavelmente perto umas das outras indicava que o assassino andava a pé, não possuindo um automóvel. Como roubou o carro de uma das casas, os peritos concluíram que aquele teria sido seu último crime e que ele morava nas vizinhanças.

Ressler e Vorpapel tinham certeza de uma coisa: aquele assassino mataria novamente sem parar, até que fosse preso. Tinham que trabalhar com rapidez e precisão.

O perfil criminal do *serial killer* em questão indicava que ele tinha aproximadamente 25 anos de idade, era magro e subnutrido. Com certeza, evidências dos crimes seriam encontradas em sua casa, e caso tivesse um carro ali também seriam encontradas provas de seus atos.



Retrato falado do assassino
(Arquivo policial)

Provavelmente ele teria um histórico de doença mental ou uso de drogas, ou ambos, e seria do tipo solitário. Caso estivesse empregado, seria como doméstico, ou estaria recebendo dinheiro por diagnóstico de incapacidade para trabalhar, devia viver sozinho e seria paranóico.

A Caçada

Muitas pessoas, moradoras das cercanias dos crimes, foram entrevistadas na busca de pistas, e algumas tinham visto um homem branco de aparência estranha dirigindo uma perua.

Na tentativa de fazer um retrato falado, uma jovem acabou sendo pessoa principal na tarefa. Nancy Holden estava fazendo compras no Town and Country Village Shopping Center, não muito longe da avenida Watt (perto da residência dos Wallin) quando um estranho se aproximou dela. O homem parecia bastante confuso. Ela, assustada, tentou desviar-se dele, mas antes que pudesse fazê-lo, ele lhe fez uma pergunta estranha: "Não era você que estava com Kurt em sua motocicleta quando ele foi morto?".

Nancy parou, pasma. Dez anos antes ela havia tido realmente um namorado chamado Kurt, que havia falecido em um acidente de moto. Olhando bem para aquele estranho homem que havia surgido do nada, começou a notar algo familiar em seu rosto. Perguntou quem era, e ele respondeu: "Sou Rick Chase".

Nancy não podia acreditar no que via. Rick Chase havia sido seu amigo de escola, estudioso e muito bem arrumado naqueles tempos. Ela tinha ouvido falar que ele havia se envolvido com drogas, e sua aparência atual demonstrava que não tinham sido apenas rumores. Chase estava sujo, com as roupas manchadas, e agia de maneira bastante agitada e nervosa. Nancy falou com ele o mínimo possível e saiu da loja rapidamente.

Quando a mídia começou a noticiar os crimes e a polícia descreveu o suspeito como homem desgredado, visto naquelas vizinhanças vestindo uma parca de esqui laranja, Nancy não teve dúvidas de que se tratava de Rick Chase e procurou a polícia imediatamente. Agora, o procurado tinha um nome.

Ao mesmo tempo, a informação de Nancy foi confirmada pelo registro de todas as armas semi-automáticas vendidas em 1977: havia uma em nome de Richard Chase, residente na avenida Watt. Em 10 de janeiro de 1978, ele havia voltado à loja e comprado munição.

Dawn Lawson, ao ouvir o noticiário, também se lembrou de seu estranho vizinho, Richard Chase. Durante os seis meses em que

moraram no mesmo complexo de apartamentos, ela havia visto aquele homem carregando três animais para dentro de sua casa, o que era completamente contra as regras de condomínio. Ela pensou em denunciá-lo, mas como não viu mais os animais e tinha pena do solitário homem, deixou-o em paz. No dia 11 de janeiro, teve um encontro com o rapaz. Ele pediu-lhe cigarros, mas barrou sua partida até que ela lhe desse todo o maço. Apesar de reconhecê-lo pelos jornais, ficou com medo de denunciá-lo e ganhar um perigoso inimigo, bem na porta ao lado.

Depois do depoimento de Nancy Holden, a polícia resolveu investigar o passado deste tal Richard Chase. Descobriram seu registro de doenças mentais, incluindo uma fuga do hospital, pequenas acusações por porte de arma e drogas e uma prisão, em agosto de 1977, em Nevada.

Não foi difícil localizar seu endereço, e um dia depois do triplo homicídio na casa de Evelyn Miroth a polícia foi fazer-lhe uma "visita".

O gerente do complexo contou aos investigadores que a responsável pelo pagamento do aluguel do suspeito era sua mãe, que havia dito que o filho tinha sido vítima de abuso de LSD. Ela era proibida de entrar em sua casa.

Os detetives bateram na porta de Chase várias vezes, mas ninguém atendia. Fingiram desistir, mas ficaram de tocaia, aguardando, pois em algum momento ele teria que sair dali.

Não demorou muito. Chase saiu de casa com uma caixa em seus braços, indo em direção a um carro. Os detetives o detiveram, não antes que ele tentasse escapar deles. Repararam que ele ainda usava a tal parca laranja, e que ela estava bastante manchada. Seus sapatos também pareciam estar cobertos de sangue seco.

Richard Chase foi desarmado de sua semi-automática calibre .22, também manchada de sangue. Em seu bolso, foi encontrada a carteira de Dan Meredith, juntamente com um par de luvas de látex.

O conteúdo da caixa que carregava também era bastante interessante: pedaços de papel e trapos manchados com sangue.

Chase foi levado para a delegacia e interrogado, mas ele só admitiu matar cachorros e se recusou a falar sobre os assassinatos. Enquanto estava sob custódia, os detetives foram dar uma busca em seu apartamento, atrás de novas evidências ou pistas sobre o bebê desaparecido.

Quando entraram, o cheiro pútrido era insuportável, e o lugar totalmente sinistro. Absolutamente tudo dentro da casa estava manchado de sangue, inclusive copos. Na cozinha, encontraram vários pedaços de ossos e alguns pratos guardados na geladeira, contendo partes humanas. A batedeira estava imunda e cheirava muito mal. Também foram encontradas três coleiras de cachorro, mas nenhum animal.

Em cima da mesa, estava um livro aberto em página que mostrava fotografias de órgãos humanos, além de um jornal com vários anúncios de venda de filhotes de cachorro marcados com círculos.

Um calendário mostrava a inscrição *today* nas datas dos assassinatos de Wallin e Miroth, além de recentes marcas idênticas feitas em 44 datas futuras naquele ano.

O Julgamento

As evidências encontradas foram para análise em laboratórios forenses, para serem comparadas com amostras das vítimas, de sangue e cabelo. Precisavam também retirar sangue de Chase, mas essa tarefa foi a mais difícil. Só conseguiram essas amostras depois de amarrá-lo. Ninguém entendeu seu pavor descontrolado de “perder” sangue.

Dr. Farris Salamy foi designado como defensor de Chase, que logo o protegeu de ficar sob interrogatório na delegacia.

A polícia continuava a busca pelo bebê Ferreira, usando cachorros da raça *bloodhound*. Foram até a casa da mãe de Chase para tentar obter alguma informação, mas ela recusou-se a cooperar.

Na cadeia onde aguardava julgamento, Chase acabou confessando para um colega de cela que bebia o sangue de suas vítimas porque tinha seu próprio sangue envenenado, sempre precisando de "reposição". Havia se cansado de fazer isso caçando e matando animais.

Em 24 de março de 1978, o zelador de uma igreja encontrou uma caixa com os restos de um menino bem pequeno e chamou a polícia. O bebê Ferreira foi reconhecido pelas roupas que usava no dia de seu desaparecimento. Havia sido decapitado, e sua cabeça jazia embaixo do torso, parcialmente mumificado. Um buraco no centro da cabeça indicava que ele havia sido morto com um tiro de arma de fogo. Vários ferimentos feitos à faca foram encontrados em seus restos mortais, e muitas de suas costelas haviam sido quebradas. Ao lado do corpo, estavam as chaves do carro de Dan Meredith.

O promotor do caso Califórnia vs Richard Trenton Chase foi Ronald W. Tochterman, que queria a pena de morte.

A defesa alegou inocência por insanidade, mas Tochterman estava determinado a provar que Chase sabia a diferença entre certo e errado e que não matava compulsivamente. Parte de sua estratégia foram as diversas lendas sobre o Conde Drácula, além de rituais de sangue em diversas culturas diferentes, onde se acreditava que ingerir sangue humano de outra pessoa a tornaria mais forte. Ele queria demonstrar que, apesar de ser uma crença, não era razão viável para assassinato.

O local de julgamento de Chase foi transferido para o Condado de Santa Clara, a quase 200km de distância do local dos crimes, pois o clamor da mídia influenciaria os jurados.

O réu foi avaliado por dúzias de psiquiatras. Não havia evidências de que matava compulsivamente, e sim de que acreditava que beber sangue era terapêutico. Um dos psiquiatras o diagnosticou como portador de personalidade anti-social, não esquizofrênico. Ele sabia exatamente o que estava fazendo.

Em 2 de janeiro de 1979, iniciou-se o julgamento. Chase foi acusado de seis assassinatos. O promotor alegou que ele tinha tido escolha, mencionando as várias vezes que havia comprado luvas de borracha e as levado à casa das vítimas com a intenção de matar. A acusação também mostrou 250 provas da autoria dos crimes por Richard Chase, entre elas seu revólver e a carteira de Dan Meredith encontrada em seu bolso. A primeira testemunha da acusação foi David Wallin, seguido por quase uma centena de outros depoimentos.

Chase foi chamado a depor em sua própria defesa. Sua aparência era horrível. Havia perdido muitos quilos, e agora pesava cerca de 48kg. Suas olheiras eram profundas, e seus olhos sem nenhum brilho. Ele alegou ter ficado inconsciente durante o assassinato de Teresa Wallin e descreveu em detalhes como havia sido maltratado por toda a sua vida.

Admitiu ter bebido o sangue de Teresa, mas não se lembrava muito bem da segunda série de assassinatos. Recordava-se de ter atirado na cabeça de um bebê e decapitado-o, deixando sua cabeça num balde, na esperança de obter mais quantidade de sangue. Chase disse que seus problemas advinham de sua incapacidade de fazer sexo na adolescência e disse que sentia muito pelos assassinatos.

A defesa pediu por um veredicto de homicídio em 2º grau, para salvar Chase da pena de morte, uma vez que ele era claramente insano e não havia tido eficiente ajuda médica. Tochterman argumentou que ele era um sádico sexual, um monstro que sabia o que fazia e não deveria ser salvo de tal destino.

Em maio de 1979, Richard Trenton Chase foi julgado legalmente são depois de uma hora de deliberação. Com mais quatro horas de discussão, os jurados decidiram que ele deveria ser executado na câmara de gás da Penitenciária de San Quentin.

A Morte de Chase

Um dia depois do Natal de 1980, um guarda da prisão deu uma olhada na cela de Richard Chase. O condenado estava deitado de

costas em seu catre, respirando normalmente. Quando chamou seu nome, Chase não respondeu, mas esse fato era usual.

Às 11h05min o mesmo guarda foi novamente verificar o prisioneiro. Chase estava de bruços, as pernas para fora do catre e os pés apoiados no chão. Sua cabeça estava apoiada contra o colchão e seus braços sobre o travesseiro. O guarda chamou seu nome, mas ele não se moveu. Entrou na cela e constatou imediatamente que o prisioneiro estava morto. O “Vampiro de Sacramento” havia se auto-executado.

Na cela foi encontrada uma estranha nota de suicídio que fazia menção a pílulas. Chase tomava uma dose diária de um medicamento chamado Sinequan, para tratamento de depressão e alucinações. Aparentemente, guardou uma grande quantidade delas e tomou-as juntas, morrendo de ingestão tóxica.

Em 1992, um filme chamado *Unspeakable* foi baseado em Chase como o modelo para o assassino da história.

Até os dias de hoje, o caso de Richard Trenton Chase é usado, pelo FBI, como o modelo perfeito de um *serial killer* desorganizado.

Entrevista para Robert Ressler— FBI

Na época em que os agentes do FBI entrevistaram *serial killers* de todo o país para obter dados sobre a psicologia criminal, Robert Ressler estudou profundamente a personalidade de Richard Chase e escreveu um famoso livro sobre ele, chamado *Whoever Fights Monsters*.

Ele descreve como, em 1976, Chase passou a acreditar que seu sangue estava se tornando pó e a única cura possível seria retirar sangue de outras criaturas para reposição. Apesar disso, os psiquiatras da clínica onde estava internado o soltaram, mesmo sob o protesto de alguns funcionários que o consideravam perigoso.

Sua mente passou por uma progressiva degeneração desde então. Matou o gato de sua mãe e comprou dois cachorros para matar. Coletou vários artigos sobre o caso "Hillside Strangler", ocorrido em Los Angeles nessa época. Em dezembro de 1977, adquiriu uma arma.

Depois do assassinato de Ambrose Griffin, comprou o jornal e guardou com ele um editorial sobre a falta de sentido daquele atirador. Comprou mais munição e atirou perto da garagem de vizinhos, cuja música que ouviam em alto volume o incomodava.

Contou ao psiquiatra que seu primeiro assassinato aconteceu depois de sua mãe não permitir que ele a visitasse no Natal. Ele saiu de carro, atirando a esmo pela janela, e acabou acertando Griffin.

Chase disse aos criminalistas do FBI que matou para preservar sua própria vida, e estava baseando sua apelação nesse argumento.

Mencionou a Ressler "envenenamento por barra de sabão", explicando que se você levanta o seu sabão de lavar pratos e o lado de baixo está seco, tudo está bem com você. Caso contrário, se estiver grudado, você está envenenado e seu sangue se tornará pó.

Chase também afirmou ser judeu, o que não era, e que estava sendo perseguido por nazistas, por ter uma Estrela de David desenhada em sua testa (não tinha).

Também explicou que os nazistas estavam conectados com Objetos Voadores não Identificados, que telepaticamente o comandaram a matar para repor seu sangue. Os Ovnis o seguiam por todo o tempo, e se o FBI quisesse encontrá-los era só colocar um radar em Chase.

Ressler descobriu que muitos prisioneiros provocavam e ridicularizavam Chase, encorajando-o a suicidar-se. Ninguém queria sua companhia.

Ressler, além de outros profissionais da saúde mental da prisão, concluiu que Chase deveria ser transferido para um hospital psiquiátrico, o que ocorreu por um curto período de tempo.

Foi mandado de volta à San Quentin, onde se suicidou



O ZODÍACO



O Caso que Ninguém

Resolveu!!!

O ZODÍACO

Este é um dos mais famosos *serial killers* dos EUA. Agiu durante anos na Califórnia, impunemente, escreveu cartas para jornais, desafiou e provocou a polícia. Nunca foi identificado.

Sobre o assunto, diversos livros foram escritos, documentários foram feitos, *web sites* foram criados...

Quase 30 anos depois, em alguns dos assassinatos ligados a ele, investigações ainda estão sendo feitas. O *site* na Internet "www.zodiackiller.com", que as acompanha, atrai mais de 20.000 pessoas por semana. É um dos maiores mistérios do crime americano.

Alguns escritores chegaram a sugerir que o Zodíaco poderia estar ligado a Charles Mason ou ao Unabomber, outros dois casos americanos famosos.

Nunca se chegou a uma conclusão definitiva... pode ser até que o assassino tenha sido entrevistado pela polícia, sem que o identificassem...

Os Fatos

30 de Outubro de 1966



Cheri Jo Bates
Primeira vítima?
© Tom Yoigt

Nesse fatídico dia, Cheri Jo Bates, 18 anos, decidiu ir até a biblioteca da Riverside City College estudar. Filha dedicada, estudante impecável, pessoa extremamente responsável, ligou para alguns colegas, convidando-os para ir com ela, mas ninguém estava disponível.

Um pouco depois das 16h30min, deixou um bilhete para seu pai pregado na geladeira, dizendo onde estaria. Pegou seu fusca e foi estudar. Em nenhum momento percebeu que estava sendo seguida.

Às 17h, Joseph Bates, pai de Cheri Jo, chegou em casa e não viu o carro da filha. Entrou em casa, encontrou o bilhete e não se preocupou mais.

Cheri Jo permaneceu na biblioteca por horas. Enquanto estudava, o homem que a seguiu abriu o capô de seu carro e retirou a bobina do distribuidor e condensador. O distribuidor foi desconectado.

Às 21h, Cheri Jo decidiu que já era hora de voltar para casa. Quando tentou ligar seu carro... nada. Tentou novamente... nada. Já de noite, sem ter a quem recorrer, não sabia o que fazer, quando um gentil homem lhe ofereceu carona até a sua casa. Cheri Jo aceitou.

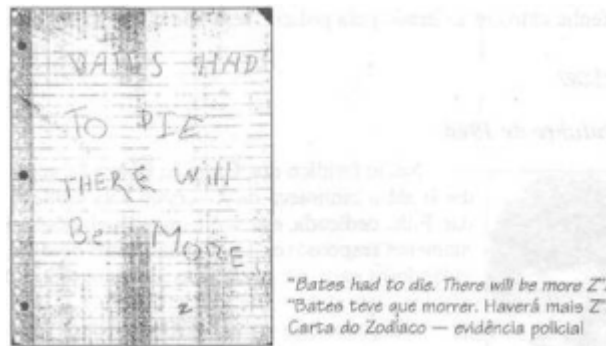
Caminhando em direção ao carro do homem, ele de repente a agarrou, tapou sua boca e colocou uma faca em sua garganta.

Desesperada, a menina tentava gritar e fugir, atacando seu agressor como podia, arranhando seu rosto.

Nos depoimentos posteriores, a polícia saberia que dois gritos horrendos foram ouvidos: o primeiro às 22h15min, o segundo às 22h45min. Não se sabe o que aconteceu nesse intervalo de tempo, mas o resultado foi que o estranho homem cortou a jugular de Cheri Jo e deu outras três facadas em sua garganta, aniquilando suas cordas vocais. A menina foi praticamente decapitada e esfaqueada 42 vezes, sete só na garganta, mas o assassino ainda não estava satisfeito... deitou-a no chão e deixou sua lâmina enterrada no ombro da vítima. No ataque, perdeu seu relógio Timex, que marcava 12h23min. A origem do relógio foi rastreada até um posto militar, provavelmente na Inglaterra.

Dias depois, a polícia recebeu uma carta de confissão anônima, escrita à máquina. Não conseguiram identificar quem a teria escrito.

Seis meses depois, o *Riverside Press Enterprise* publicou um artigo sobre o caso. No dia seguinte à publicação, a polícia, Joseph Bates e o jornal receberam novas cartas do assassino:



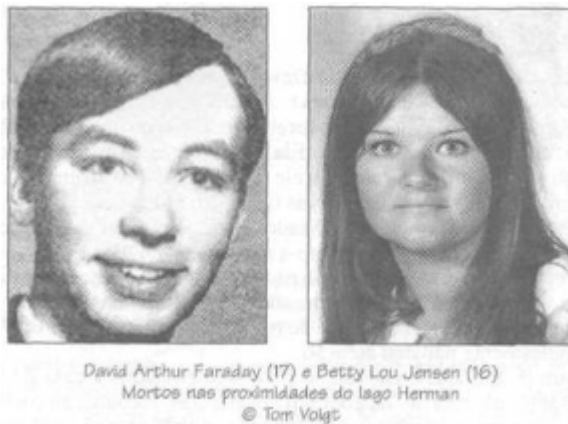
Era o primeiro assassinato do criminoso que chamou a si mesmo de "Zodíaco", somente ligado ao caso quando a polícia de Riverside notou similaridades com o caso de assassinato em Napa, no ano seguinte.

20 de Dezembro de 1968

Mais de dois anos já haviam passado desde que Cheri Jo Bates havia sido morta. Nunca mais ninguém tinha ouvido falar do caso.

Nesta noite de lua cheia, David Arthur Faraday (17), estudante do Vallejo High School, marcou um encontro com Betty Lou Jensen (16), estudante do Hogan High School. David pegou Betty em casa às 20h20min; disseram aos pais dela que iriam a um concerto e prometeram voltar até as 23h. Em vez do concerto, foram de carro para um local chamado "Lover's Lane", conhecido ponto de namoro da região, nas proximidades do Lago Herman.

Semanas antes, Betty tinha tido a sensação de que estava sendo seguida e observada por alguém na escola. Por mais de uma vez, sua mãe encontrou o portão do jardim que dava para a janela da menina aberto.



Estranho, mas nada que alarmasse demais a família.

Os namorados, ao chegarem no "Lover's Lane", travaram as portas e reclinaram os bancos. Uma testemunha viu os dois adolescentes ali, enquanto Betty Lou recostava sua cabeça nos ombros de David. Segundo essa testemunha, estava bastante escuro, apesar da lua cheia.

Outras duas testemunhas, caçadores de "raccon" (mão-pelada), diriam ter visto o que pareceu ser uma Valiant Azul seguindo o carro de David.

Perto das 23h, quando o casal já se preparava para ir embora, outro carro apareceu no local e estacionou perto deles. Um homem corpulento desceu e chegou a ser visto por outro carro que passava por ali.

O corpulento estranho parou ao lado da janela de Betty Lou e ordenou que o casal saísse do carro. Com as portas travadas, eles se negaram. Diante da recusa, ele sacou uma arma de sua jaqueta, foi até a janela de trás e atirou no vidro, que estilhaçou. Rodeou o carro até a outra janela traseira, e também a estourou.

Betty Lou, completamente apavorada, abriu a porta e começou a descer. David não teve tempo para isso: antes que pudesse sair, o estranho encostou a arma atrás de seu ouvido esquerdo e atirou. A

bala atravessou a cabeça de David horizontalmente, arrancando parte dela.

Gritando, totalmente fora de controle, Betty Lou saiu correndo. O homem seguiu em seu encalço, atirando cinco vezes nas suas costas. Ela tombou a 9 metros do carro em que estava.

David continuava vivo, sangrando profusamente. O assassino virou as costas, entrou em seu carro e foi embora.

Minutos depois, Stella Borges, uma senhora que passou por ali de carro, chamou a radiopatrulha. Betty Lou já estava morta. David chegou ainda com vida na UTI⁷⁶ do Vallejo General Hospital. Morreu logo depois.

As balas que mataram Betty Lou e David saíram de pistola semi-automática calibre .22.

4 de Julho de 1969

Darlene Ferrin conhecia tanto David como Betty Lou. Tinha 22 anos, era casada e tinha uma filhinha, Dena. A babá que Darlene contratava com certa freqüência notou, em 27 de fevereiro de 1969, quando um sedã branco estacionou do lado de fora da casa. Ela comentou o fato com Darlene, que pareceu não dar maior importância a ele e continuou a se arrumar para sair.

Karen, a babá, descreveria depois o homem sentado ao volante: grande, cara redonda e cabelo castanho cacheado. Darlene chegou a comentar com a moça que "ele devia estar observando-a novamente". Disse que, pelo que sabia, "ele" estava fora do Estado, e que não queria que ninguém soubesse o que ela o tinha visto fazer. Ela era testemunha de um assassinato...

Darlene chegou a dizer o nome do homem, algo como Peter ou Paul, mas Karen simplesmente não deu atenção.

Algum tempo antes, pacotes haviam sido enviados à casa de Darlene. Pam Huckaby, sua irmã, ao receber um dos pacotes, reconheceu o entregador como "aquele homem que ficava sentado em seu sedã branco, em frente à casa de Darlene". O homem, que usava óculos, avisou-a para não abrir o pacote. Na época, especulou-se se os pacotes estavam sendo enviados pelo ex-marido de Pam, Jim, que vivia no México e possuía uma arma calibre .22.

Darlene chegou a avisar as amigas para que não chegassem perto do homem sentado no sedã branco que ficava estacionado em frente à sua casa. Obviamente, ela não gostava da situação, mas não tinha coragem de pedir que ele saísse dali.

Darlene saiu de casa para ir buscar seu amigo Michael Mageau (19). Os dois tinham combinado de ir ao cinema em São Francisco. Logo que saíram da casa de Mageau, perceberam que estavam sendo seguidos. Assustada, Darlene começou a dirigir cada vez mais rápido, tentando pegar estradas vicinais para despistar seu perseguidor. De repente, estavam na Columbus Parkway, na mesma direção da estrada do Lago Herman.



Darlene Ferrin & Michael Mageau
Atacados em 1969. Ela morreu. Ele sobreviveu
© Tom Volgt

Darlene parecia conhecer quem a perseguia. Sem aviso, o carro atrás do casal diminuiu a velocidade e sumiu. O alívio durou pouco... cinco minutos depois, abalroou horizontalmente o carro de Darlene, impossibilitando-os de fugir. As luzes do outro carro cegavam os dois, mas mesmo assim Mageau pôde ver que um homem carregando uma lanterna vinha na direção dos dois. A janela do seu lado estava aberta, e Mageau ouviu tiros serem disparados. Sentiu um calor estranho tomar conta de todo o seu corpo e se deu conta de que a vítima era ele. Perplexo e ainda ouvindo disparos, viu Darlene tombar sobre o volante. Ela havia sido alvejada inúmeras vezes (cinco), além de algumas balas que, ao saírem do corpo de Mageau, atingiram-na também.

Enquanto o estranho voltava para o seu carro, Mageau pôde ver seu rosto, mas ao ouvir seus gritos de dor o estranho voltou e atirou mais duas vezes.

Desta vez, apesar da dor insuportável, Mageau esperou que o maluco fosse embora para fazer qualquer movimento, deixando-o pensar que estava morto. Percebeu que não conseguia mais gritar, pois uma das balas havia atingido sua mandíbula e perfurado sua língua. Darlene ainda gemia no banco da frente quando Mageau, com muita dificuldade, conseguiu descer do carro para tentar encontrar socorro.

Para a sorte do casal, três adolescentes que procuravam um amigo notaram o carro estacionado no meio da estrada e viram Mageau caído no chão. Sem hesitar, desceram para socorrê-lo. Quando se deram conta que a situação era grave, foram até uma casa próxima e avisaram a polícia.

O policial Richard Hoffman e o sargento Conway já estavam no local quando a ambulância chegou. Darlene foi pronunciada morta a 00h38min. A 00h40min o Departamento de Polícia de Vallejo recebeu uma ligação telefônica. Uma voz calma, do outro lado da linha, reportou o duplo homicídio, deu a localização dos corpos e a descrição do carro de Darlene Ferrin. Disse ainda que ambos tinham

sido mortos com uma Luger 9mm, identificando a arma com precisão, e alegou ser a mesma arma que havia matado Faraday e Jensen no ano anterior. Num tom de voz mais profundo, disse adeus e desligou. Para desespero da polícia, descobriu-se que a ligação havia sido feita de um telefone público que ficava do lado de fora do escritório do xerife de Vallejo.

Mageau foi operado e sobreviveu. Depois de curado, deu tantas versões⁷⁷ do ocorrido para a polícia e escondeu-se tão rapidamente que a única conclusão possível é que estava profundamente apavorado com a possibilidade de o assassino voltar e tirar sua vida. Descreveu o carro de seu agressor como sendo marrom, provavelmente um Corvair.

27 de Setembro de 1969

Cecília Shepard e Bryan Hartnell resolveram sair juntos. Eram amigos há muito tempo, e planejaram um piquenique nas margens

do lago Berryessa. Estavam confortavelmente conversando e comendo, quando um carro parou ao lado do Karmann-Ghia de Bryan e seu ocupante começou a observar o casal.



Cecília notou o estranho, mas ele logo desapareceu entre as árvores. Momentos depois, ela o viu novamente. De novo, ele sumiu. Quando apareceu outra vez, vestia um capuz preto em forma de saco sobre a cabeça, como se fosse um executor. A frente do capuz pendia até a cintura, e no peito estava desenhado um símbolo do zodíaco. Ele usava óculos escuros sobre o capuz, e do lado direito de sua cintura pendia um facão de pelo menos 30cm. Do lado esquerdo, o coldre estava vazio... a arma, na mão do lunático.

Falou para Bryan que era um condenado fugitivo, e exigiu dinheiro e as chaves do carro. Foi atendido prontamente. O estranho então deu uma corda a Cecília para que ela amarrasse Bryan, o que foi feito com nós bem largos, propositalmente.

Então, Cecília foi amarrada e os nós de Bryan foram reapertados. Ameaçou o casal, dizendo que tinha que esfaqueá-los. Bryan disse ao criminoso que não suportaria ver Cecília ser esfaqueada, que preferia ser a primeira vítima. O assassino respondeu que era justamente o que pretendia fazer. Apesar das súplicas desesperadas do rapaz, o criminoso ajoelhou-se e o esfaqueou seis vezes nas costas.

Enquanto ele gemia com uma dor excruciante, o estranho esfaqueou Cecília repetidas vezes, cinco nas costas e cinco na frente; uma vez no seio, outra no abdome, uma terceira na virilha, e outra, e outra, e outra... Ao ir embora, o criminoso fez questão de deixar as chaves do carro de Bryan e o dinheiro em cima da toalha de piquenique. Antes de sair de cena, ainda deu uma paradinha no Karmann-Ghia e, com uma caneta hidrográfica, escreveu na porta:

"Vallejo 12-10-68 7-4-69 Sept 27-69-6:30 by knife"



Assim que partiu, Cecília e Bryan começaram a gritar desesperadamente. A moça conseguiu desamarrar-se e libertou o amigo.

Da praia, um pescador chinês ouviu os gritos e chamou a polícia.

O policial florestal Dennis Land encontrou Bryan distante 270m da estrada. Perdia sangue sem parar. Ele indicou onde estava sua namorada, que havia sido esfaqueada 16 vezes.



Bryan Hartnell & Cecilia Shepard
Ela foi esfaqueada 16 vezes e morreu
Ele sobreviveu a seis facadas nas costas
© Tom Volgt

Às 19h13min foi reportado ao escritório do xerife de Napa o duplo esfaqueamento. Às 19h40min, um homem não identificado telefonou para o departamento de polícia e reportou o que seria um duplo homicídio, informando a localização dos corpos. Ao ser perguntado sobre sua identidade, respondeu: "Eu sou aquele que fiz isso!"

A polícia descobriu uma pegada perto do carro de Bryan. Seu tamanho era 10 1/2, o equivalente ao nº 41. O tipo de sola do calçado parecia ser o equivalente a uma bota do tipo "Wing Walker", de uso exclusivo de militares.



Bota tipo Wing Walker
Uso exclusivamente militar

Cecília Shepard morreu em 28 de setembro, devido aos diversos ferimentos a faca. Bryan Hartnell sobreviveu. Hoje em dia, é advogado no Sul da Califórnia.

11 de Outubro de 1969

Noite. O motorista de táxi Paul Lee Stine não estava nem perto de encerrar seu dia de trabalho. Atendeu ao homem que entrou em seu táxi com gentileza, e seguiu viagem até o endereço solicitado.

Ao parar seu táxi no local indicado, alguém passeava com um cachorro em frente ao veículo. O silencioso passageiro, então,



mudou de idéia, e pediu ao motorista que andasse mais um quarteirão.

Assim que estacionou novamente, Paul Stine foi agarrado por trás, com o braço esquerdo de seu passageiro envolvendo fortemente sua garganta. Sentiu o cano de uma arma no ouvido direito, e começou a lutar desesperadamente por sua vida. Não teve tempo nem de pensar sobre o que estava acontecendo; o tiro que levou literalmente estourou seus miolos. A arma utilizada foi uma semi-automática 9mm.



Cena do crime: táxi de Paul Stine como foi encontrado (a porta foi aberta pela polícia. Foi colocada uma tarja na face da vítima)



Camisa de Paul Stine
Evidência da polícia

O passageiro saiu do táxi, abriu a porta da frente e sentou-se no banco vazio, ao lado de Stine. Pegou a carteira do motorista, cortou um pedaço da camiseta ensangüentada e com ela limpou toda e qualquer digital que pudesse ter deixado ali e levou um pedaço da

roupa de sua vítima. O sangue de Stine estava espalhado por toda a parte, e o criminoso saiu tranquilamente do carro e desceu a rua a pé, sem se dar conta de que havia sido visto por uma garota de 14 anos que estava numa janela do outro lado da rua.

Às 21 h58min a polícia foi chamada pelo pessoal da festa em que a testemunha estava. Não tinham escutado nenhum tiro, mas a cena assistida por ela era realmente ímpar. O homem que fez a ligação disse que o suspeito que saía do táxi era um homem "negro" adulto, mas sua visão havia sido prejudicada pela pouca luminosidade daquele trecho da rua.

Os policiais se dirigiram para o local. Ao pedirem informações para um senhor que passava por ali, ele relatou ter visto um homem carregando uma arma, correndo em direção ao leste de Washington. A polícia saiu correndo atrás da pista, sem perceber que, provavelmente, o gentil informante era o criminoso que procuravam. Paul Lee Stine foi declarado morto às 22h30min.

22 de Março de 1970

Noite de lua cheia. Kathleen Johns e seu bebê de 10 meses estavam na Estrada 132, indo para a cidade de Petaluma. O gentil motorista de uma Station Wagon Chevrolet 1957 marrom e branca, ao ultrapassá-la, fez sinal que seu pneu estava com problemas. Kathleen imediatamente deu seta e parou no acostamento. O homem parou para ajudá-la, graças a Deus.

Verificou o pneu, pareceu arrumá-lo, e os dois veículos seguiram viagem. Minutos depois, o pneu do carro da jovem mãe voou para fora, fazendo-a parar abruptamente. O motorista do Chevrolet parou também, oferecendo carona para a senhora e seu bebê. Sem alternativa, Kathleen aceitou.

Depois de alguns quilômetros do que parecia ser uma viagem tranqüila, o estranho, sem aviso prévio, pegou uma estrada deserta. Avisou à mulher que a mataria e a sua filha. Com o carro em movimento, arrancou o bebê do colo da mãe e tentou arremessá-lo para fora. A luta pela vida começou.

Ao mesmo tempo que tentava salvar seu bebê e a si mesma, Kathleen rapidamente observava todos os detalhes que poderiam vir a ser úteis, caso escapasse daquele inferno. O homem era arrumado, calçava botas militares bem engraxadas e vestia uma "capa" de náilon azul e preta. Usava também uma calça de lã preta com "boca de sino", além de óculos de armação fina e preta, do tipo tartaruga, presa por um elástico por trás da cabeça. O cabelo de seu torturador era castanho e cortado estilo tripulação, com uma risca bem marcada. Seu nariz era médio e seu queixo marcado; tinha compleição física média e pesava algo entre 75 e 80kg.

De repente, o carro deu um solavanco e diminuiu de velocidade. Era a chance que Kathleen estava esperando; pulou para fora do carro com sua filha nos braços. Correndo o mais que podia, atravessou uma vinicultura como pôde, tropeçando, sem ar e sem dar um pio. O maluco a seguiu com uma lanterna nas mãos, mas não conseguiu alcançá-la; um caminhão parou na estrada. O motorista desceu para ver o que estava acontecendo. Por mais que insistisse para que aquela apavorada moça entrasse em seu veículo, ela não saía do lugar. O estranho homem que estava perseguindo Kathleen entrou em seu carro, e partiu em alta velocidade. O motorista do caminhão, penalizado com a situação da moça, esperou pacientemente até que um carro com uma mulher na direção parasse ali e prestasse socorro. Ela levou Kathleen até a delegacia mais próxima.



Os vários retratos falados do Zodíaco
© Tom Voigt

Para os policiais, Kathleen contou sua história em detalhes. Pendurado atrás do policial que tomava seu depoimento estava o retrato falado do homem que tinha assassinado o taxista Paul Stine, no ano anterior.

Quando Kathleen viu o desenho, começou a gritar descontroladamente. Era o mesmo homem que a havia atacado na estrada! O retrato falado era do assassino agora chamado de Zodíaco.

A polícia viu ali uma grande oportunidade de encontrar novas pistas. Acompanhou a moça até seu carro na intenção de encontrar digitais, mas ao chegarem no local o veículo estava totalmente queimado por dentro.

Nunca ficou provado que Kathleen foi realmente raptada pelo Zodíaco, apesar de ele fazer referência ao caso e assumir a responsabilidade sobre ele em uma de suas cartas⁷⁸.

As Cartas do Zodíaco

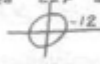
Durante os anos em que agiu, o Zodíaco manteve contato, através de 21 cartas e postais, com o Departamento de Polícia de Riverside, Joseph Bates (pai de Cheri Jo), com os jornais *Riverside Press-Enterprise*, *San Francisco Chronicle* (que parecia ser seu preferido), *San Francisco Examiner*, *Vallejo Times-Herald* e *Los Angeles Times*, com o advogado Melvin Belli e o editor Paul Avery. Suas cartas sempre tinham um tom de zombaria e provocação.

Sabia-se que se tratava de um homem inteligente e brilhante. Seu prazer era observar as investigações andarem em círculos, sem nunca chegar a lugar algum.

Suas cartas eram verdadeiras obras de arte. Usava símbolos e códigos criptografados. Sua escrita era precisa e descritiva. Era comum iniciá-las escrevendo com letra de mão, que variava constantemente de estilo, provavelmente copiadas de outros tipos de caligrafia.

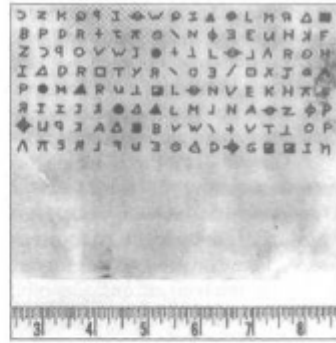
Em algumas de suas cartas, parecia ser uma pessoa com pouca instrução, cometendo erros gramaticais e ortográficos infantis. Isso contradizia os sofisticadíssimos códigos e símbolos que utilizava. Frequentemente referiam-se à astrologia e signos, e por isso foi chamado de Zodíaco.

This is the Zodiac speaking
 I have become very upset with
 the people of San Fran Bay
 Area. They have not complied
 with my wishes for them to
 wear some nice Φ buttons.
 I promised to punish them
 if they didnot comply, by
 annihilating a full School Bus.
 But now school is out for
 the summer, so I punished
 them in an another way.
 I shot a man sitting in
 a parked car with a .38.


 -12 SFPO-0

The Map coupled with this
 code will tell you who's the
 bomb is set. You have until
 next fall to do it up. Φ

C Δ J I ■ O X L A M T A Δ O R T O
 X O F D V T ■ H C E L Φ P W Δ



Parte do
criptograma original

Carta escrita pelo Zodiaco
 © Tom Voigt

A primeira carta recebida pelo jornal *San Francisco Chronicle* estava duplamente selada para que chegasse rapidamente, o que depois se constataria ser um hábito do Zodiaco.

Tratava-se de um criptograma impresso, composto de símbolos. Estava endereçada ao Editor, e reclamava a responsabilidade sobre os assassinatos de David Faraday, Betty Lou Jensen e Darlene Ferrin. Na carta, constavam os seguintes detalhes do crime que somente o assassino poderia saber...

Assassinato de Betty Lou e David: dez tiros detonados, corpo do garoto atrás do carro, garota caída do lado direito, pés apontados

para oeste.

Assassinato de 4 de julho: garota vestindo calças, garoto também foi atingido no joelho.

O assassino assinou a carta com um círculo cruzado, como aquele desenhado na roupa do atacante de Cecília e Bryan.

O criptograma tinha sido postado em julho de 1969, e o Zodíaco afirmava que sua identidade estava ali, para quem o desvendasse. Ordenou que sua carta fosse publicada na edição de 1º de agosto de 1969, caso contrário, faria uma matança de grande proporção. O jornal concordou e publicou.

Um professor da cidade de Salinas chamado Harden trabalhou em conjunto com sua esposa vários dias, tentando decifrar o criptograma. Ele era criptógrafo amador, e disse ter decifrado o código. O nome do assassino não estava ali. O texto dizia: "*Eu gosto de matar pessoas porque é muito divertido..*". Para construir os criptogramas, o Zodíaco era influenciado por dois livros, encontráveis

em qualquer biblioteca: *Codes and Ciphers*, de John Laffin, e o *Zodiac Alphabet*.

A polícia então exigiu que o suposto assassino desse detalhes dos crimes somente conhecidos por ele, pois não queriam perder tempo com um louco que se estivesse fazendo passar pelo Zodíaco. A resposta veio numa carta de três páginas, que começava assim:

"Prezado Editor, aqui é o Zodíaco falando..." Era a primeira vez que ele próprio se chamava pelo apelido que permanece até hoje.

O homem deu detalhes que realmente só o assassino poderia saber.

14 de Outubro de 1969

O Zodíaco enviou sua quinta carta, postada em São Francisco. No remetente, estava desenhado o círculo cruzado. Nesta, ameaçava explodir um ônibus escolar com uma bomba química e mandou um retalho de roupa, que logo foi identificado como sendo da camisa do taxista Paul Stine. Se a sua intenção era amedrontar a população, conseguiu.

A polícia ainda tentou usar Ninhydrin, um pó utilizado para detectar a presença de vários aminoácidos, permitindo a definição de impressões digitais, mas nada foi encontrado. Nenhuma impressão digital, suor ou aminoácido. Nada. As cartas foram levadas para especialistas, na tentativa de conseguir qualquer pista.

22 de Outubro de 1969

O Departamento Policial de Oakland recebeu uma ligação telefônica anônima. Nela, uma voz de homem se identificou como sendo o Zodíaco, e exigiu que fosse conseguido um contato telefônico entre ele e F. Lee Bailey ou Melvin Belli, renomado advogado. Ele queria ser ouvido no programa de entrevistas do Canal 7, o que conseguiu. Em duas horas, Belli estava aguardando ao vivo a conversa com o criminoso, que aconteceu às 19h20min. Ao todo, foram feitas 35 ligações. Nelas, Belli pediu para chamar o Zodíaco de Sam, e ouviu-o reclamar de fortes dores de cabeça, que passavam quando ele matava. Disse que não queria ir para a câmara de gás. Belli tentou, com toda habilidade, convencer "Sam" a se entregar. Marcou um encontro fora do ar, mas "Sam" nunca apareceu.

Novembro de 1969

O *Chronicle* recebeu mais cartas do Zodíaco. Eram legítimas: todas continham pedaços da camisa de Paul Stine. Nestas, ele afirmava ter assassinado mais duas pessoas, perfazendo um total de sete vítimas.

Numa dessas cartas, o Zodíaco explicou por que a polícia nunca o encontraria:

1. Ele se parecia com a descrição das vítimas apenas quando matava; o resto do tempo tinha uma aparência completamente diferente.

2. Não deixava impressões digitais na cena do crime; usava protetores transparentes para os dedos.

3. Todas as suas armas foram compradas pelo correio.

A carta seguinte foi endereçada a Melvin Belli, desta vez contendo um pedaço da camisa ensangüentada de Paul Stine. Ele desejava ao advogado um Feliz Natal e pedia sua ajuda, porque estava muito próximo do descontrole. Logo faria sua 9ª e 10ª vítimas.

Desta vez, a polícia teve uma pista de que o Zodíaco poderia ter ascendência inglesa; já suspeitavam de que se tratasse de um marinheiro inglês. Ele usou as expressões "The Kiddies" e "Happy Christmas", comuns na Inglaterra⁷⁹.

30 de Janeiro de 1974

Depois de três anos de silêncio absoluto, um jornal de São Francisco recebeu uma autêntica carta do Zodíaco. Nela, estava anotado "Me-37; SFPD-0"⁸⁰. Um policial levou a contagem de 37 vítimas a sério, e encaminhou-a ao Xerife Striepke. Ele pegou os 40 casos de assassinatos não resolvidos em quatro estados do oeste

americano, marcando sua localização no mapa. Surpresa!!! Os alfinetes formavam uma letra "Z" tamanho gigante. A teoria de Striepke caiu por terra quando o assassino serial Theodore Bundy foi preso e assumiu muitos desses crimes.

Como em algumas cartas o Zodíaco mostrou ser fã do filme *O Exorcista*, que considerava uma comédia, alguns acreditaram que ele pertencesse a alguma seita satânica, mas nenhuma prova concreta foi encontrada.

Hoje em dia, existem sérias dúvidas quanto à autoria do Zodíaco no assassinato de Cheri Jo Bates. O principal suspeito agora é um colega de faculdade da moça, e existem várias provas circunstanciais contra ele.

Um teste de DNA está sendo feito com material que, na época, foi recolhido do corpo da vítima⁸¹.

A Investigação

Quando a investigação do Zodíaco começou, a polícia tinha 2.500 suspeitos. A investigação foi reduzindo esse número. Aqui estão alguns exemplos:

Arthur Leigh Allen — O Principal Suspeito



Foi o suspeito nº 1 da polícia. A primeira vez que tomaram conhecimento de Allen foi em 1971, quando seus amigos e família contaram sobre seu comportamento irregular. Todos que o conheciam achavam que ele poderia ser o Zodíaco.

Essas eram as características que ligavam Allen ao histórico de crimes do Zodíaco:

— Foi criado em Vallejo, Califórnia.

— Em 1956, alistou-se na Marinha americana. Sempre supôs-se que o Zodíaco tivesse alguma filiação militar, provavelmente na Marinha.

— Durante os anos de 1969 e 1970, estava empregado parte do dia como zelador na “Elmer Cave Elementary School”, em Vallejo. Foi nessa época que o Zodíaco escreveu cartas ameaçando crianças de uma escola.

— Entre 1970 e 1974, ocupava-se em estudar, no “Sonoma State College”, ciências biológicas, tendo química como matéria secundária. Durante a permanência de Allen em Sonoma⁸², aparentemente os assassinatos do Zodíaco cessaram, mas iniciaram-se os chamados “Assassinatos de Colegiais de Sonoma”. De acordo com o já aposentado agente especial Jim Silver, do Departamento de Justiça da Califórnia, quando a polícia mapeou o último local onde as vítimas foram vistas e o local onde seus corpos foram encontrados, o *trailer* de Allen ficava exatamente no centro.

Allen, freqüentemente, usava frases como “o mais perigoso jogo” e “Homem como o verdadeiro jogo”, usadas nas cartas do Zodíaco.

De acordo com seu irmão, Ron, Allen ganhou de sua mãe no Natal de 1967 um relógio com um símbolo do zodíaco, um círculo cruzado. Pouco tempo depois de ganhar o presente, fez a seguinte declaração a um amigo identificado como Don:

— Ele gostaria de matar casais ao acaso.

— Iria provocar a polícia com cartas detalhando seus crimes.

— Assinaria essas cartas com o mesmo círculo cruzado desenhado em seu relógio.

— Chamaria a si mesmo de Zodíaco.

— Usaria maquiagem para mudar sua aparência quando matasse.

— Amarraria uma lanterna ao cano de sua arma para poder atirar no escuro.

— Enganaria mulheres, fazendo-as parar seus carros em áreas rurais ao pensar que tinham problemas com seus pneus.

Em novembro de 1969, sua cunhada o viu com um papel na mão que parecia uma carta. Nela, apareciam símbolos e linhas, similares aos códigos usados pelo criminoso. Ele alegou que era o trabalho de um louco, que mostraria a ela, mas não o fez.

A cunhada também encontrou uma faca ensangüentada no banco da frente do carro dele, que justificou o fato dizendo que tinha matado galinhas com ela. Isso aconteceu na mesma época do ataque em Berryessa. A polícia foi chamada em 1971 e o *trailer* de Allen vasculhado. No *freezer*, foram encontrados corpos mutilados de roedores, corações e fígados de esquilos e outros animais pequenos.

As impressões digitais de Allen foram tiradas, assim como exemplos de sua caligrafia. As impressões não combinavam com algumas encontradas no táxi de Stine. A caligrafia mostrou similaridades com a do Zodíaco, principalmente no modo como se inclinava para o lado direito da página.

Allen viveu com sua mãe em Vallejo, mas a polícia não conseguiu um mandado de busca para a casa dela. Também posteriormente, soube-se que mantinha dois *trailers*, mas somente um foi verificado.

Vários fatos o ligavam ao caso do Zodíaco:

— Sua descrição física era similar ao retrato falado.

— Havia estado em Riverside City College em 1966, quando Cheri Jo foi morta.

— Sofria de excruciantes dores de cabeça.

— Era ambidestro.

— Tinha sido estudante de química.

Em 1973, médicos atestaram que Allen possuía cinco diferentes personalidades. Também atestaram que ele poderia ser violento e perigoso, e certamente capaz de matar.

Foi preso por molestar crianças, e na cadeia espalhou para todos que era o Zodíaco. Depois, mudou de idéia e de história, dizendo aos companheiros de cela que rezava para o Zodíaco matar novamente, pois assim ficaria livre da suspeita. O Zodíaco não apareceu novamente por meses, até que ele fosse solto.

Assim como o Zodíaco, Allen selava duplamente suas cartas e estava nos locais de todos os crimes atribuídos a ele.

Segundo o perfil de Allen, ele odiava a mãe e sempre se sentiu inferior ao pai, um militar de sucesso. Era alcoólatra e sofria de depressão, sempre agravada nas duas datas mais estressantes para ele: seu aniversário (18 de dezembro) e o Natal.

Na época do assassinato de Darlene, um amigo de Allen estava vendendo um Corvair marrom, carro descrito por Mageau como sendo de seu agressor. Allen, com frequência, dirigia este carro.

Allen, na época do assassinato de Darlene, morava bem perto de onde a moça trabalhava de garçonete na época. Ela tinha um conhecido que chamava de "Lee", o mesmo nome como Allen era chamado, pois é assim que se pronuncia seu nome intermediário.

Logo depois de Paul Stine ser assassinado, o amigo de Allen, Ralph Spinelli, procurou o Departamento de Polícia de Vallejo para comunicar que, dias antes, Allen tinha admitido para ele ser o Zodíaco, e provaria isso indo até São Francisco e matando um motorista de táxi.

Numa carta enviada aos jornais, o Zodíaco desenhou o diagrama de uma bomba. Os ingredientes a serem utilizados em sua confecção eram: nitrato de amônia, fertilizante e cascalho. O Zodíaco também dizia ter esses itens em estoque no porão de sua casa, e que haviam sido comprados através de ordem postal.

Ao fazerem a busca na casa de Allen em 1991, os policiais de Vallejo encontraram, em seu porão, diagramas desenhados de bombas que incluíam o uso de nitrato de amônia, fertilizante e cascalho. Também foram encontrados catálogos para compra pelo correio de bombas, armas e armadilhas.

Em 1991, Michael Mageau identificou Arthur Leigh Allen como sendo seu agressor. Fez essa identificação entre várias fotos mostradas a ele pelo policial George Bawart, do Departamento de Polícia de Vallejo. Quando Bawart perguntou a Mageau por que ele

nunca tinha identificado Allen em 20 anos de investigação, ele respondeu que nunca foram mostradas a ele fotos de suspeitos, somente lhe perguntaram se reconhecia certos nomes. Se isso for verdade, terá sido um dos maiores erros cometidos pela polícia americana.

Allen morreu em 26 de Agosto de 1992, de complicações causadas pela diabetes e problemas no coração.



Lawrence Kane/Krew
Fotografia da polícia
© Tom Volgt

Lawrence Krew/Kane

Numa conversa com uma funcionária de um cassino num restaurante, Krew alegou ser um especialista no zodíaco (astrologia), e ofereceu-se para fazer seu mapa astral. Naquela noite, levou a casa dela o mapa pronto. Ele era de Touro, ela de Capricórnio... compatibilidade perfeita.

Tinha a idade aproximada de 38 anos, media 1,80m de altura e usava óculos com armação de tartaruga. Disse morar em Stateline, num apartamento estúdio.

Quando saíram outra vez, a moça levou uma amiga com ela. O homem falou sobre o Zodíaco durante quatro horas, além de eleger assuntos interessantes como morte e assassinato. Contou a elas que morreria "na água".

Quando as moças começaram a fazer perguntas, ele se fechou e foi embora.

Um relato semelhante ao da funcionária do cassino foi dado à polícia por outra mulher, que os procurou bastante assustada.

O detetive Harvey Hines, que investigou o Zodíaco por 20 anos, foi chamado para investigar o desaparecimento de Donna Lass, e

logo notou algo de errado. Seguiu imediatamente para South Lake Tahoe, a fim de acompanhar o caso de perto.

Hines perguntou sobre Donna aos seus amigos, e descobriu que ela trabalhava de enfermeira num hotel cassino da região.

Quando questionou suas colegas de trabalho, descobriu que havia um tal de Larry Krew interessado nela. Ele tinha por volta de 40 anos, cabelo cortado bem curto e uma respeitável barriga. Media 1,80m e pesava por volta de 80kg, além de usar óculos com armação de tartaruga.

Tinha sido descrito às amigas por Donna como solitário, quieto e arrepiante. Tinha um escritório em frente ao Sahara Hotel, e morava com a mãe num apartamento estúdio em Stateline. Foi visto várias vezes conversando com Donna na enfermaria do cassino. Conhecia tudo sobre o Zodíaco.

Donna foi vista pela última vez em 6 de setembro de 1970, aproximadamente à 1h, quando deixou seu plantão. No dia seguinte,

um homem desconhecido telefonou para seu emprego e condomínio, dizendo que ela não voltaria devido a uma emergência familiar. A ligação era falsa, e Donna Lass nunca mais foi vista.



Donna Lass
© Tom Volgt

Krew nasceu no início dos anos 20 e mudou-se para a Califórnia em 1953. Era do signo de Touro. Serviu na Reserva Naval por sete meses, de onde foi desligado com diagnóstico de "histeria psiconeurótica"⁸³. Hines passou imediatamente a investigar Krew como suspeito de ser o Zodíaco.

Descobriu que seu suspeito tinha vários pseudônimos, três cartões de seguro social sob nomes diferentes e duas datas de nascimento. Também possuía duas carteiras de motorista.

Em 1962, teve uma grave colisão com um caminhão de cimento, machucando a cabeça. Ficou com uma lesão cerebral, mas apesar de considerada lesão grave, nunca ficou internado em uma instituição mental.

Entre 1964 e 1968, foi preso 19 vezes por roubo e fraude. As mais recentes acusações eram por rondar pessoas.

Depois de divorciar-se da mulher, mudou-se novamente para a casa de sua mãe.

Alguns documentos da Marinha sugerem que ele seria homossexual.

Hines descobriu que Krew trabalhou para uma empresa em Riverside na mesma época do assassinato de Cheri Jo Bates. Quando morou em São Francisco, sua casa ficava localizada na rua Eddy, dois quarteirões depois de onde Paul Stine pegou o Zodíaco em seu táxi.

A peça teatral de Gilbert & Sullivan⁸⁴, *The Mikado*, estava sendo encenada a três quadras de seu apartamento, e o Zodíaco tinha escrito que era um fã desta dupla.

Krew comprou um carro modelo sedã Ambassador em 10 de julho de 1969, somente seis dias depois do assassinato de Darlene Ferrin. O homem que raptou Kathleen Johns e sua filha em 1970 guiava o mesmo modelo de carro.

Depois de matar Stine, o Zodíaco aparentemente escapou em direção da Letterman General Hospital. Na mesma época, Donna Lass trabalhava como enfermeira neste hospital.

Em junho de 1970, Donna mudou-se de São Francisco para South Lake Tahoe, Nevada, empregando-se no Sahara Tahoe Hotel Cassino. Em junho de 1970, Krew também se mudou para a mesma cidade, e foi trabalhar no mesmo edifício que Donna.

Certo de que Krew era o Zodíaco, Hines começou os procedimentos de identificação.

Conversou com as duas irmãs de Darlene Ferrin, que escolheram a foto de Krew entre muitas outras, apontando-o como o homem que seguia sua irmã.

Depois pediu ao policial Foukes, que tinha falado com o Zodíaco logo após o assassinato de Stine para pedir informações, que tentasse identificar o homem entre as várias fotografias. Sem hesitar, ele pegou a foto de Krew, mas muito tempo havia passado para que tivesse certeza absoluta.

Kathleen Johns foi contatada. Se alguém conhecia bem o Zodíaco, era ela. Hines colocou 18 fotos em linhas, para sua avaliação. Ela apontou para Krew, comentando apenas que ele parecia mais novo do que na foto, onde estava sem óculos.

Apesar de todos esses resultados obtidos na investigação de Hines, os oficiais responsáveis pelo caso não concordaram com ele. Acreditavam que o Zodíaco era Allen.

Outro sobrenome utilizado por Krew era Kane, provavelmente o verdadeiro. Se for verdade, o criptograma contendo o nome do Zodíaco, conforme o prometido por ele, estava certo. O nome Kane aparecia no criptograma de 20 de abril de 1970.

O Zodíaco também enviou cartas assinadas como "Um cidadão", em maio de 1974. Seria uma alusão ao filme *Cidadão Kane*, um dos mais famosos da história do cinema.

Em 1999, Lawrence Kane estava vivendo em Nevada.

Andrew Todd Walker

Foi o primeiro maior suspeito no caso do Zodíaco. Era um homem de meia-idade, usava óculos de aro de tartaruga, pesava mais de 90kg, media 1,83m e era barrigudo.



Andrew T. Walker
O primeiro suspeito
© Tom Voigt

Odiava profundamente a polícia, freqüentemente os enganava com seu carro. Alguns dos amigos de Darlene Ferrin o reconheceram em fotos como sendo o homem que a seguia.

Num dos criptogramas do Zodíaco, decifrado pelo computador da Agência de Segurança Nacional americana, o nome "Walker" aparecia diversas vezes.

A casa dele sofreu uma inundação na mesma época em que o Zodíaco escreveu que foi "inundado pela chuva". Walker vivia numa área deserta, cercada por pinheiros, o que combinava com outro trecho de uma das cartas enviadas pelo Zodíaco, onde afirmava estar "olhando através dos pinheiros". Também era sócio do Sierra Club, que foi mencionado na mesma carta.

Ensinou códigos no Exército depois de servir como estudante por um curto período de tempo, indicando sua forte aptidão nessa área. Viveu em Vallejo no fim dos anos 60, e era considerado sexualmente perturbado.

A discrepância estava na sua caligrafia, que não combinava com a do Zodíaco, além das impressões digitais, que não eram as mesmas do táxi de Stine. A adolescente que viu pela janela a morte de Stine também o considerou muito velho e gordo, diferente do homem que havia visto saindo do táxi.

Rick Marshall

Outro forte suspeito de ser o Zodíaco era um colecionador de latas de filmes antigos. Nasceu no



Rick Marshall em 1969
Colecionador de latas de filmes
era suspeito
© Tom Voigt

Texas, em 1928, e vivia em Los Angeles em 1966, época do assassinato de Cheri Jo Bates.

Em 1969, morava perto de onde Paul Stine foi assassinado, em São Francisco. Uma ligação anônima para um detetive de Napa afirmou que Marshall tinha um amigo que guardava as latas para ele, e que nessas latas poderiam estar as evidências como a camisa de Stine, armas, etc.

O anônimo também acreditava que as latas poderiam explodir ao serem abertas, destruindo seu conteúdo. Marshall pegou as latas de volta em 1972.

Este suspeito, também fã de Gilbert & Sullivan, tinha treinamento em códigos e possuía uma máquina de costura em casa, que poderia ter sido usada para confeccionar a roupa utilizada no assassinato do lago Berryessa. Trabalhou na projeção de cinema mudo, colecionava filmes, e o Zodíaco fez várias referências, em suas cartas, aos filmes *The Most Dangerous Game*, *Phantom of the Opera* e *O Exorcista*.

Marshall é ambidestro, e sua descrição física combinava com o retrato falado do Zodíaco. Usava óculos com armação de tartaruga seguros por tira elástica, foi marinheiro e tinha uma máquina de teletipo, semelhante àquela utilizada pelo Zodíaco em suas cartas.

Tinha, na época, um amigo que confeccionava cartazes para cinema, cuja caligrafia era bastante similar à do Zodíaco e facilmente poderia ter sido imitada.

Durante os três anos, entre 1975 e 1978, saiu do estado. Neste intervalo de tempo, nenhuma carta do Zodíaco foi recebida. Morava a um quarteirão de Darlene Ferrin e seu marido, em São Francisco.

Ainda permanece como suspeito. Em 1989, trabalhava como engenheiro na empresa Tektronix. Seu último endereço conhecido é em San Rafael, Califórnia. A carta do Zodíaco datada de 8 de julho de 1974 foi postada na mesma cidade.



Theodore Kaczynski
O misterioso Unabomber
© Tom Voigt

Ted Kaczynski

Condenado como o "Unabomber", Kaczynski compartilha algumas características com o Zodíaco:

- a. Moraram em lugares similares nos mesmos períodos.
- b. Eram ambos inteligentíssimos, quase gênios.
- c. Tinham conhecimentos de alta matemática.

d. Caçavam animais selvagens por esporte.

e. Conheciam armas e tinham habilidade para usá-las.

f. Planejavam bombas com materiais comuns.

g. Entendiam, criavam e utilizavam criptografia avançada.

h. Tinham semelhanças físicas.

i. Falavam calmamente, com educação e precisão.

j. Tinham caligrafias similares.

k. Guiavam o mesmo tipo de carro Chevrolet.

l. Eram assexuados e sexualmente frustrados.

m. Escreviam cartas zombeteiras para suas vítimas.

n. Comunicavam-se através de cartas.

o. Demandavam publicidade através de seus crimes.

p. Usavam disfarces.

q. Usavam uma marca própria envolvendo linhas cruzadas em círculos.

r. Tinham conexões em Montana e o Sierra Club.

s. Ameaçavam explodir um grande alvo e depois diziam ser uma brincadeira.

t. Valorizavam sua inteligência contra a estupidez de suas vítimas e da polícia.

u. Tinham hiatos de tempo sem comunicação.

v. Entendiam o alfabeto RUNIC.

w. Eram depressivos.

Alguns acreditam que estas similaridades devem-se ao fato de o Unabomber ter sido profundamente influenciado pelo Zodíaco. Foi eliminado como suspeito de ser o Zodíaco pelo FBI e pelo Departamento de Polícia de São Francisco, depois de comparadas impressões digitais, caligrafia e por não estar na Califórnia em cinco datas em que o Zodíaco agiu.

Outros Suspeitos



Michael O'Hare — Anos 60
Matemático brilhante
© Tom Voigt



Bruce Davis
Membro da família Mason
© Tom Voigt

Michael O'Hare poderia facilmente ser o Zodíaco, se considerarmos sua inteligência brilhante, habilidade como atirador e conhecimentos profundos em Código Morse e matemática binária. Nunca conseguiram conectá-lo a nenhuma vítima ou cena de crime do Zodíaco.

Bruce Davis era membro da Família Mason (*serial killer* que assassinou Sharon Tate). Morava na área da baía de São Francisco na época dos crimes, mas nada além disso o ligava ao Zodíaco, apesar de alguns acreditarem numa conexão entre o Zodíaco e Mason.

A Psicologia do Caso Zodíaco

Ainda existe um grande interesse neste assassino. Ele foi único. Era preciso e meticuloso em seus padrões de comportamento e pensamento.

O Zodíaco sempre matou em fins de semana, perto de água ou em lugares com nomes referentes à água. Seus crimes sempre aconteceram em feriados ou vésperas, como podemos ver a seguir:

— Cheri Jo Bates foi morta momentos antes da meia-noite de 30 de outubro, Halloween⁸⁵.

— David Faraday e Betty Lou Jensen foram mortos em 20 de dezembro, cinco dias antes do Natal.

— Darlene Ferrin foi morta em 4 de julho, dia da independência americana.

— Cecília Shepard foi esfaqueada no primeiro dia do feriado judaico de Tabernáculos.

— Paul Stine foi morto no “Columbus Day”⁸⁶.

— Kathleen Johns foi raptada no dia do equinócio da primavera.

Todas as datas coincidem com fases da lua nova. Saturno era visível, assim como a Estrela da Noite, na hora dos assassinatos.

Todos os 340 caracteres cifrados em símbolos foram retirados de horóscopos. Acredita-se que o Zodíaco era do signo de Touro, pois escondeu cinco símbolos desse signo em suas cartas.

Sua insígnia, um círculo cruzado, representava os solstícios e equinócios: solstício de verão, de inverno; equinócio vernal (da primavera) e de outono.

O Zodíaco atacava casais de adolescentes. Usava armas diferentes a cada ataque, entre revólveres e facas. Um carro sempre estava envolvido.

Sua aproximação era sistemática: sempre ao anoitecer ou fim da noite. Sempre comunicava seus assassinatos por carta ou telefone, demonstrando que precisava de atenção.

Nunca molestava sexualmente suas vítimas, e seu perfil elaborado pelos investigadores do caso conclui que matar era a única relação possível para ele com uma mulher. Provavelmente tinha uma mãe dominadora e desejo sexual por ela, que seria seu verdadeiro alvo.

Provavelmente tinha prazer sexual ao matar, atingindo o orgasmo enquanto esfaqueava ou atirava em suas vítimas repetidamente.

O escritor "George Oakes" (pseudônimo), que dizia conhecer a identidade do Zodíaco, afirmava que ele tinha obsessão pela água, relógios, binários matemáticos e pelo escritor Lewis Carroll (*Alice no País das Maravilhas*).

Robert Graysmith, autor do livro mais famoso sobre o Zodíaco, também afirmava conhecer a identidade daquele que apelidou de "Robert Hall Starr". Descrevia-o como molestador de crianças e o responsabilizou por 49 possíveis vítimas, entre outubro de 1966 e maio de 1981.

O Zodíaco tinha treinamento nas seguintes áreas:

— Dispositivos explosivos

— Criptografia

— Astrologia

— Química

— Armas

Conhecia em profundidade os seguintes assuntos:

— Gilbert & Sullivan

— Língua Inglesa

— Motores de carro

— Cultos ancestrais

— Cinema

— Costura

Sabia como não deixar digitais ou pistas, o que provavelmente aprendeu na prisão. Tinha habilidade excepcional com armas, era ambidestro e pode ter trabalhado na Polícia ou Marinha. Este gênio ainda está solto. Você conhece alguém que reúna todas essas características?

Filmes e Seriados

O caso do Zodíaco foi amplamente explorado pela indústria cinematográfica e televisiva. Vários documentários a respeito desse

assassino foram feitos pela televisão.

No filme *Dirty Harry*, o personagem Scorpio (Clint Eastwood) escreve cartas para o jornal *San Francisco Chronicle*, aterrorizando a cidade. Outros títulos são *The Limbic Region*, *Legion* e *Zodiac*.

Os seriados que incluíram esta história ou parte dela em seus episódios foram *Havaí 5-0*, *Nash Bridges* e *Millenium*.

Copycat

Em novembro de 1989, a polícia de Nova Iorque recebeu uma carta que começava com as palavras "aqui é o Zodíaco falando", e foi avisada de 12 assassinatos planejados. Cinco meses depois, uma

série de atentados teve início nos bairros de Brooklyn e Queens, e mais cartas foram enviadas ao jornal *New York Post*. Nelas, o atirador de Nova Iorque afirmava ser o Zodíaco original. Durante os seis anos que o caso durou, oito pessoas foram atingidas, quatro mortas.

Em 18 de junho de 1996, Heriberto Seda foi preso e acusado pelos crimes, para os quais teria obtido inspiração no livro de Robert Graysmith, *O Zodíaco*, e se inspirado em suas teorias astrológicas.

Livros

Inúmeros livros também foram escritos, ficção ou não. A maioria foi lida por milhares de pessoas. Alguns exemplos:

— *Zodiac, The Eco-Thriller* de Neal Stephenson

— *Zodiac*, de Robert GraySmith

— *Sleep my Little Dead (The True Story of the Zodiac Killer)*, de Kieran Crowley

— *The Zodiac Cult Murders*, de Malcom Dallas

— *Zodiac Unmasked*, de Robert Graysmith

Jamais foi encontrada alguma evidência nos locais de crime do Zodíaco, mas em 2002, investigadores do caso resolveram tentar utilizar a ciência e suas modernas técnicas para extrair o DNA da

saliva contida nos selos das cartas que o famoso assassino enviou para a imprensa e a polícia na época de seus crimes.

Cientistas forenses utilizaram-se da REAÇÃO EM CADEIA PELA POLIMERASE, técnica que faz numerosas cópias de específicos segmentos de DNA com rapidez e acurácia. Esse processo também permite que se obtenha uma enorme quantidade de DNA, que poderá ser utilizada em várias análises forenses.

Para surpresa de muitos, Arthur Leigh Allen, por meio de DNA extraído de tecido cerebral proveniente de sua necropsia, foi eliminado como o autor das "lambidas" nos selos das cartas.

Será que O Zodíaco era tão inteligente a ponto de utilizar propositalmente a saliva de outra pessoa ao colar seus selos?



APÊNDICES



Apêndice 1

Serial Killers do Mundo Inteiro

NOME	PAÍS	Nº VÍTIMAS
Pedro Alonso Lopez	Colômbia	300 ou mais

Henry Lee Lucas & Ottis Toole	EUA	200 mais	ou
H. H. Holmes	EUA	200 mais	ou
Gilles de Rais	França	140 mais	ou
Luis Alfredo Gavarito	Colômbia	140	
Dr. Jack Kevorkian	EUA	130	

Hu Wanlin	China	100 mais ou
Pee Wee Gaskins	EUA	100 mais ou
Delfina & Maria de Jesus Gonzales	México	91 ou mais
Bruno Ludke	Alemanha	80
Michael Swango	EUA	60+/-

Andrei Chikatilo	Rússia	52 ou mais
Anatoly Onoprienko	Ucrânia	52
Ahmad Suradji	Indonésia	42
Gerald Stano	EUA	41
Richard "Iceman" Kuklinski	EUA	40 ou mais
Elisabeth Bathory	Hungria	40 ou mais

Moses Shitole	África do Sul	38 ou mais
Donald Harvey	EUA	34 ou mais
Fernando Hernandez Leyva	México	33-135
John Wayne Gacy	EUA	33
Vasili Komaroff	Rússia	33

Jane Toppan	EUA	31 ou mais
Gerard John Schaefer	EUA	30 ou mais
Karl Denke	Alemanha	30 ou mais
Micajah & Wiley Harpe	EUA	30 ou mais
Patrick W. Kearney	EUA	28 ou mais
Wayne Williams	EUA	28

Fritz Haarmann	Alemanha	27 ou mais
Dean Corll	EUA	27
Bruce Lee	Inglaterra	26
Leonard Lake & Charles Ng	EUA	entre 11 e 25
Juan Corona	EUA	25

Marcel Petiot	França	24 ou mais
Bela Kiss	Hungria	24
Helene Jegado	França	23 ou mais
Arnfinn Nessel	Noruega	22 ou mais
Earl Nelson	Canadá	22 ou mais
Theodore Bundy	EUA	22 ou mais

Coral Eugene Watts	EUA	22
Norman Afzal Simons	África do Sul	22
Carl Panzram	África do Sul	21
Phoolan Devi	Índia	20 ou mais
Thierry Paulin & Jean-Thierry Mathurin	França	20 ou mais

Antone Costa	EUA	20
Charles Sobhraj	Ásia	20
Lucian Staniak	Polônia	20
Sasha & Lyudmila Spesivtsev	Rússia	19 ou mais
Gerd Wenzinger	Alemanha/Brasil	19
Larry Eyler	EUA	19

Sergei Ryakhovsky	Rússia	19
Sipho Agmatir Thwala	África do Sul	19
Vadim Yershov	Rússia	19
Paul John Knowles	EUA	18 ou mais
Christopher Mhlengwa Zikode	África do Sul	18

Donato Bilancia	Itália	18
Joel Rifkin	EUA	17 ou mais
Leszek Pekalki	Polônia	17 ou mais
Jeffrey Dahmer	EUA	17
Robert Hansen	Alasca	17
Douglas Gretzler & Willie Steelman	EUA	16 ou mais

José Antonio Rodrigues Veja	Espanha	16 ou mais
Richard Ramirez	EUA	16 ou mais
Randy Kraft	EUA	16 ou mais
Dennis Nielsen	Inglaterra	16
Earl Frederick	EUA	16

Elias Xitavhudzi	África do Sul	16
Herb Baumeister	EUA	16
William Burke & William Hare	Escócia	16
Dr. Harold Shipman	Inglaterra	15 ou mais
Johann Hoch	Alemanha	15 ou mais
Joseph P. Franklin	EUA	15 ou mais

Thomas Quick	Sweden	15 ou mais
Albert Fish	EUA	15
Elifasi Msomi	África do Sul	15
Belle Gunness	EUA	14 ou mais
Joe Ball	EUA	14 ou mais

Robert Silveria	Hoseph	EUA	14 ou mais
William Bonin		EUA	14 ou mais
Bai Baoshan		China	14
Joachim Kroll		Alemanha	14
Marcelo Andrade	Costa de	Brasil	14

Marie Besnard	França	13 ou mais
Peter Sutcliffe	Inglaterra	13 ou mais
Randall Woodfield	EUA	13 ou mais
William Lester Suff	EUA	13 ou mais
Abdallah al-Hubal	Yemen	13
Albert DeSalvo	EUA	13

Arthur Shawcross	EUA	13
Herbert Mullin	EUA	13
Johannes Mashisne	África do Sul	13
Joseph Christopher	EUA	13
Li Wenxian	China	13
Jack Unterweger	EUA	12 ou mais

Martha Beck & Raymond Fernandez	EUA	12 ou mais
Rosemary & Fred West	Inglaterra	12 ou mais
Elton M. Jackson	EUA	12+/-
Siswanto	Indonésia	12
Sylvester Mofokeng	África do Sul	12

Joseph Vacher	França	11 ou mais
The Bender Family	EUA	11 ou mais
Anatoly Golovkin	Rússia	11
Charlie Starweather & Caril Ann Fugate	EUA	11
Clifford Robert Olson	Canadá	11
Henry Landru	França	11

Juan Rodriguez Chavez	EUA	11
Marie Alexandrine Becker	Bélgica	11
Vaughn Greenwood	EUA	11
Kenneth Allen McDuff	EUA	14 ou mais
Kenneth Bianchi & Angelo Buono	EUA	10 ou mais

Maoupa Cedric Maake	África do Sul	10 ou mais
Richard Angelo	EUA	10 ou mais
Robert Wagner, J. Buntin & Mark Haydon	Austrália	10 ou mais
Bobby Joe Long	EUA	10
"Boetie Boer" Stewart Wilken	Port Elizabeth	10

David J. Carpenter	EUA	10
Edmund Kemper III	EUA	10
Eugene V. Britt	EUA	10
Gerald & Charlene Gallego	EUA	10
Johnnie Malarkey	EUA	10
Martin Dumollard	França	10

Calvin Jackson	EUA	9 ou mais
Henry Louis Wallace	EUA	9 ou mais
Ali Reza Khoshruy Kuran Kordiyeh	Alemanha	9
Ian Brad & Myra Hindley	Inglaterra	9
Melvin David Rees	EUA	9

Peter Kurten	Alemanha	9
Andrew Urdiales	EUA	8 ou mais
Angel Maturino Resendiz	EUA	8 ou mais
Christopher Wilder	Austrália	8 ou mais
David & Catherine Birnie	Austrália	8 ou mais

Dorothea Puente	EUA	8 ou mais
Gary & Thaddeus Lewingdon	EUA	8 ou mais
Gregory Breeden	EUA	8 ou mais
Russell Ellwood	EUA	8 ou mais
Alton Coleman & Debra Brown	EUA	8
Gregory Clepper	EUA	8

Jean-Baptiste Troppmann	França	8
Keith Jesperson	EUA	8
Kendall François	EUA	8
Marie Noe	EUA	8
Reginald Christie	Inglaterra	8

Vladimir Mukhankin	Rússia	8
William Darrel Lindsey	EUA	8
Carlton Gary	EUA	7 ou mais
Dale R. Anderson	EUA	7 ou mais
Francisco de Assis Pereira	Brasil	7 ou mais
Gert van Rooyen	África do Sul	7 ou mais

Gustavo Adolfo	El Salvador	7 ou mais
Harrison Graham	EUA	7 ou mais
Ivan Robert Marko Milat	Austrália	7 ou mais
John Norman Collins	EUA	7 ou mais
Nikolai Dzhurmongaliev	Rússia	7 ou mais

Orville Lynn Majors	EUA	7 ou mais
Peter Manuel	Escócia	7 ou mais
Robert Berdella	EUA	7 ou mais
Samuel Sidyno	África do Sul	7 ou mais
Aileen Wuornos	EUA	7
Guy Georges	França	7

The Axeman of New Orleans	EUA	7
Andras Pandy	Bélgica	6 ou mais
Douglas Clark & Carol Bundy	EUA	6 ou mais
Gerald Parker	EUA	6 ou mais
Michael Ross	EUA	6 ou mais

Mohamed Ghanam	Elsayed	Egito	6 ou mais
Morris Solomon		EUA	6 ou mais
Richard Biegenwald		EUA	6 ou mais
Roman Burtsev		EUA	6 ou mais
Samuel Mfeka	Bongani	África do Sul	6 ou mais

Cleophus Prince Jr.	EUA	6
Daniel Blank	EUA	6
David Berkowitz	EUA	6
David Leonard Wood	EUA	6
David Wayne McCall	EUA	6
Debbie Fornuto	EUA	6

Ferdinand Gamper	Itália	6
Gary Ray Bowles	EUA	6
Gene Rasberry	EUA	6
Hubert Geralds Jr.	EUA	6
John Haiggh	Inglaterra	6
Loren J. Herzog & Howard Shermantine	EUA	6

Ralph Harris	EUA	6
Richard Chase Trenton	EUA	6
Rory E. Conde	EUA	6
David Selepe	África do Sul	6+/-
Danny Harolod Rolling	EUA	5 ou mais

Edson Isidoro Guimarães	Brasil	5 ou mais
Elfried Blauensteiner	Áustria	5 ou mais
George Putt	EUA	5 ou mais
Lawrence Bittaker & Roy Norris	EUA	5 ou mais
Marc Dutroux	Bélgica	5 ou mais

Marion Albert Pruett	EUA	5 ou mais
Paul Dennis Reid	EUA	5 ou mais
André Luiz Cassimiro	Brasil	5
Andrew Cunanan Phillip	EUA	5
Arthur Bishop	EUA	5
Colin Ireland	Inglaterra	5

Daniel Conahan Jr.	EUA	5
Dimitris Vakrinos	Grécia	5
Gary Evans	EUA	5
Glen Rogers	EUA	5
Jack the Ripper	Inglaterra	5
Jerome Brudos	EUA	5

Juan Chavez	EUA	5
Li Yuhui	China	5
Lyda Ambrose	Catherine EUA	5
Marthinus Stapelberg	Jakobus África do Sul	5
Nicholas Ncama	Lungisa África do Sul	5

Russel Keys	EUA	5
Samuel J. Coetzee & John F. Brown	África do Sul	5
Waneta Hoyt	EUA	5
"The Foxglove Killers"	EUA	5
"The Toledo Clubber"	Espanha	5

Thomas Lucas	Alemanha	5
Walter Hill	EUA	5
Christine Malevre	França	entre 4 e 30
George Grossmann	Karl Alemanha	4 ou mais
Joe Metheny	EUA	4 ou mais

Louis James Peoples	EUA	4 ou mais
Marin Escamilla Gonzalez	EUA	4 ou mais
Michael Lupo	Inglaterra	4 ou mais
Ricardo Caputo	Argentina	4 ou mais
Ricky Lee Green	EUA	4 ou mais
Robert Rizier	EUA	4 ou mais

Andrei Maslich	Rússia	4
Anna Zwanzinger	Alemanha	4
Anthony Balaam	EUA	4
Archie "Mad Dog" McCafferty	Escócia	4
Beverly Allit	Inglaterra	4
Cary Stayner	EUA	4

Craig Price	EUA	4
Darrel Rich	EUA	4
Donald Miller	EUA	4
Eric Elliott & Lewis Gilbert	EUA	4
Eric Matthews	EUA	4

Francisco Del Junco	EUA	4
Franz Fuchs	Áustria	4
Gerald Patrick Lewis	EUA	4
Jack Barron	EUA	4
John Martin Scripps	Sing./Can./Tail.	4
John Williams Jr.	EUA	4

Lowell Amos	EUA	4
Kathleen Atkinson	AnneInglaterra	4
Kristen Gilbert	EUA	4
Mark Antonio Profit	EUA	4
Peter Moore	Alemanha	4

Robert Arguelles	EUA	4
Robert Black	EUA	4
Thomas Piper	EUA	4
Thomas "Zoo Man" Huskey	EUA	4
Tsutomu Niyazaki	Japão	4
Wayne Adam Ford	EUA	4

Cecile Bombeck		3 ou mais
Judy Buenoano	EUA	3 ou mais
Oscar Ray Bolin Jr.	EUA	3 ou mais
Paul Bernard & Karla Homolka	Canadá	3 ou mais
Ramon Jay Rogers	EUA	3 ou mais

Robert Shulman	EUA	3 ou mais
Sean Patrick Goble	EUA	3 ou mais
Andonis Daglis	Grécia	3
Charles Meach	EUA	3
Charles Schmid	EUA	3
Floid (Todd) Tapson	EUA	3

Harvey Glatman	Murray EUA	3
Heriberto Seda	EUA	3
José Lazaro Bouchana	México	3
Joseph & Michael Kallinger	EUA	3
Michael Lee Lockhart	EUA	3

Paul Michael Stephani	EUA	3
Sean Sellers	EUA	3
Theresa Cross	EUA	3
Westley Allan Dodd	Canadá	3
William Heirens	EUA	3
Ralph Andrews	EUA	entre 2 e 20

Robert Zarinsky	EUA	entre 2 e 6
Daniel Ray Troyer	EUA	2 ou mais
Donald Leroy Evans	EUA	2 ou mais
Ed Guein	EUA	2 ou mais
Jacques Girardini	Inglaterra	2 ou mais

Victor Gant	EUA	2 ou mais
Roger Kibbe	EUA	2 ou mais
Ronald Glenn West	Canadá	2 ou mais
Gary Heidnik	EUA	2
Mary Bell	Inglaterra	2
The Kobe School Killer	Japão	2

Abel Latif Sharif	México	entre 1 e 17
Charles Pierce	EUA	1 ou mais
David Harker	Inglaterra	1 ou mais
Russel Ellwood	EUA	1 ou mais
James D. Gunning	EUA	suspeito

David Ray & Cindy Hendy	EUA	suspeitos
"The Green River Killer"	EUA s/s	48 ou mais
"O Zodíaco"	EUA s/s	37 ou mais
"Matador das Cidades Gêmeas"	EUA s/s	34
"O Monstro de Florença"	Itália s/s	14 ou mais

"Southside Slayer"	EUA s/s	12 ou mais
"The Cleveland Torso Murderer"	EUA s/s	12 ou mais
"Operação Enigma"	Inglaterra s/s	9 ou mais
"Colonial Parkway Killer"	EUA s/s	8
"I-70/I-35 Killer"	EUA s/s	8

"1-75 Killers"	EUA s/s	8
"The Lisbon Ripper"	Europa s/s	7 ou mais
"Ironman"	África do Sul s/s	7
"The Axeman of New Orleans"	EUA s/s	7
"The Tylenol Killer"	EUA s/s	7
"BTK Killer" — Bing, Torture Kill	EUA s/s	6 ou mais

"The Atteridgeville Mutilator"	África do Sul s/s	6
"Jack, o Estripador"	Inglaterra s/s	5
"OKC Serial Killer"	EUA s/s	4 ou mais
"Pomona Strangler"	EUA s/s	4 ou mais
"The Alphabet Killer"	EUA s/s	3

Apêndice 2

— Pena de Morte no Mundo

Países que Ainda Mantêm a Pena de Morte para Crimes Comuns

Afganistão Filipinas Mongólia

Algéria Gabão Myanmar

Antigua Ghana Nigéria

Arábia Saudita Guatemala Omã

Armênia Guiana Qatar

Bahamas Guínea Equatorial Rússia

Bahrain Guiné Rwanda

Bangladesh Índia San Vincent & Granadinas

Barbados Indonésia Santa Lucia

Belarus Irã Serra Leoa

Belize Iraque Singapura

Benin Jamaica Síria

Botswana Japão Somália

Burundi Jordânia Sudão

Camarões Kenia Swaziland

Casaquistão Korea do Norte Tailândia

Chad Korea do Sul Taiwan

China Kwait Tajikistan

Comoros Kyrgyzstan Tanzânia

Congo Laos Trinidad e Tobago

Cuba Lesotho Tunísia

Dominica Líbano Uganda

Egito Libéria Uzbequistão

Emirados Árabes Líbia Vietnã

Eritrea Malásia Yemen

Estado da Palestina Malawi Yugoslávia

Estados Unidos da América Marrocos Zâmbia

Etiópia Mauritânia Zimbawe

***Países que Ainda têm Pena de Morte para Crimes
Comuns, mas têm o Compromisso de não-Execução***

Bhutan Maldivias Senegal

Brunei Mali Sri Lanka

Burkina Faso Nauru Suriname

Congo Nigéria Togo

Gâmbia Papua Nova Guiné Tonga

Granada República Central Africana Turquia

Madagascar Samoa

***Países que Prevêem Pena de Morte em Circunstâncias
Especiais ou em Casos Militares***

Albânia El Salvador

Argentina Ilhas Fiji

Bolivia Israel

Bosnia-Herzegovina Latvia

Brasil⁸⁷ México

Chile Peru

Chipre

Países que não têm Pena de Morte para Nenhum Tipo de Crime

África do Sul Guiné-Bissau Nova Zelândia

Alemanha Haiti Países Baixos

Andorra Honduras Palau

Angola Hungria Panamá

Austrália Ilhas Marshall Paraguai

Áustria Ilhas Maurício Polônia

Azerbaijan Ilhas Salomão Portugal

Bélgica Inglaterra República Dominicana

Bulgária Irlanda República Slovaca

Cabo Verde Itália República Tcheca

Cambodja Kiribati România

Canadá Liechtenstein San Marino

Colômbia Lituânia São Tomé e Príncipe

Costa Rica Luxemburgo Seychelles

Croácia Macedônia Slovênia

Dinamarca Malta Suécia

Equador Micronésia Suíça

Espanha Moçambique Timor Leste

Estado do Vaticano Moldávia Turkmenistão

Estônia Mônaco Tuvalu

Finlândia Namíbia Ucrânia

França Nepal Uruguai

Geórgia Nicarágua Vanuatu

Grécia Noruega Venezuela

Apêndice 3
Pena de Morte por Estado - EUA



Apêndice 4

Frases Famosas — *Serial Killers*

— “Mesmo quando ela estava morta, ela ainda estava sendo mordaz comigo. Eu não pude fazê-la calar a boca.” — *Ed Kemper* (sobre sua mãe)

— “Você tem somente poucos segundos. Você tem que lutar como o diabo, porque as chances são de que você seja assassinado.”

— *John Douglas* — FBI (sobre a vítima)

— “Eu quero dominar vida e morte.” — *Ted Bundy*

— “Se eu as matasse, você sabe, elas não poderiam me rejeitar como homem. Isto é mais ou menos produzir uma boneca a partir de um ser humano... e levar adiante minhas fantasias com uma boneca, uma boneca humana. Com uma garota, fica muita coisa em seu corpo mesmo sem a cabeça. Obviamente, a personalidade desaparece.” — *Ed Kemper*

— “Sexo não deveria existir.” — *John Haigh*

— “Eu estava morto com relação às mulheres. Eu não sentia que elas precisassem existir. Eu as odiava, e queria destruir cada uma que eu pudesse encontrar. E estava fazendo um bom trabalho...” — *Henry Lee Lucas* (forçado pela mãe a se vestir como mulher enquanto era criança)

— “Minha paixão era tão grande que eu queria possuí-la. Eu queria comê-la. Se eu o fizesse, ela seria minha para todo o sempre.” — *Issei Sagawa* — canibal japonês

— “Conforme eu cresci eu entendi que eu era diferente das outras pessoas, e o modo de vida na minha casa era diferente da casa dos outros... Isso estimulou minha introspecção e estranhos questionamentos mentais.” — *John Haigh*

— “Eu fiz a minha fantasia de vida mais poderosa do que a minha vida real.” — *Jeffrey Dahmer*

— “A fantasia que acompanha e suscita a antecipação que precede o crime é sempre mais estimulante que a seqüela imediata do crime em si.” — *Ted Bundy*

— “Quando você trabalha duro para fazer alguma coisa corretamente, você não quer esquecê-la.” — *Ted Bundy* (quando perguntado por que tirava fotos de suas vítimas)

— “Eu sou o mais frio filho da puta que você jamais vai encontrar. Eu apenas gostava de matar, eu queria matar.” — *Ted Bundy*

— “Eu somente estava me suicidando, mas sempre quem morria era o espectador.” — *Dennis Nielsen*

— “Um palhaço pode ‘se sair’ só como assassino.” — *John W. Gacy*

— “Eu causei sonhos que levaram à morte. Este é o meu crime.”
— *Dennis Nilsen*

— “Eu dei início ao caminho da morte, e a depressão de um novo tipo de convívio.” — *Dennis Nilsen*

— “E aí eu xinguei, xinguei e xinguei. Como, em nome do céu, eu pude ter feito qualquer dessas coisas?” — *Dennis Nilsen*

— “Eu gostaria de poder parar, mas não pude. Eu não tinha nenhuma outra emoção ou alegria.” — *Dennis Nilsen*

— “Eu sempre tive fetiche por assassinato e morte.” — *David Berkowitz*

— “Eu não ia roubá-la, ou tocá-la, ou estuprá-la. Eu só ia matá-la.” — *David Berkowitz*

— “Eu não queria machucá-los, eu somente queria matá-los.” — *David Berkowitz*

— “Estou profundamente magoado por você ter me chamado daquele que ‘odeia mulheres’. Eu não sou. Mas eu sou um monstro. Eu sou o Filho de Sam, eu sou um capetinha.” — *David Berkowitz*

— “Eu não tenho desejo algum de me reformar. Meu único desejo é de reformar as pessoas que tentam me reformar, e eu acredito que o único meio de reformar as pessoas é as matando. Minha máxima é: roube todos, estupe todos e mate todos.” — *Carl Panzram*

— “Eu posso ser um pouco diferente...” — *George Joseph Smith*

— “O que eu fiz não foi por prazer sexual. Ao invés disso, me trouxe paz de espírito.” — *Andrei Chikatilo*

— “Eu realmente ferrei tudo desta vez!” — *Jeffrey Dahmer* (para seu pai)

— “Eu? Eu não machucaria nenhuma ‘popozuda’. Eu amo ‘popozudas!’” — *Albert DeSalvo*

— “Todo homem tem seu próprio gosto. O meu é cadáveres.” — *Henri Blot*

— “Eu não pude impedir o fato de ser um assassino, não mais que um poeta consegue impedir a inspiração para cantar. Eu nasci com O MAL sendo meu patrocinador ao lado da cama onde fui ‘cuspidor’ para dentro do mundo, e ele tem estado comigo desde então.” — *Dr. H.H.Holmes*

— Durante uma entrevista, respondendo à pergunta “O que você pensa quando vê uma menina bonita andando pela rua?”, a resposta

honestas: “Eu imagino como sua cabeça ficaria em um espeto”. — *Edmund Kemper*

— “As mulheres que eu matei eram prostitutas bastardas nojentas que estavam sujando as ruas. Eu só estava limpando um pouco o lugar.” — *Peter Sutcliffe*

— “Nenhum sentido faz sentido.” — *Charles Mason*

— “Olhe para esta coisa inútil. O que você pensa que eu poderia fazer com isso (referindo-se à sua genitália)?... Eu não sou um homossexual... Eu tenho leite nos meus peitos; eu vou dar à luz!” — *Andrei Chikatilo*

— “Eu queria ver este homem que pôde rasgar o estômago do meu filho e então encher sua boca de lama para que ele não pudesse gritar. Eu queria saber como era sua aparência, para saber qual mãe pôde suportar este tipo de animal.” — *Nina Beletskaya*, mãe de uma vítima de Chikatilo

— “Você não pode afirmar que aprecia ou entende Picasso sem estudar suas pinturas. O projeto de trabalho de um *serial killer* bem-sucedido é tão cuidadoso quanto o de um pintor que planeja uma tela. Eles consideram o que fazem como ‘sua arte’.” — *John Douglas*
— FBI

Lista de Objetos Encontrados na Casa de Jeffrey Dahmer:

1. Crânios escalpados de cabelo e pele, arrumados nas prateleiras da geladeira.

2. Um balde cheio de mãos amputadas.

3. Um torso na pia da cozinha, rasgado do pescoço até a pélvis.

4. Um pote contendo diversos pênis em conserva.

5. Um pênis fatiado sobre a pia.

6. Outros pênis fatiados numa lata de lagosta na geladeira.

7. Dois tonéis com capacidade de 189,5 litros repletos de torsos humanos apodrecendo.

Um Pequeno Relato

Antes que você entre na fila dos que já me perguntaram, com olhos esbugalhados e uma indisfarçável desconfiança, por que eu escolhi um assunto tão “chocante”, “mórbido”, “sanguinário”, “cruel”, “doloroso”, “perigoso”, “pungente”, “angustiante”, “desumano”, “problemático”, “assustador”, “patológico” e outros tantos adjetivos utilizados para explicitar a perplexidade que um crime sem motivo lógico pode causar; aqui vai uma pequena história...

A minha curiosidade, desde muito, muito pequena, foi aguçada por três pessoas da família: meu pai, que fazia jogos de lógica e respondia perguntas “impossíveis” com a maior paciência do mundo, minha mãe, apaixonada por música e poesia, com quem sempre vou compartilhar esses assuntos, e um tio, que me sentava em seu peito, todos os domingos, e me fazia decorar respostas para as perguntas mais importantes do mundo: “Quem é a rainha da Inglaterra? Quem inventou o telefone? Quem inventou a luz elétrica? Quais presidentes dos EUA foram assassinados?”. Cada um, a seu

modo, me abriu as portas para a vontade de saber mais. A vontade de contar histórias veio de uma tia, que paralisa a platéia quando conta um acontecido!

Já na adolescência, meu grande sonho era estudar medicina. Mas não qualquer especialidade. O que realmente me interessava era a medicina legal. Pode ser porque, naquele tempo, eu assistia a um seriado na TV do qual nem me lembro o nome, onde um médico legista era o herói absoluto de todos os episódios. Pode ser também porque o Ernesto, meu professor de ciências, era um apaixonado por biologia e passava para nós a "curiosidade" do funcionamento de uma máquina tão perfeita como o corpo humano. Pode ser ainda pela minha querida e inesquecível Dona Nil, professora de português, que me ensinou a simplesmente adorar ler e escrever... E através dos livros, quantos crimes eu resolvi!!! Pode ser até por causa do primo mais velho, que sonhava em fazer medicina, e me levou até a faculdade que estudava só para que eu pudesse assistir a aulas de anatomia ao vivo e em cores...

Enfim, quando finalmente parecia estar tudo preparado, e uma aluna não tão aplicada fazia 2º Colegial-Biológicas, além de escrever poesias e histórias nas horas vagas, eu conheci o amor da minha vida... Jacques Feller, engenheiro da Poli, brilhante profissional e amigo sensível de todas as horas.

Muitos disseram que era muito cedo... 16 anos, tanto para aproveitar. Outros me disseram: "vá em frente, se você enjoar, termina!". Enfim, estou aqui contando isso exatos 25 anos depois, ainda casada com o mesmo Jacques, com dois filhos adolescentes, Fernando e Marcelo, e ainda feliz com as escolhas que fiz. Obviamente, nem preciso explicar que, para a vida familiar dar certo, necessitava grande dedicação, e valeu a pena cada minuto. Então... fui fazer Administração de Empresas na FGV, trabalhei o que pude, entre acertos e desacertos, mas a história de escrever sempre continuou dentro de mim.

Uma das pessoas que nunca deixaram esta paixão morrer foi a Tia Luiza Kfour⁸⁸, diretora da escola das crianças, que desde que me conheceu, na "minha" adaptação quando o Fernando entrou no maternal, não cansava de ler meus textos e me incentivar a continuar. Até livros tipo "manuais de redação" ela me deu...

Durante algum tempo, também escrevi roteiros para vídeos institucionais, onde pude juntar o prazer de escrever com o conhecimento adquirido na carreira profissional. Mas não bastava.

Aos 39 anos e 11 meses, acendeu a luz do meu cérebro! Cheguei para o “Maridão” (assim mesmo, com maiúscula e no aumentativo), e declarei;

— Quer saber? Aos 40 anos, de presente de aniversário, nem jóia, nem carro, nem viagem... Quero um ano de aluguel pago numa sala pequena, perto de casa, sem telefone, papagaio ou assuntos domésticos, de preferência com computador. Não pretendo chegar na velhice e me perguntar o que teria sido se eu... Vamos ver de uma vez se esta história de escrever é fantasia ou realidade.

Ele topou na hora. A família toda apoiou.

Claro que, exceto pelas reclamações da falta da minha presença, todos foram peças principais na estrada para alcançar meus objetivos.

Algumas dúvidas só seriam realmente dissipadas ao longo deste ano. Será que eu iria conseguir trabalhar sem patrão, remuneração ou horário específico? Como começar? Como terminar?

O assunto já estava escolhido desde a adolescência. A grande espiritualidade que me foi passada pelos meus pais, incansáveis nas explicações de outras vidas, passadas e futuras, na fé inabalável que me ensinaram a ter, na caridade de todos os seus gestos e atitudes, nas dezenas e dezenas de pessoas que ajudaram... Junte isso ao amor a medicina legal, e terá a resposta para o motivo deste livro:

OS MORTOS TÊM QUE PODER CONTAR O QUE LHES ACONTECEU, TÊM O DIREITO À VERDADE E À JUSTIÇA.

Além dos médiuns, que costumam ter pouca credibilidade, os únicos aptos a descobrir o mistério de uma morte inexplicada são os médicos legistas, os cientistas forenses, a psiquiatria e a psicologia, todos aqueles dedicados ao conhecimento profundo da crueldade e violência que é inerente a todo ser humano.

Este livro demorou quase dois anos para ficar pronto, pela dificuldade de pesquisa e pela minha própria inexperiência, vencidas

pela grande, vontade de contar histórias para leigos que, como eu, não entendem onde nasce o desejo de matar.

Nos textos pesquisados, quase na totalidade em inglês, pude contar com meu amigo tira-dúvidas , Renato Aizenstein.

Os assuntos que tenho vontade de abordar são tantos, que tive que dividi-los em vários projetos.

Inicialmente, os *serial killers* brasileiros entrariam neste primeiro livro, até que pela "pouca paciência" da diretora do Museu do Crime de São Paulo, fui encaminhada ao Museu do Tribunal de Justiça de São Paulo, pelas mãos do Desembargador Djalma Rubens Lofrano. Em vez de castigo, recebi o melhor presente do mundo: a amizade e boa vontade da Bete, Cristina e Hevlim, e a inestimável colaboração do Desembargador Emeric Lévy, aquele que chamo de minha enciclopédia viva , o maior poço de conhecimento que tive contato nesta vida. O pessoal do museu me "pegou no colo". Aprendi tantos caminhos de pesquisa através das mãos deles, que os *serial killers* brasileiros já merecem um livro inteiro, e não apenas capítulos. Hoje, toda a Justiça brasileira tem me aberto as portas, para que eu possa contar mais "causos" interessantes.

Quero deixar claro que meu papel não é julgar a justiça ou o ser humano. Eu conto o caso, você decide o que pensa a respeito.

As "Mulheres que Matam" vão ter que esperar mais um pouco... Espero que não muito!

Não, não pretendo matar ninguém!!! Essa, na verdade, é a pergunta que todos querem fazer, e alguns até fizeram...

Só escreve sobre morte sem medo quem está feliz com a vida, e pode contar histórias que nunca seriam descobertas ou comprovadas se não fosse a Ciência.

Qualquer que seja o motivo espero que este livro possa entreter os leigos, chamar a atenção daqueles que podem investir na ciência

forense para solução de crimes e ajudar as almas injustiçadas a ter suas histórias esclarecidas.

Agradeço aqui todos aqueles que colaboraram, muito ou pouco, me incentivaram, foram meus "leitores cobaias", meus conselheiros, meus professores...

Agradecimentos especiais e profissionais vão para duas pessoas, que não tinham nada a ver com isso e se tornaram partes indispensáveis nos meus trabalhos: Suzana Fonseca, que foi incansável na troca de idéias, revisões infindáveis até horas tardias da noite, conselheira nas decisões difíceis, a chamada "pau pra toda obra", e Fátima Milnitzky, a psicanalista e amiga mais paciente ao mundo, capaz de transformar em palavras que eu pudesse entender os conceitos psiquiátricos e psicológicos complicadíssimos com os quais tive que lidar.

Ilana Casoy

São Paulo, 12 de setembro de 2001.

Bibliografia

WASHINGTON POST

— *3 Face Death Penalty*

From news services and staff reports

May 16, 1979; Page A7

— *Richard Trenton Chase was sane when he murdered*

From news services and staff reports

May 15, 1979; Page A11

— *Jury Recommends Death For Calif. 'Vampire Killer'*

From news services and staff reports

May 18, 1979; Page A10

— *THE STUFF OF WHICH MOVIES ARE MADE* SUSAN COHEN

August 9, 1992; Page w8

— *S. AFRICANS ARREST SUSPECT IN KILLINGS*

By Lynne Duke

Column: AROUND THE WORLD

Friday, October 20, 1995; Page A23

— The Washington Post, Rochester Indictment, 01-24-1990, pp
16.

ARTIGOS:

— *The Criminal Behavior of the Serial Rapist*

By Robert R. Hazelwood, M.S.

Special Agent Behavioral Science Instruction/Research Unit
Quantico, VA and

Janet Warren, D.S.W.

Institute of Psychiatry and Law University of Virginia
Charlottesville, VA

— *The Art and Science of Criminal Investigation*

VIOLENT CRIME SCENE ANALYSIS: MODUS OPERANDI,
SIGNATURE, AND STAGING

By John E. Douglas, Ed.D. Special Agent Chief of the
Investigative Support Unit FBI Academy and

Corinne Munn

Served as Honors Intern FBI Academy

This Article Originally Appeared in the FBI Law Enforcement Bulletin, February 1992.

— Aggression Types and Criminal Behavior

by: Michael W. Decaire, HBS Sc (Candidate)

— PROFILE OF TYPICAL CHILD SEXUAL ABUSERS

FROM: L. C. McDonald-Miszczak (personal communication, March 25, 1997)

— Forensic Psychologists vs. Forensic Psychiatrists: An analysis of forensic

evaluations by Michael W. Decaire HBSsc (Candidate)

— FORENSIC PSYCHOLOGY & FORENSIC PSYCHIATRY: AN

OVERVIEW

From a brochure from the Ontario Psychology Association:

— The Impressions of a Man:

An Objective Forensic Guideline to Profiling

Violent Serial Sex Offenders by

Brent E. Turvey

March, 1995

Note: Brent E. Turvey, MS is a full partner of Knowledge Solutions, LLC. He can be reached for comment or consultation by contacting: Knowledge Solutions; 1271 Washington Ave #274; San Leandro, CA; 94577-3646; Phone (510) 483-6739; Email: bturvey@corpus-delicti.com

— Anatomy of a Lust Murder

By Vernon J. Geberth, M.S., M.P.S.

Former Commander, Bronx Homicide, NYPD

©1998 Vernon J. Geberth, Practical Homicide Investigation LAW
and

ORDER Magazine, Vol. 46, N^o 5, May 1998

— January, 1998

Title: "Deductive Criminal Profiling: Comparing Applied Methodologies Between Inductive and Deductive Criminal Profiling Techniques" Turvey, B., "Deductive Criminal Profiling: Comparing Applied Methodologies Between Inductive and Deductive Criminal Profiling Techniques," *Knowledge Solutions Library*, January, 1998, Electronic Publication, URL: http://www.corpus-delicti.com/Profiling_law.html

— PSYCHOLOGICAL PROFILLING

Copyright Terry Hayden 1997. Produced for The University of London, Diploma in Criminology, Final Project.

— IS THERE ANY SOCIAL PSYCHOLOGY IN THEORIES OF AGGRESSION ??

Copyright Terry Hayden 1997. Produced for The University of London,

Diploma in Criminology, Final Project.

— CRIME & PERSONALITY

WHERE HAVE WE BEEN, WHERE ARE WE NOW, WHERE ARE WE GOING? Copyright Terry Hayden 1997. Produced for The University of London, Diploma in Criminology, Final Project.

— BEHAVIOR EVIDENCE:

UNDERSTANDING MOTIVES AND DEVELOPING SUSPECTS IN UNSOLVED SERIAL RAPES THROUGH BEHAVIORAL PROFILING TECHNIQUES

by Brent E. Turvey, MS June, 1996

Note: Brent E. Turvey, MS is a full partner of *Knowledge Solutions, LLC*. He can be reached for comment or consultation by contacting: Knowledge Solutions; 1271 Washington Ave #274; San Leandro, CA; 94577-3646; Phone (510) 483-6739; Email: bturvey@corpus-delicti.com

— Surviving the Experts

© Amy Goldman/Serial Killer Info Site, 1997-99

— The Importance of Victimology in Criminal Profiling

© Serial Killer Info Site ~ May 28, 1997 by Amy Goldman

— PET STUDY: LOOKING INSIDE THE MINDS OF MURDERERS

“Selective reductions in prefrontal glucose metabolism in murderers,” Adrian Raine, Monte S. Buchsbaum, Jill Stanley, Steven Lottenberg, Leonard Abel, and Jacqueline Stoddard, *Biol. Psychiatry*, 36, September 1, 1994. Address: Adrian Raine, Department of Psychology, S.G.M. Building, University of Southern California, Los Angeles, CA 90089-1061.

— PSYCHOPATHS: FINDINGS POINT TO BRAIN DIFFERENCES
“Emotion and temperament in psychopathy,” Christopher J. Patrick, *Clinical Science*, Fall 1995, pp. 5-8; “Emotion and psychopathy:

startling new insights," *Psychophysiology*, 31, 1994, pp. 319-330; and "Psychopathy and startle modulation during affective picture processing: a replication and extension," Gary K. Levenston, Christopher J. Patrick, Margaret M. Bradley, and Peter J. Lang, *SPR Abstracts*, August 1996, p. S55. Address for all: Christopher J. Patrick, Department of Psychology, Florida State University, Tallahassee, Florida 32306-1051.

— and —

"Anomalous perceptual asymmetries for negative emotional stimuli in the psychopath," Rodney Day and Stephen Wong, *Journal of Abnormal Psychology*, Vol. 105, NM, 1996, pp. 648-652. Address: Rodney Day, Calder Centre, 2003 Arlington Avenue, Saskatoon, Saskatchewan, Canada S7K 2H6.

— and —

"Psychopathy: a clinical construct whose time has come," Robert D. Hare, *Criminal Justice and Behavior*, Vol. 23, N° 1, March 1996,

pp. 25-54. Address: Robert D. Hare, Department of Psychology, 2135 West Mall, University of British Columbia, Vancouver, British Columbia, Canada V6T 1Z4.

— December 12, 1995 Killer instincts: FBI's own 'Sherlock Holmes' gets

inside the head of serial murderers — By Deb Price / The Detroit News

— TIME Domestic — April 4, 1994 Volume 143, N° 14 — CRIME

DANCES WITH WEREWOLVES America's fascination with serial killers is reaching an all-time high — and may be fueling their deadly deeds

BY ANASTASIA TOUFEXIS Reported by Lisa H. Towle/Raleigh and
Richard Woodbury/Huntsville, with other bureaus

— ELECTRONIC MAIL & GUARDIAN

Johannesburg, South Africa. September 30, 1998

It's muti-murder not serial murder, says expert

— Amid circus, a handful stood fast

Onlookers: Some came for the spectacle, others for the principle

By Scott Koeneman — Stateville Correctional Center — Joliet
Prison

— Gacy killed dozens, and maybe was 'good for more than 33'

By Terry H. Burns — Stateville Correctional Center — Joliet Prison

— Cook: No honor in preparing last meal

By Mark Feldmann — Stateville Correctional Center — Joliet
Prison

— Gacy marks 100th state execution Illinois death row

By Tim Novak — SCRIPPS HOWARD NEWS SERVICE — Stateville
Correctional Center — Joliet Prison

— Gacy meets death at midnight

Execution: Unless last-minute appeals succeed, the killer of 33
will meet

a drug-induced death

By Terry H. Burns — Stateville Correctional Center — Joliet Prison

— He has money to burn Gacy's works

Art auctioned: Bidder acts on burning desire to turn executed killer's

works to ash

By Chris Julka COPLEY NEWS SERVICE — Stateville Correctional

Center — Joliet Prison

— Just what goes on in a mass killer's mind?

Answers sought: Researchers plan to look at Gacy's brain for flaws

By Terry Burns COPLEY NEWS SERVICE — Stateville Correctional Center — Joliet Prison

— The boggyman in all our nightmares

By John Whiteside — Stateville Correctional Center — Joliet Prison

— Post-Furman Botched Executions

by Michael L. Radelet

updated by the Death Penalty Information Center

— TIME Domestic — May 23, 1994 Volume 143, N° 21

CRIME

A TWIST BEFORE DYING A snafu at the execution of a serial killer inflames the debate about humaneness and capital punishment

BY DAVID SEIDEMAN

— The Death Penalty

by J.J. Maloney — Jan. 30,1999/Revised Feb. 8,1999 — Crime Magazine

— Execution Methods Used by States

Methods Of Execution By State

A report compiled by the Bureau of Justice Statistics, Capital Punishment 1995,

— Post-Furman Botched Executions

by Michael L. Radelet, University of Florida

— GOLDSEA I TEA FEATURES

THE CHAMBER

By abducting a dozen women and abusing them as sex slaves before

brutally killing them Charles Ng beat O.J. Simpson for the title of Most

Expensive Defendant in California history.

by Dan Turner

— Features News: Friday, October 31, 1997

Love those killers: Americans' fascination with the serial psychopath by Melanie McFarland — Seattle Times staff reporter

— Serial killers often leave a 'signature'

Friday, May 19, 2000

By SCOTT SUNDE

SEATTLE POST-INTELLIGENCER REPORTER

— FBI PROFILE OF SCARBOROUGH RAPIST

DESCRIPTION: INVESTIGATIVE ANALYSIS, F.B.I. VIRGINIA
NOVEMBER 17, 1988

— PROFILING EXTRACT FROM GRT SEARCH WARRANT

Niagara Regional Police

In the case of Paul BERNARDO

Executed on February 19th, 1993 at:

57 Bayview Drive, Niagara

— June, 1995

Title:

"AN OBJECTIVE OVERVIEW OF AUTOEROTIC FATALITIES"
Turvey, B., "AN OBJECTIVE OVERVIEW OF AUTOEROTIC
FATALITIES," *Knowledge Solutions Library*, June, 1995, Electronic
Publication, URL: <http://www.corpus-delicti.com/auto.html>

— Brent E. Turvey, M.S.

November, 1997

Title:

“The Role of Criminal Profiling in the Development of Trial Strategy”

Turvey, B., “The Role of Criminal Profiling in the Development of Trial

Strategy,” *Knowledge Solutions Library*, November, 1997,
Electronic Publication, URL: <http://www.corpus->

delicti.com/Trial_Strategy.html

— The Profiler: Law enforcement's new darlings blend psychology, computers, probabilities and suppositions to get inside the minds of serial killers

by Richard Seven

Seattle Times staff reporter — Features News : Sunday, April 13, 1997

— FBI points to serial killer in 4 cases

Women were found dead in old oil field

By Associated Press

Published 09-30-1993

— Local News: Sunday, February 22, 1998

'Ted files' pose dilemma on disclosure of records

by James L. Eng

The Associated Press

— Sidebar:

Deadly impersonation Cop ruse popular among serial killers.

By Judith M. Gallman

Arkansas Times. August 1, 1997

— Anatomy of a Killer

FBI Profilers Turn Evidence Into a Picture of Suspects

By Jenifer Joseph

ABCNEWS.com

— Brutal World

Serial Killers Prey on the Weak. First in a Two-Part Series

By Edward Mazza

ABCNEWS.com

— How do serial killer suspects elude police?

June 24, 1999

Web posted at: 10:14 p.m. EDT (0214 GMT)

From Correspondent Richard Roth

— To Kill and Kill Again

— Caníbales modernos

Larry Wichman

— The Psychopaths Among Us

The Misbegotten Son: A Serial Killer and His Victims. The True Story of Arthur J. Shawcross, by John Olsen reviewed by Andrew Vachss originally published in the New York Times Book Review, March 14, 1993

ARTIGOS COMPRADOS NEWSDAY

— Search for a Serial Killer's Signature Police say cases are hard to track

By Jim Mulvaney. STAFF WRITER

Copyright 1993, Newsday Inc.

Jim Mulvaney, Search for a Serial Killer's Signature Police say cases

are hard to track, 07-04-1993, pp 45.

— Kinsey Wilson, Arrest in Serial Murders Paroled killer charged in deaths

of 8 women in Rochester area, 01-06-1990, pp 07.

— THE ASSOCIATED PRESS, Ex-Con Guilty in Serial Killings Jury rejects

insanity plea, 12-14-1990, pp 25.

— AP, Slaying Arrest Spurs Return of Prostitutes, 01-11-1990, pp 04.

— 9th Murder Charged - AP, 9th Murder Charged, 01-12-1990, pp 16.

— Plea in Murder Case

Compiled from News Dispatches, Plea in Murder Case, 01-25-1990, pp 16.

— Letta Tayler, Insanity Tough To Establish In Mass Killings, 07-02-1993, pp

110.

— Rob Polner, *Haunting Similarities* Cops draw parallel with killer Shawcross, 06-30-1993, pp 20.

Webgrafia

1992 FBI Report- Satanic Ritual Abuse	www.skeptictank.org/fbi1992.htm
4Anything Network	4crime.4anything.com/
Absurd Crimes	www.editionnine.deathrowbook.com/

Adopted Serial Killers	www.geocities.com/Wellesley/9950
APB News	www.apbnews.com/
America's Death Row Inmates Pages	members.xoom.com/ccadp/
Anchorage Daily News	www.adn.com/
Arizona Central Arizona Republic Archives	newslibrary.krmediastream.com/

Artigos Vários	www.corpus-delicti.com
Asian American Profiles	goldsea.com/Personalities/personalities.html
A-Z of Serial Killers	www.simonsays.com/
Ciência Forense	www.forensic-science.com/
Circulus Vitiosus	www.tedric.de/glorija/killer.html
CNN	www.cnn.com

Court TV	www.courttv.com/trials
Corrections Offender Information Network	www.dc.state.fl.us/ActiveInmates/ inmatesearch.asp
Crime About	www.crimeabout.com/
Crime Times	www.crime-times.org/
Criminal Profiling Research	www.criminalprofilling.ch/introduction.html

Death Penalty Information Center	www.essential.org/dpic/
Depoimentos de Psicopatas Famosos	orbita.starmedia.com/~skailer/
Electric Library	www.elibrary.com/
El Nuevo Herald Digital	www.miami.com/elnuevoherald/
Famous American Trials	www.law.umko.edu/faculty/projects/triale/triale.html

Federal Bureau of Investigation	www.fbi.gov/
Folha de São Paulo	www.folha.com.br/
Galeria Ebay	ebay.go.com
Gallery of Rogues	hometown.aol.com/hmudget/page/index.htm
Guardian Unlimited Special Reports Police Investigate	www.guardianunlimited.com.uk/

Illinois Death Penalty	www.illinoisdeathpenalty.com
Instituto Gutemberg- Jornais dos EUA	www.igutemberg.org/joreua.html
Internet Crime Archives	www.mayhem.net/
Into the Mind of a Serial Killer	members.nbc.com/piperm
Investigative Psychology-	www.liv.ac.uk/AppliedPsychology/irrv/irrvhome.html

University of Liverpool	
Investigator's Guide to Allegations of "Ritual" Child Abuse	www.astraeasweb.net/religion/lanning.html
It All Began With Animal Abuse	www.netexpress.net/~parallax/serialkillers.html
Livros	www.amazon.com
Livros: Catalogue of Death	serial-killers.virtualave.net/

Los Angeles Times	www.latimes.com/
Mayhem's House of Madmen	members.tripod.com/wayhem44/main.html
Media Names for Serial Killers	locals.wilmington.net/jbailey/index.html
Medford Mail Tribune, Southern Oregon	www.mailtribune.com/
MidSouth Justice	www.midsouthjustice.org/

Mitch's House of Madness	www.geocities.com/Pentagon/8385
Modus Operandi — Serial Killers	www.fortunecity.com/roswell/streiberg/273
Murder	zombie.horrorseek.com/horror/drlarry/mainl.html
Murdere's Row	www.angelfire.com/ta/darkvisions/index.html
Murder, Inc.	www.lasecrets.com/MurderInc/

Murder in UK	www.ferryhaiden.free-online.co.uk/
National Archives Criminal Justice Data	www.icpsr.umich.edu/NACJD/home.html
Prison Law Page	www.prisonwall.org/
Prophet's Haunted Webpage	www.geocities.com/Area51/Cavern/3987/main2.html
Revista Época OnLine	www.epoca.com.br/
Revista Veja	vejaonline.uol.com.br/

Robert K. Ressler	www.robertkressler.com/
Royal Canadian mounted Police's	www.rcmp-grc.gc.ca/
San Diego Union Tribune	www.uniontrib.com/
San Francisco Chronicle	www.sfgate.com/wais/search/
Serial Homicide	www.geocities.com/Sunset/Strip/Towers/9590/

Serial Homicide — Case of the Day	www.serialhomicide.com/
Serial Killer	www.serialkiller.com.br/
Serial Killer Archive	www.geocities.com/Area51 /Aurora/3188/ archive.html
Serial Killer Art For Sale	www.lowbrowartworld.com/
Serial Killer Central	www.angelfire.com/oh/yodaspag/

Serial Killer Main's Domain	www.campbelcounty.com/~doker/serial.html
Serial Killer of the Month	www.geocities.com/CapeCanaveral/1682/Monthly.html
Serial Killer with Matt	go.to/smm
Serial Killer — A Growing Menace	killersdomain.virtualave.net/skindex.html
Serial Killers	www.geocities.com/Pentagon/8362/

Serial Killers	www.macalester.edu/~psych/whatap/UBNRP/serialkiller/
Serial Killers	www.ronmitchell.com/
Serial Killers — Case Studies	www.gateway.to/murder/
Serial Killers Index	www.geocities.com/Area51/shadowlands/4077
Serial Killers — Into the Mind of Madman	www.autobahn.mb.ca/~mustarda/serial.html

Serial Murder Through the Looking Glass	www.serial-killers.virtualave.net/
Shy's Cyber Chamber	www.shyberchamber.com/-210.50.20.78
Specific Serial Killers	members.tripod.com/~Serialkillr/SerialKillerExposed/specklinks.html
Staring Into Eyes of a Killer	www.geocities.com/Sunset Strip/Towers/9590/
The Associated Press Photo Arquivo	photoarchive.ap.org/

Ted Bundy	members,tripod.com/~Steve Odwyer
The Boston Globe	www.globe.com/
The Boston Globe Archives	www.globe.com/globe/search
The Crime Library	www.crimelibrary.com/
The Electric Chair	www.theelectricchair.com

The LaPorte County public Library Homepage	www.lc-link.org/libraries/lcpl/lcpl_1.html
The London Times	www.the-times.co.uk/
The Miami Herald Online	www.miami.com/herald
The Modesto Bee	www.modbee.com/
The National Center for Victims of Crime	www.ncvc.org

Theodore Bundy Vistims	www.televar.com/~mndcrime/bundy2.html
The Other Side od the Wall	www.prisonwall.org/
The Scratchin' Post Serial Killers Archive	www.tdl.com/~Kitty/crimes.html
The Serial Killer info Site	www.serialkillers.net/
The Strange	www.the-strange.com/jwg/

The University of Melbourne- Austrália	www.unimelb.edu.au
The World Wide Serial Killer Homepage	hosted.ray.easynet.co.uk/serial-killer/
The Zodiac	www.zodiackiller.com/
Time Magazine	www.time.com/time
TimePix	www.timepix.com/

Times-Mail Bedford, Indiana	www.tm-news.com/stories
Tracy's Serial Killer Information Page	cob250.dn.net/members/trcycrpntr
Trials	www.county.com/trials/
Union Tribune	www.uniontrib.com/news/
USA Today	www.usatoday.com/

Washington Post	www.washingtonpost.com/
Velvet Death's Window to the Soul...	www.geocities.com/Area51/Corridor/5231/

"A maior alegria á *chorar de parceria...*"

Agradecimentos especiais aos parceiros de todas as horas:

— Jacques Feller

— Fernando Feller

— Marcelo Feller

— Júlio e Estella Casoy

— Suzana Fonseca

— Dr. Percival de Souza

— Rodolfo Gamberini

— Cláudio José Dias Rego

— Erik Gomes de Almeida

— Copiadora VLS

— Romeu Rizzo

— Éder de Araújo

DAVID LOHR — www.serialkillerarchive.com Várias fotografias utilizadas neste livro foram gentilmente cedidas por David Lohr, escritor de crimes reais especializado em *serial killers* e *mass murders*, ganhador de vários prêmios jornalísticos nos EUA.

TOM VOIGHT — www.zodiackiller.com Grande estudioso do caso Zodíaco. Permitiu o uso das fotografias de seu site.

¹ F.B.I: Federal Bureau of Investigation — órgão americano responsável por todas as investigações criminais federais.

² Dr. Joel Norris — PhD. em Psicologia e escritor.

³ *Enurese*: incontinência urinária sem conhecimento, micção involuntária, inconsciente.

⁴ *Piromania*: mania de atear fogo.

⁵ Crimes ocorridos na cidade de Portland, Oregon, nos E.U.A..

⁶ Crimes ocorridos na cidade de Salem, Oregon, nos EUA.

⁷ Ex-agente da Unidade de apoio à Investigação do F.B.I.

⁸ Síndrome de Estocolmo: caracteriza-se por três sintomas principais, manifestados pelas pessoas que se envolvem num evento crítico (e não apenas pelos reféns, como muitos pensam): sentimentos positivos do refém ou vítima em relação ao captor, sentimentos positivos do captor em relação ao refém ou vítima e sentimentos negativos do refém ou vítima em relação às autoridades que gerenciam a crise. O nome se origina de um evento crítico ocorrido em Estocolmo, na Suécia, em 1973. Dois assaltantes (Jan Olson e Clark Olofsson) mantiveram por uma semana seis pessoas como reféns, presas dentro do cofre do Banco de Crédito de Estocolmo. Após a liberação, manifestaram grande hostilidade contra os policiais e defenderam arduamente os bandidos que os agrediram e humilharam, além de pagar por sua defesa. Afinal, deviam suas vidas à generosidade dos bandidos...

⁹ Artigo "Impulsivity, Sensation-seeking: genetic tie seen" — Depto. Psicologia da Universidade de Minnesota.

¹⁰ Dr. Paul C. Bernhardt — Artigo "High Testosterone, Low Serotonin: Double Problem?" — Department of Educational Psychology, University of Utah.

¹¹ Dr. Christopher J. Patrick — Artigo "Psychopaths: findings Point to Brain Differences" — Department of Psychology Florida State University.

12 Fotografia da Ficha Penitenciária.

13 Dr. Dominique LaPierre — Artigo “The Psychopathic Brain: New Findings” — Psychologie UQAM — Montreal, Canadá.

14 Dr. Adrian Raine — Professor de Psicologia da Universidade do Sul da Califórnia.

15 Dr. Pavlos Hatzitaskos — Artigo “Doctors Miss Treatable Problems in Violent Offenders” — Juvenile and Family Court Journal/1994 — New York University School of Medicine.

16 Análise das Evidências de Comportamento.

17 NCAVC — National Center for the Analysis of Violent Crime.

18 VICAP — Violent Criminal Apprehension Program.

19 *Voyeurismo*: perversão na qual a satisfação sexual é procurada através da visão de cenas consideradas eróticas pelo agente.

20 Ronald M. Holmes, professor de administração de justiça na Universidade de Luisville, Ky.

21 Brent Turvey, Psiquiatra Forense americano.

22 Análise das evidências comportamentais.

23 Caso retirado do artigo “Deductive Criminal Profiling: Comparing Applied Methodologies Between Inductive and Deductive Criminal Profiling Techniques”, de Brent E. Turvey, M.S., em janeiro de 1998.

24 Hemorragia cutânea; pequena púrpura puntiforme ou lenticular.

25 Nathaniel Code foi condenado à morte.

²⁶ Ronnie Shelton: State of Ohio *versus* Ronnie Shelton — Cometeu seus crimes em Cleveland, 1989. Era chamado pela mídia de “The West Side Rapist”.

²⁷ The West Side Rapist: O Estuprador da Região Oeste.

²⁸ Fotografia da Ficha Penitenciária

²⁹ David Vasquez cometeu seus crimes em Arlington, Virgínia — 1984.

³⁰ Nó *reef*: nó cego.

³¹ Nó *granny*: nó que ata duas pontas ou duas cordas.

³² Central Washington St. College.

³³ Stephanie Brooks — pseudônimo.

³⁴ Segundo o livro de Anne Rule, *The Stranger Beside Me*, no relatório final constava que ele era “psicótico, neurótico, vítima de doença cerebral orgânica, alcoólatra, viciado em drogas e sofredor de um tipo de amnésia”.

³⁵ Prisão onde estava aguardando julgamento.

³⁶ Em inglês, “housemother”.

³⁷ BBQ — barbecue — churrasco.

³⁸ “We serial killers are your sons, we are your husbands, we are everywhere. And there will be more of you children dead tomorrow. You feel the last bit of breath leaving their body. You’re looking into their eyes. A person in that situation is God!...”

³⁹ Veja no Apêndice 4 — Frases famosas dos *serial killers*, a lista de objetos encontrados na casa de Dahmer.

40 Lista de vítimas obtidas no Livro de Anne Schwartz, *The Man Who Could Not Kill Enough*.

41 Taxidermia: arte ou processo de empalhar animais.

42 Nomenclatura utilizada nos EUA.

43 Corpo de leão; cabeça, asas e patas de águia.

44 A história de um pai.

45 NCAVC: National Center for the Analysis of Violent Crime: FBI Profile of Scarborough Rapist — Description: in Investigative Analysis, FBI Virgínia — 17.11.88 — Special Agent Gregg O. McCrary.

46 Tradução fiel do relatório original.

47 Halotano: substância química utilizada em anestésias locais, através de aspiração. Este anestésico é duas vezes mais forte que clorofórmio e quatro vezes mais forte que éter.

48 Halcion: droga utilizada como sonífero e ansiolítico (benzodiazepine).

49 Perfect Victim: vítima perfeita.

50 Denominação dada aos crimes no Canadá.

51 Jane Doe — pseudônimo da garota que foi abusada e permaneceu viva.

52 Baseados na Análise Oficial feita em fevereiro de 1993.

⁵³ Hoje, Kemper está preso na California Medical Facility, em Vacaville. Trabalha na Biblioteca Legal da prisão.

⁵⁴ Federal Bureau of Investigation.

⁵⁵ “Jury Room” — Sala do Júri — bar freqüentado por vários policiais nos dias de folga.

⁵⁶ Big Ed — Grande Ed.

⁵⁷ O corpo sem cabeça de Mary Ann Pesce foi encontrado e identificado em agosto daquele ano. Jamais a cabeça e o corpo de Anita Luchese foram encontrados.

⁵⁸ Coed é o termo usado nos EUA para a escola educacional mista. Como só matou colegiais... nenhuma alcunha era mais adequada do que esta.

⁵⁹ Nitrato de amido: preparado químico volátil com propriedades vasodilatadoras que pode ser usado para realçar a sensação sexual.

⁶⁰ Diminutivo em russo de Lena, como Leninha.

⁶¹ Komitet Gosudarstvemoy Bezopastmosti — Comitê de Segurança do Estado.

⁶² *Bunker*: espécie de abrigo antiaéreo.

⁶³ *Boogey man*: figura o monstro aterrador; bicho-papão.

⁶⁴ Tradução da carta original.

⁶⁵ Lead colic: intoxicação por chumbo, contido nas tintas antigas.

⁶⁶ *Odd*: esquisito.

67 Homem normal = cromossomos XY; Shawcross = cromossomos XYY

68 Departamento de Neurologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Georgetown — Washington.

69 Ariemes: canibal e assassino do século XII.

70 Rio Genesee: localizado nesta área do Estado de NY, cruza a cidade de Rochester.

71 No Estado de Nova Iorque, não existe a pena de morte.

72 Lei Son of Sam: foi feita para impedir que criminosos possam lucrar monetariamente com seus crimes, como vender sua história para livros ou filmes.

73 5ª Emenda: dá ao acusado o direito de não responder perguntas que possam incriminá-lo.

74 A Rocha é uma referência bíblica a Jesus.

75 "I'd just like to say I'm sailing with the Rock and I'll be back like 'Independence Day' with Jesus, June 6, like the movie, big mother ship and all. I'll be back."

76 Unidade de Terapia Intensiva.

77 A história relatada aqui é uma das muitas versões de Mageau sobre os acontecimentos.

78 "Estou relativamente infeliz porque vocês pessoas não usarão alguns *bottons* legais. Então, agora tenho uma pequena lista, começando com a mulher e seu bebê, que eu dei uma carona interessante por duas horas, uma noite há alguns meses atrás que resultou em eu queimar o carro dela onde eu os encontrei."

79 Nos EUA, seriam usadas as expressões "Kiddo" para garotos e "Merry Christmas" para Feliz Natal.

80 Trata-se de uma contagem, ou um placar: "37 para mim, 0 para o Departamento de Polícia de São Francisco.

81 O teste deu negativo para o suspeito. O caso continua sem solução.

82 Cidade no oeste da Califórnia.

83 Histeria: classe de neuroses que apresentam quadros clínicos muito variados. Psicopatia cujos sintomas se baseiam em conversão (9), e caracterizada por falta de controle sobre atos e emoções, ansiedade, sentido mórbido de autoconsciência, exagero do efeito de impressões sensoriais, e por simulação de diversas doenças (Dicionário Aurélio — Sec. XXI).

84 William S. Gilbert e Sir Arthur Sullivan, autores de 14 operetas no séc. XIX.

85 Halloween: Dia das Bruxas.

86 Columbus Day: Dia de Colombo. Sempre na 2ª segunda-feira de outubro. Comemora o descobrimento da América por Cristóvão Colombo em 1492.

87 A pena de morte no Brasil está prevista no Código Penal Militar, art. 5º, item XLVII, mas somente pode ser aplicada em caso de guerra declarada, nos termos do art. 84, item XIX da vigente Constituição Federal. Neste caso, a execução do condenado deve ser feita em ambiente fechado, por fuzilamento. O Tribunal Militar ou Conselho de Guerra podem aplicá-la em alguns casos além de traição.

88 Escola Nova Lourenço Castanho.